

MALIN PERSSON GIOLITO



AREIA MOVEDIÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MALIN PERSSON GIOLITO

Areia movediça

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © Malin Persson Giolito, 2016
Publicado mediante acordo com Ahlander Agency

TÍTULO ORIGINAL
Störst Ava Allt

Traduzido da edição britânica (*Quicksand*)

REVISÃO
Raphani Margiotta
Ilana Goldfeld

REVISÃO TÉCNICA
Luana Lara Melo Coutinho
Raphael Abib Azevedo

REVISÃO DE E-BOOK
Carolina Rodrigues

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0479-1

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto.]

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

A sala de aula

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

1. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
2. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
3. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
4. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
5. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
6. Primeira semana do julgamento: segunda-feira

A ambulância, o hospital

7.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

8. Primeira semana do julgamento: terça-feira
9. Primeira semana do julgamento: terça-feira

Prisão, os primeiros dias

- 10.
- 11.
- 12.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

13. Primeira semana do julgamento: sexta-feira
14. Primeira semana do julgamento: sexta-feira
15. Primeira semana do julgamento: sexta-feira
16. Primeira semana do julgamento: sexta-feira

Sebastian e eu

- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.

A prisão feminina

24. Primeira semana do julgamento: o fim de semana.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

25. Segunda semana do julgamento: segunda-feira.
26. Segunda semana do julgamento: segunda-feira.
27. Segunda semana do julgamento: segunda-feira

Samir e eu

- 28.
- 29.
- 30.
- 31.

A prisão feminina, noite

32. Segunda semana do julgamento: madrugada de terça-feira

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

33. Segunda semana do julgamento: terça-feira

Sebastian e eu

34.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

35. Segunda semana do julgamento: quarta a sexta-feira

A prisão feminina

36. Segunda semana do julgamento: o fim de semana

Sebastian

37.

38.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

39. Terceira semana do julgamento: segunda-feira

Sebastian

40.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

41. Terceira semana do julgamento: último dia

42. Terceira semana do julgamento: último dia

43. Terceira semana do julgamento: último dia

44.

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

A sala de aula

Dennis está caído junto à fileira de carteiras à esquerda. Como sempre, veste uma camiseta com estampa gráfica, calça jeans de uma marca qualquer e tênis desamarrados. Ele é de Uganda e diz ter dezessete anos, mas parece um cara gordo de vinte e cinco. Estuda na escola técnica e mora em Sollentuna, em uma casa para pessoas como ele. Samir foi parar bem ali, ao lado de Dennis. Samir e eu estudamos na mesma turma porque ele entrou para o programa especial de economia internacional e ciências sociais da nossa escola.

À mesa está Christer, que é o professor da turma e se autointitula ativista social. Sua caneca foi derrubada, por isso o café está pingando na perna da calça dele. A não mais de dois metros, está Amanda, apoiada no aquecedor, sob a janela. Apenas alguns minutos antes, ela era toda caxemira, ouro branco e sandálias. Os brincos de diamante que ganhou quando nos crismamos ainda brilham ao sol do início de verão. Mas agora parece que ela foi coberta de lama. Já eu estou sentada no chão, no meio da sala de aula, e no meu colo está Sebastian, que é filho do homem mais rico da Suécia, Claes Fagerman.

As pessoas nesta sala não se dão bem. Gente como nós não costuma andar junto. Isso talvez aconteça em uma plataforma de metrô durante uma greve de táxi ou no vagão-restaurante de um trem, mas não em uma sala de aula.

O ambiente fede a ovo podre. O ar está enevoado e acinzentado por causa da fumaça de pólvora. Todos foram baleados, exceto eu. Não sofri sequer um arranhão.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

1.

Na primeira vez que vi o interior de um tribunal, fiquei decepcionada. Nossa turma visitou um em uma excursão da escola. Obviamente eu já tinha noção de que os juízes suecos não eram velhos recurvados com perucas de cachinhos e togas compridas e que os réus não eram loucos algemados espumando pela boca, vestindo um macacão laranja. Mas mesmo assim foi uma decepção: o lugar parecia algo entre uma clínica médica e um centro de conferências. Fomos para lá em um ônibus alugado que fedia a chiclete e chulé. O réu tinha caspa, vestia uma calça de pregas e era suspeito de sonegação fiscal. Além da nossa turma (e Christer, é claro), havia apenas outras quatro pessoas presentes, mas os assentos eram tão poucos que nosso professor teve que pegar uma cadeira no corredor lá fora para ter onde se sentar.

Hoje é diferente. Estamos no maior tribunal da Suécia. Os juízes estão acomodados em cadeiras de mogno escuro com encostos altos forrados de veludo. O encosto da cadeira do meio é mais alto que o das demais: é nela que se senta o juiz principal — ele é chamado de “presidente”. Na mesa à sua frente fica um martelo com cabo de couro e diante de cada assento há microfones finos, como canudos curvos. Os painéis na parede parecem de carvalho, como se tivessem várias centenas de anos — passam a impressão de que são velhos, mas de uma forma positiva. Um tapete vermelho-escuro se estende entre os assentos.

Lidar com plateias não é a minha praia. Nunca quis ser escolhida como protagonista da peça da escola ou participar de shows de talentos. Mas o tribunal está lotado. E todos estão aqui por minha causa: eu sou a atração.

Ao meu lado estão os meus advogados do Sander & Laestadius. Sei que Sander & Laestadius soa como uma loja de antiguidades onde dois gays suados em roupões de seda, com monóculos, vagueiam carregando lamparinas a óleo e espanando livros mofados e animais empalhados, mas

na verdade é o melhor escritório de direito criminal da Suécia. Criminosos comuns têm um único e sobrecarregado defensor, já o meu advogado vive cercado por uma equipe de caras de terno empolgados e ambiciosos. Eles trabalham até altas horas da noite em um escritório superelegante perto de Skeppsbron, cada um tem pelo menos dois celulares e todos, fora o próprio Sander, almejam fazer parte de um programa de TV americano no qual os personagens comem comida chinesa direto das caixinhas com um ar de “sou muito ocupado e importante”. Nenhuma das vinte e duas pessoas que trabalham na Sander & Laestadius se chama Laestadius. O Laestadius morreu, presumo que de ataque cardíaco, com um ar de “sou muito ocupado e importante”.

Três dos meus advogados estão aqui hoje: Peder Sander, a celebridade, e dois de seus colegas. A mais jovem é uma garota com um corte de cabelo horrível e um piercing no nariz, mas sem joia. Acho que Sander não permitiria que ela usasse um piercing no nariz (“Tire essa porcaria agora mesmo”). Eu a chamo de Ferdinand. Ela é o tipo de pessoa que considera a palavra “conservador” um palavrão e acha que a energia nuclear é letal. Usa óculos medonhos porque acha que isso demonstra que ela entende tudo de patriarcado, além disso, ela me odeia porque, na sua opinião, sou a culpada pelo capitalismo. Nas primeiras vezes em que estive com Ferdinand, ela me tratou como se eu fosse uma blogueira de moda maluca com uma granada de mão em um avião.

— É claro, é claro! — disse ela, não ousando olhar para mim. — É claro, é claro! Não se preocupe, estamos aqui para ajudá-la.

Como se eu estivesse ameaçando explodir todo mundo se não me dessem o meu suco de tomate biodinâmico sem gelo.

O outro advogado assistente é um sujeito por volta dos quarenta anos com uma barriga rechonchuda, rosto em forma de panqueca e um sorriso que diz “Tenho filmes em casa que guardo em ordem alfabética em um armário trancado”. Panqueca usa cabelo à escovinha. Meu pai sempre diz que não se pode confiar em alguém sem estilo em relação ao cabelo. Tenho certeza de que ele não inventou essa máxima, deve ter roubado de um filme — meu pai adora frases de efeito.

Na primeira vez em que me encontrei com Panqueca, ele cravou os olhos logo abaixo da minha clavícula, forçou a língua grossa de volta para dentro da boca e disse com uma voz áspera de prazer:

— Menina, o que vamos fazer? Você parece ter muito mais do que dezessete anos.

Ele provavelmente teria começado a ofegar se Sander não estivesse ali. Ou até babar, deixando a saliva escorrer e manchar o colete apertado demais. Não tive estômago para dizer que eu já tinha dezoito anos.

Hoje Panqueca está sentado à minha esquerda. Trouxe a maleta e a mala de rodinhas abarrotada de pastas e documentos. Ele esvaziou a última e agora as pastas estão na mesa à sua frente. As únicas coisas que permaneceram na mala foram um livro (*Prove o seu ponto: ganhar é a única opção*) e uma escova de dentes saindo de um dos bolsos internos. Sentados atrás de mim, na primeira fileira dos assentos destinados ao público, estão os meus pais.

* * *

Naquela excursão escolar, dois anos e uma eternidade atrás, nossa turma recebeu orientações prévias para que “compreendêssemos a importância” da coisa toda e “conseguíssemos acompanhar”. Duvido que tenha ajudado, mas nós nos “comportamos”, como Christer disse quando fomos embora. Ele tivera medo de que ficássemos dando risadinhas e mexendo nos celulares, sentados nos distraindo com joguinhos ou dormindo com o queixo contra o peito, como parlamentares entediados.

Lembro-me da voz grave de Christer enquanto explicava (“Ei, agora ouçam!”) que um julgamento não é algo para ser encarado de forma leviana, pois vidas estão em jogo. O réu é inocente até que o tribunal decida o contrário — ele repetiu isso diversas vezes. Enquanto Christer falava, Samir estava recostado, equilibrando-se na cadeira e meneando a cabeça como sempre, de um modo que fazia todos os professores o adorarem. Eram meneares de cabeça que diziam *Entendo perfeitamente, estamos na mesma sintonia e não tenho nada a acrescentar porque tudo o que você diz é muito inteligente.*

O réu é inocente até que o tribunal decida o contrário. Que tipo de afirmação estranha é essa? Ou você é inocente o tempo todo, ou então é culpado desde o início. Será que o tribunal não deveria tentar descobrir qual dessas opções é a verdadeira em vez de determinar o que aconteceu? A

polícia, a promotoria e os juízes não estavam lá e não têm ideia de quem fez o quê, então como o tribunal pode desvendar o que aconteceu após o crime?

Lembro que questionei Christer sobre isso, que os tribunais estão errados. Os estupradores sempre escapam. Não há razão para reportar um ataque sexual porque mesmo que você tenha sido fodida à força por metade de um campo de refugiados e tenha o equivalente a toda uma caixa de garrafas enfiado entre as pernas, eles nunca acreditam na garota. O que não significa que aquilo não aconteceu nem que o estuprador não fez o que fez.

— As coisas não são tão simples assim — argumentou Christer.

Que típica resposta de professor: “Essa é uma ótima pergunta...” “Entendo o que você quer dizer...” “Nada é tão preto no branco...” “Não é tão simples assim...” Todas essas respostas têm o mesmo significado: eles não fazem ideia do que estão falando.

Mas tudo bem. Se é difícil determinar a verdade e quem está mentindo, se não se pode ter certeza, então, o que se deve fazer?

Li em algum lugar que “a verdade é aquilo em que escolhemos acreditar” — o que parece ainda mais insano, se é que isso é possível. Como alguém pode simplesmente decidir o que é verdade e o que é mentira? Quer dizer que as coisas podem ser tanto reais quanto inventadas, dependendo de a quem se pergunta? Se alguém em quem confiamos diz algo, então nesse caso podemos concluir que é verdade, podemos “decidir que isso é verdade”. Como alguém pode ter pensado em algo tão idiota? Se alguém me dissesse que “escolheu acreditar em mim”, na mesma hora eu saberia que essa pessoa está convencida de que estou mentindo, mas prefere fingir o contrário.

Sander, meu advogado, parece indiferente a tudo isso. Tudo o que ele diz é “Estou do seu lado”, com o rosto imóvel. Sander é do tipo impassível. Tudo nele é relaxado e controlado. Nada de explosões. Nada de sentimentos. Nada de gargalhadas. Provavelmente ele nem sequer chorou quando nasceu.

Ele é o oposto do meu pai, que está longe de ser o “cara bacana” (palavras dele) que gostaria de ser. Ele range os dentes durante o sono e fica de pé quando tem jogo da seleção. Fica bravo, furioso mesmo, com os funcionários públicos pedantes, com o vizinho que estacionou em local proibido pela quarta vez na semana, com contas de luz incompreensíveis e serviços de atendimento ao consumidor. Computadores, autoridades da

imigração, o vovô, churrascos, mosquitos, calçadas cheias de neve, alemães na fila do teleférico de esquí e garçons franceses. Tudo o aborrece, tudo o faz gritar e berrar, bater portas e mandar as pessoas se ferrarem. Já o sinal mais claro de que Sander está furioso, quase enlouquecido de raiva, é quando surge uma ruga em sua testa e ele estala a língua. Nessas horas todos os seus colegas ficam aterrorizados e começam a gaguejar, procurando documentos e livros ou outras coisas que possam melhorar o seu humor. Tipo como minha mãe lida com meu pai nas raras ocasiões em que ele não está irritado e, sim, perfeitamente calmo e quieto.

Sander nunca ficou bravo comigo. Nunca ficou aborrecido por algo que eu tenha dito e jamais demonstrou mau humor por causa de uma mentira ou omissão minha.

“Estou do seu lado, Maja.” Às vezes, ele soa mais cansado do que o habitual, mas é só isso. Não costumamos falar sobre “a verdade”.

De modo geral, acho bom Sander se preocupar apenas com o que a polícia e a promotoria provaram. Não preciso me preocupar se ele planeja fazer um bom trabalho ou se só está fingindo que o fará. É como se ele tivesse pegado todos os mortos, toda a culpa e toda a agonia e transformado em números — se as equações não baterem, então ele ganha.

Talvez as coisas devessem ser assim mesmo. Um mais um não pode ser igual a três. Próxima pergunta, por favor.

Mas é claro que isso não me ajuda em nada. Porque ou algo aconteceu, ou não aconteceu. Não tem jeito. Todo o resto é enrolação — o tipo de coisa que os filósofos fazem, bem como (aparentemente) um ou outro advogado. São conceitos. “Não é tão simples assim...”

Mas eu me lembro da insistência de Christer antes da excursão ao tribunal, fazendo de tudo para que prestássemos atenção. Ele escreveu no quadro: *O réu é inocente até que o tribunal decida que é culpado. Esse é um princípio fundamental da lei.* (Samir voltou a assentir.) Christer pediu que anotássemos. Copiem isso. (Samir copiou embora não precisasse.)

Christer adorava qualquer frase curta o bastante para ser decorada e transformada em uma questão de prova. A resposta correta valeu dois pontos na prova que fizemos duas semanas depois. Por que não um ponto? Porque Christer achava que havia uma margem de incerteza em respostas decoradas, que o aluno poderia estar quase certo. *Não, um mais um pode*

não ser igual a três, mas vou dar parte da pontuação para você porque respondeu de forma numérica.

Essa excursão ao tribunal com Christer foi há mais de dois anos. Sebastian não participou dela, ele só entrou para a nossa turma no último ano, que teve de repetir. Eu gostava da escola naquela época, muito mesmo. Gostava dos meus colegas de classe e dos professores que tivemos desde os tempos de ensino fundamental: Jonas, o de química, que falava bem baixinho, nunca se lembrava do nome de ninguém e esperava pelo ônibus carregando a bolsa na frente do corpo. Mari-Louise, a de francês, que usava óculos e tinha cabelo de dente-de-leão, e que chupava balas de alcaçuz com tanta força que a boca ficava pequena e enrugada como um morango silvestre. Friggan, o de educação física, que parecia um deque de madeira recém-polido: tinha cabelo curto, gênero indistinto, apito pendurado no pescoço e panturrilhas largas, brilhantes e raspadas e estava sempre cercado pelo fedor de meias esportivas e do suor de outra pessoa. A distraída Malin, nossa professora de matemática, uma loura de farmácia insatisfeita que vivia atrasada, ficava doente uns dois dias por semana e cuja foto de perfil do Facebook era uma imagem de si mesma vinte anos mais magra e com um biquíni minúsculo.

E Christer Svensson. Dedicado de um modo “vamos nos encontrar em Mariatorget para protestar”, normal de um jeito “arroz com feijão”. Ele achava que shows de rock podiam livrar o mundo das guerras, da fome e das doenças e sempre falava com aquela voz de professor superentusiasmada que não deveria ser usada para outra coisa que não fazer um cão abanar o rabo.

Todos os dias, Christer trazia para a escola uma garrafa térmica com café com tanto açúcar e leite que mais parecia base líquida. Ele o servia em sua caneca (“O Melhor Pai do Mundo”) e a levava consigo para a sala para voltar a enchê-la durante as aulas. Christer adorava rotina, a mesma coisa todos os dias, a música favorita tocando em modo de repetição. Ele provavelmente comia a mesma coisa no café da manhã desde que tinha quatorze anos: algo à la esquiador de cross-country, uma espécie de mingau com groselha e leite integral. (“O café da manhã é a refeição mais importante do dia!”) Tenho certeza de que ele bebia cerveja toda vez que se encontrava com os amigos (os “camaradas”), comia tacos com a família toda sexta-feira e ia à pizzaria (uma que tivesse lápis de cor e papel para as

crianças desenharem) e dividia uma garrafa de vinho tinto da casa com “a patroa” quando queria celebrar algo grande e importante. Christer não tinha imaginação: ele fazia passeios com guias, nunca cozinhava com coentro e só fritava coisas na manteiga.

Ele foi nosso professor no primeiro ano do ensino médio. Pelo menos uma vez por semana, reclamava que o clima andava estranho (“Não há mais estações definidas”) e todo novembro reclamava que as decorações de Natal estavam sendo instaladas cada vez mais cedo (“Logo haverá uma árvore de Natal em Skeppsbron em setembro”).

Ele reclamava dos tabloides vespertinos (“Por que alguém leria essas merdas?”) e dos programas de TV *Strictly Come Dancing*, *Eurovision* e *Paradise Hotel* (“Por que alguém veria essas merdas?”). E acima de tudo odiava os nossos celulares (“Vocês são vacas? Com esses aplicativos de bate-papo tocando e apitando o tempo todo bem que poderiam usar sinos pendurados no pescoço... Por que perdem tempo com essas merdas?”). Toda vez que se queixava, ele parecia satisfeito, acreditava estar sendo jovem e “bacana” (não era só meu pai que usava essa palavra) e que aquilo era prova da proximidade que tinha de seus alunos a ponto de poder dizer palavras como “merda” na nossa frente.

Christer enfiava um sachê de tabaco úmido sob o lábio superior após cada caneca de café e depois o cuspiu em um guardanapo antes de jogá-lo fora — ele gostava das coisas limpas e arrumadas, até mesmo seu lixo.

Quando o julgamento do sonegador de impostos terminou e voltamos para a escola, ele ficou satisfeito, pois achou que tínhamos nos saído “bem”. Christer estava sempre “satisfeito” ou “preocupado”, nunca alegre ou completamente furioso. Sempre dava pelo menos parte da pontuação nas respostas decoradas.

Ele estava deitado quando morreu — com os braços ao redor da cabeça e os joelhos dobrados, mais ou menos como minha irmãzinha Lina fica quando dorme profundamente. Sangrou até a morte antes da chegada da ambulância, e eu me pergunto se a mulher e os filhos dele acham que as coisas não são tão simples assim e que eu sou inocente porque nenhum tribunal determinou ainda que sou culpada.

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

2.

Foi minha mãe quem comprou as roupas que estou usando hoje. Mas eu bem que poderia estar vestindo um macacão listrado de preto e branco, já que estou fantasiada.

Se parar para pensar, garotas estão sempre fantasiadas. Vestem-se como a garota bonita e antenada ou como a séria e inteligente. Ou como a desligada, do tipo “não me importo com a minha aparência”, de rabo de cavalo desarrumado de propósito, sutiã de algodão sem bojo e camiseta puída quase transparente.

Minha mãe tentou me vestir como uma garota perfeitamente normal de dezoito anos que acabou no tribunal sem ter culpa de nada. Mas minha blusa está apertada no busto: como engordei na prisão, há pequenos vãos redondos entre os botões. Estou parecendo uma vendedora que vestiu um jaleco para correr atrás de pessoas em shoppings com amostras de produtos de beleza. *Não pense que você está enganando alguém.*

— Você está muito linda, querida — murmurou minha mãe de seu lugar na frente do local destinado ao público.

Ela sempre faz isso, lança elogios na minha direção, como um lixo que espera que eu recolha. Elogios inventados que nada têm a ver com a realidade. Eu não sou “linda” nem sou “boa em desenho”. Eu não deveria *cantar mais* ou *fazer aulas de teatro* depois da escola. É um baita insulto minha mãe sugerir que eu faça essas coisas porque isso prova que ela não faz a menor ideia daquilo em que realmente sou boa ou quando eu de fato estou linda. Minha mãe não tem interesse suficiente em mim para conseguir fazer um elogio verdadeiro.

Ela sempre foi incrivelmente sem noção. “Vai brincar um pouco se quiser”, sugeria naqueles últimos meses, quando ela não tinha mais energia para fingir que queria que eu “ficasse e falasse sobre o meu dia”. *Ir brincar um pouco?* Eu tinha idade suficiente para votar e comprar bebida alcoólica.

Pelas leis da Suécia, já podia transar havia três anos. O que ela achava que eu ia fazer? Brincar de esconde-esconde com os vizinhos? *Um, dois, três, quatro, lá vou eu*, voltas ofegantes ao redor do jardim para olhar atrás do mesmo velho arbusto, dentro do mesmo velho armário, atrás do mesmo velho guarda-sol de jardim quebrado na garagem. “Você se divertiu?”, perguntava quando eu voltava com a roupa fedendo a maconha. “Pode pendurar o seu casaco no porão, querida?”

Na noite passada conversei com ela por telefone. Notei que sua voz estava mais alta que o normal — essa é a voz que ela usa quando alguém está escutando a conversa ou quando está fazendo outras coisas ao mesmo tempo. Minha mãe vive no modo multitarefa, arrumando a casa, mudando objetos de lugar, limpando bancadas, colocando as coisas em ordem. Ela está constantemente nervosa, agitada. Sempre foi assim, a culpa não é minha.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. Várias vezes, enrolando-se com as palavras. Eu não falei muito, só fiquei ouvindo sua voz alta demais. — Vai dar tudo certo. Não se preocupe, vai dar tudo certo.

* * *

Sander tentara explicar o que aconteceria durante a audiência, o que eu devia esperar. Na prisão, cheguei a assistir a um vídeo informativo no qual atores sofríveis encenavam o julgamento de dois caras envolvidos em uma briga de bar. O réu foi considerado culpado, mas não de todas as acusações, apenas, tipo, de metade delas. Quando terminamos de ver o vídeo, Sander perguntou se eu tinha alguma pergunta. Respondi que não.

O que mais lembro do julgamento do sonegador fiscal a que assistimos na excursão da escola é que foi muito silencioso. Todo mundo falava baixinho, fazendo com que todos os outros ruídos soassem exagerados: alguém pigarreando, uma porta se fechando, uma cadeira arrastando no chão. Se alguém tivesse esquecido de colocar o celular em modo silencioso e recebesse uma mensagem de texto, o barulho teria soado tão alto como quando as luzes se apagam no cinema e eles mostram que acabaram de instalar um novo sistema de som surround.

E, enquanto tudo estava silencioso, o sonegador de impostos permaneceu sentado, afastando o cabelo oleoso da testa. Quando o promotor leu as acusações em voz alta, o homem olhou para o advogado e sibilou seu ressentimento indignado. Lembro de ter achado o cara um idiota. Afinal, por que estava fingindo surpresa? O promotor e o advogado do idiota falaram, cada um a seu tempo, leram em voz alta, repetiram a mesma coisa duas ou três vezes e pigarrearam demais.

O espetáculo foi muito chato — não porque não era “como nos filmes”, mas porque todos os envolvidos pareciam superentediados. Até o criminoso aparentava ter dificuldade em se concentrar. Mesmo no mundo real, todos não passavam de péssimos atores que não tinham se dado o trabalho de decorar suas falas.

Mas Samir não achou nada daquilo ridículo. Ele se inclinou na cadeira desconfortável, apoiou os cotovelos nos joelhos e esfregou a testa. Essa era a sua especialidade: mostrar como ele era correto, o quanto levava a sério as coisas sérias. Samir se comportava como se considerasse aqueles fracassados de ternos de poliéster os oradores mais fascinantes que já ouvira na vida. E Christer ficou satisfeito — pelo tribunal e pelo Sério Samir. O cara raramente precisava abrir a boca para puxar o saco de Christer. Mais tarde, Amanda e eu debochamos dele por causa disso; adorávamos provocá-lo. Mas Labbe deu um tapinha no ombro dele como se Samir fosse seu filho caçula que acabara de marcar o gol da vitória em um jogo de futebol. “Samir entendeu”, disse Labbe, no que o rapaz sorriu. “Samir sempre entende.”

* * *

Quando eu estava no segundo ano do ensino médio, as coisas também iam muito bem em casa. Minha mãe e eu ainda conversávamos sobre coisas que não tinham nada a ver com a hora que ela achava que deveria ser meu toque de recolher. Minha mãe tinha orgulho de mim, ou pelo menos da maneira como havia me criado. Ela se gabava dos métodos eficazes que utilizava para me levar a fazer exatamente aquilo que facilitava a sua vida. Contava histórias de como, com apenas quatro meses, eu já dormia a noite inteira, como eu comia “de tudo” e como segurei sozinha a colher na primeira vez

em que experimentei alimentos sólidos. Como eu quis ir à escola um ano mais cedo porque achava a pré-escola entediante. Como eu pedi para ir à escola sozinha antes de completar oito anos e como eu “adorava” ficar sozinha em casa sem babá. Ela conta que me deu uma bicicleta de equilíbrio antes de me dar uma de verdade e que, graças a isso, nunca precisou se curvar e segurar o para-lama para evitar que eu caísse. E *puft!*: aprendi a andar de bicicleta do nada para que ela pudesse caminhar ao meu lado com suas roupas esvoaçantes, rindo alto na medida certa. Nunca conversamos sobre o que minha mãe fez por *mim* para tornar a *minha* vida mais fácil, mas, naquela época, ela estava convencidíssima de que eu era assim tão sem problemas, tão fácil de lidar, graças a tudo o que ela fizera de certo.

* * *

Acho que hoje, aqui no tribunal, também está silencioso, mas não como no julgamento do sonegador fiscal. O ar está pesado por causa de todas as pessoas importantes com a expectativa de que coisas importantes aconteçam. Provavelmente a promotora e os advogados estão morrendo de medo de fazerem papel de bobos. Até Sander está nervoso, embora só quem o conheça consiga perceber.

Eles querem mostrar do que são feitos. Quando falou sobre como achava que a audiência seria, Panqueca usou palavras como “as probabilidades” e “as nossas chances”, como se ele fosse o meu treinador de basquete e eu fosse o armador. Ele quer *ganhar*. Panqueca só calou a boca quando Sander estalou a língua.

Os procedimentos do dia se iniciam no momento em que o juiz principal faz uma espécie de chamada. Ele pigarreja ao microfone e as pessoas param de sussurrar umas com as outras. Então verifica se todos os que deveriam estar presentes estão de fato. Eu não preciso levantar a mão e dizer “presente”, mas o juiz meneia a cabeça e lê o meu nome, depois ele faz o mesmo gesto para os meus advogados e também lê o nome deles. Ele fala devagar, mas não com monotonia — está tão inflado de solenidade que periga arrebentar as costuras de seu terno horroroso.

O juiz principal me dá as boas-vindas, e o faz com sinceridade. Eu não *agradeço as boas-vindas*, porque não devo responder, mas acho que estou fazendo tudo certinho. Estou me portando mais ou menos como deveria: eu não sorrio, não choro, não enfio o dedo em nenhum orifício. Minhas costas estão retas, mas não muito, e estou tentando evitar que os botões da minha blusa arrebetem.

Quando o juiz avisa à promotora que ela pode começar, a mulher parece tão pilhada que acho que vai se levantar. Mas ela simplesmente aproxima a cadeira, inclina-se em direção ao pequeno microfone em forma de canudo, aperta um botão e pigarreja — é como se estivesse se posicionando para uma largada.

Na sala de espera dos advogados, onde aguardamos sentados antes de entrarmos aqui, Panqueca me contou que as pessoas estavam fazendo fila para entrarem no tribunal. “Parece até um show”, disse ele, quase orgulhoso. Sander fez cara de que queria socá-lo.

Não há nada neste julgamento que se assemelhe a um show. Não sou uma estrela de rock. As pessoas que vieram me ver não são fãs enlouquecidos, são apenas carniceiros. Quando os jornalistas me usam como isca na primeira página, isso fede a morte e as hienas ficam ainda mais agitadas.

Mas ainda assim Sander quis que a audiência fosse aberta — na verdade, exigiu que a mídia e o público em geral fossem admitidos, mesmo eu sendo tão nova. Ele não fez isso para que Panqueca se sentisse o maioral, mas porque “é crucial evitar que a promotoria monopolize as manchetes”. Isso quase com certeza significa que ele está ansioso para exhibir as próprias contribuições, mas talvez ele também imagine que as pessoas que me odeiam mudarão de ideia ao ouvirem “a minha versão” dos fatos. Sander está errado: isso não fará a menor diferença, pois as pessoas adoram me odiar, elas odeiam tudo a meu respeito. *Como um show?* Pelo visto é bem improvável que Panqueca tenha sequer chegado perto de algum show ao vivo que não fosse nerd. Aposto que ele ouve o canal de rock clássico e canta junto os jingles de comerciais de carros perfeitos para famílias.

Nove meses atrás, uma semana depois que tudo aconteceu, houve tumultos em Djursholm. Uns caras pegaram o metrô para Mörby, fizeram a baldeação para o ônibus 606 e cruzaram todas as oito paradas até a praça Djursholm, para poderem “ensinar uma ou duas coisinhas para aqueles

filhos da puta”. Ou, como expressaram os mais articulados, “aqueles esnobes de merda”.

Em geral, os tumultos ocorrem nos próprios bairros degradados dos arruaceiros: nos conjuntos habitacionais, centros comunitários, entre motoqueiros reabilitados que são “líderes juvenis” e “contatos da comunidade” porque nenhum empregador normal quer chegar perto deles. Quando dizem que “as ruas estão em chamas”, os jornais em geral estão falando de latas-velhas com purificadores de ar em forma de árvore destruídas, veículos corporativos não totalmente cobertos pelo seguro que são vendidos assim que um dos espelhos elétricos laterais dá defeito. Mas não foi isso que aconteceu dessa vez.

Durante três dias e três noites, a guerra foi total na praça Djursholm e ao redor da casa de Sebastian em Strandvägen, a rua residencial mais elegante, à beira-mar. Na segunda noite, havia uns cinquenta envolvidos, de acordo com Sander, que me mostrou as matérias.

Quebraram vitrines nas antiquadas lojas da praça. O que eles saquearam: blusas com laços na gola, colchas de tartã e garrafas de cristal para vinho? E para onde eles foram depois de serem expulsos da propriedade dos Fagerman? Até a nossa casa? Eles saberiam o caminho? E, considerando o quanto minha mãe achava importante “dizer olá para demonstrar respeito” para o primeiro mendigo que encontrasse sentado do lado de fora da Coop em Vendevägen com um copo descartável e um cobertor manchado de urina, o que será que ela fez quando viu os bastões de beisebol e os coquetéis Molotov? “Olá. Tenham um bom-dia. Aproveitem o fim de semana.” Tenho curiosidade de saber o que ela disse à Força-Tarefa Nacional durante os dias em que ajudaram a “manter a ordem” do lado de fora da nossa casa.

Os jornais que Sander me mostrou questionavam: *Por quê?* Ponderavam se aquilo tinha a ver com o que Sebastian e eu “simbolizávamos”, com aquela história de que éramos “uma manifestação” ou com o que aquilo que fizéramos “desencadeou”. Será que os tumultos começaram porque o que aconteceu foi tão incrivelmente terrível? Será que os arruaceiros estavam mais furiosos porque éramos ricos e eles, não? Ou será que a violência irrompeu só porque um bando de bandidos menores queria um motivo para brigar (e porque não havia jogo de futebol naquele fim de semana para

poderem vandalizar)? Seja qual for o motivo, arruaceiros não serão admitidos aqui, no tribunal.

A galeria está repleta de jornalistas, com muitos deles digitando em laptops. Ninguém tem autorização para tirar fotos: “é proibido fotografar” e parece que todos tiveram de entregar o celular na entrada. De qualquer modo, alguns jornalistas estão usando até caneta e bloco de nota.

Também há um pobre artista aqui. Daria para pensar que sou um personagem tirado de um livro de Dickens, uma criança pulguenta passível de ser condenada à forca. Ou uma espécie de personagem trágica como Elvira Madigan tirada de um velho cartaz. *Por que, mesmo em nosso tempo, a tragédia pode ocorrer.* Nós cantávamos essa música no ensino fundamental. Evidentemente, Amanda chorava — ela ficava linda chorando, mas não estava triste de verdade (“adorável!”). Conseguia ainda mais atenção com aquilo que o habitual.

Amanda é descrita como minha melhor amiga nos jornais, na TV e no relatório do caso. Até o meu advogado a chama assim. *Minha melhor amiga.*

Amanda era a pessoa com quem eu mais passava tempo além de Sebastian? Sim, era. Amanda era a pessoa com quem eu mais conversava além de Sebastian? Sim, era. Ela está comigo em umas duzentas e sessenta fotos minhas no Facebook? Ela falou comigo por Snapchat em média duas horas por dia durante os primeiros quatro dos seis meses de registros telefônicos obtidos pela polícia? Ela me marcou em mais de cem posts com a hashtag #melhoramiga no Instagram? Sim. Sim. Sim.

Eu amava a Amanda? Ela era minha melhor amiga? Não sei.

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

3.

De qualquer modo, eu adorava ficar com Amanda. Quase sempre estávamos juntas. Nós nos sentávamos uma ao lado da outra na sala de aula e durante o almoço. Fazíamos o dever de casa juntas e matávamos aula juntas. Fofocávamos sobre garotas que nos irritavam (“não que eu seja maldosa, mas...”), subíamos degraus, caminhávamos e corríamos em aparelhos diferentes na academia, sem destino certo. Nós nos maquiávamos juntas, fazíamos compras juntas, conversávamos por horas, sem parar, ríamos do jeito como as meninas riem nos filmes quando uma delas está deitada de barriga para baixo na cama enquanto a outra fica de pé no colchão com a camisola curta demais, usando uma escova de cabelo como microfone e movendo os lábios ao som de uma boa música ou imitando uma das garotas nerds da escola.

Íamos às festas juntas. Amanda logo ficava bêbada. Ela sempre seguia o mesmo padrão: rir, rir, dançar, cair, rir mais um pouco, deitar em um sofá, chorar lágrimas quentes que escorriam pelas orelhas, vomitar, ir para casa. Sempre cuidei dela, nunca foi o contrário.

Eu gostava de estar com Amanda, de como conseguíamos ignorar o resto do mundo. Com ela, parecia óbvio que a vida fora feita para nos divertirmos o máximo possível. E seu número de loura burra também era muito engraçado. Quando alguém perguntava sobre o clima, ela respondia “chinelo de dedo” ou “semiopaco”. Quando estava muito frio, ela retrucava: “Está ótimo para uma social depois do esqui”, então ia para a escola vestindo calça térmica, botas para neve e um casaco comprido com colarinho de pele de coelho.

Seria fácil demais dizer que Amanda era superficial. Claro, jamais daria para ela trabalhar como colunista de um jornal sério. Para ela, “a opressão é terrível”, “o racismo é terrível” e “a pobreza é superterrível”. Sempre que falava algo positivo, ela ficava fazendo pausas e repetia as palavras duas

vezes ao dar opiniões. Muito bom, bom mesmo, super, superaconchegante e bem, bem pequenininho. (Na verdade, a última frase é uma triplicação, certo?) Suas opiniões sobre política, igualdade ou qualquer outra questão eram baseadas nos três episódios e meio de relatórios investigativos a que ela assistiu (e chorou) em *Mission: Report*. Quando via vídeos no YouTube sobre o homem mais obeso do mundo saindo de casa pela primeira vez em trinta anos, dizia: “Shh! Agora não, estou assistindo ao noticiário.”

O que Amanda mais gostava era de falar sobre seus problemas com a ansiedade. Ela se inclinava e sussurrava sobre quão difícil era ter insônia e transtornos alimentares (“É realmente super, superdifícil”). Houve uma época em que dizia que “tinha que” evitar a cor verde e o número nove, além de “ter que” evitar os meios-fios das calçadas (“Quer dizer, não é que eu queira evitá-los, mas tenho que evitá-los porque senão acho que vou morrer, morrer de verdade, quer dizer, tipo, morrer para valer.”). Às vezes, ela elevava o tom de voz quando não conseguia a reação esperada. Fingia que certa queimadura que sofreu quando tentamos fazer panquecas depois da escola fora provocada por outra coisa, algo a respeito do qual “preferia não falar”. A ideia era fazer com que pensassem que fora uma tentativa de suicídio — jamais lhe passou pela cabeça que eu poderia contar a verdade para todo mundo.

Mas seria muito simples dizer que ela mentia, ou pelo menos isso não era tudo o que ela fazia. Claro, às vezes ela achava que a vida era um saco, também achava que ansiedade era como se preocupar se vai perder o ônibus e que sofria de bulimia porque ficava enjoada quando comia uma barra de chocolate com nozes em menos de dez minutos.

É óbvio que Amanda era mimada — pela mãe, pelo pai, pela terapeuta e pelo tratador do seu cavalo. Mas não se tratava apenas de roupas e coisas, era algo mais. Com seus pais, seu professor — com qualquer autoridade, incluindo Deus —, ela reservava a mesma atitude que tinha para com pessoas da indústria de serviços, como se todos fossem concierges de um hotel de luxo. Simplesmente esperava receber ajuda em tudo: uma pinta no nariz, um brinco perdido, atendimento de emergência e vida eterna. A existência ou não de Deus era para ela algo irrelevante, mas é claro que Ele tinha que ajudar o seu primo com câncer porque isso era “muito, muito triste” e seu primo era “super, superfofo, mesmo estando careca”. Ela sentia

pena de pessoas com problemas, mas ficava magoada porque, em troca, elas não se sentiam tão tristes por ela.

E era egocêntrica. Amanda dedicava tanto tempo ao cabelo, que batia na cintura, quanto alguém dedicaria a uma avó moribunda. As pessoas achavam que ela era legal, mas, na verdade, ela não era. Sempre perguntava duas vezes se você queria leite no café (“Você tem certeza?”), fazendo com que se sentisse gorda. Dizia coisas do tipo “Querida tanto ser como você e apenas desencanar e não ligar a mínima para a minha aparência” e “Uau, você é incrivelmente fotogênica” esperando que você agradecesse já que ela não percebia que você considerava aquilo um insulto.

E, claro, achava que “política é superimportante”, mas não se empenhava a ponto de querer integrar um grupo de jovens, fazer acampamento e praticar arco e flecha com outras pessoas vestindo calções. Ela jamais pintaria o cabelo de preto, atearia fogo a uma fazenda de martas nem mesmo teria energia para ler uma matéria sobre vazamentos de ozônio ou diminuição de recifes de corais. Amanda definitivamente não era engajada em política do modo como todos os professores achavam que Samir era apenas porque o pai dele fora preso e torturado por suas convicções.

Para ela, política significava que o governo deveria pagar pela cirurgia de redução de estômago que pretendia fazer caso chegasse a pesar “uns sessenta quilos”. O que seria “mais do que justo, considerando os impostos que nós pagamos”. E por “nós” ela não se referia à mãe, porque o único dinheiro que a mãe controlava era o troco que recebia toda vez que ia ao supermercado. Sua mãe depositava esse dinheiro no banco, naquilo que chamava de “conta de trocados”, mas Amanda revirava os olhos toda vez que ouvia falar na conta, pois a desprezava. Ela me contou tudo isso, mas só porque considerava a mãe uma idiota — não porque achasse estranho a mulher poder reservar uma viagem-relâmpago para Dubai para a família com voos de primeira classe e hotel de luxo e precisasse esconder dinheiro insignificante para comprar uma calça nova sem pedir permissão.

Nunca ficou claro como Amanda se tornou parte do “nós” com o pai dela e o dinheiro dele e como ela acreditava contribuir para a economia.

Durante uma discussão sobre política com Christer alguns meses antes de tudo acontecer, chegamos ao tema Che Guevara.

— Acho absolutamente horrível matar crianças — ponderou Amanda. — Embora eu não esteja muito familiarizada com o que está acontecendo no Oriente Médio.

Samir estava sentado atrás dela na sala de aula, por isso Amanda meio que teve que fazer uma pausa para que ele entendesse que ela estava falando com ele.

— Por isso eu compreendo muito bem por que você odeia os americanos — comentou Amanda, quando o garoto finalmente fez contato visual.

Não lembro o que Christer disse, só que Samir olhou para mim — direto para mim, não para Amanda. Ele achou que era minha culpa Amanda não saber quem era Che Guevara ou a diferença entre América Latina, Israel e Palestina. E de algum modo pensar que Samir tinha algum problema com os Estados Unidos.

Sim, Amanda tinha um jeito Disney Channel de ser engajada politicamente e às vezes era difícil considerá-la super, superfofa. Era raro discutirmos política: me dava dor de cabeça e deixava Amanda mal-humorada, pois sabia que ficava evidente que ela não tinha a menor noção do que estava falando.

Mas havia muitos momentos em que eu pensava que ela e eu éramos tão diferentes que acabávamos sendo muito semelhantes — como quando eu estava deitada em seu tapete ouvindo ela falar empolgada “agora estamos em um delicioso filme adolescente onde todos pulam dentro de seus conversíveis sem abrir as portas” com tanta atenção como se fosse música de elevador. Amanda fingia se envolver com as coisas e eu fingia não me importar. E éramos tão boas em fingir que enganávamos a todos, inclusive a nós mesmas.

* * *

A promotora ainda não começou a falar sobre Amanda, está guardando para o *crescendo*. Em vez disso, concentra-se em Sebastian.

Sebastian, Sebastian, Sebastian. Ela falará sobre ele por dias. Todos falarão. O tempo todo. Se tem alguém que parece um astro do rock nisso tudo, esse alguém é Sebastian. Sander me mostrou as fotos que a imprensa arranjou. A imagem em preto e branco da turma de Sebastian estampou a

capa de pelo menos vinte revistas do mundo inteiro, incluindo a *Rolling Stones*. Mas outras fotos foram publicadas. Sebastian com um cigarro na boca. Sebastian bêbado com gotas de suor na testa. Sebastian de pé na popa de seu barco enquanto navegávamos pelo Canal Djurgårdsbrunn, a caminho de Fjäderholmarna, na qual estou sentada aos seus pés, com a cabeça apoiada nele. Há outra, da mesma viagem, em que Samir está sentado ao meu lado, olhando em outra direção, para longe de nós. Parece que o forçamos a vir, como se estar com a gente o deixasse mareado. Amanda está sentada do outro lado — dentes brancos, pernas bronzeadas, olhos azuis, toneladas de cabelo esvoaçando na direção certa. Claro que Dennis não aparece nessas fotos publicadas pela imprensa, mas há imagens dele no relatório da investigação. Sebastian tinha algumas em seu celular — ele gostava de tirar fotos de Dennis bêbado, por isso não sei por que eles não as usaram. O fato é que há fotos dele e Dennis juntos, igualmente bêbados, chapados, loucos. Sebastian está lindo em todas, enquanto Dennis está bem Dennis.

A promotora falará mais sobre o que Sebastian fez do que sobre qualquer outra coisa, porque, segundo ela, tudo o que ele fez nós fizemos juntos. Não sei como aguentarei ouvir isso, mas é perigoso perder o foco porque aí os sons virão.

O som quando invadiram a sala de aula e me arrastaram para fora, o ruído oco quando o crânio de Sebastian bateu no chão. Todos ressoam dentro de mim. Assim que baixo a guarda, eles voltam. Cravo as unhas nas palmas das mãos, tentando fugir, mas não funciona, não consigo me livrar. Meu cérebro sempre me arrasta de volta para aquela maldita sala de aula.

Às vezes, sonho com aquilo. Em como estavam as coisas pouco antes de eles chegarem. Eu tento conter o sangue dele com a mão; ele está deitado no meu colo e estou pressionando o mais forte possível. Não consigo impedir que o sangue jorre, não importa quão forte eu pressione: é como tentar evitar a saída da água quando uma mangueira começa a se soltar da torneira. Você sabia disso: que o sangue jorra com muita força? Que é impossível detê-lo com as mãos? E Sebastian ficou frio — à noite ainda sinto isso, diversas vezes, o modo como as suas mãos se tornaram cada vez mais frias. Acontece depressa. Também sonho com o momento em que Christer deu o último suspiro. Soou igual a quando se joga soda cáustica em um cano. Eu não sabia que dava para sonhar com a sensação da pele de

outra pessoa nem com ruídos, mas dá, sim, porque acontece comigo o tempo todo.

* * *

No tribunal, tento evitar olhar para as pessoas que estão aqui para me ver. Nem olhei para o meu pai ao entrar, mas minha mãe me tocou quando passei por ela. Havia algo no seu olhar que não reconheci: ela sorriu para mim e inclinou a cabeça para o lado, e os cantos de seus lábios se curvaram para cima com uma expressão que deveria me lembrar do que ela falara ao telefone no dia anterior. Um sorriso de “vai dar tudo certo”. Mas ela estremeceu pouco antes de eu desviar o olhar, um microssegundo cedo demais, para se livrar de algo.

Antes de tudo isso acontecer, o maior desafio da minha mãe era tentar viver sem comer carboidrato. Ela ganhava e perdia peso tão depressa que dava para pensar que trabalhava com isso e ela ficava realmente orgulhosa quando mantinha a alimentação sob controle. E agora ela está aqui. Quase tudo está naquele relatório da investigação. Não apenas sobre aquele dia: o relatório fala sobre as nossas festas, o que Sebastian fez, o que eu fiz. E sobre Amanda. Minha mãe adorava Amanda — ela também adorava Sebastian, pelo menos no início, mas é possível que agora prefira não admitir isso.

Eu me pergunto se minha mãe acredita na “minha história”, se ela “escolheu” acreditar. Mas ela não disse nada, e eu também não perguntei. Como poderia? Eu não via os meus pais desde a audiência de custódia nove meses antes, e nossos telefonemas não podem ser considerados confidenciais, nem mesmo em termos jurídicos.

Não é estranho? Faz nove meses desde que minha mãe, meu pai e eu estivemos juntos na mesma sala. Embora também não tenhamos ficado juntos de verdade daquela vez. Acabei vendo-os através do vidro entre a sala de audiências da prisão — que era do tamanho de uma sala de aula — e a fileira de assentos destinada ao público, onde tenho certeza de que tiveram de ficar sentados por uns quinze minutos antes de o juiz declarar que a audiência de custódia seria realizada a portas fechadas, e todos, incluindo os meus pais, foram dispensados.

Chorei sem parar durante a audiência de custódia. Eu já estava chorando quando entramos — estava me sentindo tão normal e tão enjoada quanto um ganso de *foie gras* alimentado à força, e meus pais pareciam aterrorizados.

Minha mãe estava com uma blusa nova na audiência de custódia, uma que eu nunca tinha visto. Pergunto-me o que ela estava usando naquele dia, quando tudo estava tão confuso — antes de ela saber. Talvez você pense que ela estava vestida como uma mãe que sabia sem sombra de dúvida que tudo não passava de um grande mal-entendido e que nada daquilo era culpa da sua filha. Mas acho que ela estava vestida como uma mãe que fizera tudo certo, uma mãe que não podia ser culpada por coisa alguma, o que quer que fosse.

* * *

A audiência de custódia foi realizada três dias após a minha chegada à prisão, e eu gostaria de não ter chorado tanto. Gostaria de ter quebrado aquele vidro para poder perguntar à minha mãe coisas sem a menor importância.

Queria perguntar se ela tinha arrumado a minha cama depois que fui à casa de Sebastian — Tanja não trabalhava às sextas-feiras. Será que a cama ficou intocada até a polícia chegar? E depois? O que aconteceu? Tanja limpou o meu quarto ou meus pais a proibiram de entrar ali, como os pais fazem quando os filhos morrem e eles deixam o quarto intacto por trinta anos e o lugar apenas permanece como era quando o filho esteve ali pela última vez?

Eu queria que os meus pais fizessem isso, queria que me dissessem que tudo estava exatamente como quando eu saí, que a polícia não havia mudado nada, que aquela vida, a minha vida, a minha vida de antes, estava congelada no tempo, preservada, embrulhada em grossas camadas de bandagens de múmia. Se sobrevivesse àquilo e voltasse para casa, eu queria que as coisas ao meu redor me fossem familiares.

Mas é óbvio que eles não podiam dizer isso. E provavelmente não teria importado se minha mãe tivesse arrumado ou não a minha cama. Eu já sabia que a polícia revistara a casa porque eles me contaram durante o

interrogatório. Contaram também que estavam com o meu computador e que tinham pegado o meu celular no hospital (precisei dar todas as minhas senhas, de cada fórum, de cada aplicativo, de todos os sites que eu visitava). Quando perguntei o que mais eles tinham pegado, responderam:

— Quase tudo... Seu iPad, documentos e... livros, lençóis, as roupas que usou na festa.

— Que roupas? — perguntei.

Então eles responderam, como se fosse a coisa mais normal do mundo:

— O vestido, o sutiã e a calcinha.

Eles pegaram as minhas roupas íntimas usadas. Por que fizeram isso? Eu queria quebrar o vidro e pedir que minha mãe me explicasse, porque eu não queria perguntar para Sander. Queria perguntar a ela: “Mãe, por que eles pegaram a minha calcinha?” Eu não queria conversar com Sander sobre nada que contivesse secreções minhas.

Também queria saber o que os meus pais fizeram com as coisas que a polícia deixou para trás. Eu me perguntava se haviam deixado Tanja lavar o meu cheiro das outras roupas. Sempre achei que ela gostava de pendurar a roupa para secar, ajeitando as dobras, esticando as costuras, desfazendo os vincos. Suéteres de cabeça para baixo, com os braços pendendo, desanimados, como se tivessem desistido de viver. E as meias dispostas em pares, duas sob cada pregador para facilitar a organização das peças mais tarde.

Eu me perguntava se eles haviam deixado Tanja me lavar dali. Ou se todas as manhãs minha mãe olhava para a faca de manteiga, a que eu sempre me esquecia de deixar na pia, e pensava: *Ela estava bem aqui, mas agora não está mais.*

Mãe?, eu tinha vontade de gritar bem alto. *O que está acontecendo?*

Mas havia um vidro entre nós. E quase não tive tempo de me sentar antes que o juiz mandasse todos embora. Não recebi respostas; em vez disso, fui presa.

Certa vez, muito antes de tudo acontecer, perguntei à minha mãe por que ela nunca me fazia perguntas sobre coisas importantes. “O que você quer que eu pergunte?”, questionou. Ela nem tentou adivinhar.

Hoje ela e meu pai têm permissão para ficar. Estão acomodados em assentos reservados, creio que nos “melhores” assentos, na primeira fila, mais perto de mim (mesmo estando a alguns metros). E minha mãe

engordou: ainda está vestida como uma mãe que não fez nada de errado, mas talvez tenha descontado suas emoções na comida, quem sabe? Ingerindo massa gordurosa com manteiga, queijo e ketchup, devorando carboidratos simples. Considerando o que eu fiz, ela tem desculpa para praticamente qualquer coisa, até mesmo para engordar. Todo mundo vai entender. E eles a desprezarão de qualquer maneira, estando magra ou não.

O pescoço da minha mãe sempre fica com manchas vermelhas quando ela está nervosa, e ela sempre fica nervosa quando tenta explicar alguma coisa. É impossível se concentrar no que ela está dizendo, porque você só consegue olhar para as manchas. Talvez seja por isso que minha mãe raramente diz o que pensa: é muito arriscado. Ela se restringe a perguntar a opinião do meu pai, que a divide quando está de bom humor. E, então, podemos ter uma noite inteira sem minha mãe dizer: “Nós não conversamos mais uns com os outros.”

Não consigo entender como ela é capaz de ficar tão preocupada com o fato de alguém não falar com ela sendo que ela mesma nunca se dá o trabalho de perguntar como a pessoa está se sentindo. Mas eu nunca a odeiei por ser sem noção, eu a odeio porque ela não quer ter noção. E eu a odeio mais do que tudo quando ela me diz como estou me sentindo.

“Sei que você está preocupada.” “Sei o quanto você está assustada.” “Sei como você está se sentindo.”

Minha mãe é uma idiota. “Eu queria poder trocar de lugar com Maja.” Será que ela já disse isso alguma vez? Não para mim.

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

4.

Lena Pärsson, a promotora principal, fala sem parar. Meu Deus, como essa mulher fala. Dois dos policiais encarregados da investigação estão com ela. Ao seu lado estão os advogados das vítimas, que pretendem pedir indenizações. Eles também empilharam toneladas de pastas na mesa à frente, uma minibiblioteca. Há dois telões no tribunal, um na parede atrás de mim e outro idêntico atrás deles. Agora tudo o que se vê nas telas é uma série de ícones de documentos.

Nem os pais de Amanda nem as famílias das outras vítimas podem se sentar à mesa da promotora. Acho que estão na área destinada ao público ou talvez na sala ao lado, na qual as pessoas podem assistir aos procedimentos em um terceiro telão. Provavelmente não querem ocupar o mesmo ambiente que eu.

Sander me avisou que é “dever” da promotora divulgar por que estamos aqui: o que ela acredita que eu fiz e por que exige a punição máxima.

— Considerando a sua idade — explicou Sander —, você não vai pegar mais do que dez anos.

A lei determina que menores de vinte e um anos não podem ser condenados à prisão perpétua. Mas, se eu pegar catorze anos, terei trinta e dois quando for libertada. Panqueca também me contou sobre as pessoas que ligam e escrevem para ele e para Sander. (Panqueca também se orgulha de receber mensagens de ódio por e-mail, não apenas Sander. Dá para perceber isso pela voz.) Ele até me falou sobre as pessoas que invadem o jardim da minha casa à noite e jogam cocô na porta. Meus pais têm que lavar a sujeira com mangueira de alta pressão antes de irem trabalhar. Ele me contou isso quando Sander não estava presente.

Então, eu sei. As pessoas que pagam o salário da promotora, os contribuintes, o público em geral, todos, exceto Peder Sander e talvez os meus pais, não acham que dez ou quatorze anos sejam suficientes, para eles

nem a prisão perpétua seria suficiente. Eles não se contentarão apenas em destruir a minha vida, eles querem que eu morra.

* * *

Sander explicou que hoje não acontecerá muita coisa. No entanto, enquanto a promotora lê os nomes das vítimas, ouço alguém chorando.

Não estou preparada para isso. Muito antes de Lena Pärsson terminar de falar, o tribunal é tomado por esse som. A pessoa está uivando. Será a mãe de Amanda? Não pode ser, ela jamais choraria assim. Talvez tenham encontrado a mãe ou uma avó de Dennis. Talvez eles a tenham trazido até aqui de avião para poder estar nesta sala caiada, como Queen Latifah no show do Nobel.

Parece uma carpideira profissional. Uma louca com um xale preto enrolado na cabeça, com as mãos erguidas, olhando para o céu diante das câmeras de TV e gritando depois que alguém entrou em um ônibus escolar e explodiu cinquenta crianças. Esse tipo de mulher poderia estar aqui? Ela passaria pelo controle de segurança?

Uma coisa é certa: os jornalistas venderão esses soluços no próximo noticiário. Eles o divulgarão, farão atualizações ao vivo e postarão no Twitter. Descreverão como foi, como soou, em até duzentos e oitenta caracteres. E todos os meus antigos “colegas de escola” retuitarão, talvez adicionando um emoji choroso para demonstrar como isso os afeta pessoalmente. Eu me pergunto quantos vieram até aqui, esperando horas na fila, para conseguirem um lugar e “reviver as memórias” de algo que não aconteceu com eles.

Não quero ouvir nada disso, mas tenho que ficar aqui. Então, pressiono as palmas das mãos contra o tampo da mesa. A promotora fala sem parar, espero que esteja quase acabando. Ela diz algo sobre Amanda, algo mais sobre Samir, Dennis, Christer... Sebastian e seu pai. O presidente parece nervoso, ele remexe o martelo na mesa à sua frente e olha feio para um dos guardas.

A promotora continua falando, apesar dos soluços. Ela aperta um botão, fazendo com que fotos da escola surjam na tela e o uivo do público se transforma em outra coisa: o guarda deve ter dito para ela se calar. Minha

garganta arde e preciso pressionar a palma da mão contra os lábios para ter certeza de que também não estou fazendo barulho. A promotora deveria aprender a se expressar de modo mais conciso e interessante — ela não pronunciou uma única frase curta o bastante para ser tuitada. E isso supostamente é um “resumo” das coisas pelas quais ela acredita que devo ser condenada. Espera-se que o julgamento dure três semanas — quando Sander me disse isso, achei que era tempo demais, mas, considerando o tempo que este breve resumo está levando, acho que pode demorar mais.

Mesmo assim, não me viro, limitando-me a olhar para a mesa. Devem noticiar isso também: que ouvi a lista de mortos e feridos, os soluços e o choro sem demonstrar emoção. Gostam de pensar que sou fria. Desumana.

Todo o meu ser é um problema para os meus advogados, não apenas o fato de Panqueca achar que pareço mais velha. Sou muito alta e muito forte, meus seios são muito grandes, meu cabelo é muito longo. Bons dentes, jeans caros. *Não sou uma criança.*

Hoje não estou usando relógio nem joias, mas nada disso é necessário. Os sinais de quem sou fora da prisão são tão claros quanto marcas de sol ao redor dos olhos depois de uma semana nos Alpes. A promotora ainda não terminou? Quero fazer uma pausa, trocar de roupa, preciso vestir algo que não seja essa merda de camisa apertada. Sander me disse que exigirá um intervalo a cada duas horas pelo menos, já deve estar na hora. Quero ir para uma sala onde estejam apenas nós quatro e Ferdinand possa me oferecer um café. Sempre café, sou adulta o bastante para me sentar aqui, e todos os adultos bebem café. Exceto Panqueca, é claro: ele é a única pessoa com mais de quinze anos que conheço que bebe chocolate quente, até aquele das máquinas nas salas de visitas da cadeia. Ele o suga e sorve com aqueles lábios vermelhos e enfia o dedo na caneca para raspar as gotas açucaradas no fundo. Eu preciso sair, preciso sair daqui.

Baixo os ombros, parece que estou com dor no peito. Penso no meu último café da manhã em casa; qualquer coisa serve, desde que eu não precise ouvir. Fui para a cozinha como sempre. Meus pais estavam lá, ele lendo o jornal, ela em pé, tomando grandes goles daquele lodo verde do qual se alimenta. Minha mãe faz um suco de couve, espinafre e maçã verde e o mistura com abacate em um processador de alimentos especial que custa nove mil coroas. Antes de começar a tomar sucos, ela ingeria um tipo especial de chá que comprava on-line de uma loja americana de alimentos

saudáveis. Ela bebia aquilo todas as manhãs com sua omelete feita com quatro claras. Uma vez por semana, Tanja jogava fora as gemas que sobravam — vinte e oito gemas endurecidas na geladeira.

“Não posso comer as gemas”, dizia para Tanja com uma risada, como se fosse uma piada que ela também entendesse. “Mas talvez você goste delas, não é mesmo, Tanja?”

Minha mãe sempre usa o mesmo tom de voz ao falar com Tanja. A mesma voz lenta, como se estivesse falando com uma criança rebelde. Só que ela jamais falaria assim com minha irmã, Lina, nem com qualquer outra criança. Uma voz para as crianças, uma voz para a empregada — um pequeno assassinato em massa dificilmente mudaria isso. Mantenha a cabeça erguida: um João-bobo com uma bola de chumbo no fundo, essa é a minha mãe.

Ela gosta de fingir que ela e Tanja são boas amigas. Talvez por isso sempre pergunte a Tanja se quer comer algo. Nunca vi Tanja comer nem beber nada além de meio copo de água, que ela engole tão depressa quanto pode, debruçada sobre a pia. Ou ir ao banheiro. Nunca vi Tanja ir ao banheiro: será que ela caga em nossos canteiros de flores e mijá no suco verde da minha mãe? Ou será que ela segura até chegar em casa? Sempre me questionei o que minha mãe achava que Tanja faria com as gemas descartadas. Engoli-las como o Rocky antes de uma luta de boxe importante ou levá-las para casa e fazer gemada para os seus pobres filhinhos? Nós nunca conhecemos os filhos de Tanja, mas minha mãe decorou os nomes deles pelo mesmo motivo que diz oi para os mendigos. *Como vai Elena? Sasha está indo bem na escola?*

Naquela última manhã, sobre a mesa da cozinha, havia suco feito na hora (comum, de laranja), queijo, manteiga, fatias de tomate e pepino. Acho que o cheiro de café e ovos mexidos pairava no ar. Não vi nenhum ovo, mas acho que eram ovos mexidos. O café da manhã parecia quase um ritual, uma oferenda. O rádio estava desligado junto à tábua de carne, com o fio tão flácido quanto um membro amputado. Isso queria dizer *Precisamos conversar*. Meus pais queriam falar sobre coisas sérias. *Será que alguém ligou e contou? Para a polícia? Será que alguém chamou a polícia?* Eu não queria conversar, me recusei. Minha mãe olhou para mim sem dizer nada e desviei o olhar sem dar nenhuma resposta. Então meu celular tocou — era Sebastian.

Eu tinha prometido que iríamos juntos de carro à escola. Ele insistiu.

— Você precisa vir.

Eu não quis e ainda não queria. Mas também não queria ficar em casa. Tive tempo de pensar *Quem vai comer isso tudo?* antes de calçar os sapatos e pegar as minhas chaves — estavam na mesa do corredor. Será que Tanja terá que embrulhar o que restou e guardar na geladeira? Mas ela não trabalhava às sextas-feiras e eles revistariam a nossa casa antes que ela voltasse.

— Não posso agora! — gritei para os meus pais. — Conversamos hoje à noite.

Mas eu não tinha a intenção de conversar com eles. Como é que eles poderiam entender? Era tarde demais.

* * *

A promotora principal fala sem parar e eu ainda não me virei para olhar para o público. Prefiro não correr o risco de olhar para a mãe de Amanda ou qualquer outra pessoa que queira que eu sofra o castigo eterno, de preferência a pena de morte ou pelo menos que eu seja encarcerada para todo o sempre. Por que eles se interessariam pelos argumentos de Sander sobre as provas, a sequência de eventos, a causalidade, a intenção e tudo o mais? Nem *eu* estou interessada nisso.

Também não quero olhar para os jornalistas. Sei do que eles estão atrás: eles querem me explicar, dizer que eu era assim ou assado, que minha educação foi assim, que meus pais eram desse jeito e que eu “não estava bem”, “bebia muito”, “fumava maconha”, ouvia demais “o tipo errado de música”, andava com as pessoas erradas, não era “uma garota normal”. Eu me convenci de algumas dessas coisas e não entendi outras.

Eles não estão interessados em saber o que aconteceu. O que querem é me encaixar no menor compartimento possível, pois isso facilitará meu afastamento. Eles querem se convencer de que não temos nada em comum. Somente então poderão dormir à noite, somente então acreditarão que o que aconteceu comigo nunca, jamais, poderia acontecer com eles.

A promotora principal, Lena Pärsson (“Pode me chamar de Lena”, disse ela na primeira vez em que participou de um dos meus interrogatórios), com

seus brincos cafonas (versões autênticas daquelas pedras preciosas viriam com seguranças armados como brinde), sua franja irregular e sobranceiras que parecem ter sido desenhadas com caneta esferográfica, fala. E fala. E fala. Minha cabeça começa a zumbir. Volto a passar a mão na boca, minhas axilas estão grudadas — pergunto-me se dá para ver as pizzas. Pärsson clicou em um dos documentos, obviamente nervosa. Para ela, parece ser uma façanha quase sobre-humana coordenar os movimentos para exibir essas imagens de merda. Mas agora ela está movendo um pequeno ponto sobre uma fotografia para destacar o que quer que a gente veja.

Sander não me avisou que mostrariam fotos tão cedo. A promotora já está mostrando imagens, embora esta seja apenas a introdução. Quanto tempo uma introdução pode demorar? Não vai acabar nunca? Preciso sair daqui. Olho para Sander, mas ele não me olha de volta. Agora ela está exibindo um mapa da escola: o labirinto de corredores, a sala de aula, a saída de emergência mais próxima, o auditório. Pelo mapa, não dá para ver como o teto nos corredores da escola é baixo, não dá para ter noção de como é escuro lá dentro, mesmo em uma manhã ensolarada de fim de maio.

Ela aponta para o meu armário, onde uma das bolsas de Sebastian foi encontrada. Depois aponta para as portas nos fundos da sala de aula, que levam ao pátio — elas estavam trancadas naquele dia. Acho que está fazendo isso para explicar por que a polícia não entrou por ali (o que gerou muitas críticas da imprensa), mesmo que isso não tenha feito diferença. Quando ligaram para a polícia, tudo já havia terminado. Ela aponta para a porta que leva ao corredor. Estava fechada, não trancada, mas ainda assim só a abriram quando já era tarde demais. Alguém que não a polícia poderia ter feito alguma coisa? Como? E quem? Ela muda para outra imagem, um desenho da sala de aula. Eu baixo o olhar. Há quanto tempo ela está falando? Parecem horas.

Pode-me-chamar-de-Lena é meticulosa. Li o relatório da investigação, pelo menos a maior parte, em que ela me disse. Pode-me-chamar-de-Lena me abriu, me desmontou, tirou todas as minhas entranhas e cheirou o conteúdo dos meus intestinos. Pode-me-chamar-de-Lena participou de coletivas de imprensa a meu respeito todas as semanas, às vezes várias vezes por dia, durante meses. Ela até analisou a minha calcinha.

Pode-me-chamar-de-promotora-chefe-feia-para-cacete-Lena-Pärsson tem certeza de que me conhece. Isso é perceptível na sua voz: cada palavra é um

tesouro descoberto que ela revela, um de cada vez. Ela está muito satisfeita, está convencida de que sabe tudo a meu respeito, quem eu sou e por que sou assim. O que eu fiz. Ela não aponta para mim porque não é preciso. Olhem para Maja Norberg, todos vocês: a assassina, o monstro. Ela está sentada logo ali!

Todos já estão olhando.

* * *

A denúncia em si, o documento que declara o que a promotora afirma que eu fiz e que condenação quer que eu receba, tem onze páginas e contém descrições detalhadas. Tem também anexos com pormenores sobre as vítimas, quem eram, o que aconteceu com elas e o que eu fiz, em quem atirei, em quem Sebastian atirou, e como isso tudo é culpa minha. Há fotografias, pareceres jurídicos, entrevistas com gente que alega me conhecer, que sabia, que pode explicar. A promotora principal, Lena Pärsson, tem toda uma narrativa. É coesa do início ao fim e todos acreditam que ela diz a verdade, mesmo que ainda não a tenham ouvido.

Eu me pergunto: o que minha mãe quer dizer quando fala que ficará tudo bem?

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

5.

Finalmente, a promotora principal, Lena Pärsson, para de falar. Então os advogados das vítimas se pronunciam. Querem que eu pague indenizações, mas não é muito dinheiro. Apenas um dos advogados fala por mais de dois minutos, e, quando todos eles terminam, enfim Sander pergunta se podemos fazer uma pausa. O juiz principal parece quase mais aliviado do que eu. Todos saímos da sala — eu vou no meio, com Ferdinand e Panqueca de cada lado, enquanto Sander caminha à nossa frente.

Entramos na sala que nos foi designada e fechamos a porta, que tem um pedaço de papel colado escrito: DEFESA. Como se alguém aqui acreditasse que eu seja capaz de me defender. É estranho que um tribunal, um lugar onde supostamente a verdade é revelada, tenha dificuldade em dizer o que pensa em linguagem simples, ousando chamar as coisas pelos nomes verdadeiros.

— Você quer alguma coisa? — pergunta Ferdinand. Eu não respondo, apenas espero que ela prossiga. — Café?

Faço que não com a cabeça. *Lírios brancos em meu camarim*, penso. Se eu dissesse isso em voz alta, Ferdinand desmaiaria, pelo simples fato de não ter senso de humor e achar que sou o tipo de pessoa que gosta de lírios brancos. Então não falo nada.

Sander fica de pé durante todo o intervalo e também não diz nada. A sala tem um banheiro anexo: acho que é por isso que fomos autorizados a ficar aqui, embora em geral o lugar seja reservado para outros fins. Dessa forma, não usaremos os mesmos banheiros dos outros — ou os outros não terão de usar o mesmo banheiro que eu. Nós nos revezamos no toalete, e, quando chega a minha vez, o assento está morno.

Faz-se um silêncio mortal e ninguém está tomando café, apenas Ferdinand está bebendo uma garrafa de água. O julgamento já consumiu

mais de duas horas. Só o resumo da promotora demorou uma hora e quarenta e seis minutos.

Após exatos doze minutos, voltamos para a sala de audiências. Panqueca bate a porta com tanta força que o pedaço de papel cai; Ferdinand volta para fixá-lo. Acabei me esquecendo de perguntar se podia trocar de roupa.

Assim que retornamos aos nossos assentos, ouço meu pai pigarrear justo quando Sander está prestes a começar a falar. Eu me forço a não virar e olhar para ele. Em vez disso, concentro-me em Sander. Estamos sentados lado a lado e ele me deu uma caneta e um bloco de papel e disse para eu escrever tudo que considerar estranho ou qualquer pergunta que queira fazer.

“É importante que você sinta que tudo vai dar certo”, disse ele incontáveis vezes.

Gosto de Sander, mas nem sempre entendo o que ele quer dizer. Ou, para ser mais exata, entendo o conteúdo do que ele diz, o significado, porém raramente entendo o pensamento por trás de suas palavras.

* * *

Que tudo vai dar certo? Que eu esteja satisfeita, talvez? Tive que perguntar o que ele queria dizer com aquilo, mas me arrependi porque tudo o que ouvi foi uma longa e incompreensível explicação sobre como ele estava “realizando a minha defesa” e que, se ele dissesse algo que não “correspondesse à minha visão da sequência de eventos”, eu deveria “apontar”.

Acho que depois de um tempo ele percebeu como aquilo soava idiota, porque parou de falar. Ele me observou por um instante antes de completar:

— Se eu disser algo que deixe você com raiva, medo, irritada ou qualquer outra coisa parecida, precisa me dizer. Mas não pode fazer isso enquanto eu estiver falando, quando a promotora e os juízes puderem ouvir. Anote e resolveremos o assunto mais tarde.

Há outras coisas que eu não entendo. Coisas sobre as quais ele diz que quer falar (“trazer à tona”) durante o julgamento. Fico incomodada com o fato de ele aparentemente falar de mim quando não estou presente, de ele “planejar estratégias” com Ferdinand e Panqueca e com todos os outros

colegas que não consigo distinguir muito bem porque todos parecem iguais. Ele faz isso sem mim, eles se acomodam em longas mesas no escritório de direito e discutem “estratégias” quando não estou presente. Acho que é nessas horas que eles ficam cutucando as caixas de comida chinesa para viagem.

— Maja Norberg admite algumas partes das alegações factuais, mas seu envolvimento não pode dar margem à responsabilidade criminal — diz Sander.

Eu me pergunto se alguém acredita que isso significa que sou inocente, se alguém se convencerá de que não fiz nada de errado, e me pergunto também o que devo escrever no bloco para que Sander explique isso direito.

Sander diz que preciso confiar nele, que ele sempre é “totalmente franco” comigo. E que alternativa eu tenho? Ainda não faço ideia de como tudo pode acabar bem.

Sander tem toda uma coleção de *olhares* — olhares diferentes para pessoas diferentes. Tem o olhar concentrado, embora entediado, para quando encara o interlocutor e está claro que nada poderá surpreendê-lo porque não há nada que alguém possa dizer que ele já não tenha pensado. Foi esse olhar que ele lançou aos policiais enquanto me interrogavam, e gosto de imaginar que ele o lança também aos jornalistas quando lhe fazem perguntas que não tem permissão para responder (“ordem de sigilo”). Agora ele está olhando assim para o juiz principal e para a promotora, usando o olhar educadamente cansado.

A forma como olha para Panqueca é pior. Quando ele diz coisas do tipo “É preciso quebrar alguns ovos se quiser fazer uma omelete” e “até um relógio parado está certo duas vezes por dia”, o rosto de Sander assume uma expressão de “você acha mesmo que está sendo engraçado?” e tudo o que você deseja é que Sander pare de lhe dirigir aquele olhar. Porque o melhor de tudo é quando ele termina de estalar a língua e realmente *diz* alguma coisa.

O olhar que a maioria das pessoas recebe, pelo menos de vez em quando, significa que Sander está muito desapontado, que esperava mais, porém tolerará a situação porque não lhe resta escolha. Às vezes Ferdinand consegue o oposto: um olhar quase satisfeito. No entanto, esse é quase tão ofensivo quanto os demais, porque deixa claro como ele fica surpreso ao

descobrir que ela não é idiota afinal. O que Sander não percebe é a maneira como Ferdinand olha para ele. Ou, então, não se importa.

Mas eu gosto da forma como Peder Sander olha para mim: ele não quer que eu ria de suas piadas, pergunte o que ele pretende fazer ou qual é a sua opinião sobre determinado assunto. Sander jamais olhará furtivamente para os meus seios. Ele está interessado no que digo e fará o seu trabalho — ponto final.

Não preciso ter medo de ele não aguentar mais me ouvir nem me preocupar se ficará magoado ou como se sentirá. Ele me olha como se eu fosse adulta, ou, pelo menos, alguém que merece ser tratada como tal. Acho que esse é o olhar que Sander dedica aos clientes — e essa é uma das razões que fazem dele uma celebridade.

Estou “satisfeita” com Sander.

Se eu perguntasse ao meu pai por que o escolheu, ele responderia que foi por Sander ser “considerado o melhor”. Mas Sander cobra caro? Provavelmente é mais caro do que posso imaginar, porém meu pai jamais discutiria isso porque “não é apropriado”, e meu pai é um seguidor de regras no que se refere ao que é ou não apropriado.

Seria simplista dizer que minha mãe é de família rica e que meu pai é um novo-rico. Nenhum deles é o tipo de classe alta que gostaria de ser, mas minha mãe cresceu com dinheiro, muito dinheiro, que meu avô ganhou graças a um tipo de instrumento usado em cirurgias de joelho. Ele o patenteou quando ainda estava na faculdade de medicina, antes que a indústria farmacêutica tivesse tempo de descobrir que aquilo não era apenas uma engenhoca do meu avô, mas algo realmente útil. Em alguns anos, o instrumento se tornou “indispensável” (segundo minha mãe), “todos” passaram a usá-lo “no mundo inteiro” (ainda segundo a minha mãe). E meu avô ficou “podre de rico” (de jeito nenhum, sob nenhuma circunstância, palavras da minha mãe. É meu avô quem diz isso sempre que pode).

Meu avô se relaciona com o dinheiro da mesma forma que com o clima. O dinheiro existe, meu avô se aproveita dele, que parece não faltar, não importa quanto ele gaste. Meu avô teve muita sorte e tem mais é que desfrutá-lo ao máximo. Talvez essa atitude seja o motivo pelo qual minha mãe se tornou financeiramente reprimida. E por reprimida quero dizer que minha mãe acha muito importante todos pensarem que ela é mais rica do

que de fato é — e ela tenta passar essa ideia fingindo que não dá a menor importância ao dinheiro.

Minha mãe gosta de dizer que as antiguidades em nossa casa são de “família”. O relógio na cozinha, por exemplo: ela não sabe se é bonito ou megagrotesco, então quando alguém o menciona ou simplesmente olha para aquilo ela ri pelo nariz, diz “família” e revira os olhos, como se o relógio fosse uma herança com a qual é obrigada a conviver para que seus antepassados não se revirem no túmulo.

Todos os nossos móveis vêm de vários processos de falência — meu avô os comprou em leilões na Bukowskis, enjoou deles e depois os desovou na nossa casa, mas minha mãe jamais vai admitir isso. Não que ela engane as pessoas, na verdade, ninguém acredita que minha mãe é quem finge ser. No entanto, ela insiste em fingir e a maioria das pessoas é educada e a deixa em paz.

O dinheiro do meu pai é bem recente e ele não tem o suficiente para compensar tal fato. Meu pai fez o ensino médio em um internato perto de Uppsala, enquanto seus pais certinhos, superchatos e de classe média trabalhavam em um projeto de irrigação de Terceiro Mundo no norte da África. Ele acredita que o internato lhe ensinou o que é necessário para se integrar, o que é preciso fazer para que as pessoas de classe alta o considerem um igual. Meu pai está errado, é claro.

Agora ele deve estar surtando porque todos verão como ele é de verdade. Os jornais o estão chamando de corretor de investimentos. Talvez isso impressione as pessoas, quem sabe? Mas todo mundo que importa sabe que “corretor” é algo que se é até os trinta e cinco anos no máximo. A partir daí a pessoa tem que começar a trabalhar com o próprio dinheiro; do contrário se torna tão constrangedora quanto uma garçonete com varizes e seios flácidos. Certa vez eu o ouvi dizer “Trabalho com consultoria” com um sorriso torto que revelava que seria muito complicado dar mais explicações. No cartão de visita, ele se apresenta como “gerente de ativos” — o que não significa “corretor de investimentos”, mas chega perto.

Todo mundo diz que puxei ao meu pai. Minha mãe fala isso sempre que fico chateada, já meu pai, sempre que recebo o boletim. Mas tudo nesta sala de audiências sugere que meu pai terá que se contentar em ser “o pai da assassina Maja, corretor de investimentos”. Parabéns.

Eu me pergunto do que minha mãe tem mais medo: se é do que vai acontecer comigo ou do que já aconteceu com ela. Na verdade, não dou a mínima, mas não quero que Lina fique com medo. Pensar em como ela deve estar amedrontada é quase tão terrível quanto pensar na sala de aula.

Quando eu tinha dificuldade para pegar no sono, costumava pegar Lina para dormir comigo. Quase sempre me sentia um pouco melhor quando ela estava ao meu lado, mesmo naquelas últimas semanas. Os cabelos da sua nuca ficavam enrolados por causa do suor e ela sempre tinha um cheirinho gostoso, mesmo quando o cabelo estava sujo. Eu fingia que ela tinha vindo para a minha cama por causa de um pesadelo. Às vezes, dizia para ela: “Você teve um pesadelo, você lembra como foi?”

Lina então me encarava, confusa no início, e me contava com o que sonhara. Na maioria das vezes, o sonho era repleto de detalhes, muito chato e incoerente, sobre mamãe, nossa casa, um novo brinquedo, lacinhos ou um ou dois cachorros. Lina queria um cachorro mais do que qualquer outra coisa no mundo. Espero que meus pais tenham lhe dado um e que deixem que ele durma na cama dela. Mas, acima de tudo, espero que ela durma na minha cama, que ela entre no meu quarto, se deite e isso a ajude a se sentir um pouco melhor.

Tento imaginar que minha irmã não entende o que está acontecendo, que ela não precisa estar aqui e por isso está sendo poupada. Mas isso não dá muito certo, porque não consigo fingir que ela ficará menos amedrontada por não saber o que está acontecendo. Sei como funciona, ocorre exatamente o contrário.

* * *

— Maja se declara inocente das acusações feitas contra ela. Seu envolvimento não pode implicar responsabilidade criminal. Maja não estava ciente nem foi informada dos planos de Sebastian Fagerman, tampouco é culpada de induzimento ou de qualquer ato ou omissão que resulte em responsabilidade criminal. Ela não agiu com o dolo previsto para esse crime. Maja admite que disparou a arma citada na declaração no local citado, mas o fez em legítima defesa. Portanto, ela não pode ser considerada culpada.

* * *

“Responsabilidade criminal”, “induzimento”, “dolo”... Tais palavras ecoam na minha cabeça e fico aterrorizada quando Sander fala assim, porque elas parecem desculpas, é como se estivéssemos usando terminologia jurídica e palavras difíceis só para não dizer às pessoas o que de fato aconteceu. Eu quero contar. Eu não dou à mínima para o que isso pode causar — o pior já aconteceu. E, então, me pergunto se Sander planeja falar tanto quanto a promotora. Acho que não, parece que ele está quase terminando, e só se passaram onze minutos. Não sei se isso é bom ou ruim, mas também me assusta. Será que as pessoas vão pensar que ele não falou muito por não ter nada a dizer? Passo a mão sobre o bloco, pressiono a caneta contra o papel, mas não escrevo nada. Três minutos depois, Sander acaba de falar.

* * *

Na vida real, não se passaram nem três minutos do momento em que fechei a porta da sala de aula até o último tiro ser disparado. A polícia invadiu a sala dezenove minutos depois de tudo ter começado.

Quantas pessoas passaram por aquela porta? Paramédicos, trocentos policiais trajando botas, viseiras, armas pesadas. Um deles pisou no meu braço, outro chutou a minha mão e alguém me levantou do chão, arrancando o rifle de mim. Foi um caos. Surgiu um número perturbador de pessoas. Elas gritaram? Acho que gritaram, mas não lembro se eu disse alguma coisa. Antes de me tocarem, levaram Sebastian. As armas ficaram ali um segundo a mais do que Sebastian. Ainda me pergunto por quê.

Eles me deitaram em uma maca e alguém me cobriu. Não sei se fui a primeira a ser tirada dali. Acho que não.

Um minuto, talvez um minuto e meio: foi quanto o tiroteio durou — está escrito no relatório da investigação, não preciso me lembrar disso. Mas ainda assim, esses cálculos me confundem. Às vezes, quando me lembro, parece que acabou em dez segundos, já em outras sinto como se tivesse estado lá por anos. É como em Nárnia, quando você abre a porta do armário errado, fica vários anos em guerra com a Feiticeira Branca, mas nem um minuto se passou.

Dezenove minutos transcorreram entre eu ter fechado a porta da sala de aula e ela ser aberta de novo. Isso provavelmente está certo, é tempo mais que suficiente para tudo terminar. Mas é óbvio que depende de quando se afirma que começou. Quer dizer, não o tiroteio em si, mas tudo. A polícia e a promotora dizem que Sebastian e eu planejamos tudo, que aquilo foi crescendo — nosso isolamento, nosso ódio —, mas também que a festa na noite anterior, a última briga, foi o gatilho. Tenho certeza de que as pessoas que se aglomeram do lado de fora deste tribunal atirando pedras umas nas outras porque me odeiam e por tudo o que pensam que eu represento diriam que começou com o capitalismo, com a monarquia, com o governo conservador, quando paramos de acreditar nos deuses nórdicos ou algo ainda mais absurdo para o qual eles não têm nenhuma explicação lógica.

Eu sou a única que sabe. Sei que tudo começou e terminou com Sebastian.

* * *

Uma das minhas primeiras lembranças não apenas de Sebastian, mas da minha vida, é dele sentado em uma árvore. Minha mãe e eu estávamos passando em frente à casa dos Fagerman no caminho de volta da pré-escola. Sebastian tinha apenas cinco anos, mas todo mundo já era apaixonado por ele. Seu cabelo era longo e ondulado e encaracolava na testa. Ele fazia perguntas sérias e desconcertantes e não era muito bom em prestar atenção, mas estava *ligado* o tempo todo. Era o garoto com quem todos os meninos queriam brincar e sobre o qual todas as garotas cochichavam. Até os nossos professores da pré-escola olhavam com ciúme para quem abotoasse o casaco dele, ajeitasse o cachecol, pegasse o par certo de galochas do armário de secagem quando era hora de sair ao ar livre. E Sebastian escolhia o professor favorito do dia. *Anneli pode me ajudar. Laylah pode tirar as minhas meias.*

Ele me chamou do alto da árvore. Aquilo foi tão importante, um momento tão crucial, que o que eu mais me lembro é de que nem consegui responder. Com certeza minha mãe disse algo sobre o jardim, sobre a casa, de quem ele era filho. (Ela sussurrou para mim, empolgada: *Esse não é Sebastian Fagerman? Vocês são da mesma turma?* Como se ela já não

soubesse. Ela sabia disso muitíssimo bem.) Mas tudo o que eu me lembro é de que meu corpo estremeceu quando ouvi a voz dele pronunciar o meu nome. “Maja.”

Mais uma afirmação do que um cumprimento. Não respondi. Provavelmente minha mãe respondeu. Aposto que ela disse: “Oi, Sebastian.” Talvez tenha acrescentado “Não caia daí” ou algo do tipo enquanto eu arrancava a minha mão da dela. Eu não queria que minha mãe interferisse — aquilo não tinha nada a ver com ela e eu não permitiria que estragasse o momento.

Apenas uma semana depois, nos beijamos durante o recreio, na sala da soneca. Penso nisso às vezes, em como nunca brincamos um com o outro, nem mesmo na pré-escola. Só nos beijamos. Com os meninos ele fazia coisas típicas de menino: jogar bola, chutar uns aos outros ou construir torres de blocos para derrubarem outra vez. Mas comigo era sempre físico, ele me tocava, me alisava, cheirava o meu cabelo, tocava o interior do meu braço, puxava um cobertor sobre nós dois, se aproximava e inspirava a minha respiração. O calor e a falta de oxigênio me deixavam tonta. Até na pré-escola ele já tinha dificuldade para participar das brincadeiras comuns com meninas. Aos cinco anos, Sebastian me tocou. Durou uma semana ou duas, e, então, tive que esperar treze anos até que ele voltasse a se interessar por mim. Se eu senti falta dele durante todos aqueles anos, enquanto ele brincava e namorava outras meninas, estava um ano à minha frente e eu sabia quem ele era, mas ele nem ligava para mim? Sim, senti.

“Você não tem poder sobre o que eles pensam sobre Sebastian”, disse-me Sander incontáveis vezes. “Você não deve se preocupar com a forma como as pessoas se lembram dele. Precisamos focar em você. Devemos garantir que este julgamento trate daquilo pelo qual você pode ser considerada criminalmente responsável. Isso e nada mais.”

Pelo qual posso ser considerada criminalmente responsável. Como se isso não tivesse nada a ver com o que Sebastian fez. Como se fosse possível separar, arrancar, destacar, cortar e descartar todo o resto. A promotora com certeza não pensa assim. Pode-me-chamar-de-Lena acha que está tudo relacionado. Devo fazer uma anotação no bloquinho dizendo que acho que ela está certa?

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

6.

Susse, da prisão, está à minha espera no estacionamento quando os trabalhos do dia terminam. Ela está usando uma espécie de uniforme e dá um sorriso incrivelmente largo com dentes tão brancos que parecem azul-claros. Esses dentes parecem fora de lugar em seu rosto bronzeado com spray, apenas esperando a hora certa de fugir. Susse me pergunta como foi, mas não consigo responder. Só entro no carro e fecho os olhos com força.

Permitiram que eu trouxesse o meu bloco, que ainda estou segurando. Não escrevi uma palavra, em vez disso fiz desenhos. Círculos, um dentro do outro, um em cima do outro, um ao lado do outro, pequenos, grandes, vários deles.

Susse se senta ao meu lado no banco de trás. Sinto que está me observando de rabo de olho, porém não diz mais nada. Ela me deixa em paz.

Como foi?

* * *

Não prestei muita atenção quando Sander falou sobre a sala de aula, mas eu notei quando começou a falar de mim. “Maja.” Ele teve o cuidado de usar o nome e o sobrenome de todos os envolvidos toda vez que os mencionava, mas me chamou de “Maja”. Apenas Maja, nenhum sobrenome, sempre Maja, mesmo sendo um apelido. Na verdade, eu me chamo Maria. Alguém chamada Maria pode ser uma política, uma escritora, uma médica. *Uma assassina*. Mas Maja é legal e inofensiva. Tão doce quanto a gatinha branca chamada Maja do desenho Pelle Svanslös. A promotora se referiu a mim sempre como “a ré”, uma ou duas vezes como “Maria Norberg” — nunca

como Maja, mesmo ela tendo me chamado assim toda vez que participou dos meus interrogatórios.

“É importante que a corte conheça Maja”, explicou Sander. No mundo dele, muitas coisas são *importantes*.

Não sei como as ideias de Sander poderiam nos levar a algo diferente do que todos esperamos, e por “todos” me refiro também ao próprio Sander. Contudo, no seu breve resumo, que consistiu principalmente de jargão jurídico, ele conseguiu mencionar minha mãe, meu pai, a escola, como o mundo adulto falhou comigo, como passei a ter problemas desde que Sebastian entrou em minha vida, como eu me vi sem saída e como tinha apenas dezoito anos quando tudo aconteceu. Eu tinha acabado de “atingir a maioridade”.

Sander disse que sou “precoce”, “inteligente”, porém “insegura” e “facilmente manipulável”. Ele me submeteu a testes de QI e me fez conversar com dois psicólogos. Também tem um monte de opiniões sobre quem eu sou e por que fiz o que fiz e porque não fiz uma infinidade de outras coisas que, de acordo com a promotora, devo ter feito.

Quando pegamos a autoestrada, Susse segura minha mão e eu apoio a cabeça no seu ombro. Sou uma boa aluna, do tipo que faz os professores sorrirem quando levanto a mão, mas que nunca é escolhida para responder, porque não precisa provar mais nada. Alunos como eu são cercados por uma aura especial. Comigo foi assim desde o primeiro ano do fundamental, desde o primeiro dia, quando gabaritei um ditado. Desde a primeira vez que pedi mais papel do que a professora distribuía quando fizemos uma prova — fui a única que precisou de mais folhas de papel.

Sou inteligente, e todos os professores preferem acreditar que isso é obra deles. Sou aquilo pelo que os professores afirmam “viver”, já que com certeza não é pelo salário.

Espere, me desculpe: eu *era* esse tipo de aluna, não sou mais. Agora sou a prova cabal da absoluta decadência do sistema de ensino. E Sander pode falar até ficar roxo sobre como sou “inteligente”, mas não conseguirá mudar isso. Não vou tirar a nota máxima nesse negócio.

E ser “inteligente” é uma faca de dois gumes quando você alega que sem querer acabou em uma sala de aula cheia de gente morta e que nada do que você fez foi culpa sua. Quando Sander me contou quais tinham sido os resultados do teste de QI, havia um tom de desculpa em sua voz. Como se

eu já não soubesse que aquilo era uma má notícia. Como se eu não tivesse passado anos me esforçando ao máximo para fingir que sou comum.

Eu fazia o mesmo que todas as garotas: reclamava de tudo que tivesse a ver comigo, fingia estar nervosa antes das provas e simulava desapatamento quando o tempo acabava: “Ah, meu Deus, não respondi direito à última questão. Simplesmente escrevi qualquer coisa, aposto que me dei mal.” Eu me fazia de ingênua para os professores e amigos, os garotos e outros adultos, fingia ser mais burra para não parecer muito arrogante, tipo *ela se acha o máximo*. Sou inteligente o suficiente para saber como é inútil ser inteligente, como isso significa pouco e que é uma desvantagem.

* * *

Durante as alegações iniciais de hoje, Sander não disse nada sobre o teste de QI. Em vez disso, falou sobre como fui manipulada, a que fui “submetida”, como isso me “afetou”, que era “impossível para Maja prever as consequências”, “que é crucial que a responsabilidade seja atribuída àqueles que são verdadeiramente culpados” e que é ainda mais importante lembrar que “o que estamos tratando aqui é de culpabilidade”. No fim, ele baixou o tom de voz e falou mais devagar para que as pessoas prestassem ainda mais atenção.

— Não se enganem — disse ele, falseando um pouco a voz para mostrar a todos como está emocionalmente envolvido com o julgamento. E que o que ele disse aos jornalistas, que este seria o “último e mais importante processo” de sua vida, é verdade.

Sua voz trêmula disse que não sou uma cliente qualquer. Sou Maja, *acusada injustamente*.

Então Sander levantou a voz e soou quase irritado, com nojo:

— Só Sebastian Fagerman pode ser culpado por esse crime.

Ele fez uma pausa, colocou a mão no meu ombro, deixando-a ali enquanto esperava que não apenas o presidente como também os outros juizes olhassem para nós. Ainda posso sentir, mesmo aqui no carro, ao lado de Susse, como sua mão era pesada.

Então ele disse:

— É claro que queremos culpar alguém por essa tragédia. Faz parte da natureza humana procurar uma explicação. Mas não há fundamentação suficiente para condenar Maja. O responsável é Sebastian Fagerman. E ele está morto.

Meu pai pigarreou de novo. Minha mãe chorou. Eu respirei fundo.

Nosso timing dramático foi perfeito, e Sander só falou sobre o que caberia em um artigo de lei.

No momento em que entramos na prisão e o carro desacelera para que Susse mostre o seu passe, minha dor de cabeça sobe para a testa. Engulo em seco e ajeito a postura. Abro os olhos.

— Correu tudo bem — digo para Susse enquanto atravessamos os portões da prisão. — Correu tudo bem.

A ambulância, o hospital

7.

Toda a área foi isolada. Enquanto levavam a minha maca da sala de aula até a ambulância, vi uma multidão reunida ao longe e uma fita azul e branca da polícia agitando-se ao longo de todo o caminho até a escola. Imaginei barreiras de controle de acesso colocadas entre as pastagens de gado e os campos de milho.

Quando me puseram dentro do veículo, ouvi outra sirene de ambulância seguindo rumo à escola. Ou partindo?

Não sei que caminho a ambulância tomou quando me levaram da escola para o hospital, porque não dava para ver. Fiquei deitada na maca, debaixo do cobertor, e desejei estar indo para casa. Fingi que a ambulância estava apenas pegando um atalho, que logo chegaríamos a Altorp, a pista lisa e bem-cuidada iluminada a noite inteira por luzes amarelas, “tão prático” (palavras da minha mãe). Pensei que passaríamos pelo campo de golfe “logo ali na esquina, tão prático” (também palavras da minha mãe) e pelo porto com todos os seus barcos, cada um com uma camada de tinta fresca, recém-deixados na água, prontos para zarparem para o arquipélago: “Moramos ao lado do paraíso” (sim, ainda palavras da minha mãe).

Sebastian havia ancorado o seu barco três semanas antes, nós passamos a Noite de Santa Valburga nele. Sebastian dormiu e eu me deitei ao lado dele, olhando para a claraboia embaçada. Isso acontecera muito recentemente, e eu sabia que a ambulância não estava me levando para casa, porém queria mais do que nunca ver lugares conhecidos: Norrängsgården com suas quadras de tênis sob telhados curvos, o caminho até a escola Viktor Rydberg, que era muito íngreme para subir de bicicleta, a escola Vasa, as trilhas pedregosas de Ekudden, a praia estreita em Barracuda, as árvores ao longo de Slottsbacken, a rede que meu pai comprara havia uma semana. Se eu pudesse vê-los, significaria que nada tinha acontecido. Mas a ambulância não tinha janela e estava indo depressa para cada vez mais longe.

Será que as escolas fechariam? E a formatura? Ela seria cancelada? E a festa de formatura da Amanda? A festa dela seria a última e ela disse que eu

teria que fazer um discurso: “Você precisa, precisa, precisa mesmo fazer!”

O que aconteceria com a festa dela agora? Ela estava morta, não estava? Eu a ouvi morrer, ouvi todos morrerem, cada um deles, todos estavam mortos, não estavam? Eu os vi morrer. Todos, exceto eu, morreram, mas há alguns instantes estávamos todos vivos.

* * *

Que horas eram? Tudo aconteceu apenas algumas horas depois que a festa acabou e eu e Sebastian passamos pela Praça Djursholm? Tínhamos terminado de conversar, não havia mais nada a dizer, e ele foi caminhando na minha frente, recusando-se a andar ao meu lado — então percebi que o cartaz-sanduíche do lado de fora da padaria tinha sido derrubado. Eles o deixavam do lado de fora durante a noite? Estava quente, era uma primavera quente, quase verão. Durante mais de uma semana o calor fora intenso, como se não fosse sobrar nenhum calor para as férias de verão. Fiz toda a caminhada com Sebastian andando descalça no asfalto porque meus pés estavam doendo, com os sapatos na mão, segurando-os pelas tiras dos tornozelos. Tentei tocá-lo com a mão livre, mas ele a afastou com um tapa. Mesmo assim eu ainda achava que Sebastian não estava mais com raiva, que ele havia se acalmado. Havia muito tempo que eu não o via tão calmo. Isso aconteceu apenas algumas horas atrás, certo? Sebastian agora estava morto?

Aquela caminhada. Fomos até Henrik Palmes Allé. A rua estava deserta, tudo tão claro como se fosse meio-dia, e logo iríamos à escola e veríamos todo mundo de novo. Dennis, Samir e os outros. Mas ali, naquele momento, estávamos sozinhos. Não havia ninguém caminhando atrás de nós, à nossa frente ou passando ao nosso lado. As mansões estavam cravadas no alto de suas colinas, os carros, estacionados em garagens fechadas, as portas, trancadas, os alarmes, ligados. Toda Djursholm parecia deserta. Não ouvi nenhum pássaro, nenhum som matinal, tudo estava silencioso. *Mortalmente silencioso, como os minutos que sucedem uma explosão nuclear*, pensei. O que me fez lembrar de bombas nucleares? Eu realmente pensei isso ou é apenas uma reflexão que surgiu agora, depois? Agora acabou. Tudo acabou.

* * *

Ao longo de todo o trajeto da escola até o hospital, fiquei deitada na maca da ambulância, ouvindo sem ver. Estávamos viajando já havia um tempo quando ouvi mais uma sirene ao longe. Uma sirene não significava “urgência”? Significava que ainda não tinha acabado? Que alguém ainda estava vivo?

— Mas não morreram todos? — perguntei ao policial ao meu lado.

Acho que foi o cara que me tirou da sala. O policial não respondeu. Ele nem sequer olhou para mim, pois já me odiava.

* * *

A equipe do hospital usou luvas de látex ao me despirem e separarem a minha roupa em sacos. Só pude me lavar várias horas depois — passei por três médicos e quatro enfermeiras antes que me deixassem entrar no chuveiro. Liguei apenas a água quente e entrei sob o jato enquanto ainda estava começando a ficar escaldante, mas mal senti a mudança de temperatura. Ainda assim, não consegui me livrar do cheiro de sangue. A porta do banheiro estava aberta, não havia cortina no chuveiro e uma policial estava apoiada no batente da porta, me encarando o tempo todo. Eles fizeram trocentos exames, rasparam embaixo das minhas unhas, a minha pele e até dentro de mim, com instrumentos feitos de metal e com cotonetes de algodão estranhamente grandes, e eu tive que passar a noite no hospital, embora não houvesse nada de errado comigo.

Somente muito depois me dei conta de que os policiais que vieram falar comigo estavam me interrogando. Somente muito mais tarde entendi por que eu não tinha permissão para falar com ninguém que não fosse da polícia, por que as enfermeiras e os médicos diziam “Não temos permissão para discutir isso com você” de um jeito que nem tentava soar simpático. Somente muito tempo depois entendi por que se passaram várias horas antes que eu pudesse ver os meus pais.

Outra mulher se sentou junto à minha cama, segurando o punho do cassetete. Quando fui despida e deitada, perguntei-lhe se meus pais estavam mortos. Não sei por que perguntei aquilo.

— Meus pais estão mortos?

Mas deu para ver que ela ficou nervosa. Ela fez uma ligação e, então, a primeira policial voltou. Ela tinha quadris masculinos, um permanente típico dos anos 1980 e um gravador. Com os olhos estreitados, questionou por que eu tinha perguntado se meus pais haviam morrido. Por que eu queria saber? *Por que, por que, por quê?* Não entendi por que ela me perguntou aquilo. Só depois.

Duas policiais se revezaram ali sentadas, no hospital, me observando. Meus pais foram autorizados a me ver por cinco minutos — deve ter sido no fim da tarde, talvez no meio da noite — acompanhados por outro policial. Havia seis de nós no quarto pequeno, e minha mãe se sentou na beiradinha da cama. Ela não disse nem perguntou nada. Nada de “O que aconteceu?” ou “O que foi que você fez?”. Nem mesmo “Como você está se sentindo?”. Ela por acaso disse que tudo ficaria bem e o que eu deveria fazer? Ela disse o que eu deveria fazer para não morrer, mesmo eu dizendo que eu ia morrer, que queria morrer? Minha mãe apenas chorou. Eu já a tinha visto chorar diversas vezes, mas nunca daquele jeito. Ela era uma pessoa diferente — parecia alterada, aterrorizada. Acho que estava com medo de mim, acho que estava com medo de me perguntar ou dizer algo, porque estava com medo do que eu poderia responder.

Talvez eles tenham sido instruídos pela polícia (ou por Sander) a não fazerem perguntas nem falar sobre o que ia acontecer comigo, mas minha mãe nunca teve o hábito de me dizer o que fazer. Ela tenta franzir a testa rígida e “racionalizar”. De todos os tipos de mães que escolhe ser, ela costuma preferir a Mãe Pensativa, a que quer demonstrar que sabe que a filha é madura o suficiente para assumir responsabilidades. Não que realmente acredite nisso, mas para ela é importante que os outros pensem que é verdade. Embora não tivesse muito mais tempo para mostrar como era uma mãe esplêndida. Além disso, as chances de conseguir passar essa impressão naquele momento, naquele lugar, eram ínfimas. Meu pai estava atrás dela. Ele também chorou — eu nunca o tinha visto chorar antes, nem mesmo no enterro da minha avó.

— Liguei para Peder Sander — revelou ele. Sem espaço para discussão.

Eu sabia quem era o advogado Peder Sander. Acho que todo mundo sabe quem ele é. Sander aparece nos jornais e nos noticiários sempre que defende um assassino de crianças ou estuprador. E em revistas de fofocas,

quando vai a uma estreia ou a uma festa com o rei — não apenas no Banquete do Nobel, mas a festas em que o próprio rei decide com quem quer estar. Ele também participa de uma infinidade de outros programas de TV, em que atua como um especialista que fala sobre julgamentos nos quais ninguém teve a sorte de contratá-lo.

Poderia ser engraçado o fato de o único advogado de quem já ouvi falar, o único que para mim existe de verdade e não apenas gritando “Protesto, Meritíssimo” na TV ou no cinema, desfrute da companhia do rei, um cara vindo diretamente da terra do faz de conta.

Apenas assenti.

Minha mãe também assentiu; ela assoou o nariz e assentiu. Um milhão de assentimentos histéricos. Talvez eles tivessem dado a ela algo para que ficasse calma ou pelo menos para evitar que falasse. Tive medo de, ao abrir a boca sem pensar, soltar um grito interminável. Então fiquei de boca fechada. Assenti. Balancei a cabeça. Principalmente assenti.

Faça só isso, pensei. Mantenha a boca fechada. Não fale.

Meu pai deu meio passo para trás e de repente pensei que ia me pedir para dizer “obrigada”. Achei que baixaria meia oitava de sua voz, como fazia quando eu era pequena, e perguntaria “Como se diz, Maja?”. Mas ele não disse nada, só foi embora.

Acho que os dois poderiam ter ficado mais tempo. Com certeza a polícia teria gostado de ouvir uma conversa profunda entre pai, mãe e filha, mas isso não aconteceu. Meus pais foram embora. Não creio que quisessem estar lá.

Antes de se levantar, minha mãe me abraçou e cravou as unhas no meu braço. Inclinei-me para retribuir o abraço, mas fiz isso com atraso e seu esterno se chocou contra a minha clavícula. Se eu não fosse maior do que ela, talvez minha mãe tivesse me beijado na testa ou feito outro gesto maternal. Mas isso era impossível. Quando me afastei, notei que as beiradas dos seus olhos estavam rosadas, como as de um rato de laboratório. O choro da minha mãe lhe tirara toda a maquiagem e ela não a repassara. A magnitude disso. O abismo que isso sugeria.

Depois que eles foram embora, uma enfermeira me trouxe dois comprimidos em um copinho de plástico. Eu os tomei, enfiando-os na boca e engolindo com a água de um copo de plástico um pouco maior. Então ela

saiu sem fechar a porta. Ainda havia uma policial uniformizada ao lado da minha cama e outra do lado de fora do meu quarto.

Obviamente, elas acreditavam que eu estava planejando me matar, que não conseguiria viver com a vergonha do que fizera, mas esse foi outro fato que só percebi depois de alguns dias. Abri a boca e a chamei. Consegui dizer obrigada, mas talvez tivesse sido mais adequado dizer “me desculpe”. *Eu deveria ter morrido, mas não morri. Em vez disso, estou viva. Desculpe. Realmente sinto muito. Eu não queria. Quero morrer, eu juro.*

Não sei se dormi naquela primeira noite. Acho que não. Mas consegui manter a boca fechada e não gritei.

* * *

Na manhã seguinte, dois policiais vieram ao hospital. Fui minuciosamente examinada e dessensibilizada. A mulher, a magra com permanente, voltara e trouxera um homem mais jovem de olhos atentos. Ele parou meio passo atrás dela. Talvez estivesse sentado do lado de fora do quarto. De qualquer modo, parecia que tinha acabado de acordar. Ele olhou para cada uma de nós e depois voltou a me encarar. Pensei em manter o contato visual até ele desviar o olhar, mas não tinha energia. Estava cansada, como se estivesse prestes a cair no sono.

Os policiais não pareciam ter pressa, mas ainda assim não quiseram se sentar. Um médico entrou com um pedaço de papel, e a policial o assinou. Eu não precisava mudar de roupa, disseram que poderia usar o avental do hospital — eu só receberia roupas novas quando chegássemos. Minhas próprias roupas, meu celular, meu computador, meu iPad, as chaves da minha casa e do meu armário: eles levaram tudo.

Pedi para usar o banheiro e escovar os dentes. Eles deixaram, mas Permanente me acompanhou. Ela se virou quando tirei a calcinha — a do hospital — para fazer xixi, mas eu a peguei espiando pelo espelho enquanto me limpava.

Não perguntei por quanto tempo ficaria fora. Antes de sairmos do quarto, a policial me algemou, mantendo um dedo entre o pulso e o metal para se certificar de que não estava muito apertado. Então ela atou um cinto na minha cintura e o acorrentou às algemas. Eu não achava que voltaria para

casa, mas aquela deve ter sido a primeira vez que percebi para onde estávamos indo. Contudo, a parte que mais me chocou foi o fato de terem me algemado.

— Você realmente pode fazer isso? — questionei. — Eu sou apenas...

Eu estava prestes a dizer que era apenas uma criança, ou pelo menos uma adolescente, mas mudei de ideia.

Os jornalistas estavam do lado de fora do hospital. Quatro homens com câmeras e quatro mulheres com celulares estavam de pé na saída. Havia dois ou três mais afastados.

Eles não gritaram quando atravessei a porta, mas era como se todos tivessem se virado ao mesmo tempo. Os cães de caça do meu avô erguem o focinho e começam a ganir assim que ele calça as galochas — eu era a galocha dos jornalistas. O som das câmeras parecia distante. A uma “distância respeitosa”, pensei a princípio. Estavam em um lugar onde eu não precisaria olhar para eles.

Enquanto eu esperava que a policial à paisana abrisse a porta traseira do carro cinza no qual estávamos prestes a entrar, um dos jornalistas perguntou como eu estava me sentindo. Ele falou baixo. Eu não tinha notado sua presença e me assustei.

— Bem, obrigada — respondi. Aquilo simplesmente escapou. Eu me esqueci de manter a boca fechada e acabou saindo a única coisa que seria pior do que eu começar a gritar como uma descontrolada. Senti por todo o corpo que estava tudo errado. — Quer dizer... — tentei acrescentar. Então vi os olhos estreitados do jornalista. Ele não teve pena de mim.

A policial me agarrou. Ela absolutamente não queria que eu começasse a falar.

— Seus amigos estão mortos... — começou o jornalista, mas não deixaram que prosseguisse.

Permanente parecia prestes a bater nele.

— Se você não calar a boca agora mesmo, se não parar de fazer perguntas, colocará a investigação em risco. É isso que você quer?

Depois que passou, percebi que Permanente na verdade tinha medo de o jornalista revelar o que ainda não tinham me contado, pois a polícia queria ver qual seria a minha reação ao receber tal informação. Contudo, naquele momento, pensei que ela estava furiosa comigo, ainda mais do que antes, e enrubesci. Não sou uma beldade delicada e frágil com uma pele

maravilhosa que consegue corar de um jeito encantador. Sinto dificuldade de respirar e começo a liberar um suor ácido e forte que deixa manchas salgadas. Mas tentei fingir que nada estava acontecendo e endireitei as costas.

Enquanto Permanente, com seus quadris estreitos e unhas quadradas, vasculhava os bolsos em busca da chave do carro e o jornalista tentava interpretar a importância do que a policial acabara de dizer, o vento soprou meus cabelos soltos para trás e o casaco que Permanente havia colocado sobre as minhas mãos e pulsos caiu no chão. E lá estava eu, com um avental de hospital grande demais, sem sutiã e mamilos apontados para o fotógrafo mais próximo. Se as algemas não estivessem presas à minha cintura, eu provavelmente teria começado a acenar. Um gesto maluco do tipo “acabei de quebrar o recorde mundial dos cem metros”, com o braço esticado, os dedos afastados voltados para a multidão silenciosa que não era bem uma multidão, apenas uma dúzia de jornalistas surpresos (para dizer o mínimo) com os dentes sujos e as roupas da véspera.

O meu corpo inteiro estava doendo quando entrei no carro. A roupa queimava, lançando chamas contra a minha pele. Como águas-vivas, urtigas, queimaduras de terceiro grau com bolhas purulentas — doía muito, meu Deus. Acho que estava tremendo, então me agarrei ao cinto de segurança. Afastei-me de Permanente. Só voltei a respirar quando saímos do estacionamento e pegamos a autoestrada.

Três carros nos seguiram, mas mantiveram distância. Não dava para ver os jornalistas ligando freneticamente para as redações, mexendo nos celulares para enviar as fotografias, mas eu sabia o que estavam fazendo.

Fotos minhas. Maja Norberg, vadia mimada e fora da realidade de Djursholm. Assassina. Maja Norberg era uma louca assassina. Por que motivo a polícia reagiria assim? Por que razão uma adolescente seria transferida algemada? Era apenas uma questão de minutos para eu aparecer em todas as notícias em quatorze ângulos, variações sobre o mesmo tema.

Permanente logo se acalmou. Ela não parecia se importar com o fato de estarmos sendo seguidas. Enfiou um sachê de tabaco sob os lábios e o empurrou com a língua. Então ergueu o queixo, estendeu a lata de tabaco e perguntou se eu queria um. Fiz que não com a cabeça.

Ah, meu Deus, pensei. Eu e ela agora temos que nos relacionar? Eu me arrependi de não ter pedido um analgésico antes de sairmos e de não ter dito

que não comera o café da manhã. De repente percebi o quanto estava faminta. Quando foi a última vez que comi? Deve ter sido ontem. Mas tudo o que eu conseguia lembrar era de um cigarro que fumei em uma varanda ao lado de um policial. Ninguém se incomodou quando pedi para fumar. Demorou um tempo para que decidissem em qual varanda eu seria autorizada a ficar e mais um pouco até arranjam um cigarro, mas fora isso acharam que não havia problema. Então tudo o que eu precisava para deixar de fumar às escondidas era um assassinato em massa.

Mas eu tomei café da manhã hoje? Não. Almocei ontem? Com certeza não. Jantei? Não, acho que não.

Apoiei a testa no vidro da janela e fechei os olhos. Queria ter acenado para os jornalistas, apesar das algemas. Aí o amigo do rei poderia alegar insanidade.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Primeira semana do julgamento: terça-feira

8.

Todo julgamento segue o mesmo padrão. Há regras sobre quem deve falar e em qual ordem. Sander me explicou tudo isso e eu prestei muita atenção — não quero ser pega de surpresa, quero estar preparada para tudo.

No segundo dia em que nos reunimos na sala que deveria ter a palavra “assassina” escrita na porta, ainda não são nem nove e meia, mas alguém da Sander & Laestadius passou no elegante mercado de Östermalmshallen para comprar o almoço do dia. A comida está fria, mas mesmo assim parece um milhão de vezes melhor do que qualquer coisa que comi nos últimos nove meses. Tem uma pilha de chocolates de menta na mesa ao lado da garrafa térmica de café, pratos com cubos de açúcar e leite em potinhos. Faz apenas duas horas que tomei café da manhã, mas como o chocolate, faço uma bolinha com o papel-alumínio que o envolve e junto em uma pilha. Não pergunto se alguém quer um pedaço, mas se posso fumar. Sander pede que eu me “abstenha” (uma palavra típica dele), porque jamais conseguiremos sair da sala sem que os jornalistas nos cerquem e, além do mais, isso seria “problemático do ponto de vista da segurança”.

Ferdinand pergunta se, em vez do cigarro, eu gostaria de tabaco. É óbvio que Ferdinand usa tabaco, ela provavelmente também não depila as axilas. Algumas guardas da prisão também parecem convencidas de que tabaco e abundância de pelos são o caminho certo para a liberação feminina. E que um toque de odor corporal é um sinal de beleza natural. Ferdinand me faz lembrar delas, embora de uma maneira mais educada. Não me surpreende ver que o tabaco enlatado que Ferdinand me entrega é solto, não está em sachês.

— Não, obrigada — respondo.

Nos últimos nove meses, recebi mais ofertas de tabaco vindas de mulheres que a maioria das pessoas ouvem em toda a vida.

— Você não sabe que fumar é prejudicial à saúde? — repreende Panqueca com a voz áspera bem junto à minha orelha. — Você pode morrer jovem.

Fico na dúvida se foi uma piada.

De qualquer modo, a promotora vai falar sobre a minha morte hoje, sobre como eu deveria ter morrido.

Seu argumento é o seguinte: Sebastian e eu decidimos nos vingar das pessoas que nos traíram. Fomos à escola de carro com uma bomba em uma bolsa e armas na outra para matar o máximo de gente possível. A carnificina terminou quando Sebastian morreu. Eu também deveria ter morrido, mas não aconteceu, embora seja assim que os tiroteios em escolas devam — ou, pelo menos pareçam — ser. Um ou mais malucos decidem se vingar dos amigos, atirando indiscriminadamente até não poderem continuar ou a polícia chegar, e, então, acabam atirando um no outro, se suicidando ou se certificando de que a polícia os mate. Se não se acovardarem, é claro — apenas os covardes sobrevivem. E aqui estou eu, sentada, bem viva, na Corte Distrital de Estocolmo, do lado de fora da Sala de Audiência 1. Uma covarde: essa é a única maneira de interpretar o argumento da promotora.

Não respondo aos comentários de Panqueca. Um agente de segurança abre a porta e nos diz que podemos voltar. Enquanto Sander pega as suas coisas, reconstruo a pirâmide de bolas de papel-alumínio uma última vez. Ferdinand me pergunta de novo se quero tabaco. Recuso. Devo parecer mesmo desesperada para fumar um cigarro.

Então ela exclama alegremente:

— Chiclete de nicotina!

Ela acaba de ter uma ideia brilhante e ainda tem tempo de remexer a bolsa grande antes de Sander estalar a língua. Ele jamais me deixaria mascar chiclete durante o julgamento. Entramos na sala de audiências e vamos para nossos lugares.

* * *

As bochechas brilhantes de Pode-me-chamar-de-Lena estão rosadas. Talvez ela tenha começado o dia dando uma coletiva de imprensa de pé na

escadaria do prédio do tribunal. Hoje o clima está bom, frio e ensolarado. E aposto que ela adora dar coletivas de imprensa ao ar livre na escadaria do tribunal — Pessoa Muito Importante em um Filme Muito Emocionante. Ou será que veio a pé para o tribunal porque é fundamental incluir exercícios na rotina diária? Se eu tivesse de adivinhar, apostaria que Lena Pärsson usa as escadas em vez do elevador e acredita que isso lhe permite comer dois doces ou bolinhos de marzipã em embalagens individuais na pausa para o café. Também parece que Pode-me-chamar-de-Lena compra ações, pensa em sua previdência e conseguiu cursar a faculdade de direito sem pegar um empréstimo (porque uma pessoa endividada nunca está livre!). Não é difícil imaginar como deve ser o lugar onde ela mora (uma antiga casa geminada): painéis de pinho na sala de estar, filtros de sonhos sobre a cama das crianças e a maior coleção de sapos de cerâmica da Suécia dentro de um armário de vidro. E agora é a vez de ela falar. De novo. Eu odeio a promotora principal Lena Pärsson.

Foram nove meses de matérias em jornais e programas de TV nos quais todos, absolutamente todos menos eu, foram autorizados a falar; todos, menos eu, conseguiram chorar em horário nobre; todos, menos eu, conseguiram dar uma coletiva de imprensa em absolutamente qualquer escadaria que escolhessem, enquanto meu advogado e minha família foram proibidos de fazer declarações públicas. E então — como creme talhado sobre salmão contaminado de dioxina — é a vez de a promotora falar. E agora ela vai contar a história da assassina em massa que deveria ter se matado, mas não teve coragem suficiente: uma maldita covarde que se recusa a aceitar as consequências, que acha que pode se livrar. Essa sou eu.

Sander pode explicar até ficar rouco, mas nunca vou entender por que ela é a primeira a falar. A promotora dirá besteiras sobre mim durante pelo menos um dia, talvez dois. Então, depois que tivermos autorização para falar, será a vez dela de novo. Ela vai chamar testemunhas, uma de cada vez, e todas têm uma coisa em comum: todas concordam que sou um monstro.

Hoje — e não sei por quantos dias mais — é o dia da promotora principal Lena Pärsson. Todinho dela. Minha mãe está tão pálida que parece estar usando aquela maquiagem branca de palhaço. A testa do meu pai brilha de suor. Já Sander está muito relaxado, como se estivesse na própria sala de estar, conversando com gente que convidou para um drinque. Mas

não fui convidada para essa festa. Estou sendo servida na mesa do bufê. Serei a refeição, cortada como fatias de bolo.

Ouviremos. Então veremos fotografias, desenhos, armas, protocolos. Leremos os meus e-mails, as minhas mensagens de texto, as minhas atualizações do Facebook. Veremos para quem liguei e quanto tempo durou a conversa. Discutiremos o conteúdo do meu computador e do meu armário na escola. Leremos até uma anotação que fiz no verso de capa de um livro, um trecho de um poema: “Quando não há nada mais a aguardar, e nada mais a aturar.” De acordo com a promotora, isso alude a um desejo de morte. Na semana que vem, Lena Pärsson trará outras pessoas. Elas falarão, contarão “tudo”. Se pudesse, Pode-me-chamar-de-Lena passaria minha calcinha usada pela sala para que todos pudessem cheirá-la.

Sou a última a ser chamada. Sento-me em meu lugar e olho para a mesa. Graças a Deus, é impossível falar com meus pais, mesmo que por um instante. Deixá-los me abraçar, me tocar, arrumar o meu cabelo. Panqueca gostaria que pudessem fazer isso — porque os jornalistas observam tudo o que eu faço — e ele não tem nada contra os jornalistas olharem desde que possa controlar o que veem. Ele adoraria que minha mãe pudesse ajeitar a minha franja e arrumar as mechas de cabelo atrás das orelhas.

Ela faz isso desde que me entendo por gente. Se tivessem tirado fotos toda vez que ela fez isso — usando os dedos indicador e polegar para colocar o meu cabelo atrás da orelha —, seria como uma dessas séries de imagens que tem no YouTube. O mesmo assunto ao longo de trinta anos, vídeos de geleiras derretendo ou de uma garota passando de uma bela mulher a uma velha desdentada em dois anos por ter usado metanfetamina. Trocentas imagens estáticas, muito rápidas, uma após a outra. O cabelo de Maja afastado para o lado. Cabelos curtos e soltos de bebê. Cabelos longos e mais encaracolados de uma garotinha. A franja que eu mesma cortei no dia da foto da turma da pré-escola. A vez em que fiz luzes sem falar com a minha mãe. A vez em que pedi que ela fizesse babyliiss para a crisma. Usando uma grinalda de flores. O brilho das velas da procissão de Santa Lúcia. Tranças sem prendedores. Cabelo supercomprido que não é cortado há onze meses, lavado com xampu da prisão.

Os jornalistas dariam uma boa olhada se minha mãe viesse mexer em mim. Panqueca praticamente se borraria de felicidade. Eu fico no meu lugar

e olho para o nada. Quando Lena Pärsson liga o microfone, os alto-falantes estalam.

— Bem-vindos — diz o presidente, conseguindo fazer isso soar como uma desculpa. Então ele passa a palavra à promotora.

As bochechas dela ainda estão rosadas.

* * *

— Devido às suas ações nos dias e nas horas que antecederam os homicídios, a ré é culpada de participação no assassinato de... — Ela está lendo suas anotações. — ... Dado que suas ações induziram Sebastian Fagerman a...

Por que ela está lendo anotações? Será que é tão difícil para essa bruxa lembrar do que está me acusando? Dá para ser promotora mesmo sendo idiota?

— O assassinato inicial foi o primeiro passo nos planos conjuntos de Norberg e Fagerman para realizarem o ataque ao colégio de ensino médio de Djursholm, na sala de aula 412, naquela mesma manhã.

Agora ela baixa os papéis e tira os óculos de leitura.

— Demonstrarei que a ré esteve ativamente envolvida tanto na preparação quanto na execução de tais atos — prossegue.

* * *

— Falaremos por último, o que é uma vantagem para nós — disse Ferdinand.

Ela está errada, é claro. Ninguém terá energia para ouvir depois que a promotora terminar. Ninguém vai querer olhar para mim e muito menos permitir que eu fale. Mas o que posso fazer a respeito? Nada.

Não fará diferença o que dissermos. Ninguém entenderá o que quero dizer, ninguém acreditará quando explicarmos que todos estávamos no mesmo jogo, só que desempenhávamos papéis diferentes.

Sander contará “o meu lado da história”. Mas será tarde demais, pois eles já terão tirado as próprias conclusões.

A promotora insiste que Sebastian e eu éramos um casal, que ele era meu namorado. A promotora alega que eu amava tanto Sebastian que aquilo tomou conta da minha vida, que eu teria feito qualquer coisa por ele, pelo nosso amor.

Lena Pärsson continua falando como provará que está certa. “Convocarei as seguintes testemunhas...” “O testemunho...” Blá blá blá... “A prova...” Blá blá blá. Ferdinand finge ser simpática, olhando furtivamente para mim. *Pare de me olhar*. Panqueca troca duas pastas de lugar. *Fique quieto*. Eu me pergunto por que eles estão aqui. São tão inúteis... Certa vez, não consegui evitar perguntar a Ferdinand — que supostamente é uma prova de que não odeio quem não é branco — como ela se sentia ao me defender. Ela ficou tão nervosa que achei que mijaria nas calças. Ela balbuciou que era uma “oportunidade única”. Ela se sentia “honrada por lhe terem confiado” o meu caso e “esperava que sua experiência pudesse nos ajudar”.

Um monte de besteiras. Ferdinand odeia tudo que diz respeito a mim e a esse julgamento. Odeia o fato óbvio de não ter experiência suficiente para ser minha advogada, mas ainda assim precisar ficar sentada aqui no tribunal. Odeia o fato de ser “adequada” para o meu caso, porque isso significa que deverá fazer de tudo — diante de todos os jornalistas e de todos os seus colegas invejosos — para parecer a muçulmana do centro da cidade de Sander, apesar de ter nascido em Sundsvall e ter sido crismada na Igreja da Suécia. É evidente que ela pensa, embora jamais diga, que a única coisa de que gosta em relação a esse julgamento é que vamos perder.

Lena Pärsson continua falando:

— De acordo com a declaração do médico-legista, vejam anexos dezenove e vinte, a morte de Amanda Steen foi causada pelos dois tiros iniciais que a ré, Maria Norberg, disparou com a arma número dois. Poucos segundos depois, a ré voltou a disparar com a mesma arma. Esses três tiros, de acordo com o médico-legista, vejam os anexos dezessete e dezoito, causaram a morte de Sebastian Fagerman.

Nós “admitimos essa parte da descrição dos eventos”, o que significa que é verdade. Eu os matei: matei Amanda e Sebastian. E não foi por amor. Podemos dizer o que quisermos sobre isso que nada vai mudar o fato de eu ter feito o que fiz.

Primeira semana do julgamento: terça-feira

9.

Eu jamais teria apostado nisso, mas a promotora principal Lena Pärsson consegue terminar suas alegações iniciais antes do almoço. Depois do almoço (Ferdinand se apressou para esquentar a comida para nós), é hora de ela começar a apresentar as provas documentais. Há um bilhão de relatórios de autópsia, documentos, memorandos da polícia e mapas estranhos, e ainda mais relatórios, resultados de laboratório, citações e laudos de especialistas, e eu não consigo acompanhar tudo. Está cada vez mais fácil não ouvir: Lena Pärsson está lendo em voz alta, Lena Pärsson está lendo as suas anotações, a voz de Lena Pärsson é chorosa, quase um pouco rouca no fim, Lena Pärsson deveria pigarrear, mas não o faz.

A denúncia em si tem apenas onze páginas, mas a promotora prossegue como se fossem onze mil. E a quantidade total de material tem mais ou menos esse tamanho se incluirmos todo o relatório da investigação.

Não tenho permissão para dizer uma única palavra o dia inteiro, mas também não posso ir embora. Preciso estar presente, suportar. Tento não ouvir o que diz a horrorosa da Lena.

Ela lê algumas de nossas mensagens em voz alta. As que enviei para Amanda, Sebastian e Samir. As que recebi de Sebastian e Amanda. E de Samir, é claro. Ao mesmo tempo, ela projeta nossas conversas em um telão para que todos possam ler juntos. Ela está ridiculamente satisfeita com o modo como apresenta aquilo — a sua *pedagogia*.

Lembro-me de quando Amanda me mostrou uma carta que sua avó escrevera antes de morrer: ela continha instruções sobre como sua avó queria estar vestida no caixão e qual música deveria ser tocada na igreja. Era uma peça clássica para ser cantada por um quarteto específico. Amanda e eu nunca tínhamos ouvido falar nem da música nem do quarteto. Mas Amanda contou que a melhor amiga de sua avó morreria primeiro e no enterro dela tocaram a mesma música, então sua avó teve de escolher outra

porque não queria que as pessoas achassem que ela não tinha personalidade. É óbvio que a sua avó estaria morta quando a música fosse tocada e a amiga dela também. Mesmo assim era importante para ela não parecer uma imitadora.

Não entendo por que todo mundo quer ser original, único, mesmo depois de morto. Ah, não, você não pode simplesmente usar “Amazing Grace” como um pedinte de beira de estrada, você tem que tornar o evento especial e inesquecível — o que significa que um otário terá que cantar “Tears in Heaven”, acompanhado por um violão clássico fajuto, para que você não se arrisque a embarcar para o descanso eterno ao som da banalidade. Como em qualquer outro enterro “pessoal”.

As pessoas são patéticas até o fim, não únicas.

E agora Amanda está morta. Amanda, Sebastian, todos os outros. Não pude ir a nenhum dos funerais. Obviamente, o fato de eu não conseguir autorização para sair não foi o maior obstáculo, mas mesmo assim eu quis saber quando ocorreram, e Sander me contou. Só não me falou sobre o de Sebastian, porque foi realizado em segredo.

Eu me pergunto se Sebastian contou a alguém como queria que fosse o seu funeral. Provavelmente não. Ele falava apenas na morte, nunca sobre o que aconteceria depois. Já Amanda com certeza teria um monte de ideias sobre como deveria ser a sua “despedida”. Mas por que ela planejaría algo assim?

Deve ter sido um desafio organizar um funeral para Sebastian. É evidente que não podiam enviar convites ou colocar um anúncio no jornal. *Em vez de flores, por favor considere uma doação para os Médicos Sem Fronteiras.*

Mas eles devem ter feito alguma coisa, certo? *Particular*, uma cerimônia apenas para os mais próximos, quem quer que fossem, já que nem o pai dele nem eu podíamos comparecer. Tenho curiosidade de saber que tipo de música tocaram. Será que colocaram uma das favoritas do pai de Sebastian? Era o que ele mais ouvia. Eu me pergunto como eles o vestiram. Aposto que todo mundo deve ter uma “camiseta favorita”. Porque espera-se que *todos* os adolescentes mortos tenham uma camiseta favorita.

Imagino que colocaram um terno em Sebastian. Majlis, a secretária de Claes, deve tê-lo comprado. Um terno caro com uma cor conservadora, adequada para a cremação de um assassino em massa.

Aposto que fizeram o funeral na igreja e o enterro logo em seguida. Ou talvez o irmão de Sebastian tenha espalhado suas cinzas ao vento, em algum lugar secreto à beira-mar, para evitar que a lápide fosse vandalizada e acabasse nos jornais.

Pergunto-me se a mãe de Sebastian compareceu, chamada às pressas de uma clínica de reabilitação na Suíça, ou de algum trabalho de caridade na África, ou seja lá onde ela estava enquanto a condição do filho se deteriorava cada vez mais.

Eu a imagino de óculos escuros gigantescos, tão raspada, depilada a cera e submetida a tratamentos a laser que a pele se tornou brilhante e transparente como uma água-viva. Será que ela levou uma papoula laranja para colocar no caixão? Ela jamais levaria rosas. Rosas em funerais são tão banais, enquanto óculos de sol que fazem bruxas velhas parecerem moscas-varejeiras estranhamente são considerados elegantes.

Quando a promotora principal, Lena Pärsson, mostra imagens da sala de aula, ouço meu pai se remexer na cadeira — não preciso olhar para ele para saber que está com dificuldade para ficar quieto. Mas, no momento em que a promotora passa os vídeos da câmera de segurança da entrada da garagem de Sebastian, o vídeo no qual sou vista carregando uma bolsa da casa para o carro e me sentando ao lado de Sebastian no banco do carona, a sala fica tão silenciosa que daria para ouvir uma agulha caindo no chão. No vídeo, parece que a bolsa é pesada para mim (era mesmo). Eles a encontraram depois no meu armário, mas a bomba não detonou — ela era “de qualidade inferior”, de acordo com especialistas que Lena Pärsson não cita, porque isso não se enquadra em sua imagem de nós dois como monstros com recursos ilimitados.

Não me despedi de Lina naquela manhã, quando saí de casa pela última vez. Ela ainda estava dormindo. Será que ela estava dormindo até mais tarde naquele dia? De qualquer modo, eu gostaria de ter ido vê-la, adoro observar Lina enquanto dorme (sempre de barriga para baixo, com as mãos fechadas sobre o travesseiro). Já tentei lembrar a última vez em que a vi, o que falamos, o que ela vestia, como ela estava, mas não consegui.

Meu pai deve ter tirado três semanas de licença do trabalho para comparecer ao julgamento. Eu me pergunto se ele precisou deixar o celular no ponto de controle de segurança e também onde Lina está enquanto meus pais estão aqui. Ficou com o meu avô? Tenho curiosidade de saber o que

meu avô acha de tudo isso. Será que contou para Lina onde estou? Quando minha avó era viva, seu casamento se baseava em meu avô lhe dizer coisas e ela então fazer diversas perguntas, para que ele pudesse lhe explicar tudo. Não porque ela quisesse ou precisasse de mais informações para entender, mas porque meu avô gosta de explicar as coisas. Quando minha avó morreu, meu avô pareceu perder o controle e ficou confuso. Continuamos fazendo perguntas desnecessárias a ele, mas não era a mesma coisa. Ele envelheceu quando minha avó morreu, algo aconteceu com a sua postura desde o funeral.

Atualmente ele é um velho (olhos lacrimejantes e joelhos inchados) e já não faz mais longas caminhadas com os cachorros sem coleira nem usa a mão inteira para indicar plantas cujo nome da espécie você deveria saber. Não sei se meu avô poderia responder a perguntas sobre mim. Não sei se Lina ousaria perguntar.

* * *

Sinto falta de Lina mais do que tudo. Sonho que ela coloca a mãozinha, leve como uma folha de bétula, no meu braço, olha para mim e pergunta por quê. Tenho vontade de dizer *Eu não sei*, mas não conseguiria responder a qualquer pergunta que Lina me fizesse. Nunca mais quero vê-la.

Enquanto Pode-me-chamar-de-Lena fala, meu pescoço começa a enrijecer de tanto manter a cabeça erguida. Quando ela narra o que eu e Sebastian escrevemos um para o outro naquela noite em que parecia que tinha acabado de ocorrer uma guerra nuclear, tenho vontade de gritar:

Sim! Estou ouvindo o que você está dizendo, sua filha da puta pedagógica. Cala a boca.

Agora ela volta a ler as anotações.

— A promotoria pede a condenação pelos seguintes crimes... — E, então, começa a ladainha: — ... participação no homicídio... — Blá blá blá... — Homicídio, ou homicídio culposo com atenuante, ou homicídio privilegiado, ou homicídio culposo... — Blá blá blá, blá blá blá. Demora quinze minutos para ela cuspir tudo pelo que devo ser condenada, ou pelo menos é o que parece.

Imagino que o funeral de Sebastian acabou sendo bem inusitado. No de Amanda — tenho certeza absoluta — tocaram “Tears in Heaven”.

Prisão, os primeiros dias

10.

Meu primeiro contato com Sander ocorreu apenas uma hora depois de eu ter sido admitida na prisão. Tive que esperar na sala de visitas por alguns minutos até ele entrar. Eu me sentei em uma das quatro cadeiras para adultos e fiquei olhando para a área infantil. Havia uma mesa em miniatura, um carrinho de boneca quebrado, um conjunto de chá de plástico e alguns livros surrados de tão manuseados. Livros ilustrados e clássicos de Astrid Lindgren. Lina nunca veio me visitar, ela foi poupada dos brinquedos da prisão.

Sempre que me encontro com Sander, nos cumprimentamos com um aperto de mão, e a primeira vez não foi diferente. Naquele dia, senti como se ele fosse meu convidado e eu não soubesse o que oferecer. Servi um copo de água e o entreguei com mãos trêmulas, mas não derramei.

Na primeira vez em que nos encontramos, foi ele quem mais falou. Sander perguntou sobre “minha visão a respeito das acusações”. Mas eu não sabia quais eram as acusações. Tenho certeza de que a polícia tinha me dito, mas naquele momento não conseguia me lembrar se de fato tinham dito.

— Você é suspeita de cumplicidade em...

Ele pareceu surpreso ao perceber o quanto eu estava confusa. Tentei explicar, mas não falei coisa com coisa.

Sander assentiu e pediu que eu tentasse lidar com uma coisa de cada vez, que tudo ficaria mais claro “ao longo do dia” ou “em breve”, que talvez devêssemos começar ouvindo o que a polícia dissera.

— Você está sob suspeita razoável de assassinato, entre outras coisas — explicou-me com uma voz normalíssima. — Contudo, o grau de suspeição provavelmente aumentará antes do fim do dia — salientou como se isso tornasse tudo mais fácil de entender.

Pouco antes de ir embora, ele me entregou uma bolsa cheia de roupas, roupas minhas, que ele deve ter recebido da minha mãe. Aquilo me pareceu prático de um jeito que eu não esperava. Não tive tempo de começar a chorar antes de ele ir embora.

* * *

Uma bandeja de comida fria estava me esperando quando voltei para a cela. Larguei a bolsa no chão. Não comi nada, respondi não, obrigada, quando alguém se ofereceu para esquentar a comida do prato. Em vez disso, deitei-me de costas na cama e fiquei olhando para o teto por algumas meias horas (eles vinham ver como eu estava a cada trinta minutos porque ainda achavam que eu tentaria me suicidar), e, então, vieram me avisar que eu seria interrogada. Permanente, aquela do início da manhã, quando fui transferida do hospital, voltou. Tinha outro policial com ela. E Sander estava lá, é claro. Ele também voltara e trouxera Ferdinand. Ela se apresentou com mãos suadas e lábios secos. Seu nome era Evin (sem sobrenome). Permanente trocara de roupa, mas mesmo as novas pareciam terem sido lavadas na temperatura errada. Todos estavam me esperando em uma sala de interrogatório especial.

Tenho permissão para ler as transcrições de todos os interrogatórios, embora isso seja quase desnecessário: eu me lembro de cada um deles nos mínimos detalhes. Todos aqueles dias e meses, quando parecia que tudo o que eu fazia era assentir ou balançar a cabeça. Na ocasião, não entendi nada, mas me lembro de tudo agora.

A sala de interrogatório do centro de detenção juvenil fica no mesmo prédio do “meu quarto”. Na verdade, ficava no mesmo andar. Tinha janelas jateadas — era impossível ver algo do lado de fora, apenas uma névoa de cores e tons indefinidos. Sombras de uma tarde sueca de novembro? Ou noite? Mas era quase junho. Lembro-me de ter pensado: *Onde está o sol? Eles têm o direito de interrogar as pessoas no meio da noite?* Perguntei que horas eram.

— Você está com fome? — perguntou o colega de Permanente.

Eles sempre falam em comida. *Coma, coma, coma*. Os criminosos da Suécia devem ser um bando de bulímicos. Fiz que não com a cabeça.

O policial respondeu que eram cinco horas. *Cinco da manhã?*, pensei, mas não perguntei. De qualquer modo, deveria estar claro lá fora. Ainda estávamos em maio, certo?

O policial acrescentou que o jantar estaria esperando por mim quando terminássemos. Então era de tarde. Eu não estava com fome, não me

imaginava comendo novamente.

Tive que me sentar em uma espécie de poltrona. Sander e Ferdinand sentaram-se ao lado, em cadeiras normais e a uma mesa normal com o colega de Permanente. O policial não estava trajando uniforme, mas algo que parecia um pijama — devia ser uma calça de terno não passada. Ele se apresentou e eu imediatamente esqueci o seu nome. Ele estivera no hospital no dia anterior? Eu não me lembrava. Mas eu não deveria me lembrar dele? Era evidente que aquele cabelo não era penteado havia uma semana e, pelo menos em teoria, era inesquecível. Seu pigarro ficaria gravado na mente de qualquer um que o tivesse ouvido. Alguém ali cheirava a cigarros de véspera. Tinha de ser ele. Perguntei qual era o seu nome e ele repetiu. Mesmo assim não entendi. *Não importa*, pensei e assenti.

O interrogatório seria gravado. Permanente apontou para uma câmera sobre a porta e outra à nossa frente. Ela parecia mais alerta do que o colega e, pelo visto, apesar da calça jeans de supermercado, era uma espécie de chefe da investigação. Também assenti para ela no exato instante em que encontrei uma meleca seca grudada no vão entre a lateral da cadeira e a almofada.

Era impossível ficar sentada direito naquela cadeira. Não entendi por que eles queriam que eu permanecesse meio deitada. Eu não queria me recostar, pois dificultava a respiração, mas eu não sabia como explicar aquilo, então me reclinei. Senti que a posição me deixava com papada, por isso ergui o tronco e tive que me sentar de lado para não cair para trás.

Permanente me chamava pelo nome. E com frequência. *Maja*. Tipo atendente de call center. “Oi, Maja. Você mudou de ideia sobre a questão da culpa, Maja?” “Não? Maja?” Às vezes, ela tentava parecer simpática. Então usava uma voz de “mostre na boneca onde ele tocou em você”.

— Maja. Você poderia me dizer... Você poderia me explicar como acabou envolvida nisso? Maja? Por que você acha que está aqui, Maja? Espero que você entenda, Maja, que temos que...

Então ela assumia de novo a voz de call center:

— Como você está, Maja? Você quer algo para beber, Maja? Você acha que podemos começar agora, Maja? Você acha que poderia... Maja... Maja?

Balancei a cabeça algumas vezes. Quando Permanente parecia confusa, eu assentia até ela voltar a falar.

Ela pegou uma folha de papel em branco e um lápis com ponta quadrada. Não entendi nada. Eu teria que usar aquilo? Anotar as minhas respostas? Será que ela achava que eu era surda-muda?

Como não fiz nada, ela começou a rabiscar no papel. Um esboço. Primeiro um retângulo grande — a sala de aula —, depois retângulos pequenos ali dentro — a mesa do professor e as carteiras. Ela marcou as janelas e a porta para o corredor. Permanente fez perguntas enquanto desenhava, mas, após um tempo, desistiu de perguntar sobre a sala de aula e tentou fazer com que eu lhe contasse o que eu tinha feito antes.

— O que você comeu no café da manhã, Maja? Como você foi para a escola, Maja?

Foi minha mãe quem me levou? Faço que não com a cabeça. Peguei o ônibus para a escola? Faço que não com a cabeça. Sebastian me levou de carro até lá? Assinto. Entendi que tais perguntas eram uma espécie de aquecimento. Falar sobre outras coisas. Correr no mesmo lugar. Desenferrujar os músculos.

Permanente também desistiu dessa estratégia depois de um tempo.

— Sebastian era seu namorado, Maja — disse ela de repente.

Aquilo não soou como uma pergunta e me pegou de surpresa. Não sei por quê, mas não esperava que ela me perguntasse aquilo — parecia muito banal. Será que ela me mostraria fotografias dos mortos, como sempre fazem na TV? Achei que ela espalharia fotos de cadáveres na mesa, como cartas de baralho. Que os desenharia no seu esboço, marcando os contornos dos corpos. Amanda, Samir, Sebastian, Christer, Dennis.

Fechei os olhos e lá estava ele com olhos que sempre viram através de mim, mãos que minha pele jamais esqueceria. Seu corpo, todo ele, todas as partes ásperas e macias, duras e pontudas, seu cheiro, o que senti quando ele me penetrou, seu peso em cima de mim. Isso mais do que tudo. Seu corpo sobre o meu. Até chegarem para me remover da sala de aula. Eles o tiraram de mim. Eles levaram o seu corpo.

Sebastian, forcei-me a pensar. Ela quer que eu fale sobre Sebastian. Nada mais.

Não, pensei. Apenas assinto.

— Aham.

Não diga nada.

Um uivo ecoava na minha mente. Pressionei a cabeça com as mãos para que ela não se despedaçasse.

Sebastian estava sempre ouvindo as músicas favoritas do pai; sempre, constantemente, e, quando nos beijamos pela primeira vez (não na pré-escola; quando ele me beijou de verdade pela primeira vez), ele me chamou de Sweet Mary Jane. Eu não sabia na época, mas essa também era uma das músicas favoritas do seu pai. Eu tinha subido na vespa e acabado de colocar o capacete. Sebastian disse aquilo e me entregou o baseado que tinha na boca. Seu lábio inferior brilhava com saliva. Balancei a cabeça. Provavelmente meus pais estavam nos espiando através de uma janela. Não entendi como ele podia ser tão atrevido. Não, obrigada. Então ele me beijou; ele se inclinou e separou meus lábios com a língua. Quando se afastou, enfiou o baseado na minha boca entreaberta. Sussurrou o meu nome, e eu traguei, sem tossir. Sebastian me deixou dar três tragadas antes de voltar a me beijar. Ele estava me beijando e eu estava fumando maconha a poucos metros dos meus pais.

Eu poderia ter assentido: “Aham.” Ele era meu namorado. Ou poderia ter feito que não com a cabeça. “A gente tinha terminado.” Ninguém teria entendido de qualquer forma.

Ele gostava de colocar os fones de ouvido dele em mim para que eu ouvisse as músicas favoritas do pai enquanto me beijava, acariciando a minha pele. Segurando-me. Recusando-se a me soltar. Ele se recusou a me soltar, ele se recusou a desistir de mim, ele se recusou.

Ele era meu namorado? Essa pergunta não merecia resposta.

— Eu disse para ele que não aguentava mais — murmurei. Não sei se Permanente me ouviu. — Que precisávamos terminar.

Eu disse isso, não é, depois daquela última caminhada? Ou só pensei em dizer?

Não consigo me lembrar se Permanente olhou para mim, mas me lembro que ela falou mais lentamente:

— Ouça. Você precisa entender que antes de podermos implementar as medidas que tomamos no seu caso... Você acabou de completar dezoito anos, certo?

Assenti, embora fosse desnecessário. Ela com certeza sabia quantos anos eu tinha.

— Bem, é incomum que jovens sejam detidos em isolamento e com plenas restrições, como fizemos com você. Você deve entender que isso significa que há algo mais, não apenas o fato de você estar saindo ou ter terminado com um cara que fez algo... que você estava com Sebastian... Tem mais coisa.

Assenti.

Sander se endireitou na cadeira.

— Do que se trata? — questionou.

— Falaremos sobre isso com detalhes daqui a pouco, assim que terminarmos de analisar o material que recolhemos. Porém temos mais, e agora só vou pedir que você nos conte tudo de uma vez, para o seu próprio bem. Porque acho que você pode nos contar mais do que nos revelou até agora.

Assenti, por puro impulso, então me arrependi e neguei com a cabeça. Sander estava tenso.

— E precisamos informá-la de uma acusação adicional.

De repente cada palavra parecia mais importante do que era antes, mesmo antes de Permanente dizê-la.

— Tem a ver com o que aconteceu antes de vocês irem à escola, você e Sebastian. Com o pai de Sebastian. — Como eu não disse nada, ela prosseguiu: — Você acha que precisa conversar com seu advogado por alguns minutos? Podemos fazer uma pausa aqui.

Fiz que não com a cabeça.

— Você gostaria de conversar com o seu advogado por um instante, Maja?

— Não — respondi.

Não. Por que eu precisaria?

Então ela me contou o que Sebastian fizera cerca de uma hora antes de eu chegar para ir à escola com ele. Ela falou, explicou, perguntou. Sua boca se movia. Ela fez mais e mais perguntas.

Mas eu não disse nada. Em vez disso, abri a boca. E lá estava: o grito. Nada mais, apenas o grito. Não consegui parar de gritar.

11.

Gritei até a garganta começar a arder e meu corpo parar de funcionar, e, trinta e duas horas após eu sair daquela sala de aula, finalmente adormeci. Tudo o que eu precisava era de um colapso histérico, um médico de jaleco, uma injeção no braço. Mas não dormi por muito tempo, e, quando acordei, tinha um zumbido em minha mente. Fragmentos de música, letras que vinham de algum lugar que não lembro.

Eu não estava mais no “meu quarto”, o lugar para onde tinham me levado no início. Estava em uma cela de vigilância. É óbvio que eu nunca tinha visto uma, mas não restava dúvida de que era ali que eu estava. Não havia uma única janela, apenas um colchão emborrachado no chão ao lado de um ralo do tamanho de um assento de privada. Eles acharam que eu ia vomitar. Um espelho opaco cobria completamente uma das paredes.

Tentei evitar olhar naquela direção, para o espelho, porque percebi que era dali que estavam me vigiando, ali detrás, como se eu fosse um peixe em um aquário. Em vez disso, olhei para o teto. Esperei que o teto cedesse, ou ficasse macio como iogurte, se partisse, se abrisse como uma ferida, e que uma mão se estendesse através do buraco e me levasse para longe dali. Mas jamais ocorreria aos meus pais fazerem algo do tipo. Eles estavam com medo de mim agora — eu percebera no hospital. Estavam aterrorizados. Sua filha era uma assassina, ela merecia aquilo, ela deveria estar morta, mas por que não morreu? *Meus pais estão vivos?* Agora eu entendia por que a policial agira de modo tão estranho quando perguntei isso.

* * *

Acontece que sou uma chorona: no cinema, quando vejo anúncios com bebês ou quando alguém canta tão fantasticamente bem que todos no júri do *The Voice* ficam encantadíssimos, aplaudem de pé e dizem: *Agora! Sua nova vida começa agora!* Choro quando alguém é legal mesmo não precisando ser e quando fico com raiva e não consigo explicar o porquê.

Finais tristes no cinema? Eu choro. Finais felizes? Eu choro. Sou assim. Mas eu não estava chorando. Não havia nada pelo que chorar, nada a fazer. Um final triste só é triste se houver uma alternativa, se parecer injusto. Não se o desfecho for inevitável. Nesse caso, não há por que chorar.

Achei que não conseguiria voltar a dormir, pensei que teria que ficar deitada no colchão, esperando uma eternidade — um peixe de aquário jogado na terra. Mas de repente senti como estava suada. Encharcada: no meu cabelo, entre as pernas. Eu estava congelando, as palmas das minhas mãos doíam por causa do frio. Eu tremia tanto que não conseguia me mexer. Não tinha nenhum cobertor ali e eu tremia cada vez mais. Minha pele doía, o couro cabeludo, as palmas das mãos.

Então desisti e olhei para a parede de espelho. Havia gente em toda parte, eu simplesmente sabia disso. Dava para senti-los movendo-se ali atrás, ao meu redor, olhando para mim mesmo eu não podendo vê-los. Ao redor do aquário de vidro onde eu nadava, onde eu estava boiando de barriga para cima. Na aula de religião, conversamos sobre um artista dinamarquês maluco que fizera uma exposição de peixinhos dourados em um museu. Liquidificadores contendo dez peixinhos dourados cada um. Se quisessem, os visitantes podiam ligar o aparelho. *Zzzzt!* Um segundo. Vitamina de peixe dourado. Eu estava sob uma câmera de vigilância? Sim, claro que estava. Eles tinham que me avisar que estavam me observando? Não. Eles não tiveram que perguntar antes de me despirem, espetarem agulhas em mim, me darem medicamentos que não pedi. Não fechei os olhos. As pessoas estavam ao meu redor sem que eu as visse. Às vezes, com frequência, de vez em quando, abriam a porta. Eu as esquecia, me lembrava delas e às vezes alguém entrava, me tocava e suas mãos grudavam na minha pele. *Zzzzt.*

Como eu podia voltar a dormir? Como um comprimidozinho branco em um copo plástico poderia me apagar? Uma injeção? Jamais. Eu não podia me arriscar: se fechasse os olhos, tudo voltaria.

* * *

A polícia me pediu para começar do começo. Então me contaram que Claes tinha sido baleado. Sebastian o matara primeiro. Quando cheguei à casa de

Sebastian naquela manhã, Claes Fagerman estava morto no chão da cozinha.

“O que você achava de Claes, Maja?”

“O que ele fez contra você, Maja?”

“O que você pensou, Maja? O que você achou quando Claes fez aquilo, Maja?”

“Você pode nos contar o que disse a Sebastian sobre o pai dele, Maja?”

“Podemos falar sobre o que você escreveu para Sebastian quando foi para casa?”

Eles já sabiam. Era por isso que estavam perguntando.

* * *

Eles disseram que Sebastian e eu decidimos que o pai dele tinha que morrer, que os outros também tinham que morrer.

— Por que eles tinham que morrer, Maja?

Disseram que Sebastian e eu decidimos morrer juntos, que deveria acabar assim, mas que não consegui ir até o fim. Falaram que era normal ter medo da morte.

— Você ficou com medo quando viu o que aquilo significava? Quando percebeu que seria o fim de tudo, Maja?

Eu nem sabia como havia começado. E agora lá estava eu, deitada em uma cela onde as pessoas podiam olhar para mim, mas eu não podia vê-las. Ainda não havia terminado.

* * *

Em um dos muitos começos possíveis, Sebastian e eu gostávamos de ficar na casa da piscina, situada na ala esquerda da mansão. O quarto de hóspedes anexo a ela nunca era ocupado, mas sempre havia lençóis limpos na cama de casal, o que era legal. E caixas de som por toda parte: no teto, no chão, em todos os cantos. A acústica era melhor ali e a música mascarava o rumor do maquinário. Todas as letras, as melodias, as mais conhecidas. As músicas dele. As minhas. As nossas. Elas assumiam o controle, deitavam-se ao nosso lado, nos envolviam.

* * *

Eu me perguntei o que havia naquela injeção, porque me sentia como se sofresse uma crise de abstinência. Minha cabeça zumbia, como se eu estivesse girando um seletor de estações de rádio, ouvindo cinco segundos de cada uma e depois mudando para a seguinte. Estática entre uma e outra frequência e, então, cinco segundos de som de verdade quando uma estação era sintonizada. Ruído branco. Som. Ruído branco. Som.

Claes desprezava os usuários de drogas, eu o ouvi dizer isso. E esse era apenas um dos muitos motivos pelos quais odiava Sebastian.

E, enquanto eu acariciava a áspera parede da cela (ela não parecia feita de iogurte), pensei em como aquilo acontecera havia tanto tempo. Era como se tivesse se passado uma eternidade. Ou tinha acabado de acontecer? Sim, eu tomara algo na noite anterior, porque, quando tudo aconteceu, eu estava confusa, nervosa, chapada, com medo. Claes era desprezível, eu o odiava, ele era horrível comigo e mais ainda com Sebastian. Alguém precisava dizer a Sebastian que havia algo de errado com o pai dele. Que o cara *não batia bem da cabeça*. Foi por isso que eu disse aquelas coisas a ele. *Será que foi por isso que Sebastian fez o que fez?*

Quando me sentei na beirada do colchão, percebi que estava descalça. O chão estava frio contra as solas dos meus pés, quase macio. Quando fui para a prisão, trocaram os chinelos do hospital por um par de coisas parecidas com sandálias sem tiras. Mas agora essas também tinham sumido. Era comum ver tênis pendurados nas linhas de energia na rotatória de Vendevägen. Ouvi dizer que, em Nova York, sapatos pendurados em um poste significam que o lugar é um ponto de venda de heroína. Em Djursholm, você definitivamente não precisava ficar do lado de fora e congelar para comprar drogas. Meus pais tinham baseados enrolados dentro de uma caixa de charutos na biblioteca. Ficavam em um armário trancado e estavam tão velhos e secos que duvido que desse para fumá-los. Contudo, para os meus pais, o simples fato de tê-los em casa era emocionante o bastante. *Só por precaução*. Como se meus pais fossem esse tipo de gente, o tipo que tem chance de atualizar os seus “só por precaução”, “vamos fazer” e “por que não”. Eu me pergunto se a polícia os encontrou quando revistou a nossa casa ou se minha mãe teve tempo de jogar fora. Talvez tenham dito

que eram meus. Eu preferiria fumar cocô de coelho a saquear o patético estoque de maconha dos meus pais.

* * *

Deito-me no chão, com a cabeça logo acima do ralo. Havia muito tempo que não fazia mais aquilo. Eu parara com tudo, não é? Quase tudo, pelo menos. Essa era apenas uma das muitas razões pelas quais Sebastian sempre estava bravo comigo, porque eu me recusava. Eu me recusava, certo? Eu cheguei a dizer basta?

Minha cabeça estava zumbindo. Eu me sentia enjoada.

Sebastian tinha um cara para quem ligava. Para “chamar um táxi”, “pedir uma pizza” ou “marcar a limpeza da piscina”. Isso meio que dependia. Os códigos nunca eram muito difíceis de decifrar. “Duas pizzas com borda tradicional e queijo extra. Anéis de cebola. E uma garrafa de Fanta. Somos quatro.” Mas, então, ele descobriu Dennis e o “cara da pizza” não foi mais necessário.

No que se referia a drogas, Dennis era surpreendentemente inventivo.

Devo contar isso? Será que a polícia quer saber como Sebastian arranjava as drogas? Devo falar que foi culpa das drogas? Eles vão pensar que foi culpa das drogas. Mas seria bom se fosse culpa das drogas? Sander quer que eu diga isso? Devo falar sobre as festas? As festas de Sebastian eram fantásticas. Ele era lendário. A criatividade das outras pessoas parava nos vinhos vintage dos pais e Bellinis preparados com Dom Pérignon. Achavam que bastava pagar um bando de garotas de quinze anos vestindo biquínis para servirem comida no jantar anual apenas para garotos, mas Sebastian, não. Ele arranjava amplificadores, DJs profissionais, barcos, grupos de circo, chefs de TV, fogos de artifício, um pizzaiolo de Nápoles e, certa vez, trouxe um youtuber de Nova York para se divertir conosco. O youtuber estava chapado demais para entendermos o que estava dizendo, mas transou com uma amiga da Amanda do haras e, duas semanas depois, postou o vídeo “A festa com os suecos”. Conseguiu mais de dois milhões de visualizações.

Sebastian não tinha limites. Todos adoravam as suas festas. Todos o amavam e a tudo que tinha a ver com ele — pelo menos no início. Todos

queriam estar ao seu lado, mas ninguém era mais próximo dele do que eu. Sebastian queria passar mais tempo comigo do que com qualquer outra pessoa. *Ele não consegue sobreviver sem você, Maja.* Sebastian e eu deixávamos os jantares antes que todos terminassem de comer, abandonávamos a pista de dança quando todos ainda estavam dançando, íamos até a casa da piscina, nos trancávamos lá dentro e deixávamos que os outros se divertissem sem nós. Quando queríamos que fossem embora, Sebastian desligava o disjuntor. Sem música, eles iam embora, pelo menos a maioria. Ficávamos no chão, nus, e ouvíamos o sibilar do maquinário, que nunca estava desligado, pois era alimentado por um gerador especial.

Sebastian me escolheu. Era inexplicável, nunca entendi por quê. Ele poderia ter ficado com uma garota mais bonita, mais especial. Contudo, quando ele me escolheu, tornei-me tudo isso. Eu me tornei única. Meus pais não se aguentavam de tanta felicidade. Sebastian! Nem mesmo em seus sonhos mais ousados imaginariam tal coisa.

No início, eles estavam realmente felizes com Sebastian. Devo contar isso? Será que a polícia quer saber o quanto todos adoravam Sebastian? O quanto Sebastian me amava? Ele me amou mesmo quando eu o traí e me escolheu mais uma vez porque me amava mais do que qualquer outra pessoa me amou. Eu amava Sebastian.

Mas odiava o pai dele. Eu odiava, odiava, odiava Claes Fagerman. Queria que ele morresse.

12.

Passei a noite toda na cela de vigilância. Depois de um tempo (uma, duas horas?) com a boca ao lado do ralo, voltei a me deitar no colchão. Eu dormi? Gritei? Quanto tempo demorou para eu acordar? Não sei, mas minha cabeça parecia diferente. As paredes pareciam mais duras. Eu me encolhi em posição fetal. Sussurrei o nome dele. Foi doce no início, mas depois foi como açúcar de confeitiro derretendo na língua, ficou preso ao palato, encheu a minha boca de bílis amarga e eu vomitei longe do prático ralo no chão. Alguém entrou e limpou. Me deu um copo de água, enxugou a minha boca e saiu de novo.

* * *

Quando fiquei estável o bastante para voltar para o “meu quarto”, onde havia uma janela e uma cama (e onde eu ainda estava isolada de qualquer outra pessoa), os interrogatórios com Permanente recomeçaram. No início, era ela quem sempre dirigia os interrogatórios. Seus colegas quase nunca faziam mais do que algumas perguntas esporádicas, eles só ficavam sentados no canto cutucando as unhas e de vez em quando eram substituídos.

Estou certa de que Permanente foi considerada a pessoa ideal para conversar comigo, uma “jovem”. Eu a achava totalmente patética.

Ela sempre estava animada no início das sessões — essa era a parte em que ficava repetindo o meu nome. Ela começava tão empolgada quanto uma apresentadora de programa infantil. Mas no fim das sessões, ficava cada vez mais cansada e irritada. Então, sua voz baixava uma oitava e ela passava a falar como em um romance policial mal traduzido.

“Ah, é? Então, como você explica essas mensagens?”

“Estou ouvindo você, Maja, estou ouvindo. Mas não consigo entender por que você escreveria algo assim se não era isso que queria dizer. Você costuma dizer coisas que não quer dizer?”

De certa forma, ela me lembrava o psicólogo que minha mãe me obrigou a visitar logo depois do nascimento de Lina (ela tinha enfiado na cabeça que eu teria problemas por ganhar uma irmã sendo tão mais velha). O tal psicólogo lera em seu *ABC da Psicologia* que deveria esperar o paciente, deixá-lo falar livremente, porque então, para evitar o silêncio constrangedor, este lhe diria coisas que na verdade queria manter em segredo.

Permanente com frequência tentava a mesma tática. Assim como ocorrera com o psicólogo, o resultado era nós duas sentadas na sala de interrogatório sem falarmos uma com a outra. No consultório do psicólogo, podiam se passar dez minutos sem que ninguém dissesse uma palavra. Aqui nunca demorava muito para Sander reclamar (“Minha cliente não pode responder às suas perguntas se você não perguntar.” “Não se pode esperar que minha cliente adivinhe o que você quer saber.”), mesmo parecendo que ele achava superdivertido quando eu não falava nada e os policiais acabavam sentados olhando para seus copos descartáveis de café frio com uma película se formando no topo. Às vezes, Sander também permanecia em silêncio, inclinando-se para trás na cadeira desconfortável com os dedos entrelaçados e os olhos fechados, dando a impressão de estar dormindo ou meditando, enquanto transcorriam as suas horas remuneradas.

E, quando eu realmente respondia a uma pergunta sobre a festa da noite anterior, por exemplo, a briga com Claes, as minhas mensagens de texto ou o que dissemos ao telefone, quando decidimos que íamos à escola juntos ou o que conversamos naquela caminhada horas antes de eu ir para casa, não demorava muito para Permanente voltar a fazer a mesmíssima pergunta.

— Eu acabei de responder isso.

No que Permanente insistia:

— Por favor, conte outra vez.

E Sander suspirava.

* * *

Às vezes, Permanente ficava irritada ou até furiosa, mas nunca perdia o controle e jamais começava a gritar ou a berrar. Ela sempre me observava com o mesmo olhar úmido: nem irritado, nem bonzinho, nem vazio —

apenas inexpressivo. Seus colegas não eram tão bons nisso. Mas, quando levantavam a voz, Permanente os mandava embora na mesma hora, sem discussão e sem deixar transparecer que aquilo era uma ordem. Ela pedia que lhe trouxessem algo: água, documentos, batatinhas, ou, talvez, “algo quente para beber”. Então seus colegas mantinham as vozes sob controle e ficavam só me encarando para poderem ficar na sala.

O pior de todos era um cara com uns vinte e cinco anos. Ele apareceu no fim da primeira semana e me odiava mais do que todas as garotas que o deixaram na mão porque bastava olhar para ele para ver como era ruim de cama. Mas ele nunca deixou que Permanente percebesse o modo como me encarava porque, se ela tivesse visto, o cara provavelmente seria obrigado a tirar uma licença compulsória ou no mínimo seria transferido para outra unidade, como a que controla se as pessoas estão dirigindo rápido demais.

Como eu sabia que ele me odiava? Porque ele me lembrou a vez que levei Sebastian a uma das caçadas do meu avô. Os colegas de caça do meu avô eram sete CEOs bem-alimentados e bem satisfeitos consigo mesmos que cochilavam na floresta, bebiam na hora do almoço e contavam mentiras — *Ah, não, eu não peguei o veado, errei feio* —, tudo para evitar rastrear animais feridos com um cachorro que corria tão depressa que sentia o gosto de sangue na boca apenas dez metros adiante. Eu me juntei a Sebastian em seu posto fixo em vez de participar da perseguição.

Às vezes, Sebastian caçava com o pai, por isso lhe deram um bom lugar, mesmo ele sendo muito jovem para assumir um posto sozinho. Meu avô ficou feliz em nos ver; cumprimentou Sebastian como se fosse um adulto e o avaliou com olhos apertados quando ele levou o rifle ao ombro. Sebastian estava mais quieto do que o habitual. Quando estávamos em um círculo ao redor do líder, recebendo instruções, ele também ficou mais calmo do que o habitual. Quando fomos até o local onde deveríamos ficar, foi como se ele estivesse caminhando sozinho, quase em transe. E, quando assumimos a nossa posição para esperar que a caça perseguida se aproximasse da área, ele se transformou em uma pessoa que eu nunca tinha visto. Foi como se o sangue estivesse borbulhando através de seu corpo. Eu estava sentada ao seu lado, mas poderia dar um soco no seu braço que ele nem perceberia a minha presença. Todo o ser de Sebastian estava direcionado para a floresta, para os animais que ele mataria. E, quando um cervo surgiu diante de nós quase em câmera lenta e virou a cabeça na nossa direção, Sebastian se

levantou, inclinou-se e ergueu o rifle. Tive a breve impressão de que ele ia correr e pressionar o cano da arma contra o pescoço do animal. Em vez disso, apenas disparou. Dois tiros rápidos e o cervo caiu de lado, antes mesmo de ter tempo de notar a nossa presença. E, quando Sebastian se aproximou e se agachou ao lado do corpo, achei que ele ia tirar uma faca do bolso e cravá-la no animal, apenas para ter sangue nas mãos, apenas para sentir o cervo morrendo, bem de perto. Mas ele também não fez isso, apenas ficou dando respiradas curtas e rápidas. Seu cabelo se encaracolou na testa suada. Mais tarde eles o elogiaram e meu avô sorriu para mim, como se o mérito fosse meu, mas fui dormir antes do jantar, alegando que estava com dor de estômago.

Quando olhava para mim sem Permanente perceber, aquele policial me fazia lembrar o modo como Sebastian agiu naquela caçada. Porque não importava que eu estivesse detida, trancafiada: aquele policial precisava me matar pois somente o meu sangue poderia aplacá-lo. Eu tinha vontade de dizer que ele me lembrava Sebastian só para ver como reagiria, mas não disse.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Primeira semana do julgamento: sexta-feira

13.

Eu me levanto de meu catre de oitenta centímetros de largura e toco a campainha. Um metro e meio da minha cama até a porta. Quando era pequena, eu gostava de ficar doente, aí me deixavam ficar na cama o dia inteiro, comendo o que quisesse (torradas com geleia), lendo (*Harry Potter*), mexendo no celular, assistindo a filmes e ouvindo música.

Não quero ir ao tribunal. Talvez eu possa ficar aqui se acharem que estou doente. Ficar aqui no “meu quarto”.

Estou na prisão feminina há dois meses, antes disso, passei sete meses no centro de detenção juvenil. “Circunstâncias especiais” (jargão jurídico para *oportunidades em que não precisamos seguir as nossas próprias regras*) ditaram que eu teria que ficar ali, embora em geral apenas rapazes fossem admitidos. Independentemente de qualquer coisa, detentos devem ser mantidos afastados de mulheres — esse pode até ser o motivo pelo qual foram presos, para início de conversa. Mas abriram uma exceção para mim, alegando uma série de circunstâncias especiais: a prisão feminina estava superlotada, eu teria que ser mantida em isolamento de qualquer forma, eles não pretendiam deixar que eu convivesse com os outros detentos, havia “recursos” melhores no centro de detenção juvenil “para esse tipo de situação”. E assim por diante. Mas o verdadeiro motivo era simplesmente mostrar ao “público” que não estavam me tratando com delicadeza. Havia circunstâncias especiais que significavam que eles tinham que me submeter a um tratamento especial para assegurar a população de que não estavam me concedendo privilégios especiais.

Consegui ser transferida para outra prisão depois que um colega detento no pátio ao lado do meu gritou “VÁ SE FODER, SUA PUTA” vinte e quatro vezes seguidas (eu contei). Não o vi, mas sua voz soava rouca no fim. Talvez tenham me transferido para o bem dele.

Mas isso não faz diferença para mim. Os quartos são quase idênticos aqui. Desenhos diferentes arranhados na parede do banheiro, mas a mesma folha de metal acima de uma pia de metal idêntica. Não há assento na privada (que também é de metal) e os móveis de pinho são os mesmos. Também há homens aqui, mas em uma unidade diferente, de modo que nunca os vejo.

Sento-me na cama, esperando para sair. Se, quando eu estava sendo transferida do hospital para a prisão e me permitiram tirar as algemas e o avental do hospital e vestir uma calça verde dura, uma camisa verde igualmente rígida, uma calcinha branca e um sutiã branco, se nessa oportunidade tivessem me dito que eu ficaria sentada aqui durante ao menos nove meses, tenho certeza de que não ouviria e, definitivamente, não teria entendido. Mas ainda assim eu teria feito a mesma coisa que fiz desde o início: começar a esperar para sair.

Desde aquela época, quando eu ainda acreditava que poderia ir para casa dali a algumas horas, nunca vesti nada além da roupa da prisão, aquele tecido rígido contra a minha pele, recusando-se a se moldar ao meu corpo. Eu vestia aquilo apesar de Sander ter trazido as minhas roupas. “Minhas roupas são a minha identidade” era algo que Amanda gostava de dizer em um tom de voz que achava superinteligente (e que revelava que outra pessoa inventara aquilo). Quando cheguei aqui, percebi que ela estava certa. Eu nem quis olhar para as minhas roupas. Era muito mais lógico colocar um sutiã muito pequeno e uma calcinha com elástico tão desgastado que arrebentou quando vesti. A roupa da prisão significava que eu não precisava ser eu. Foi um alívio incrível. *Número um na lista dos prós.*

E quanto ao “meu quarto”? O cobertor na minha cela cheira a poeira e detergente sem perfume. Nada de amaciante. Não é muito confortável, mas pelo menos nunca será citado em um relatório sobre desperdício do dinheiro do contribuinte.

De quinze em quinze dias, recebo uma escova de dentes, uma pequena barra de sabão e um tubo pequeno de pasta de dentes dentro de uma sacola de papel. De quinze em quinze dias eles perguntam se preciso de absorventes — absorventes muito curtos e de dois centímetros de espessura. Eu sempre assinto e digo: sim, por favor. Eu os guardo em meu guarda-roupa sem portas. Na verdade, a cela é um pouco maior do que o meu antigo guarda-roupa. Imagino o que os guardas pensam sempre que trancam

a porta atrás de mim. *Pobre menina rica*. Também imagino o prazer que sentem quando surto e preciso ficar sob constante vigilância. *É claro que a prisão é pior do que a tortura chinesa da gota d'água para uma garota que nunca foi acampar sem um travesseiro e um telefone de última geração. É de se surpreender que ela não surte com mais frequência.*

Em um canto, logo abaixo do teto, junto à minha cama, há uma tomada para TV, mas nenhuma TV. Há outra tomada, com tampa de segurança, na mesa de cabeceira sem despertador. Estou sob fortes restrições para que nada interfira na investigação. Quando a investigação preliminar terminou, suspenderam algumas, mas a maioria permaneceu. De acordo com Sander, eles vão ficar jogando comigo até o veredicto ser anunciado. Não há nada que possamos fazer. *Circunstâncias especiais*. Tudo a meu respeito traz as *circunstâncias especiais* de volta ao primeiro plano. Nunca ficou claro para mim como meu relógio, aquele que eles tiraram de mim no hospital, poderia interferir na investigação. De que forma poderia representar qualquer problema. Mas não faz sentido discutir.

“Escolha as suas batalhas”, diz Sander, como um terapeuta de casais daqueles programas que passam de tarde na televisão. Eu só preciso lidar com isso até ser transferida para onde quer que eu vá cumprir a minha pena. *É culpa sua, sua puta. Sua puta riquinha e especial*. Então se eu quiser saber que horas são preciso tocar a campainha e perguntar a um dos guardas.

Eu me levanto e volto a pressionar o botão, apertando-o por um pouco mais de tempo dessa vez. Se eles acharem que os estou irritando, podem me devolver o meu relógio ou ligar o maldito despertador. Qual seria o risco de me deixarem acompanhar o tempo se arrastando?

Agora tenho permissão para ler os jornais. Aparentemente Sander acreditou que valia a pena lutar por isso. Ele chegou a me dar aqueles que perdi durante a investigação preliminar porque achava que eu devia saber o que foi escrito (“Você foi acusada de mais do que foi indiciada, e nem mesmo o tribunal se atreveria a negar isso”). Mas só recebi jornais de papel. Não tenho acesso à internet, então não posso acompanhar o que estão falando sobre mim no Twitter. Não consigo pesquisar #maja #assassina #massacrededjursholm. Sem Google, sem Facebook, sem mensagem anônima no Snapchat, sem telas pretas em meu feed, “Você deve morrer”.

Pró número dois.

Pressiono o maldito botão de chamada pela terceira vez antes de me deitar na cama e esperar que venham abrir a porta. Consigo alcançar a borda da mesa do outro lado do quarto quando estou deitada. Se eu abrisse os braços, acho que poderia tocar as paredes. Aqui não é a minha casa. Eu não preciso estar na nossa casa horrível. *Pró número três.*

Moramos em uma casa grande cafona em um terreno subdividido, cercada por autênticas mansões do início do século XX. Nossa casa finge ser algo que não é. Na primeira vez que a vi, achei que seria preciso óculos 3-D para entender como realmente era. Quando nos mudamos, havia uma pequena fonte no saguão da frente. Aquilo ficou ali gorgolejando por semanas até que quatro trabalhadores poloneses a arrancaram e instalaram um novo piso, não apenas sobre o buraco da fonte, mas em todo o cômodo. Meu pai diz que a pessoa que comprou o terreno e construiu a casa era “da indústria de DJs”, que era “o tipo de músico que não toca os próprios instrumentos nem escreve as próprias músicas”.

O “músico” construiu a entrada para carros larga o bastante para possibilitar que um Hummer passasse, mas se esqueceu de fazer o retorno suficientemente amplo para que o carro pudesse manobrar. Papai gosta de dizer que “talvez seja esse o motivo de terem vendido a casa sem morar nela um único dia. Porque nos EUA você não precisa saber dar ré para conseguir uma carteira de motorista.”

Essa é uma das histórias favoritas de meu pai. Ele já a contou mais vezes do que posso enumerar e ri sempre que conta. Suponho que é a prova de que há piores novos-ricos do que ele. Ou então ele está com inveja por nunca ter tido coragem de dirigir um Hummer. Meu pai realmente quer fazer o tipo descolado: terno com camiseta, sem meias, um “tipo de músico” ou um milionário de tecnologia, alguém que não tem vergonha de gostar de programas de televisão dos anos 1980 que se passam em Miami.

Ao mesmo tempo, porém, ele tem muito medo de pegar um resfriado, afinal, isso pode interromper o seu treinamento para a maratona. Então ele usa meias de lã de merino que vão até os joelhos, com fios de prata que absorvem a umidade, mesmo debaixo da calça do terno. Uma vez por semana, às sextas-feiras, ele tira a gravata depois do almoço e a pendura na cadeira do escritório antes de voltar ao trabalho. E é isso aí. Esse é o mais descolado que meu pai consegue ser.

Ainda não posso receber visitas. Meus pais não podem me ver. *Pró número quatro.*

* * *

Na quarta vez que me levanto e toco a campainha, mantenho o botão pressionado por cinco segundos, contando em voz alta para não me acovardar e parar cedo demais: um Mississippi, dois Mississippi, três Mississippi... O modo como minha avó contava entre o raio e o trovão durante uma tempestade. Não consigo ouvir o toque da campainha na minha cela, mas sei que está tocando para o guarda. Bem alto. Deve ser irritante. Mas eu não estou doente e não consigo imaginar nenhum jeito de fazer alguém acreditar que eu esteja, então é melhor continuar.

Ontem à noite, Susse prometeu que tomar banho seria a primeira coisa que eu faria. Antes do café da manhã. “Assim que você acordar”, disse ela. Fiquei muito boa em adivinhar quando a noite termina. Devem ser umas cinco horas. Talvez consiga convencer o guarda de que não é tão cedo assim.

O meu lado da história. A minha vez. Não hoje, talvez na segunda-feira.

* * *

Sander prometeu que nada crucial acontecerá hoje. A promotora precisa terminar de revisar as provas documentais, o que está demorando mais do que o planejado, por isso estamos atrasados. Sander só pode começar as suas declarações quando aquilo terminar. Mas, mesmo que ele comece hoje, não vou precisar fazer nada além de ficar ali sentada, ouvindo, e voltar cedo para a prisão porque até mesmo os juízes (e os advogados, acredito) gostam de passar os confortáveis fins de tarde de sexta-feira com os filhos. Também ficarei sozinha todo o fim de semana, prometeu Sander, para que eu possa descansar e dormir, e não terei que ir ao tribunal e ouvir Pode-me-chamar-de-Lena, Panqueca ou qualquer outra pessoa.

Na verdade, hoje é o dia errado para eu me fingir de doente. Eu deveria esperar até Sander fazer o discurso introdutório, então será a hora da minha “narrativa”. Segunda ou terça, terça ou segunda, dependendo de quanto

avancarmos hoje. Vou ficar em meu lugar habitual, Sander disse que não preciso me mexer. Não haverá um banco dos réus de frente para o público onde terei que me sentar. Ele também me prometeu que não vou precisar jurar sobre uma Bíblia. Mas ele vai me fazer as perguntas que revisamos um milhão de vezes, e eu vou responder diretamente no microfone ligado. Tudo o que eu disser será gravado e todos os que estiverem ali poderão me ouvir.

Em geral, o guarda demora um pouco para abrir a porta, mas quase nunca tanto assim. Pressiono o botão mais três vezes, toques rápidos, embora eu saiba que eles ficam mesmo furiosos quando tocamos a campainha sem parar. E se o guarda estiver dormindo? Talvez ainda não sejam nem cinco horas, talvez sejam apenas quatro. Se for antes das três, não vou tomar banho. É provável que fiquem tão irritados que me farão esperar até o último segundo.

Se eu ficar doente hoje, todo o julgamento será adiado um dia. O meu dia será adiado. Talvez seja uma boa ideia ficar doente agora, mesmo que não me deem torrada com geleia. Não quero passar o fim de semana inteiro sabendo que, assim que a semana começar, terei que falar no tribunal. Mas eu não sei como fingir. Eles nunca vão me deixar sozinha com um termômetro, isso significaria um perigo mortal. Posso quebrá-lo com os dentes e engolir o conteúdo para evitar ir à audiência. A garota na cela ao lado engoliu uma caneta há algumas semanas. Eles tiveram que chamar uma ambulância para levá-la. Foi um caos no corredor, impossível não perceber, mesmo para aqueles como nós, presos nas celas de isolamento. Pedi que Susse me contasse o que tinha acontecido. Ela estava tão chocada que contou.

Durante as primeiras semanas na prisão, fiquei sob constante vigilância por conta do risco de suicídio. Enquanto eu estava na cela, de vez em quando um dos guardas aparecia e perguntava: “Tudo bem?” Depois que um deles me servia o almoço e outro recolhia a bandeja vazia, eles abriam a porta e olhavam para mim por uma fração de segundo antes de voltarem a fechá-la. Eles se recusavam a me deixar sozinha e faziam isso vinte e quatro horas por dia. Nenhuma batida, nenhum barulho na fechadura. Abrir a porta. Olhar fixamente. Fechar.

No começo aquilo me deixava nervosa, porque às vezes parecia que eles vinham a cada cinco minutos e, às vezes, que várias horas se passavam entre as verificações. Então, toda vez que vinham, passei a lhes perguntar

que horas eram. Só para saber. Eu também estava com medo de que a noite caísse e eu não percebesse. Tentei me convencer de que seria capaz de ver o céu escurecer através da janela, mas, no início, como tinha muita dificuldade para me lembrar de quando dormira pela última vez (talvez tivesse dormido várias noites e esquecido? Talvez ontem mesmo eu estivesse em casa?), exigia saber que horas eram e anotava em um bloco com uma caneta (muito curta) que recebi dos guardas. (Por algum motivo, eles não pareciam achar que eu a engoliria. Ou, então, ela era tão pequena que não representaria um risco muito grande caso eu a engolissem.)

No terceiro ou quarto dia, recebi uma pilha de revistas do ano anterior, revistas masculinas velhas sobre finanças, guerra, pneus e mulheres nuas, de preferência tudo ao mesmo tempo. Alguns dias depois, trouxeram histórias em quadrinhos e três livros de bolso repletos de orelhas. Eu os folhee de frente para trás e de trás para a frente, mas não consegui ler nenhum.

* * *

Demorou algumas semanas para eu parar de agir como uma prisioneira condenada à prisão perpétua na época medieval — que não escovava os cabelos e usava as pontas ensanguentadas das unhas para marcar o número de dias na parede de cimento da cela. Cerca de um mês depois, eu já era capaz de olhar para os anúncios de jornal sobre pensões, cerveja e produtos para cabelos e entendê-los. Guardei o bloco de notas. Eu o levei comigo quando me transferiram para a prisão feminina, em parte para lembrar que estava me sentindo mais normal, em parte para não esquecer que tudo tinha uma rotina. Mas, acima de tudo, porque minhas anotações provavam que eles vinham uma vez a cada meia hora. Havia muito tempo para eu me matar: vinte e nove minutos, para ser exata. Achei aquilo reconfortante, embora não soubesse como faria para morrer. Não havia como quebrar a placa de aço inoxidável (o “espelho”) na parede acima da pia, de modo que não podia usar aquilo para cortar os pulsos. O cobertor da cama (e o extra, na prateleira) era feito de um material estranhamente fofo que mais parecia poeira de aspirador prensada do que tecido, e os lençóis eram de papel. Não havia como usá-los para me enforcar. A bolsa que Sander me deu viera com

uma alça de ombro, mas um dos guardas a levou embora. Talvez eu pudesse rasgar a minha camiseta ou a minha calça e improvisar uma corda, mas eu não sabia onde amarrá-la. Não havia maçaneta do meu lado da porta, e não havia ganchos nas paredes nem no teto. Eu nunca quis me matar, então nunca tive que pensar em como fazer aquilo. Os guardas da prisão pareciam pensar que eu devia querer morrer. Talvez estivessem certos.

* * *

Quando estou prestes a pressionar o botão outra vez, o guarda chega, tão irritado quanto eu imaginara. São cinco e meia. Dormi mais do que pensei. Recebo permissão para tomar banho. Com o sabão e o xampu que comprei na cantina.

Minha mãe tentou me enviar uma mala cheia de produtos de beleza, mas Sander não teve permissão para entregá-la. Suponho que tenham medo que minha mãe contrabandeie drogas ou palavras encorajadoras no gel de crescimento de cílios. Quem sabe, né? (Ninguém comentou o fato de minha mãe achar importante que a filha suspeita de assassinato cuide dos cílios.)

Eu tinha permissão para consultar a lista de itens que não podia ter comigo. Isso era algo que eu poderia tentar apelar. Dane-se. Decidi também não escolher essa batalha.

Menina rica esperta.

Primeira semana do julgamento: sexta-feira

14.

Quando volto do banho, me visto e recebo a minha bandeja de café da manhã com um quadradinho de margarina, queijo com gosto de plástico e o chá avinagrado que nunca bebo. Susse entra no meu quarto quando estou me maquiando da melhor maneira possível diante da placa de aço inoxidável. Ela se senta na beirada da cama e observa enquanto aplico o rímel que minha mãe me enviou e fui autorizada a receber. Susse vai me levar ao julgamento.

Ela raramente trabalha cedo pela manhã, tarde da noite ou nos fins de semana, e costuma ir embora no início das tardes de sexta-feira. Mas não hoje: ela também vai me trazer de volta do tribunal. Está vestindo seu uniforme de guarda. Às vezes, depois de trocar de roupa, ela vem se despedir. Nesses casos, em geral está de regata, jeans puído e sombra roxa, com glitter. Suas sobancelhas, feitas à pinça, finas demais, são pintadas de preto. Susse parece o tipo que faz empréstimos com crédito consignado para comprar pacotes de viagem para a Tailândia e, seis meses depois, ainda bronzeada, é repreendida naquele programa *Luxury Trap*, da TV3, porque gastou o salário inteiro em sapatos. Ela tem uma filha e “um cara que puxa ferro” (palavras dela). Tem uma tatuagem colorida no ombro com o nome da menina (Nevaeh, Angel ou algo assim), mas que não dá para ver quando ela está usando mangas compridas. Ela só usa mangas compridas para trabalhar.

Susse sempre traz coisas para que eu tenha o que fazer. Hoje ela trouxe um pacote de doces e um DVD, algo sem graça (é sempre sem graça). Na capa, há uma garota fazendo beicinho e empinando o bumbum enquanto segura a coleira de quatorze cachorros. Eu ainda não tenho TV no meu quarto, mas Susse convenceu o pessoal do turno da noite a levar uma portátil de rodinhas (“o carrinho da TV”) até a minha cela, e ela acha que eu deveria assistir ao filme quando voltar do tribunal. “Para distrair a cabeça.”

— Se até as dez você não tiver caído no sono, tome um comprimido para dormir, Maja — diz ela.

Como não respondo, ela continua:

— E prometa que sairá ao ar livre no sábado e no domingo.

Susse é a minha babá. Ela pensa que rotinas matinais e ar fresco (“não há tempo ruim, apenas roupas erradas!”) são as coisas mais importantes da vida, com as possíveis exceções de halteres e shakes de proteína.

Susse me irrita. Eu deveria me inscrever em algumas aulas (“estudar”, diz ela, mesmo que eu não tenha nada para estudar). Eu deveria me exercitar na “academia” (uma sala sem janelas com uma esteira ergométrica, duas estações de musculação e um tapete de ioga rançoso que está tão duro que fica enrolado sozinho). Eu deveria me encontrar com o padre, o psicólogo, o médico, qualquer um que possível ou impossivelmente “me ajudasse” a “passar por isso”.

Às vezes digo que está tudo bem, ainda mais para que ela cale a boca.

— Sim, mamãe.

Susse ri. Ela gosta disso. Precisaria ter engravidado aos oito anos para ser minha mãe, mas gosta de ser mais madura do que eu, melhor do que eu. Susse nunca se refere a si mesma como minha carcereira. Nunca a ouvi dizer o termo “agente penitenciário”. Ela não quer admitir que me vigia ou que gosta de assumir responsabilidade demais pelo fato de eu me sentir tão estupidamente péssima.

É raro eu ter energia para protestar. Então, aceito. Eu não faço ideia de com o que estou concordando. Se com o filme, com os doces, com o comprimido para dormir ou com a saída ao ar livre. Com tudo isso, talvez. Hoje estou muito cansada. Cansada, mas infelizmente não doente.

— Vou inscrevê-la para o exercício amanhã de manhã no pátio, então — decide Susse.

Super. Eu “vou poder” acordar cedo e ter a “oportunidade” de desfrutar do pátio de exercício da prisão na escuridão total de uma manhã de inverno. Dou o melhor sorriso que consigo para ela. Ela se levanta para sair. Não me abraça, mas vejo que quer me abraçar. Talvez ela não seja do tipo que faz empréstimos com crédito consignado, apesar das roupas que usa, mas com certeza é do tipo que abraça assassinos e se apaixona pelo cara errado (eu apostaria que o pai de sua filha está preso e que ela trabalhou como guarda, cuidadora, mãe dele, mas agora isso acabou, porque sua filha *deve vir*

sempre em primeiro lugar), e ela adora casos perdidos, por isso está aqui, em minha cela, à beira da minha cama. Ela providencia televisões portáteis e doces aos sábados para mim porque acha que eu preciso ser cuidada e que ela precisa ser a minha mãe.

Então, de repente, penso em minha mãe, minha mãe de verdade. Não tenho tempo de impedir esse pensamento, e me lembro de suas advertências ridículas: quando estiver caminhando com uma tesoura, sempre segure-a pelo lado da lâmina, sempre coloque as facas na máquina de lavar louça com o lado afiado para baixo, olhe para os dois lados antes de atravessar a rua, mande uma mensagem de texto quando chegar, não ouça música quando correr na floresta, não ande pelos parques quando estiver escurecendo, nunca volte para casa sozinha à noite, nunca, nunca... *que merda do caralho*.

Penso em minha mãe porque não estou conseguindo me controlar, e então, antes que Susse tenha tempo de sair, estou chorando. As lágrimas apenas escorrem pelo meu rosto, e é horrível porque agora preciso refazer a maquiagem e Susse vem me abraçar. Ah, meu Deus, claro, nada pode impedi-la de me tocar, de ficar muito perto, *de mostrar que ela se importa*, diante do menor pretexto. E depois ela não está mais me abraçando. Em vez disso, está segurando o meu rosto em suas mãos e secando as lágrimas, e agora estamos atrasadas, mesmo eu tendo tomado banho tão cedo, mesmo que eu quisesse apenas me vestir, sair, não falar e, definitivamente, definitivamente, definitivamente não abraçar.

Certa vez, quando estávamos em um avião, eu e minha mãe — eu devia ter uns seis ou sete anos — enfrentamos turbulência, muita turbulência, e eu apertei a mão dela o mais forte que pude e chorei. Minha mãe sussurrou ao meu ouvido “Vai ficar tudo bem”, me consolou e estava completamente calma enquanto eu pensava que ia morrer.

Não quero pensar em minha mãe.

Quando Susse enfim se retira para registrar a nossa saída, olho para o que ela me trouxe, *porque é sexta-feira*. Um enorme pacote de balas Haribo.

Sander explicou da melhor forma que pôde o que vai acontecer, mas não adiantou. Nenhum de nós dois tem qualquer controle em relação ao que acontece fora dessas paredes. Se eu deixar rolar e focar em um dos pensamentos proibidos, não vou conseguir mais me mover. Vou ficar

paralisada de medo. Minha vida terminará para sempre. Quando alguém tem câncer, é declarado novamente saudável após cinco, seis anos sem sintomas. Mas eu nunca serei declarada saudável, nunca. Não importa se for condenada à prisão perpétua ou a um centro de detenção juvenil, as costas retas de Sander e sua expressão de quase interesse não vão me ajudar. Vai tudo para o inferno. Escrevi para Sebastian dizendo que o pai dele não merecia viver. Fiz isso para que ele entendesse que eu me importava, para que soubesse que eu entendia que seu pai era maluco. Escrevi dizendo que queria que ele morresse porque pensei que, se Sebastian deixasse o pai, ele se sentiria melhor. Que ele desejaria viver.

Tento me convencer de que pelo menos não vou ter que responder a mais perguntas quando o julgamento terminar. Mas sei que isso não passa de pensamento positivo. Nunca vou me livrar das perguntas, e eles nunca, nunca, vão se interessar pelas respostas, porque já decidiram que sabem quem eu sou.

Odeio Haribo. Jogo o saco na lixeira embutida na parede e volto a chorar.

Primeira semana do julgamento: sexta-feira

15.

Quando chegamos ao tribunal, eu me acalmo. Ferdinand quer que eu disfarce meus olhos vermelhos, já Panqueca fica louco: ele acha que é “excelente” o fato de eu obviamente ter chorado (ele não quer que eu use maquiagem, porque pareço mais jovem sem ela). Ferdinand tenta me entregar um colírio de qualquer forma e eu acho que os dois estão prestes a trocar socos quando Sander apenas pega a embalagem e me entrega. Chego a ter tempo de aplicar um pouco do rímel à prova d’água de Ferdinand; preciso aguardar na sala dos advogados, enquanto Sander e os outros entram. Quando chega a minha vez, um homem e uma mulher estão de costas um para o outro do lado de fora de outra sala, cada um falando em um celular. Passo por eles e a mulher ergue a cabeça; nossos olhos se encontram por uma fração de segundo antes que a desconhecida se dê conta (É ela!) e eu desvie o olhar. Posso ouvir a sua voz ao telefone atrás de mim, animada. Está falando em espanhol.

Meus pais estão em seus lugares, o juiz e os advogados também. Todos estão presentes. Minha mãe parece inchada, como se tivesse passado metade da noite se embebedando e dormido sem tirar a maquiagem. Mas minha mãe nunca fica bêbada. *Ela bebe vinho*. Ela e meu pai vão a festas temáticas com outras pessoas de quarenta e cinco anos (tema “James Bond” ou “Hollywood”), de modo que as mulheres possam se vestir como na década de 1980, em minivestidos de lantejoulas que compraram em sua última viagem a Nova York, dançar músicas disco e fazer coreografias. Então, bebem coquetéis, discursam durante o jantar e riem de coisas que fizeram quando eram adolescentes e colegas de escola. Os homens põem o braço ao redor da cintura de mulheres que não são as suas e chamam uns aos outros de “irmão”.

Acho que meus pais andaram brigando. Antes, eles brigavam por coisas como o fato de meu pai ter deixado o assento da privada levantado. Não

quando outras pessoas pudessem ouvir. Quando estavam em jantares e as mulheres supostamente deviam se unir na habitual conversa sobre “nossos maridos bobões”, minha mãe só brincava a respeito de coisas do tipo: “Não sou eu quem, em geral, tem dor de cabeça, he he...” E meu pai tinha de responder: “He he, eu não estou com dor de cabeça agora. Como estão se sentindo, queridos amigos, não é hora de vocês irem para casa?”

Eles preferiam exibir “problemas sexuais”. Tipo que minha mãe gostava tanto de fazer sexo que meu pai era obrigado a evitá-la. Mas, quando os jantares terminavam, quando o pão artesanal e os queijos franceses haviam sido comidos, quando o azeite de oliva com toques defumados era guardado (“Uns amigos nos deram, eles têm uma casa perto de Florença, é feito com as azeitonas da propriedade deles”), e a louça de “feira artesanal” (que na verdade é da Harrods) estava no lava-louças, o tesão sempre acabava e as banalidades assumiam o controle.

Você bebe demais. Você trabalha demais. Por que deixou Jossan se jogar em cima de você a noite inteira? Baixe o maldito assento da privada, é tão difícil assim?

* * *

Eu me pergunto por que eles brigaram esta manhã. Eu me pergunto se Lina estava presente, se eles a deixaram na creche a caminho daqui, e tento sorrir para eles. Eles tentam sorrir de volta.

Suponho que o assento do vaso sanitário tenha caído na lista de prioridades e que eles não devem ter sido convidados para nenhuma festa temática recentemente. Essa é apenas uma das coisas que você ganha quando tem uma filha acusada de assassinato em massa. Você é poupado dos clichês. Você se torna único de verdade.

* * *

Em breve, Sander falará sobre as vítimas. Uma por uma. Então, explicará exatamente onde eu estava em cada momento, e falará em voz baixa, no ritmo correto. Quando ele quer que os juízes ouçam, eles ouvem, e quando

quer confundi-los, ele os confunde. E o tempo todo eu vou estar sentada ao seu lado, e todos vão poder olhar para mim.

Todos querem olhar, mas ninguém quer ouvir. Eles presumem o que acham que já sabem. As pessoas gostam de dizer que as crianças acreditam no que querem acreditar, mas a verdade é que é impossível enganar os pequenos. Os adultos, por outro lado, decidem qual história combina melhor com as suas crenças. As pessoas não estão interessadas no que as outras dizem ou pensam, pelo que elas passaram e a quais conclusões chegaram. As pessoas estão interessadas em ouvir apenas o que acham que já sabem.

Isso nunca me ocorreu antes do início dos interrogatórios. Mas logo se tornou óbvio. E Permanente era a pior de todos. Se eu dissesse o que ela esperava que eu dissesse, seus olhos se arregalavam, ficavam realmente maiores. Ela nem era muito discreta quanto a isso, e se remexia na cadeira como se estivesse com vontade de fazer xixi. Ela não entendia que isso só tornava sua animação ainda mais óbvia.

Sander é o extremo oposto de Permanente. Eu nunca sei o que ele quer que eu diga. No começo, ele falava: “Você não é responsável pela investigação.” Responsável pela investigação? O que ele queria dizer com aquilo? Que eu devia calar a boca? Mentir? Não ajudar a polícia?

Sander disse que eu precisava lhe contar tudo antes de falar com a polícia. Ele nunca explicou se isso significava que eu deveria abrir o jogo para que então ele pudesse me falar o que eu não deveria contar para a polícia em hipótese alguma. Sander nunca me pediu para mentir, ficar calada ou não dizer isso ou aquilo. Mas, ao mesmo tempo, disse: “Responda apenas às perguntas que eles fizerem...” Era incompreensível. A que mais eu poderia responder?

Sander estaria procurando algo mais? Não faço ideia. Eu nem compreendia se ele estava de fato “procurando” alguma coisa.

Nesse sentido, era mais fácil falar com a polícia. Eu sabia que eles tinham um plano: eles queriam me prender. Quanto mais rápido eu dissesse o que tinha a dizer, mais rápido poderia me livrar deles. E, no começo, eu só queria me livrar deles. Não queria falar com eles, só queria ficar na minha cama, no meu quarto, onde era silencioso.

Após duas semanas com Permanente à frente dos interrogatórios, eles enviaram um rapaz de cabelo louro-escuro com cerca de trinta e cinco anos

para me dobrar. Ele usava as mangas da camisa enroladas, sentava-se com as pernas abertas e perguntava com uma voz aveludada: “Como vai você, Maja?”

Imaginei que ele tivesse sido bastante popular com as meninas de seu ensino médio em Jönköping, Enköping, Linköping ou algum outro maldito lugar com nome terminado em köping. Entendi que o plano era eu me apaixonar e querer contar tudo para ele. Mas eu não me apaixonei. Eu o achava ridículo. O estranho foi que, apesar disso, e apesar do fato de eu saber exatamente como eles achavam que eu reagiria, ainda assim eu queria contar tudo para ele. Quando o cara de köping disse que sabia que eu odiava Claes Fagerman, quando disse que sabia que eu estava apenas tentando ajudar Sebastian, que queria “ser uma boa namorada”. Quando ele disse que também ficaria “realmente furioso” se estivesse no meu lugar, foi como se tivessem pressionado um botão: eu comecei a chorar na hora, como no fim de um filme ruim.

Era como se eu estivesse programada para deixá-lo cuidar de mim. Eu queria dizer: *Sim! Eu disse ao meu namorado para matar o pai dele e decidimos nos vingar e acabar com tudo*, porque queria que ele sentisse pena de mim (*Sim! Estou muito mal!*). Queria que ele dissesse o quanto sentia pena de mim, e então ele poderia ir embora, a polícia teria o que queria e me deixariam em paz.

Percebo agora que Sander me ajudou. A princípio achei estranho quando ele exigiu de repente que fizéssemos uma pausa em meio a um interrogatório. Não para me interromper, ou à polícia, mas porque ele meio que queria me lembrar de quem eu era aqui e agora e, então, certificar-se de que eu não me esqueceria.

* * *

— Bem, então... — O juiz principal cospe suas palavras ao microfone. — É hora de retomar os procedimentos de... — ele continua a falar.

Quando o fluxo de palavras parece diminuir um pouco, Sander pede permissão para dizer algumas palavras a respeito do cronograma. O juiz assente, irritado, e Sander explica que, por causa do meu “estado de saúde”, é “extraordinariamente importante” que possamos terminar os

procedimentos do dia às três horas, no máximo. Há algo que Sander “deve cuidar” e — aí vamos nós — ele consegue trazer a minha idade à tona mais uma vez, o “período de detenção excepcionalmente longo e difícil” que eu “tive de suportar”, e o juiz volta a assentir com irritação. É claro que ele não gosta de ser lembrado disso, e, quando Sander termina, retoma a ladainha do que o dia “envolverá”.

No começo achei estranho o fato de Sander estar sempre discutindo o cronograma, que ele não quisesse terminar este julgamento o mais rápido possível, e, em vez disso, insistisse em submeter petições alegando não poder estar presente neste ou naquele dia na segunda e na terceira semanas. O julgamento já fora adiado uma vez porque o juiz principal insistiu em realizá-lo sem interrupções. E eu acabei entendendo que teria sido melhor para mim se o julgamento fosse dividido em várias semanas, quatro dias em uma semana, três dias na seguinte, dois e meio na terceira, e assim por diante, porque, quanto mais picado fosse, maior era a chance dos juízes esquecerem sobre o que estávamos falando quando paramos. E, se eles tiverem dificuldade para reter tudo em suas mentes, isso será uma vantagem para mim. Qualquer coisa que eles achem confusa e ilógica só pode ser uma vantagem. Se o caso não parecer claro para os juízes, então Lena, a horrorosa, não fez o seu trabalho direito. Mesmo que Sander não espere “ganhar”, ele pode torcer para que a promotora perca.

O plano dele de um julgamento picotado foi para o espaço. Vamos nos reunir o dia inteiro, todos os dias, até que acabe. Mas Sander ainda insiste em falar sobre o cronograma sempre que surge uma oportunidade.

Então é a vez da promotora. Ela tem apenas alguns registros a apresentar, mas o juiz faz muitas perguntas. É por isso que demora mais do que o planejado. Todos fingem que aquilo não é superirritante.

Quando a promotora enfim termina, os advogados das vítimas ocupam o seu lugar e começam a apresentar documentos que supostamente demonstram por que devo pagar por tudo aquilo. Eu “causei danos irreparáveis”. Às dez para o meio-dia, porém, entre a fala de dois advogados, Sander exige que façamos uma pausa para o almoço. Sim, pode ser mais cedo do que o normal, mas Sander age como se fosse uma questão de vida ou morte.

Sander está protelando, percebo. Ele não quer começar a falar hoje. Ele quer adiar.

O juiz principal sugere que continuemos até uma da tarde, para que possamos ter tempo de analisar a extensão dos danos. Com isso, Sander parece ainda mais irritado. Todo o seu ser irradia indignação pela incapacidade de entenderem que sou jovem demais para suportar tanta pressão.

Após discutirem o assunto por cerca de quinze minutos, o juiz finalmente concorda em fazer uma pausa para o almoço. Teremos de voltar à uma da tarde.

Não acho que será tão difícil quando Sander falar. Quando ele começa, não parece nem um pouco nervoso, não precisa pensar no que vai dizer.

Em seu discurso introdutório, ele falou sobre o que eu sabia, o que eu não sabia, o que eu fiz, mas, acima de tudo, sobre o que não fiz. Sander prefere falar sobre o que eu não fiz.

Antes de Sebastian e eu irmos para a escola, por exemplo. Quando voltei à casa de Sebastian depois de ter dormido em casa, entrei e fiquei lá por onze minutos antes de sairmos de novo. Havia uma câmera de segurança na entrada da garagem, mas nenhuma dentro da casa. Ninguém pode saber com certeza o que aconteceu enquanto eu estava de pé no corredor esperando Sebastian.

Esperando? Era isso que eu estava fazendo? Como é possível? A promotora disse que fiz um monte de outras coisas, que eu não apenas esperei onze vezes sessenta segundos. Sander diz que eu não fiz nada. Mas isso é muito tempo. Uma eternidade, podemos dizer assim. Eu não achava que era muito tempo? Eu só fiquei ali sentada no corredor com as mãos no colo? Não peguei meu telefone? Não verifiquei meu Facebook, Instagram, Snapchat? Não deixei um único emoji ou uma curtida pelo caminho, como as pedrinhas ou os farelos de pão que João e Maria seguiram quando seu pai quis que eles se perdessem e morressem de fome na floresta? Não há nenhuma prova de que eu não fiz o que a promotora alega?

Não, infelizmente não há. Aquele não foi um momento digno de Instagram.

Primeira semana do julgamento: sexta-feira

16.

Depois de almoçarmos e os advogados das vítimas repassarem todos os seus *por conseguinte, no caso de, justificadamente, razoavelmente, intencionalmente e deliberadamente*, faltam exatos cinquenta minutos antes da prometida pausa para a aconchegante sexta-feira com a família.

Nunca vi Sander tão irritado.

— Isso é inaceitável — diz ele com sua voz mais ácida. — Não podemos começar a apresentação do nosso caso agora.

Por um breve instante, acho que o juiz principal vai protestar. Mas ele não faz isso. Apenas diz “tudo bem” e encerra os procedimentos. A promotora também não protesta. Então, recolhemos nossos papéis, pastas, canetas e maletas e vamos embora antes do planejado, já que o julgamento está suspenso. Agora começa a espera pela segunda-feira.

O carro que me levará de volta à prisão ainda não chegou. Acabamos sentados em nossa sala, eu, Sander, Ferdinand e Panqueca. Todos querem ir para casa, mas nem Ferdinand nem Panqueca se atrevem a pedir dispensa. Sander cruza a sala de um lado para outro algumas vezes antes de se voltar para Ferdinand.

— Quero que você verifique como andam as negociações entre o espólio de Dennis Oryema e os advogados dos Fagerman.

Ferdinand assente.

Na sala de aula, Sebastian atirou em Dennis primeiro. Os jornais fizeram um estardalhaço com o fato de o negro ter sido o primeiro a morrer.

Mas Sebastian não era racista, a cor da pele de Dennis não era o problema. E, mesmo que alguns jornalistas desejassem transformar aquilo em uma tragédia com toques racistas, porque os esnobes de Djursholm não conseguem lidar com pessoas que não se pareçam com eles, o fato é que os pais não têm problemas com jovens de outros bairros frequentando a nossa escola. De certa forma, é o contrário. Sujeitos negros na medida certa e o

inteligente Samir são tão bem-vindos no Instagram do nosso colégio quanto uma fotografia colorida de um mercado de Marraquexe no feed da minha mãe. Alunos como eles são prova (com ou sem filtro) do diversificado currículo da escola, da educação tolerante, sem preconceitos e multifacetada que é oferecida ali.

Mas Dennis era diferente. Ele não era um negro bonito da elegante vizinhança de Söder nem fruto de um caso de amor entre uma loura bobinha e um aluno de intercâmbio vindo de algum país da África. Ele não recebeu o nome de algum cantor de soul e sua pele não era adequadamente clara para receber a qualificação de “exótica”. Dennis comia de boca aberta, fazia perguntas estranhas com uma voz muito alta, ria das coisas erradas. Quando ele subia um lance de escada, ficava tão ofegante que, durante vários minutos, não conseguia fazer outra coisa além de espalmar as mãos nas coxas, inclinar-se para a frente, erguer os ombros e recuperar o fôlego. Talvez tivesse asma. Mas, acima de tudo, ele estava em péssima forma física e vivia de gordura trans mergulhada em ketchup. Cercado por ao menos três colegas do curso técnico, Dennis era sempre o primeiro a entrar e sempre o último a sair da cantina. E a escola técnica não era um dos pontos altos do colégio. Ficava em um anexo, separado do prédio onde o restante de nós tinha aulas. O motivo pelo qual a gente sabia o nome de um dos caras de lá era que ele sempre tinha drogas para vender.

* * *

Sander tem uma ruga de preocupação na testa. É tão profunda que é visível de lado. Ele se volta para Panqueca.

— Também precisamos nos encontrar brevemente no domingo à tarde para conversar sobre como chamaremos a atenção do tribunal para os outros aspectos da vida de Oryema.

A promotora fizera questão de ressaltar o quanto todos deveríamos lamentar a morte de Dennis. Como ele fugira da África sozinho, vivera em lares adotivos, fora ameaçado de deportação e tudo o mais. Acho que a testa de Sander está enrugada porque ele não tem certeza de como mostrar aos juízes que sentimos pena de Dennis (porque somos boas pessoas), que sentimos empatia pelo traficante gordo assassinado e ainda assim lembrar a

eles quem Dennis realmente era (ou seja, o traficante gordo de Sebastian) sem parecermos preconceituosos.

Mas a questão é que todos têm preconceitos quanto a Dennis. Todos os jornalistas politicamente corretos, todos os juízes leigos, todos esses advogados, não importa quem representam — suas ideias sobre Dennis são tão claras que eles poderiam ter suásticas tatuadas nas testas. Dennis não era “amigo” de ninguém e não era “legal” (nem mesmo Christer diria isso). Dennis tinha “dificuldade para se concentrar” (professorês para explicar por que tinham que tirá-lo do ônibus todas as manhãs para que ele ao menos chegasse à sala de aula). O sueco de Dennis era uma piada, e às vezes muito engraçada. Ele nunca falava com garotas sem comê-las com os olhos e parecia estar em uma sessão de jazz aeróbico que deu errado quando dançava. Dennis nem mesmo tinha um dom musical; se ele fosse surdo talvez fosse menos desafinado.

Dennis achava que usar gel estava na moda e penteava o cabelo pegajoso com tanto carinho quanto coçava o saco. As meninas com as quais ele se dava (no shopping Täby Centrum ou na Estação Central de Estocolmo) tinham apliques, unhas e cílios postiços e pneus de gordura flácidos que transbordavam de suas calças jeans. Passavam o tempo todo tentando puxar a calça para tapar o cofrinho — sem conseguir. Tinham tatuagens incompreensíveis na lombar e nos ombros, usavam perfumes com cheiros tão fortes que davam dor de cabeça, mascavam chiclete com a boca aberta e pensavam que batata frita era um vegetal. Elas provavelmente fritariam cachorros-quentes e barras de Snickers para servirem nas festas caso não tivessem pedido pizzas de kebab com molho béarnaise suficientes. As “irmãs” (sim, elas se chamavam de “irmãs”) e os “irmãos” de Dennis diziam “ei” e “oi, cara” quando se cumprimentavam. Faziam gestos de armas com as mãos e as apontavam uns para os outros por motivos que ninguém entendia, e riam muito alto de piadas ruins. Ninguém imaginava que Dennis se tornaria um político eloquente e liberal quando crescesse.

Não há provas, técnicas ou de qualquer outra natureza, que me liguem à morte de Dennis. Eu não matei Dennis. Obviamente, Sander destacará isso. Ele também fará o melhor que puder para que todos entendam que eu não tinha nenhum motivo para querer matar Dennis.

Afora aquela última noite, Dennis nunca me deu cocaína, haxixe ou qualquer coisa para fumar. Sebastian me dava o que eu pedisse. Eu não

conhecia Dennis e não queria conhecê-lo. Dennis não queria me conhecer. Quando falava com Sebastian enquanto eu estava por perto, ele ficava ali puxando as roupas e tentando não olhar para os meus seios. Mas ele nunca falou comigo. Ele nunca falava com “a garota de outro cara”; ele achava que as “garotas” mereciam respeito apenas quando estavam namorando “um cara” por quem ele tinha que demonstrar respeito. Naquela última noite, quando Claes o expulsou, ele chorou bastante e ficou com catarro no nariz, que não limpou, apenas deixou escorrer. Ele estava chorando porque perderia as drogas que trouxera para vender e que, é claro, não pertenciam a ele. Se Sebastian não o tivesse matado horas depois, o fornecedor de Dennis certamente o faria.

Seria absurdo alegar que eu queria que Sebastian matasse Dennis. Seria ainda mais absurdo alegar que eu precisava convencê-lo a fazer isso.

Quando a polícia abriu o armário de Dennis após o tiroteio, encontraram uma pistola descarregada. Eu sei que Sander também quer fazer um grande escarcéu por causa dessa arma. Ele nunca vai saber por que Dennis a mantinha, mas tentará usar aquilo para que todos compreendam que Dennis levava uma vida perigosa. Quase tão perigosa quanto a de Sebastian, ou consideravelmente mais, dependendo de como você encarar a situação.

Os jornalistas afirmam que tratávamos Dennis como um animal de estimação, mas não destacam que estávamos longe de sermos os piores. Por exemplo, se alguém vestisse Dennis com uma camisa da Ralph Lauren, demoraria menos de vinte minutos para que as autoridades escolares exigissem uma busca em seu armário para encontrar o restante dos bens roubados. Além do mais, Dennis ganhou muito dinheiro graças a Sebastian. A cada semana que passava, os jeans de Dennis tornavam-se mais caros e as correntes de ouro ocultas entre as dobras de gordura de seu pescoço cada vez mais grossas. Mas ninguém jamais olhou para Dennis tempo o bastante para perceber. Talvez os professores e os adultos no lugar onde ele morava pensassem que as joias eram falsas. Talvez não tivessem a menor ideia de como seus tênis horrorosos eram caros. Mas acho que, acima de tudo, pouco se importavam onde ele conseguia dinheiro, desde que não estivesse roubando coisas de outros alunos. Porque faltavam apenas mais alguns meses para Dennis ter que “fugir” da casa onde morava e evitar ser deportado, quando sua data de nascimento inventada indicasse que ele tinha dezoito anos. Então, eles se livrariam dele e de todos os problemas que ele

causava. Se os professores ficavam chateados com o fato de Dennis vir a ser deportado? Bem, apenas para manter as aparências. Na verdade, eles estavam aliviados.

Ninguém acreditava que Dennis amadureceria e controlaria o seu comportamento. Nem ele mesmo sabia o que isso significava. Ele não sabia soletrar “comportamento”, e seu celular pré-pago não tinha corretor automático para ajudá-lo.

A promotora e todos os colegas jornalistas podem gritar até ficarem roucos dizendo que ninguém deveria passar pelo que Dennis passou, mas nenhum deles teve pena suficiente para fazer algo enquanto ele estava vivo. Todos o tratavam como um condenado antes mesmo de ele morrer. Ao menos Sebastian o pagava.

Eu não matei Dennis. Eu não o achava pior do que o resto do mundo já achava. Creio que é isso que Sander quer dizer para a corte, mas não sabe como.

Há um ou dois dias, a promotora Lena leu em voz alta algumas mensagens de texto que mandei para Amanda a respeito de Dennis. “Ele é louco, mas provavelmente vai morrer logo”, escrevi em uma delas. Outra mais longa, que escrevi para Sebastian, continha a frase: “Você precisa tirar esse cara da sua vida.”

— Precisamos refutar tais mensagens de uma forma clara — diz Sander agora. — E quero fazer isso sem mencionar as outras mensagens de texto. São coisas que não têm relação. Essa é a nossa linha principal. Mantê-las separadas.

Sander ainda não se dirigiu a mim, apenas a Ferdinand e Panqueca. Imagino que eles costumam recapitular o que aconteceu e o que deve ser feito após os procedimentos do dia, mas na maioria das vezes esperam até eu voltar para a prisão. Ferdinand e Panqueca agem como se Sander estivesse irritado.

— Não devemos ter grandes dificuldades para refutar as mensagens sobre Dennis. É perfeitamente compreensível que Maja não quisesse que Sebastian perdesse tempo com ele — diz Sander. Ferdinand assente, sem entusiasmo. — Ninguém pode culpar Maja por querer Dennis fora da vida de Sebastian.

Panqueca balança a cabeça tão desanimado quanto a colega. Eles ouviram isso mil vezes: já tiveram que ouvir Sander falando consigo

mesmo mais vezes do que conseguem contar.

Acho que Sander está certo. Mas ninguém admitiria que, se Dennis tivesse sido o único a morrer, eu não seria sequer detida. Ninguém admitiria que preferia matar Dennis a deixá-lo se tornar amigo de seus filhos, porque as pessoas têm medo de parecerem racistas. Mas eu não acho que Dennis se sentia como nosso animal de estimação. Ele não ligava a mínima para como nós o tratávamos. Ele só queria ganhar o máximo de dinheiro possível antes de ir embora.

— Preciso começar com a linha do tempo e, em particular, com a nossa visão dos eventos daquela noite. — Sander ainda está falando sozinho. Ferdinand e Panqueca continuam fingindo ouvir. — Mas quando falar sobre as vítimas, começarei com Dennis e Christer. Eles são menos problemáticos.

O assassinato de Christer faz parte da alegação geral de que ajudei Sebastian a fazer o que fez. Se as pessoas acreditarem nisso, então eu também vou ser cúmplice da morte de Christer, e, se não acreditarem, não vou ser condenada.

Talvez Christer tenha morrido “por acaso”. Ou talvez qualquer adulto que tentasse dizer a Sebastian como levar a vida merecesse morrer. Sander me disse que não quer especular sobre o que Sebastian queria ou não. A promotora também não sabe por que Sebastian matou Christer. Talvez ele apenas estivesse no lugar errado na hora errada, ou talvez Sebastian não se importasse com quem morresse — quanto mais melhor, certo? As coisas que encontraram no meu armário sugerem que ele queria matar muito mais gente. Ah, esperem, perdão. De acordo com a promotora, é prova de que Sebastian *e eu* queríamos matar metade da escola.

* * *

No início da semana, quando a promotora falou de Samir, eu chorei. Eu não queria chorar, porque sabia que era isso o que Panqueca queria que eu fizesse, mas não consegui evitar. Eu queria dizer algo para que as pessoas parassem de ouvir a promotora, mas, como só tenho permissão para falar na minha vez, apenas chorei.

Eu não chorei quando a promotora disse que, mesmo que Sebastian não tivesse me contado, mesmo que eu não tivesse visto o cadáver de Claes Fagerman quando estive na casa dele, eu poderia ter descoberto que Claes estava morto durante aqueles onze minutos, ainda mais depois das mensagens de texto que tinha enviado para Sebastian na noite anterior e naquela manhã. Quando ela disse que Sebastian e eu havíamos planejado aquilo juntos, assim como todo o resto, e que queríamos matar e morrer juntos, eu apenas olhei para a frente sem demonstrar reação. Ouvi ela alegar que, mesmo que eu não tivesse percebido que Sebastian estava falando sério, mesmo que eu fosse idiota o bastante para não entender que havia armas e explosivos nas bolsas que ele queria levar para a escola, eu *deveria* ter entendido e protestado, e, uma vez que não protestei, sou cúmplice. E que há *provas forenses* que comprovam que cometi os assassinatos. Ela falou *provas forenses* diversas vezes — ela adora essas palavras, sua voz fica tão animada ao dizê-las que ela quase perde o tom. Mas eu permaneci calma.

Quando ela falou sobre Amanda, Ferdinand pousou a mão no meu ombro. Era uma mão leve e magra, que quase não me tocava, e eu tive que morder minha própria mão para não gritar.

Ninguém acha que é uma catástrofe o fato de eu ter matado Sebastian. Eles acham que eu deveria ter feito isso antes. Mas eu matei Amanda, e não há como justificar este fato.

“Foi em legítima defesa”, dirá Sander sobre os tiros que disparei.

“Sem intenção.” “Legítima defesa.”

Ele usará um monte de palavras diferentes para explicar que aquilo foi um erro. Eu não deveria ser responsabilizada pelo que fiz. Minhas ações foram destinadas a evitar um perigo maior.

Mas, no fundo, eu sei que não estava tentando me defender de maneira consciente e bem fundamentada. Eu não estava pensando “Socorro”, não estava pensando “Preciso matar Sebastian ou então ele vai me matar”. É impossível explicar o terror que senti. Era como se algo estivesse acontecendo com o meu corpo enquanto minha alma se preparava para morrer.

Chorei diversas vezes essa semana. Mas não porque Panqueca quer que eu chore. Eu não acredito que chorar ajude.

* * *

Quando o carro da prisão finalmente chega, Panqueca se oferece para acompanhar a mim e ao segurança até lá embaixo. Os jornalistas estão à nossa espera quando saímos do elevador no estacionamento. Estou cansada. Eles tiram fotos com suas câmeras gigantes, aquele som de cliques: metralhadoras com silenciadores. Susse se junta a nós, se posiciona à minha frente e me abraça. Viro o rosto em direção ao seu pescoço. Ela é bem mais alta do que eu, é quase grotescamente alta, de modo que a cena pode até parecer doce. Tipo mãezona.

Tenho certeza de que Panqueca adora o fato de eles estarem tirando fotos enquanto estou sendo mimada. Isso me faz parecer mais jovem, mais menina e mais triste. Talvez ele tenha até avisado a imprensa por onde sairíamos para que pudessem tirar as fotos.

— Maja — chama um jornalista. — Como você acha que foi hoje?

Não respondo. Deixo Susse me enfiar no banco de trás. Eu me sento tão longe das câmeras quanto possível. Os vidros das janelas são escurecidos. Mas vejo Panqueca se aproximar dos jornalistas. É estranho que ele tenha nos seguido até o carro. Normalmente, basta o segurança. Ele e eu não estávamos no meio de uma conversa superinteressante que ele não queria interromper. E ele não devia estar na reunião com Sander, falando sobre a situação e, vocês sabem, *como foi tudo*? O que Panqueca está fazendo aqui? Só consigo imaginar que ele deve querer se certificar de que estou me comportando. E por que ele se preocuparia com a forma como estou me comportando se não soubesse de antemão que haveria jornalistas no estacionamento?

Panqueca não para de falar como “eles” estão interessados em mim. Em quem eu sou. É importante que minha equipe “me dê uma personalidade”, que eu me “torne uma pessoa”. Toda a minha defesa se baseia nisso, de acordo com Panqueca. Quem eu “sou”. Claro. Assim que tivemos acesso ao relatório da investigação, Sander iniciou um milhão de outras por conta própria para verificar as conclusões a que chegaram a análise técnica e as buscas policiais. Mas Panqueca parece se concentrar em conseguir que “eles” me entendam, embora não fique inteiramente claro quem são “eles”, porque não creio que se refira aos juízes. Ao menos não apenas aos juízes.

Susse dá um tapinha no meu braço. Eu a deixo pegar a minha mão. Agora ninguém pode me ver. Sim, a porta do motorista está entreaberta, mas os fotógrafos não parecem ter percebido. Posso ouvir Panqueca conversando com os jornalistas em voz baixa, embora clara:

— Não podemos falar agora, tenho certeza que vocês entendem. Foi um longo dia. — Ele parece cansado, muito mais cansado do que na descida de elevador até o estacionamento. — Maja está perturbada. Isso é difícil para ela. Ela é tão jovem... — Pronto, ele disse isso outra vez. Pergunto-me se os jornalistas não estão começando a achar repetitivo. — Não é comum que uma garota da idade dela fique presa por tanto tempo. Ela teve um período de detenção excepcionalmente longo e cansativo.

Tento dormir no carro. Estou cansada. Quanto a isso, o empático Panqueca estava certo. Mas ele está errado quanto ao resto. A prisão não é tão difícil assim. Não que seja um lugar agradável, porque não é. Não que a comida seja ótima, porque não é. Mas posso evitar muita coisa enquanto estou lá dentro.

Todo dia na prisão é uma versão recortada e colada do dia anterior, especialmente porque eles deixaram de me interrogar o tempo inteiro. É um tremendo alívio. Sem surpresas. Não há pessoas novas. Toda a comida tem o mesmo gosto, sejam almôndegas, bacalhau ou ovos mexidos. Tomo café da manhã, almoço e janto. Uma hora no pátio, uma hora na academia (onde apenas finjo me exercitar). Aulas. Dez minutos no chuveiro. Fico deitada na cama, no chão, uso o banheiro, ouço as pessoas passando, tento ler, ouço música, durmo mais do que jamais dormi na vida. A única visita que recebo é a de Sander. Mas talvez eu passe este fim de semana sozinha. Ninguém vai falar comigo, ninguém vai me surpreender ou me fazer pensar.

Hoje não tivemos tempo para começar a apresentação do nosso caso, mas, quando terminar o fim de semana, será a hora do meu lado da história, sobre Sebastian e eu, o amor e o ódio, e como eu o traí.

Sebastian e eu

17.

Sebastian e eu nos tornamos um casal no verão anterior aos assassinatos. Estocolmo fora tomada por uma onda de calor tão terrível que, três semanas depois, as pessoas nem falavam mais sobre o clima. Queixavam-se dos aparelhos de ar-condicionado quebrados, do gelo com gosto de meia velha e do sorvete granuloso da 7-Eleven, mas não do calor. O calor se tornara um fato. Ninguém imaginava que o tempo fosse mudar.

Eu estava trabalhando no último turno do meu emprego de férias como recepcionista noturna em um hotel no centro da cidade quando Sebastian apareceu. Eu passara três semanas, das dez da noite às sete da manhã, atendendo telefonemas, fazendo reservas, cancelando outras, convocando pessoal extra para serviço de café da manhã e limpeza, ouvindo finlandeses bêbados (“Onde estão as garotas legais?”) perguntando se eu poderia levar álcool para os seus quartos (“Seja uma garota legal, está bem? He he.”). Havia um botão do pânico no balcão, mas nunca precisei usá-lo. Às vezes, alguém vomitava, geralmente no quarto, mas eu também não precisava me preocupar com isso. Um dia um sujeito cortou os pulsos. Ele enviou um tweet para a polícia bem antes de começar.

A caminho do trabalho, topava com alguns turistas com cara de cansados. Estavam indo ou voltando de restaurantes baratos: pais de olhos vidrados com crianças em carrinhos de bebê ou alemães lerdos de sandálias segurando mapas amassados. Não era um trabalho estressante, não era difícil, pagava muito bem, e aquilo me dava “experiência” (palavras do meu pai). Meu pai era “a favor” de eu ter um emprego de férias. Ele achava que havia uma nuvem perfumada de Ingvar Kamprad e Jovens Empreendedores em torno daquilo. Minha mãe queria que eu fosse de táxi para casa todas as manhãs, mas meu pai não tinha como pagar, então ela deixou passar.

Sebastian estava em uma das boates nas redondezas e entrou para usar o banheiro. Eu estava trabalhando sozinha naquela noite. Minha colega fora para casa mais cedo, algo a ver com o aniversário do filho.

Com exceção dos hóspedes, ninguém tinha permissão para usar o banheiro, mas eu jamais teria dito não a Sebastian. Nunca descobri como ele soube que eu estaria trabalhando naquela noite, nem sabia que ele sabia quem eu era. Fazia muito tempo desde que frequentáramos a mesma pré-escola. Sebastian era um ano mais velho que eu. Se ele não tivesse repetido o último ano, já teria se formado. Mas agora estávamos prestes a estudar na mesma turma. Eu sabia. Todos sabiam que Sebastian repetira o último ano. Então ele entrou no saguão do hotel.

“Maja”, disse ele com a voz confiante. Ele não pareceu surpreso ao me ver, e meu coração disparou, como quando estávamos na pré-escola. Ele acabou me esperando até a hora de eu voltar para casa. Demos uma volta, a cidade vazia e mais fria do que na manhã anterior. Caminhamos lado a lado pelo Humlegården, por Engelbrektskatan e até a Estação Östra. De lá, pegamos o trem para Ösby, em Djursholm. Ele se sentou ao meu lado no trem e, quando chegamos à universidade, deitou a cabeça no meu colo e adormeceu sem mais comentários. Quando o trem parou na nossa estação, acariciei a sua testa para acordá-lo e ele olhou para mim ao despertar. Então, ergueu a mão e passou o polegar no meu lábio inferior. Isso foi tudo.

Na mesma tarde, minha mãe, meu pai, Lina e eu fomos viajar juntos. Minha mãe decidira que faríamos uma viagem de carro pela Europa, mas primeiro voamos para Genebra, onde alugamos um carro para que pudéssemos chegar aos diversos hotéis-boutique que minha mãe escolhera em um site que prometia experiências “secretas” e “únicas”.

Meu pai dirigiu. Ele sempre dirigia quando ele e minha mãe estavam no carro (exceto quando iam a alguma festa). Quilômetro após quilômetro, mudávamos de estação quando começava a estática. Ouvimos as mesmas músicas país após país. Todos os locutores tinham a mesma voz, o mesmo riso alegre e o mesmo falar arrastado e amistoso (“shlabablasha Rihanna, shushushu Ariana Grande!”). Eles falavam línguas diferentes, é claro. Na Itália, tocavam mais músicas italianas, e na França havia mais músicas francesas, mas, no geral, soavam iguais em toda parte, e, de qualquer modo, eu sentia como se estivesse em estado de choque. Sebastian explodira dentro da minha cabeça. Eu estava no lugar errado com as pessoas erradas, sentada no banco de trás ao lado de Lina e seu saco de enjoo, fazendo buscas no celular. Eu não me importava que meus pais se queixassem das contas: procurei por toda parte, explorei os cantos da internet como uma

louca, mas não consegui descobrir onde ele estava e não ousei perguntar a ninguém ou adicioná-lo em alguma rede em que ele ainda não tivesse me adicionado. Então fiquei sentada no carro cada vez mais desesperada e em pânico porque a oportunidade escapara de minhas mãos. Sebastian havia deitado no meu colo, olhado para mim e, então, eu tinha ido embora. Dá para ser mais idiota?

Estávamos de férias havia nove dias, em Villefranche-sur-Mer, perto de Nice, quando ele me ligou. O telefone vibrou em minha mão suada. Seu celular tinha um número oculto e ele veio me buscar em uma vespa. Meu pai pareceu surpreso. Minha mãe ficou quase chocada. Sebastian nos encontrou no saguão do hotel e convidou minha mãe, meu pai “e Lina, é claro” (como ele sabia o nome dela?) para um jantar “no barco” naquela noite — o “barco” do pai dele, ancorado no porto de Nice. Vi minha mãe sapatear sem sair do lugar porque não sabia como compraria um vestido novo a tempo e meu pai se aprumar até parecer quase duas vezes mais alto porque o pai de Sebastian era muito mais do que apenas um “cliente em potencial”. Claes Fagerman era potencialmente uma nova vida.

Sebastian fingiu não perceber nada disso. Ele apenas olhou para mim.

Amanda tinha dito a Sebastian onde estávamos, e Sebastian decidira vir naquela mesma manhã. Aquilo era tão inacreditável que beirava o surreal. Saí com ele na garupa da vespa. Abracei-o pela cintura enquanto passávamos por estradas costeiras estreitas, e tudo era íngreme e quente, e transei com ele duas vezes na cama oval do barco (debaixo de um lençol branco) antes que minha mãe, meu pai e Lina chegassem para jantar conosco e com o pai de Sebastian no convés, sob um milhão de estrelas.

O barco tinha quase sessenta metros de comprimento. O piso era tão macio quanto seda, cor de xarope, e havia acessórios de bronze e detalhes de prata, ouro e mármore branco. O sol já havia se posto quando serviram o primeiro prato. Estávamos sentados no convés superior, que era iluminado por baixo, ao longo da linha d'água e ao redor do convés. A noite negra aveludada se entranhava em nossa pele, havia mais garçons do que eu era capaz de acompanhar e meus pais olhavam para mim com mais frequência do que de costume. Lina quis se sentar no meu colo.

— Já havia perdido a esperança de ver Sebastian por aqui — disse Claes Fagerman para os meus pais com um sorriso largo. — Suponho que tenha sido graças a Maja que ele decidiu nos honrar com a sua presença.

Eu quase não consegui parar de olhar para Claes naquela primeira noite. Ele era um contador de histórias fantástico, um animador mágico, e era ainda mais luminoso pessoalmente do que nas fotografias. Minha mãe ria, tão animada quanto um passarinho. Ela comprara um vestido novo e estava usando algo em seu cabelo que parecia uma coroa de louros feita com folhas de ouro falso. É óbvio que era ouro de verdade, caso contrário ela jamais ousaria usar algo que parecesse tão barato.

Sebastian me abraçou e Claes contou histórias sobre pessoas de quem eu nunca ouvira falar. A risada do meu pai tornava-se cada vez mais maníaca. Em geral, o pai de Sebastian era bom em fazer as pessoas relaxarem. Ele não tinha medo dos silêncios que ocorrem quando pessoas que não se conhecem precisam passar algum tempo juntas. Ele não se importava com o silêncio, com os pigarros nem com conversas entediadas. Ele apenas sorria e continuava falando, e suas piadas faziam as pessoas rirem aliviadas. Naquela primeira noite, não vi tudo, não suspeitava que tipo de homem ele realmente era. Minha mãe ficou tão bêbada que comeu a sobremesa e Lina adormeceu no sofá; um dos empregados a cobriu com um fino cobertor, embora o ar estivesse quente e ameno.

Certa vez, Claes me disse: “Eu sou rico, você sabe.” Ele não disse aquilo para se gabar, mas para explicar de onde vinha. Ele era rico de um modo que aquilo se tornara a sua nacionalidade. Ele morava em um país só seu. Nada a ver com geografia. Porque os suecos ricos de verdade são mais parecidos com japoneses, italianos ou árabes ricos de verdade do que com outros suecos. E meu pai admirava aquilo, porque Claes Fagerman encontrara o caminho dessa nacionalidade por conta própria, sem herança ou privilégio; ao menos ele não era do tipo “propriedade em Sörmland, florestas em Norrland, estaleiro em Göteborg e membro do grupo de caça do rei.”

Meu pai odiava os “filhos de fundos fiduciários” e seus “investimentos sem sentido”. Às vezes, ele voltava do trabalho e nos falava sobre tais projetos:

— Se você deseja arriscar capital para desenvolver um aplicativo que diga quanto custa um litro de leite, há dezenas de jovens de vinte anos com uma propriedade arruinada, um título antigo e uma nova empresa de investimentos que pensam que o homem comum precisa de um aplicativo

para saber disso. Já os filhos do meu pai nunca tiveram de aprender que o preço do leite está afixado bem ali, na prateleira do supermercado.

Além disso, os idiotas dos fundos fiduciários não eram “ricos de verdade”, e esse atributo em particular era a única coisa que conseguiam administrar por conta própria: não se tornarem ricos de verdade.

— É trágico — respondia minha mãe. (Palavras do meu pai, ela as usa quando fala com ele.) — Trágico.

Minha mãe, por sua vez, nos contaria que uma colega ou amiga parou de trabalhar.

— Acho que o marido dela vai comprar uma loja de decoração de interiores — diria ela, porque, assim como meu pai não gostava de pessoas que herdavam dinheiro, minha mãe odiava mulheres da sua idade que faziam aquilo que ela mais sonhava: desistir.

Minha mãe é advogada corporativa de uma empresa de capital aberto e ganha cerca de metade que o meu pai. Ela diminuiu as horas de trabalho quando Lina nasceu para não ter “um colapso”, mas não quer parar. Finge que está tudo bem e que ainda tem muito a fazer. Ninguém acredita nela, muito menos meu pai.

— Em vez disso, deviam gastar todo o seu dinheiro na loteria — continuaria meu pai. — Teriam mais chance de sair no lucro.

(Ele sempre continua no mesmo assunto, mesmo que minha mãe já esteja falando sobre outra coisa. As melhores discussões deles sempre seguem esse padrão.)

Contudo, de cara com Claes Fagerman, tanto minha mãe quanto meu pai se transformaram em fãs maravilhados. Meses depois de Sebastian e eu termos começado a namorar, meu pai ainda falava sobre Claes sempre que me encontrava sozinha. Falava sobre como ele havia herdado um grupo em crise e o transformado em “uma das três maiores fortunas da Suécia”. Ele conseguiu aquilo porque “não se satisfazia em destruir florestas ou garimpar ouro em algum riacho em Norrland”. Em vez disso, começou a investir em setores de alta tecnologia (tipo cabos e microchips, nunca tive vontade de prestar muita atenção). Meu pai olhava para Claes Fagerman com tanta admiração que nem conseguia sentir inveja.

— A única coisa sobre Claes Fagerman que não é única — disse meu pai certa vez — é ele ter se casado com uma mulher que ficou em terceiro lugar

no concurso de Miss Suécia. Fagerman é um dos maiores homens que a Suécia já teve. Ele vai entrar para a História.

* * *

Naquela primeira noite no barco, também gostei de Claes. Ele me fez acreditar que eu era especial. Quando ele contava piadas, eu me sentia engraçada simplesmente porque ria na hora certa. Quando ele falou sobre o irmão de Sebastian, Lukas, o que ele fez em Harvard e como era inteligente, achei legal ele estar tão orgulhoso. Quando ele disse que “sempre foi óbvio que Lukas iria longe”, senti como se tivesse sido apresentada a um segredo de família, algo que Claes só contava para determinadas pessoas. Achei que um pai que se gabava do filho mais velho também deveria se orgulhar do filho mais novo. Eu não vi que seu amor pelos filhos era condicional, que era necessário realizar algo para evitar ser desprezado por Claes Fagerman.

Sebastian e eu nos retiramos por volta da meia-noite.

— Estamos pensando em dar um mergulho.

— Um passeio na praia.

Minha mãe segurou o meu rosto com ambas as mãos como se achasse que eu era virgem e aquela fosse a minha noite de núpcias, e meu pai olhou para mim com algo que chegou a parecer orgulho.

Talvez minha mãe tenha dito:

— Minha menina.

— Comporte-se — teria dito o meu pai.

Então, ele sorriu para Sebastian e disse:

— Não faça nada que eu faria. — Porque meu pai está sempre dizendo coisas assim.

— Se eu pudesse entender o que você vê nele — disse Claes Fagerman.
— Você deveria saber que ele puxou a mãe.

E nós rimos, todos nós, até eu, porque isso foi antes de eu entender que Claes nunca estava brincando quando dizia coisas cruéis para Sebastian.

Afora aquele comentário, não falamos sobre a “Sra. Terceiro Lugar no Miss Suécia”, a mãe de Sebastian. Não naquela noite, e quase nunca depois disso. Ela não fora substituída por uma versão jovem de si mesma. Simplesmente desaparecera. Ou, ao menos, fora transferida, não estava

presente, não era importante. Será que ela deixou Claes ou ele a expulsou? Acho que nunca vou saber. E, em comparação com Claes Fagerman, ela era tão sem importância que jamais pensei a respeito, nem mesmo no fato de ela estar ausente.

* * *

Antes de Sebastian e eu ficarmos juntos, tive quatro namorados. O primeiro foi Nils. Tínhamos doze anos, quase treze, e começamos a namorar no escuro de uma festa à qual sua irmã gêmea me convidara. Christina Aguilera tocava no aparelho de som quando ele me beijou, rápido e com força, e caímos no sofá e nos beijamos até eu ficar com os lábios inchados e a calcinha encharcada. Ele tocou meus seios, e essa foi a melhor sensação que eu já tivera, mas nunca transamos. Isso nem mesmo nos ocorreu. Três semanas depois, acabou, e demorou mais uns dois meses antes de eu descobrir, porque eram férias de verão e passei nove semanas olhando para a foto dele e escrevendo cartões-postais (“Estou na casa de meus avôs no interior. Está chovendo e assisti *A morte do demônio*.”). Não recebi nenhum cartão-postal dele. Quando voltamos às aulas, ele não quis dizer oi para mim. E foi só.

Tive meu segundo namorado de verdade uns seis meses depois. Ele era um ano mais velho que eu (tinha quase quinze!) e escreveu que me achava bonita na placa de horário dos ônibus no ponto ao lado da escola. Levou de seis a oito minutos para a fofoca chegar até mim, e eu era inteligente o bastante para perceber que aquele era o melhor negócio da minha vida até então. Anton tinha lábios fartos e cabelo louro encaracolado. Ficamos juntos sete semanas, tanto tempo que éramos considerados praticamente casados. Mas, certa noite de sexta-feira, em uma festa de turma na escola de Friberga, ele ficou bêbado com bebidas que misturou em um velho frasco de xampu e declarou: “Você é muito jovem, Maja. Precisamos seguir caminhos diferentes.” (Sim, essas foram as suas palavras.) Fiquei envergonhada, um tanto chocada, mas não muito chateada. Nada naquele relacionamento foi interessante em particular: Anton, seus beijos — que molhavam a metade de baixo do meu rosto — e todo aquele negócio de vamos ser um casal.

Depois disso veio um período em que eu só gostava de caras muito mais velhos. Eles não faziam ideia de quem eu era, fosse porque nunca nos conhecemos ou porque as únicas vezes em que nos encontramos foram quando eu via a nuca deles no ônibus, seis fileiras à frente. Não me lembro do nome de nenhum deles. E, logo depois de fazer quinze anos, conheci Markus.

Markus tinha dezesseis anos. Fumava haxixe, tocava baixo, escrevia poesia, e sua mãe havia posado para Richard Avedon. Ele cursava o ensino médio na cidade, no Östra Real, e todos, absolutamente todos, sabiam quem ele era. Quando Amanda e eu entramos pelas portas de um duplex em uma rua elegante perto de Karlaplan, Markus e sua banda estavam no andar de cima tocando covers de músicas que soavam irreconhecíveis. A festa durou várias horas e um cara com marcas de acne no rosto e esmalte roxo nas unhas deu para cada uma de nós um pedaço de bolo de chocolate pegajoso e uma bebida cremosa com gosto de baunilha. Dancei até suar em uma sala de estar cujos móveis haviam sido retirados e não pensei nem uma vez em como é ridículo quando as pessoas jogam as mãos para cima e balançam a cabeça. Então, houve um apagão e o corpo de bombeiros apareceu e explicou que estava faltando energia em todo o bairro de Östermalm. “Há uma razão para vocês precisarem de uma autorização para realizar shows.” Dois policiais uniformizados chegaram depois da brigada de bombeiros, e, pela primeira vez na vida, percebi que estava chapada. Amanda e eu nos trancamos no banheiro e tentamos não nos acabar de rir. Se foi o bolo, a bebida de baunilha ou as duas coisas que nos deixaram doidonas, não fazíamos ideia. Ficamos sentadas ali até a polícia ter ido embora e Markus bater à porta. Ele estava nu, segurando um candelabro com cinco velas acesas. Ele ligou a água, e, quando pediu, tirei a roupa e tomei banho com ele enquanto Amanda dormia sobre uma toalha no chão de azulejos.

Markus tinha uma franja comprida que o impedia de olhar para os outros nos olhos, e, certa tarde naquela mesma semana, tirou a minha virgindade em cima da colcha do pai. Não foi ruim, não doeu, e fiquei muito aliviada por ele não ter percebido que eu nunca fizera aquilo antes. Quando liguei para ele (liguei para seu telefone fixo já que ele não atendia o celular e porque acreditei quando ele me disse “Optei por não usar celulares”), Markus fingiu que não estava. Pela voz, dava para notar como sua mãe ficava irritada, mas eu continuava ligando tanto para o celular quanto para o

telefone fixo. Não importava que ele não gostava de mim. Eu simplesmente não conseguia evitar. Markus e eu transamos quatro vezes em festas (em geral começávamos tomando banho juntos, ele sempre tomava banho nas festas), e eu fingia que, quando ele dizia que adorava os meus seios, isso significava que ele me amava. A última vez que transamos foi em cima de outra colcha (nunca fazíamos sexo debaixo de um edredom). Eram quase dez da noite, ele se virou para o lado quando usei minha própria camiseta para limpar a barriga, e, então, me disse que estava com Terese, ou Tessie para os íntimos. Portanto, não poderíamos “continuar fazendo isso”.

Duas horas e meia depois, naquela mesma noite, conheci a menina com nome de cachorro quando Markus e ela saíram do banheiro. Tessie Cocker Spaniel usava um roupão de banho. Markus estava nu. Eu não tinha ficado chateada até aquele momento, mas então já estava disfarçando e simplesmente fui embora.

Fui eu quem terminei com o cara seguinte. O nome dele era Oliver e ele disse que me amava (não apenas os meus seios) depois de quatro dias. Quando respondi que gostava dele, que ele era “um amor”, mas que não tínhamos sido “feitos um para o outro” (eu me tornara uma profissional, sabia tudo o que havia para saber sobre o amor, sabia exatamente o que dizer), ele começou a me ligar todos os dias, mesmo quando não estava bêbado, e me mandava mensagens de texto todas as tardes para me desejar boa-noite.

Após terminarmos, transamos por mais alguns meses, mas então Sebastian apareceu no saguão do meu hotel e nada do que eu havia experimentado antes era parecido com ele. Tudo era novo.

Não que eu estivesse começando outra vez. Sebastian era o meu começo.

* * *

Não me lembro se perguntei aos meus pais se poderia viajar com Sebastian em vez de continuar viajando pela Europa com eles, mas devo ter perguntado, porque eles trouxeram uma mala nova para o jantar, provavelmente a mais cara que minha mãe encontrara, com todas as minhas coisas dentro.

Na primeira manhã, acordei antes de Sebastian. Eu sempre tenho problemas para dormir em lugares novos. Sebastian estava apagado e não quis acordá-lo. Quando subi ao convés, Claes estava sentado, tomando café da manhã com um jornal sueco dobrado em uma mão.

— Venha, sente-se. O que você gostaria de comer no café da manhã? — perguntou, sem tirar os olhos do jornal.

Quando terminei o café e peguei o meu croissant (achei que fazia sentido em um barco no Mediterrâneo), Claes baixou o jornal e me lançou um olhar amistoso. Não lembro muito bem o que ele perguntou nem se tinha alguma pergunta a fazer, mas conversamos e senti minha ansiedade aumentar. Ele ficou até Sebastian aparecer e sentar-se ao meu lado de cueca, camiseta branca e cabelo despenteado. Naquele momento, Claes se levantou, pegou o jornal e foi embora. Os dois não disseram bom-dia um para o outro.

Faltavam dezessete dias para as aulas começarem e Sebastian e eu nos tornarmos colegas de turma. Ficaríamos no iate de Claes por quinze dias e quinze noites. Na segunda manhã, navegamos para a costa italiana. Estávamos a caminho de Capri e não havia nada além de mar azul, brisa fresca e o mesmo calor todas as noites. Às vezes, parávamos no meio do mar e baixávamos uma pequena lancha do convés para podermos nadar, mergulhar ou praticar esqui aquático. Certa vez, fomos levados de helicóptero (que aterrissou no convés) para assistir a uma corrida de Fórmula 1. Ficamos ao lado da linha de chegada e sorrimos um para o outro em meio ao rugido dos motores. Nunca aprendi o nome de todos no barco, embora tenha tentado. Sandro (o capitão) respondeu a mil perguntas sobre os lugares por onde passamos e o chef Luigi descobriu que eu gostava de *citron pressé* e iogurte grego, melão e croissants no café da manhã, salada de frango ou feta no almoço e que eu tomava café preto. No spa, que ficava no mesmo convés do cinema, ao lado da academia, tocava música de elevador e uma mulher (Zoe) fazia as minhas unhas, mãos e pés, e me massageava com um óleo que cheirava a pasta de dente com baunilha. Ela vagava por ali de pés descalços, e nunca a vi fora do spa.

Adorei aquele barco, adorei todos que trabalhavam lá. Todos pareciam felizes quando eu os via, e fiquei fascinada com a rapidez com que me acostumei a tudo aquilo, como era natural ficar ali e deixar os dias passarem. À noite, jantávamos com Claes. Parecia importante para ele que estivéssemos presentes, embora ele quase nunca comesse conosco mais do

que o prato principal. Ele me fazia perguntas, quatro ou cinco, e então se retirava, mas na hora em que ele se sentava conosco eu deixava a sua atenção nos embalar. Ele nos ouvia, assentia. Às vezes, quando estava de ótimo humor, nos falava sobre assuntos que considerava importantes.

Certa vez, deve ter sido na quinta ou sexta noite, o pai de Sebastian nos levou a um restaurante. Ele teria que jantar com um conhecido de negócios e queria que viéssemos juntos. Não perguntamos por quê, mas supus que ajudaria a tornar o encontro mais relaxado e informal.

O restaurante ficava em uma aldeia à beira de um penhasco, não muito longe de Bonifacio, ainda na França. O plano era caminhar o último trecho. Todas as cores haviam desaparecido na escuridão, um caminhão estava estacionado no porto e uma lona, agitada pelo vento, batia em um contêiner. Ainda estava quente lá fora, mesmo que o sol tivesse baixado, e aquela área em particular cheirava a lixo. O colega de negócios, um italiano, falava inglês pelo nariz com um sotaque tão pesado que quase dava para sentir no ar. Ele já estava bêbado.

— Me dê uma ajuda — pediu o italiano para Sebastian, estendendo-lhe a mão de dedos gordos.

Sebastian soltou a minha mão e segurou o braço do sujeito. Quando entramos na pequena aldeia, tive dificuldade de caminhar sobre os paralelepípedos com meus sapatos, então não me importei de estarmos caminhando devagar. O velho xingava e suave, inclinando-se descaradamente sobre Sebastian e fazendo uma pausa a cada vinte metros para recuperar o fôlego. Quando enfim chegamos à porta do restaurante, o sujeito deu um beijo molhado no rosto de Sebastian, muito perto da boca. Sebastian se sobressaltou e seu pai abriu a porta do restaurante. Claes Fagerman voltou-se para o sujeito e indicou que entrasse primeiro.

— Eu jamais teria chegado até aqui se não fosse por você — disse o italiano, finalmente soltando o braço de Sebastian.

— É bom saber que ele serve para alguma coisa — disse Claes. — Isso é novidade para nós.

Não entendi por que ele estava com raiva, mas com certeza estava. Furioso. Tudo o que aprendi a associar a Claes Fagerman mudou por completo. Ele não iniciara uma única conversa desde que deixáramos o barco. Se eu dizia alguma coisa, ele não me ouvia. Em vez disso, desviava o olhar, esquivava-se, seguia em frente, quase não respondia quando falavam

com ele. Senti um nó no estômago, e Sebastian não olhava para nada, muito menos para mim. O italiano, no entanto, parecia completamente imperturbável.

Recebemos uma mesa junto à janela. O restaurante ficava tão perto da borda do penhasco que parecia estar flutuando sobre o mar. As luzes dos barcos no porto eram visíveis, e um farol pulsava na entrada da baía, onde nosso iate estava ancorado. O pai de Sebastian fez pedidos para todos nós, sem perguntar o que queríamos comer. O italiano riu tão alto que os clientes do outro lado do restaurante se viraram para nós, e ouvimos, horrorizados, ele mudar o pedido de Claes: uma entrada diferente, e com certeza não aquele prato principal, havia algo sobre corsos e polvos, todos sabiam disso, absolutamente todos, e o pai de Sebastian não disse nada, apenas assentiu com um gesto quase imperceptível para o garçom, e, quando chegou a carta de vinhos, deixou o italiano pegá-la e pedir o que queria. Mas Claes não bebeu vinho nem sequer experimentou a entrada.

Enquanto aguardávamos o prato principal, fui ao banheiro. Quando voltei, o italiano havia ocupado a minha cadeira. Ele acenou para que eu me sentasse em seu lugar. Sebastian não protestou. Em dado momento, Sebastian tentou se levantar, talvez para vir até mim.

— Sente-se, pelo amor de Deus — disse Claes para Sebastian em sueco. — Você acha que conseguiria realizar a incrível façanha de ficar sentado de boca fechada?

Sebastian se sentou. Ele não olhou para mim. Mas sorriu, mecânica e largamente, sem dizer nada.

Quando o italiano não estava tentando fazer Sebastian cantar “canções suecas”, falava de negócios. Ele queria vender uma empresa. Isso eu entendi. E conforme ele se animava cada vez mais, nós ficávamos mais silenciosos. Já estava me perguntando se aquele homem, em toda a sua euforia, beberia até ficar completamente alterado quando o pai de Sebastian fez uma ligação, falou muito rápido e entregou o telefone para o italiano. Ao vê-lo desligar, Claes ergueu o copo e permitiu que o italiano brindasse com ele. O alívio que senti foi tão palpável que quase fiquei enjoada.

Após quatro pratos, queijos, duas sobremesas e um café com bandeja de prata e pralinês de chocolate, minimerengues e compotas, chegou a hora de ir para casa. De algum modo, o pai de Sebastian conseguiu que uma cadeira de rodas fosse trazida ao restaurante, e o italiano adormeceu quando um dos

homens do barco dos Fagerman o levou de volta ao porto. Pouco antes de subirem a cadeira até o convés, ele acordou, levantou-se e declarou que daria um passeio (“Vou dar uma volta!”). Sebastian e eu fomos para a cama.

Por volta das quatro horas, vozes na proa me despertaram. Quando me sentei na cama, Sebastian me puxou de volta.

— Fique aqui. — Foi tudo o que ele disse. — Isso não tem nada a ver com a gente.

Tomamos café da manhã sozinhos.

— Seu pai foi embora — informou um dos funcionários vestidos de branco cujo nome eu ainda não sabia. Sebastian apenas assentiu. Não pareceu surpreso. — Ele disse que vocês podem ocupar o quarto dele. Terminaremos de limpá-lo em breve.

Estávamos tomando sol quando o italiano apareceu no convés. Seu rosto tinha hematomas pretos e azuis e seu braço direito estava em uma tipóia. Parecia estar engessado. Ele parou a uns três metros e não se aproximou mais.

— Ah, meu Deus — consegui dizer. Eu me levantei. — O que aconteceu?

O italiano apenas balançou a cabeça.

— Não passeie na praia tarde da noite — disse ele com um sorriso torto.

Então, voltou-se para Sebastian e perguntou:

— Seu pai está?

Sebastian puxou-me de volta para a espreguiçadeira.

— Não — respondeu ele de olhos fechados.

— Você poderia... — começou o italiano.

— Não — disse Sebastian.

O italiano foi embora mais tarde naquele dia e nós nos mudamos para a suíte do pai de Sebastian. Agora, tínhamos dois banheiros em vez de um. E uma vista melhor, de frente para o mar. Supus que era a mesma do capitão. Em um dos banheiros dava para abrir o teto sobre a banheira. Naquela noite, jantamos ali, sozinhos.

— Seu pai bateu naquele italiano? — perguntei mais tarde quando estávamos deitados junto à piscina ao ar livre no convés. — Por ele ter dado em cima de você?

Sebastian não estava com raiva.

— Não. — Foi tudo o que ele disse. — É claro que não.

Ri, aliviada, tentando fingir que fora uma piada. Mas Sebastian não riu. Ele ergueu os braços e se apoiou na borda da piscina com os olhos fechados voltados para o céu negro.

— Certa vez, perguntei para o meu pai. Quando minha mãe desapareceu. O que ele fizera com ela, por que ela... como ele tinha feito... para afastá-la...

Sebastian parou de falar.

— O que ele respondeu?

— Meu pai disse: “Nossa família não precisa jogar o lixo fora. Temos pessoas que cuidam disso para nós.”

Desejei perguntar o que ele queria dizer. O que ele estava dizendo? Teria a mãe de Sebastian sido expulsa e o italiano espancado por alguém que trabalhava para Claes? Mas perdi a minha linha de raciocínio. Sebastian estava chorando. Ele não estava soluçando, seu nariz não estava escorrendo, mas ele estava chorando. Eu não sabia o que dizer. Peguei o seu rosto entre as mãos e o beijei. Cada vez com mais força, eu o beijei por muito tempo, mais do que jamais beijara, e ele me beijou de volta até eu não querer nada além de que ele me penetrasse. E, quando ele fez isso, gozei quase que imediatamente; eu sempre gozava antes dele, mais vezes do que ele, com mais intensidade.

Nove dias depois, voamos de Nápoles para casa. Éramos os únicos no avião. Eu ouvira Sebastian conversando com o pai ao telefone na noite anterior. Claes achava que não havia por que pegarmos o avião da empresa, que podíamos viajar em um voo comercial, e ainda assim o jato estava lá à nossa espera quando chegamos ao aeroporto. O carro nos levou até a escada do avião. Não precisamos passar por qualquer controle de segurança.

O barco seguiu viagem sem nós. Navegou o ano inteiro com tripulação completa. Pretendiam deixar o Mediterrâneo uma semana depois. Eu não acho que tenha me dado conta de como aquilo tudo era surreal, aquele mundo de cartão-postal, azul e iluminado de sol, com manicure e música de elevador, até pegarmos a saída para Djursholm na autoestrada e tudo parecer igual a quando eu fora embora havia um mês. Exatamente a mesma coisa, embora tudo tivesse mudado.

* * *

Aterrissamos no aeroporto de Bromma. Havia outro carro esperando na pista; um dos comissários levou as nossas malas até ele. Sebastian parecia cansado, e eu achava que não estaríamos mais namorando quando as aulas começassem. Por algum motivo, era difícil acreditar que ele queria que eu fizesse parte de seu cotidiano, isso se ele tivesse um cotidiano. Parecia natural que aquilo tivesse sido um caso de verão — um parêntese para ele, as melhores semanas da minha vida. O carro me deixou em casa e eu não sabia como me despedir, como agradecê-lo por tudo, mas Sebastian entrou comigo e apertou a mão do meu pai (o rosto de papai com aquela expressão que os adultos fazem quando querem fingir que estão sendo indiferentes mas na verdade estão prestes a se mijarem de entusiasmo). Ele me beijou no rosto, disse “até amanhã” e se foi.

No dia seguinte as aulas recomeçariam. Sebastian me enviou uma mensagem de texto às sete e meia (embora não tivesse enviado nenhuma na tarde ou na noite anterior) e me pediu para encontrá-lo no cruzamento perto da minha casa. Ele me pegou lá e eu pensei que era para que pudesse terminar comigo antes de as aulas começarem. No meio do caminho, comecei a chorar, talvez porque quisesse acabar logo com aquilo — eu choraria quando ele terminasse, então podia começar a chorar logo de uma vez. Quando ele percebeu que eu estava chorando, parou no acostamento, desligou o carro, baixou o meu assento e montou em mim. Enfiou as mãos debaixo da minha blusa, acariciou as minhas costas e me beijou, então me beijou com mais força, me tocou, me puxou para perto. Dava para sentir quão duro ele estava, e fiquei surpresa com o alívio que senti e com o medo que eu tivera de ele não querer mais ficar comigo.

Fomos de mãos dadas do estacionamento até a escola, e parecia um filme de ensino médio, onde o cara mais popular da escola aparece de repente com a garota feia de óculos e cabelo esquisito depois que ela passa por uma mudança de visual e acaba se tornando gostosa. Não que antes eu fosse uma nerd e que Sebastian fosse uma espécie de atleta de sorriso permanente com o cabelo partido para o lado, mas tudo em nossa entrada parecia de algum modo ter sido lavado em tons pastel.

Amanda já sabia que estávamos juntos, é claro. Ela nos encontrou na área para fumantes, onde me abraçou e depois se pendurou em Sebastian. Ela ficou ali como um enfeite de Natal por um instante antes de ele se livrar de seu laço e entrarmos na escola.

Havia algo que Sebastian precisava resolver antes da aula, então seguimos caminhos diferentes até nossos armários. Quando ele se despediu de mim, beijou meu rosto outra vez — e pareceu ainda mais um daqueles filmes. Amanda revirou os olhos, assim como o seu personagem teria feito (ela não vestia um uniforme de líder de torcida, mas, tirando isso, era tudo perfeito). Ela estava radiante, muito satisfeita por de repente ter um papel central na vida de Sebastian. Que Sebastian tivesse se tornado parte de nossa vida a partir de então. As pessoas com quem ele andava no ano anterior tinham ido embora, para a universidade, para um estágio na empresa dos pais ou para estudar inglês nos Estados Unidos. Agora era a nossa vez. E Amanda ficou muito feliz. Mas ela não disse isso, é claro — ela mencionou algo sobre como Sebastian e eu deveríamos “arranjar um quarto!” e joguei a cabeça para trás e ri, na altura perfeita, tudo de acordo com o roteiro.

Há várias fotos de mim e Sebastian em nossa viagem pelo Mediterrâneo. Pareço feliz, sem problemas, uma pessoa que grita e ri quando o namorado espirra água antes de ela entrar inteiramente na piscina. Estou sorrindo e meus olhos estão brilhando. Pareço feliz, apesar do fato de agora, tanto tempo depois, ter dificuldade de me lembrar que me senti feliz. Talvez a sorte seja um tipo de azar no sentido que demora um tempo para a ficha cair. A princípio, você não sente nada. O sentimento vem mais tarde, talvez muito tempo depois de o que o provocou ter desaparecido.

Só agora, passado tanto tempo, percebo que Sebastian nunca pareceu feliz. Nem mesmo naquelas primeiras fotos.

18.

Contudo, para o resto de nós, as primeiras semanas de aula foram maravilhosas. E o primeiro dia foi o melhor de todos. Amanda não era a única que achava o fato de o filho mais novo de Fagerman se juntar à nossa turma a coisa mais incrível que já havia acontecido com ela. Todos os nossos colegas de turma estavam pensando, falando e esperando por isso desde o período letivo passado, quando começaram os rumores de que ele deveria repetir o último ano. Agora, aquilo se tornava uma realidade e eu estava no centro de toda a ação.

Quando a aula estava prestes a começar, Sebastian ainda não tinha aparecido. Amanda e eu fomos para a sala sozinhas e nos sentamos em nossos lugares de sempre. Christer não perguntou o que fizemos durante as férias de verão, é claro que não perguntou. Tenho certeza de que em algum lugar nos estatutos da escola há uma regra que diz que você não pode fazer esse tipo de pergunta, você não deve permitir em hipótese alguma que os alunos escrevam redações com o título “Minhas férias de verão”, porque aqueles que não podem se dar ao luxo de viajar correm o risco de se “sentirem excluídos”. De acordo com os pais da Associação de Pais e Mestres, “sentir-se excluído” (“diferente”) é a pior coisa que pode acontecer com uma pessoa — além das máquinas de venda automática na cantina da escola. Eles adoram obviedades sem sentido, desde que a associação pareça compassiva. Como se o fato de os professores evitarem fazer aquela pergunta em particular ajudasse em alguma coisa. Sabíamos exatamente onde todos os outros haviam estado, ou, ao menos, o que não tinham feito.

Christer fez o que pode para encontrar outro tópico de discussão. Ele não comentou o bronzeado anos 1980 de Amanda, ou as tranças de Alice feitas na praia (“Ah, meu Deus, minha mãe me obrigou a fazer essas tranças, sabe, é claro que vou tirar esta noite, quer dizer, meu Deus...”), ou o braço quebrado de Jakob (ele o quebrara fazendo esqui aquático, todos sabiam, talvez até mesmo Christer soubesse). E ele definitivamente não comentou o fato de Sofia parecer ter perdido vinte quilos desde que as aulas

terminaram, havia dois meses (embora tenha demorado alguns segundos antes que ele conseguisse tirar a expressão chocada do rosto). Em vez disso, ele falou sobre alguma outra coisa.

Christer perguntou se havíamos lido “alguns bons livros”. Samir foi o único dos rapazes a responder. Ele se sentou bem reto e citou três títulos. Christer fez cara de quem sabia exatamente quais livros eram, mas não perguntou mais nada, então suponho que, no fundo, não fazia ideia.

— Você só leu três livros esse verão? — perguntei.

E Samir sorriu — mas apenas com um canto da boca, do jeito que costumava fazer quando eu dizia coisas assim para ele — e passou a mão no cabelo grosso. Às vezes, quando estava pensando, ele enrolava um cacho no dedo indicador. Enrolava, enrolava, enrolava até parecer que interromperia a circulação. Sorri de volta. Samir e eu nos tratávamos assim desde o primeiro ano em Djursholm. Batíamos boca, discutíamos, argumentávamos. Brincávamos que o outro nunca estava certo ou que nunca dizia nada de engraçado. Foi legal isso não ter mudado só por causa das férias de verão.

— Claro que não — disse ele. — Eu só estava citando os três melhores. Para que haja tempo suficiente para os seus...

Ele hesitou.

Eu o ajudei.

— Não li nada sobre cavalos, nem quadrinhos sobre como lidar com a menstruação...

— Mas você adorou aquele sobre os dois adolescentes que estão morrendo de câncer e se apaixonam, não é mesmo?

Amanda saltou como se tivesse levado um choque.

— Sim! — disse ela com entusiasmo. — É *tão* triste, nunca chorei tanto em toda a minha vida.

Samir olhou para mim. Estávamos pensando a mesma coisa: Amanda não tinha lido o livro; ela só vira o filme. Mas não dissemos nada. Então, Sebastian entrou na sala. Reagimos ao fato de ele estar atrasado no primeiro dia de aula? Talvez. Algumas semanas depois, reagiríamos caso ele chegasse na hora.

Ele disse um “desculpe” superficial.

Christer meneou a cabeça sutilmente.

Sebastian sentou-se ao meu lado. Ele nem precisou pedir que Amanda mudasse de carteira. Depois de dar dois passos até o lugar vazio mais próximo, ela revirou os olhos e tocou um violino imaginário.

Um a um, todos os meus colegas perceberam; ficou tão evidente quanto se um gás colorido tivesse se infiltrado por entre as carteiras. Da primeira fila, onde eu estava sentada de um lado e Samir do outro, até a última, onde Mela estava sentada com seu piercing no nariz e esmalte preto, todos entenderam que estávamos juntos, e aquela atmosfera que cercava Sebastian, aquela mistura de admiração e curiosidade (e as fingidas expressões de “eu não estou nem aí para esse cara”) se espalhou, mas era a primeira vez que era a meu respeito, ou ao menos parcialmente a meu respeito.

Certa vez, li sobre uma atriz que, na infância, mudara de casa uma vez por ano. Ela disse que, cada vez que começava em uma nova escola, encontrava os mesmos tipos: o popular (bastante malvado), o melhor amigo do popular (ainda mais malvado), o nerd, o que era péssimo na aula de educação física e o sem amigos. Havia um determinado número de papéis a serem interpretados em cada turma, e tudo o que ela tinha a fazer quando se mudava para uma nova escola era descobrir qual papel estava vago, qual deles ela interpretaria.

Sempre interpretei o mesmo papel: boa aluna, não a mais popular, embora perto disso, nem vítima nem praticante de bullying, entre os mais legais sem nunca *ver* o mais legal. Nunca passou pela minha cabeça que eu poderia assumir um novo papel, mas foi o que fiz. E aquilo superava até mesmo a transformação de Sofia no estilo *Biggest Loser*.

Sebastian segurou a minha mão embaixo da mesa e senti meu rosto arder.

Christer fizera outra pergunta, mas não prestei atenção. Ele olhou para mim, esperando uma resposta. Eu me virei para Samir. Talvez ele pudesse me ajudar com um comentário sarcástico. Aquilo sempre me dava uma pista do que estava acontecendo e do que eu deveria dizer. Mas ele não estava olhando para mim. Seu braço esquerdo estava dobrado sobre a carteira do jeito que ele sempre fazia quando escrevia, olhando para o caderno. Ninguém, afora Samir, fazia anotações no primeiro dia de aula. Ele empunhava uma caneta preta grossa, uma caneta-tinteiro de verdade. Os nós de seus dedos estavam brancos. Mas ele não estava escrevendo nada.

Tive que me voltar para Christer.

— Desculpe — falei. — Eu não ouvi...

Christer riu. Ele provavelmente estava aliviado por enfim estar sabendo a notícia mais importante do verão, aliviado por não ter que perguntar para descobrir.

— Sebastian — chamou Christer. — Você leu algo de bom neste verão?

Samir não foi o único que riu, mas foi o único que eu ouvi rir. Não parecia achar aquilo particularmente engraçado.

19.

Não, Samir não estava feliz por Sebastian estar em nossa turma. Sebastian e Samir não se davam bem, e isso ficou óbvio assim que Christer pediu para nos apresentarmos para Sebastian, já que ele era novo na turma. Sebastian parecia ainda não saber o nome de Samir. Talvez fosse uma vingança pela gargalhada de Samir, mas também era possível que ele não fizesse mesmo ideia. Mas quando Samir fingiu que não conhecia Sebastian, aquilo só o fez parecer idiota, porque absolutamente todos na escola conheciam Sebastian.

Só Samir parecia irritado. O resto de nós estava entusiasmado. Até os professores pareciam felizes por Sebastian estar lá. Se, nesses primeiros dias de aula, alguém perguntasse a Christer sua opinião, ele teria respondido algo do tipo: “Sebastian merece uma segunda chance.” Durante as duas primeiras semanas, eles deixaram Sebastian chegar atrasado, aparecer quando tivesse vontade, sair no meio da aula. Os professores não faziam comentários. Quando ele não trazia o material (o que acontecia sempre), apenas diziam: “Você pode trabalhar com Maja.” Ou, então, ele era autorizado a usar o computador do professor.

Christer nunca admitiria que sabia que Sebastian jamais se formaria. *Todos merecem uma segunda chance.* Samir, porém, nunca deu a Sebastian nem uma primeira chance.

* * *

Demorou exatamente nove dias para Sebastian organizar a primeira festa do ano letivo. Claes estava viajando e Lukas, o irmão de Sebastian, tinha voltado para Boston. Amanda e eu fomos as primeiras a chegar. Acho que eu me ofereci para ajudar, mas mesmo da entrada da garagem ficou óbvio que não era esse tipo de festa. Sebastian nunca precisou de “ajuda” para as suas festas.

* * *

— Não leve isso para o lado pessoal! As pessoas podem comer o que quiserem. Mas eu não suporto.

Amanda ainda não começara a comer o seu hambúrguer de halloumi. Ela o segurava entre o indicador e o polegar, inspecionando-o cuidadosamente de um lado a outro, tentando encontrar a parte com o menor teor calórico. Ela olhou para a minha carne como se fosse uma porca pisoteada e repleta de antibióticos em um pequeno chiqueiro. Limpei um pouco de molho do canto da boca, assenti e engoli.

O sol estava se pondo, e a maioria das pessoas já tinha comido. Não havia mais do que três hambúrgueres na brasa e o “mestre churrasqueiro” contratado pressionava a carne a contragosto, fazendo com que a gordura gotejasse no carvão. Pequenas labaredas furiosas irrompiam e se dissipavam. Um garçom usando uma sunga com estampa da bandeira dos Estados Unidos andava descalço pelo gramado macio com uma bandeja de batatas fritas enroladas em cones de jornal. Sebastian desapareceu na casa com meia dúzia de caras que, se ele permitisse, sempre o seguiam.

Amanda e eu nos sentamos no terraço e olhamos para a água.

— Onde está o Sibbe? — perguntou.

Ela era a única que chamava Sebastian assim.

Dei de ombros.

— Labbe já chegou?

Voltei a dar de ombros. Assim que Sebastian entrou para a nossa turma, Labbe foi embora. Ele não repetiu de ano, mas acabou precisando mudar de escola. Era o único que já conhecia Sebastian, provavelmente a razão para Amanda ter metido na cabeça que ele seria o seu novo namorado. Mas Sebastian não tinha melhores amigos: ele tinha um enxame de abelhas. E havia alguns dias que aquele cão vadio, Dennis, também perseguia os seus calcanhares.

Amanda suspirou e largou o hambúrguer pela metade. Eu já terminara o meu e estava atacando as batatas fritas. Estendi o cone para ela, que fez que não com a cabeça sem nem mesmo olhar. A água abaixo de nós brilhava um cinza cor de chumbo. As luzes da piscina iluminavam o píer. Eu conseguia ver duas silhuetas escuras na proa de um dos dois barcos que Claes

Fagerman ancorara ali. Um casal estava transando no balanço de vime que pendia de uma das quatro árvores do jardim. Havia meia dúzia de garotas sentadas em um dos pátios, em uma mesa com tampo de mosaico e cadeiras de ferro que não combinavam. Elas estavam fumando, bebendo vinho branco e mostrando a tela de seus telefones umas para as outras. Sebastian se aproximou, me puxou pela mão e me abraçou.

— Merda, que festa chata — reclamou.

Então correu pelo píer e se jogou na água, tirando a roupa pelo caminho. Corri atrás dele, tirei tudo menos a calcinha, e também pulei. Nadamos rápido. A água já não estava muito quente, mas, quando ele encostou em mim, teve uma ereção. Eu envolvi seus quadris com as pernas abertas — com todos os seus convidados ainda em terra, ele me penetrou. Nem tive que tirar a calcinha, apenas deixei que ele a puxasse para o lado debaixo d'água. Não sei se ele gozou, mas, quando parou, voltamos para a terra. Sebastian estava com tanto frio que seus lábios estavam azuis. Batia os dentes. Amanda encontrou roupões de banho e nos entregou quando subimos a escada. Sebastian me pegou pela mão e corremos até a sauna.

— Esta festa está morta — disse ele.

Apertei o roupão, embora estivesse bem quente, e me sentei mais perto da porta. Samir e Dennis estavam sentados no banco superior. Dennis se sobressaltou quando Sebastian falou, como se fosse culpa dele que a festa não estivesse à altura das expectativas do anfitrião.

Quando Sebastian viu Samir, ele riu. Ficou surpreso. E não foi o único. Eu nunca imaginaria que Samir ia aparecer. E foi estranho vê-lo com Dennis. Eles não se conheciam, certo?

Sebastian deixou cair o roupão e ficou ali, nu, colocando água no equipamento, deixando o vapor subir até o teto antes de se sentar, mas saiu depois de alguns minutos, ainda pelado.

— Que porcaria. Esta festa está uma merda.

Dennis o seguiu. Naquela época, ele sempre andava meio passo atrás de Sebastian, com os olhos nas costas dele. Eu não o entendia. Inexplicavelmente, Dennis pairava acima, em frente e ao lado de Sebastian em círculos misteriosos. Parecia mais um morcego do que um cão vadio.

Samir e eu ficamos sozinhos.

— Você veio com Labbe? — perguntei.

Labbe e Samir ficaram amigos no primeiro ano, quando Samir entrou para a nossa turma. Eles ainda andavam juntos, embora Labbe tivesse mudado de escola.

Samir assentiu e me encarou por um instante antes de mudar de lugar para se sentar logo acima de mim. Ele não parecia ele mesmo. Fiquei com a impressão de que seu rosto estava um pouco inchado, e ele definitivamente estava irritado, irritado de verdade. Eu não gostava de ficar na sauna, mas não podia ir embora naquele momento, Samir iria pensar que tinha me deixado constrangida.

— Eu não sabia que você e Sebastian... — comecei, mas ele me interrompeu.

— Labbe perguntou se eu queria vir.

Então ele parou de falar. E não precisou dizer mais nada, porque entendi perfeitamente. Pergunte a alguém se gostaria de ir até a casa de Sebastian e esta pessoa logo esquecerá todo o lixo que já dissera sobre ele e aceitará o convite. Se você tivesse a chance, você a aproveitaria. Então, poderia dizer que estivera lá se alguém perguntasse o que você fez no fim de semana. Ou poderia tocar no assunto como quem não quer nada durante uma conversa qualquer: *Pois é, fui a uma festa na casa de Sebastian Fagerman. Sim, ele mesmo! O filho de Claes Fagerman...*

Perguntei-me por que eu tinha pensado que com Samir seria diferente. *Mas por que ele estava tão irritado?*

Com exceção de Labbe, aquela era a primeira vez que a galera do nosso ano era convidada para uma das festas de Sebastian. Apenas algumas pessoas com quem ele se dava antes compareceram naquela noite. A maioria já havia deixado o ensino médio para trás.

Samir inclinou-se em minha direção. Ele já estava muito perto, e agora sua perna estava pressionando o meu braço. Ele cheirava a suor. Um cheiro estranho. Não parecia pertencer ao Samir nerd, com calça jeans passada a ferro e tênis com laço duplo, o Samir que era o primeiro da turma.

— Achei que viria até aqui e descobriria qual é o grande lance. Pelo menos seu namorado viciado acertou alguma coisa. Isso aqui está uma porcaria. — Samir balançou a cabeça e se aproximou mais. — Isso supondo que você não goste de cheirar pó com o preto da casa.

No começo, acho que simplesmente fiquei chocada. Nunca ouvira Samir falar daquela maneira, nem comigo nem com mais ninguém. Eu me levantei

para sair. Queria me divertir e não estava a fim de ficar ali com ele me julgando. Mas ele chegou até a porta em um piscar de olhos, bloqueando o meu caminho.

— Ele cheira carreiras na sua barriga? — A sauna parecia claustrofóbica. — Dennis participa da brincadeira? Um bônus por deixar Sebastian provar do produto mais recente?

— Acabou?

Será que ele estava tentando ser engraçado? Não parecia. Ele baixou a voz.

— Sabe, aqueles de nós que vivem no mundo real evitam o Dennis, porque ele é louco. Ele venderia crack em uma ala de maternidade, se o deixassem entrar.

Meu coração batia muito rápido. Eu não sabia se Samir conseguia reparar que eu estava chapada, se era por isso que ele estava irritado, mas eu queria sair dali.

— Você não entendeu? — A voz de Samir soava trêmula. — Ele é um ninguém, Maja. Ele não é ninguém. Tire tudo isso — ele gesticulou para a sauna com o dedo mindinho estendido, como se as paredes de madeira cobertas de condensação fossem a Galeria dos Espelhos de Versalhes — e ele fica tão interessante quanto uma lata vazia.

Finalmente, Samir recuou. A toalha que amarrara ao redor da cintura afrouxou e ele a puxou de novo, com força.

Foi quando percebi que Samir estava bêbado. Nunca o vira bêbado antes, mas suponho que haja uma primeira vez para tudo, até mesmo para o melhor aluno da turma. Fiquei tão aliviada que quase caí na gargalhada. *Ele não sabe o que está dizendo.* Abri a porta. Não vale a pena perder tempo com caras bêbados. Não era preciso tentar argumentar com ele. Mas, então, mudei de ideia e voltei.

— Eu entendi — falei. — Você não gosta do Dennis. Ninguém gosta. Mas quem pagou a sua bebida hoje à noite? Se você estava no esquentado com Labbe, aposto que pode agradecer a sua bebedeira a Dennis. Você não gosta do Sebastian. Tudo bem. Você nem o conhece, mas tudo bem. Frequentar a sauna e se secar com a toalha dele, também está bem. Para isso ele serve.

Era impossível respirar ali dentro, estava quente demais. Enxuguei o nariz na manga do roupão ao sair.

* * *

A música na piscina estava altíssima. Três garotas de outra turma do nosso ano vieram correndo da praia e passaram por mim a caminho da sauna. A festa parecia ter duplicado de tamanho no curto intervalo de tempo em que me ausentei. Sebastian sempre convidava pessoas que ele não conhecia, em geral garotas. Ele as encontrava na cidade, talvez na fila de algum lugar, sentia pena delas e de suas bolhas cobertas com esparadrapo e deixava que comparecessem a algumas de suas festas antes de se cansar de seus vestidos tubinho e óculos H&M e convidar garotas novas. Mas ele nunca parecia se preocupar que as coisas pudessem degradingolar. Provavelmente porque era impossível estragar uma festa dos Fagerman. Não que os seguranças nos incomodassem ou metessem o nariz em seja lá o que estivéssemos fazendo, mas sempre observavam, à distância certa.

Amanda me chamou da pista de dança. Ela estava usando um biquíni e soltara o cabelo. Não parecia que tinha nadado. A três metros estava Labbe, com a camisa desabotoada, olhando para ela.

— Vamos — murmurou Amanda, respirando no meu pescoço.

Já havíamos feito aquilo antes. Amanda adorava uma plateia, e eu era parte de seu número favorito.

A música estava bombando. Eu ainda estava de roupão, mas Amanda o tirou e colocou a palma da mão nas minhas costas. Ela inclinou a cabeça para trás e dançamos tão perto uma da outra que nossos quadris se tocavam. Estávamos descalças. Ela estava usando a parte de cima do biquíni. Minha calcinha ainda estava um pouco úmida depois de nadar, mas fechei os olhos e tentei acalmar meu batimento cardíaco. A música: eu tinha de me concentrar na música. O que Samir achava não importava. Ele só estava bêbado. Ele não sabia o que estava dizendo.

Sebastian estava parado perto do aparelho de som. Ele nos observou durante algum tempo e, então, veio se juntar a nós e pousou um braço sobre os ombros de Amanda e passou o outro ao redor da minha cintura. Eu adorava as mãos dele. Quando me agarrou, com uma força quase excessiva, me senti bonita. Desci sua mão mais para minhas costas e ele soltou Amanda, empurrando-a para Labbe, que riu e a segurou. Sebastian queria me tocar, não a ela.

Ele estava suado. Sua testa brilhava e seus olhos estavam fixos em algo ao longe. Olhei para Amanda. Labbe estava de pé na frente dela, balançando as mãos para cima e para baixo em algum tipo de movimento de pintura de parede. Ele nunca dançava de verdade, apenas ironicamente. Algo que fazia para ser gentil com quem gostava de dançar. Para mostrar que ele não nos julgava, mesmo que não entendesse muito bem o porquê daquilo.

Peguei o roupão do chão e Sebastian colocou-o sobre meus ombros. Não consegui encontrar o cinto. Saí da casa da piscina e atravessei a sala de estar e a cozinha, passando por Dennis — Sebastian tinha mandado ele ficar na cozinha com os bagulhos. Dennis me lançou um olhar curioso enquanto eu passava, mas balancei a cabeça e continuei até o primeiro andar, até o quarto de Sebastian. A equipe de segurança não tinha autorização para entrar na casa, a menos que fosse convocada. Tampouco havia câmeras de vigilância ali dentro, uma decisão do pai de Sebastian. Seu raciocínio era óbvio. Claes não queria que o que acontecesse na casa fosse registrado pelas câmeras. Esse tipo de material poderia ser copiado, distribuído, usado para chantagem. Quando cheguei ao quarto de Sebastian, vesti uma blusa e uma cueca dele. Então, fui até o banheiro. A noite caíra e eu queria secar o cabelo. Meu coração ainda estava batendo muito rápido, mas eu não era uma drogada (que tipo de palavra careta era essa, afinal?), eu só começara muito rápido. Não estava acostumada com aquilo, deveria beber alguma coisa, apenas beber pelo resto da noite, é isso, mas primeiro minha pulsação tinha que desacelerar. O secador zumbia, e fechei os olhos para o ar quente. Eu não estava com pressa de descer. Fiquei com os olhos fechados, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Quando meu cabelo secou, eu ouvi. Vozes masculinas, várias vozes, talvez uma garota. A música parou.

Quando entrei na cozinha, dois seguranças agarravam Samir pelos braços. Dennis estava encostado na parede com o nariz sangrando. Atrás dele, um quadro de uma garrafa de vinho estava torto. Dennis parecia mais surpreso do que irritado.

— Me soltem. — Samir estava de pé, anormalmente imóvel, do jeito que você fica quando finge estar sóbrio. Ele não estava falando muito alto, mas todos conseguiam ouvi-lo.

Um dos seguranças olhou para Sebastian, que assentiu.

— É hora de você ir para casa — disse o segurança para Samir.

— Eu não ficaria aqui mesmo que você me pagasse.

Sebastian virou-se para mim. Ele estava à porta e continuou falando, de costas para Samir.

— Certifique-se de que o outro não sangre pela cozinha, por favor. Ele também precisa ir para casa agora.

Atrás de Sebastian, Samir me encarou. Seus lábios se moveram. Ele estava tentando dizer mais alguma coisa. Apenas para mim. Ele estava dizendo... Parecia “venha”. Ele queria que eu fosse com ele. Ou estava murmurando em outro idioma? Árabe? Farsi? Eu nem me lembrava qual língua Samir falava. Eu não me importava.

Claro, ocorreu-me que Samir gostava de mim, eu também gostava dele. Mas agora, ali, na casa de Sebastian, ele subitamente se transformara em um bêbado moralista. Ele considerava seu Dever me Afastar do Mau Caminho. Um cavaleiro com a lança em riste.

Esquisito. Ele estava sendo constrangedor. Eu queria que ele fosse embora, eu queria que ele pegasse aquele ar superior de “eu levo a *minha* vida a sério” e voltasse correndo para casa. Eu não tinha pedido a sua proteção, não precisava, eu não era uma princesa indefesa que namorava o príncipe errado.

Um cara do curso de matemática puxou o braço de Sebastian.

— Espere — protestou. — Como eu vou...

— Não se preocupe — disse Sebastian. — Temos muito.

Sebastian pegou a minha mão. Fomos na direção da casa da piscina. A música voltou a tocar. Nada sério acontecera; Dennis fora expulso, Samir fora para casa. Sebastian afastou o cabelo do meu pescoço. Inspirei o seu perfume, frio e fresco. Eu adorava o cheiro dele. Adorava o modo como Sebastian me fazia sentir. Eu me divertia com ele. Nós sempre nos divertíamos. Ninguém deveria se envergonhar por se divertir.

Sebastian sussurrou:

— Viu? Não é uma festa, a menos que alguma coisa se quebre. Agora esta festa finalmente começou.

20.

O fim de semana que se seguiu à festa de Sebastian passou rápido. Fomos à cidade no sábado, Sebastian, eu, Labbe e Amanda. No domingo, minha mãe, meu pai, Lina e eu fomos a um restaurante com meu avô. Minha mãe estava mal-humorada porque estava “cansada”, e meu pai estava mal-humorado porque estávamos em um restaurante com meu avô. Não pensei mais em Samir, ao menos não muito. Na segunda-feira pela manhã, Sebastian me deixou na escola. Ele tinha “coisas para fazer”. Eu não sabia o que aquilo significava, mas não liguei. Isso foi antes desse tipo de coisa me preocupar. Depois do almoço, tive dois períodos livres. Amanda estava doente e Sebastian não atendia ao telefone.

A biblioteca da escola não costumava ficar muito lotada, não desde que bloquearam a internet nos computadores públicos. Mas eu não estava sozinha: Evy, de outra turma da minha série, estava sentada no outro lado da sala. Ela tinha um nariz fino e usava saias floridas, sempre com meias, não importava com que tipo de sapato, até mesmo com sapatilhas. Evy ganhara o concurso de escrita criativa da escola (organizado pelo Rotary) no ano anterior, apesar de, na época, estar apenas no segundo ano. Sua história era sobre o irmão com deficiência mental, e todos acharam que era verdade, tanto que ela ganhou o concurso. Quando souberam que ela nem mesmo tinha um irmão, apenas uma irmã perfeitamente normal, as pessoas ficaram desapontadas — muitas até furiosas, porque acharam que ela tinha “trapaceado”. Ninguém destacou o óbvio: que aquilo tornava a sua redação ainda melhor.

Dois garotas do primeiro ano estavam sentadas no sofá a poucos metros da minha mesa. Folheavam uma revista e dividiam um saco de doces. Estavam falando alto o bastante a ponto de eu perceber que estavam abreviando todas as palavras. Era moda, então todos no primeiro ano falavam assim. Amanda e eu também tínhamos as nossas próprias palavras e expressões quando éramos mais jovens. Mas aquela merda era ridícula. Aquilo fazia livros infantis parecerem sofisticados.

— Meu bem, me escuta! Ele está me deixando looooca! Ele quer ficar comigo ou não, sabe? Isso está me deixando tão chate!

A outra assentiu sem tirar os olhos da revista.

— Loco total.

Poucos dias antes, na aula de inglês, discutimos o teste de Bechdel, usado para determinar se os filmes eram ou não feministas. Você precisava fazer três perguntas: havia ao menos duas mulheres com nome no filme? Elas conversavam uma com a outra (sem um homem por perto)? Elas falavam sobre algo que não fosse os homens?

O professor listou uma série de filmes que quase todos tínhamos visto e devíamos decidir se preenchiam os critérios. Não preenchiam (o que gentilmente fingimos não ter entendido desde o início. Afinal, por que outro motivo ele teria perguntado?), e, com certeza, achei ruim que as coisas fossem assim. Entendi por que as pessoas achavam que era importante que as mulheres nos filmes tivessem diálogos que não fossem a respeito de homens, mas, na realidade, as garotas falam sobre os caras o tempo todo. Até mesmo minha mãe e suas amigas se queixam de seus maridos (e como eles não têm mais jeito) sempre que têm oportunidade. As meninas do clube de debate, com seus terninhos e filiações ao Young Economist, as do teatro, com suas peças em francês e seus planos de percorrer a Europa de trem, as duas melhores amigas para sempre aqui do lado, todas tinham uma coisa em comum: falavam sobre caras. Seus caras, os caras de outras pessoas, os caras que elas queriam, os caras de quem queriam se livrar. Só caras, o tempo todo. Talvez eu devesse ter destacado que não podemos nos queixar de como somos retratados nos filmes quando as representações são um reflexo bastante fiel da realidade.

* * *

Samir abriu a porta com tanta força que a fez bater em um estande de folhetos do Instituto Real de Tecnologia, da faculdade de Direito de Uppsala e do curso de matemática para adultos. As pernas dele eram, tipo, muito longas para o resto do corpo, o que o fazia parecer constantemente apressado. Ele parou no balcão de informações e tirou os fones de ouvido. Seus movimentos eram bruscos, sempre cheios de uma energia excessiva,

sempre uma resposta à frente, um pensamento adiante, antes mesmo que alguém começasse a pensar. Acho que seria fácil supor que ele estava estressado. Isso nunca havia passado pela minha mente. Mas ele parecia nervoso desta vez.

Ele me viu antes que eu tivesse tempo de pensar em fingir não tê-lo visto, e, então, já era tarde demais. Ele quase correu em minha direção.

— Posso me sentar um minuto?

Fingi olhar para o outro lado.

— Ei, meu bem — sussurrou uma das meninas para a outra, mas ainda alto o bastante para que Samir e eu ouvíssemos. — Você tem um absorvente? — Ela riu de vergonha. — Esqueci de trazer.

Eu tinha absorventes na bolsa. Eu poderia me sentar ao lado delas e dizer: “Fiquem à vontade e simplesmente ignorem Samir. Ele nunca entraria em uma conversa sobre fluidos corporais femininos. Isso com certeza o estressaria. A propósito, falar sobre menstruação preenche os requisitos do teste de Bechdel? É provável. Mas será que continuava sendo uma conversa feminista se você falasse ‘código vermelho’ em vez de ‘menstruação’?”

— Maja? — Samir ainda estava de pé à minha frente, tentando fazer contato visual.

— Não trabalho aqui, você terá que perguntar aos funcionários.

Ele pareceu surpreso.

— Hã? O que devo perguntar para eles?

— Não sou eu quem decide quem deve se sentar onde. Mas, se você se sentar aqui, eu vou embora.

Ele não disse nada. Então, ergueu as mãos e pigarreou.

— Não vou demorar muito. Só quero me desculpar. — Ele baixou os braços. — Eu queria me desculpar pelo que aconteceu na sexta-feira. Foi estupidez. Não sei por que disse tudo aquilo, acho que estava bêbado.

As meninas no sofá pararam de falar. Estavam fingindo estar profundamente envolvidas em uma matéria da revista que uma delas tinha no colo.

— O quê? Você estava bêbado? — rebati.

Samir entendeu o sarcasmo e baixou a cabeça. As garotas estavam imóveis e silenciosas, não queriam perder uma palavra.

— Eu não deveria ter ido àquela festa e eu realmente não deveria tê-la ofendido daquele jeito. É do Sebastian que não gosto. Eu não deveria ter...

— Você se lembra do que disse para mim?

Ele assentiu.

— Lembro, infelizmente.

A franja caiu em sua testa. Parecia que ele esperava que eu lhe desse uma surra. Ele sabia como era bonito? Claro que sim. De vez em quando havia algo em seus gestos que parecia muito ensaiado. Ele estava bem ciente de sua aparência. Era assim que ele ficava quando queria ser perdoado. Não fui a primeira a ser alvo de sua expressão envergonhada. Mas, ao mesmo tempo, ele parecia realmente furioso na festa, furioso de verdade, não apenas furioso por estar bêbado.

Aquele era um novo lado de Samir. Ele sempre parecera tão indiferente, quase desinteressado, em relação a Amanda, a mim e a nossa vida fora da escola. Ele nunca perguntava o que alguém fizera no fim de semana, e eu sempre pensei que nos achava ridículos. Então, de repente percebi que era decepcionante o fato de ele nunca querer falar comigo, apenas comigo, sobre coisas não relacionadas à escola. Mas agora que finalmente fez isso, foi para falar sobre Sebastian. *Conversas sobre caras*, pensei. *Sempre conversas sobre caras. Todos falam sobre caras com as garotas, até mesmo os próprios caras.* Isso surgiu em minha mente antes que eu pudesse evitar, e sorri, não de propósito, o sorriso apenas despontou. *Quero que ele fale sobre mim. Comigo. Sobre algo diferente de Sebastian.* Samir sorriu de volta. Não o seu sorriso provocador habitual: um sorriso mais aliviado.

Naquele momento, os alto-falantes emitiram um sinal que fez com que as melhores amigas para sempre ali perto de nós corressem para a aula, com suas bolsas enormes e revistas brilhantes. Samir pegou uma cadeira e sentou-se à minha frente. Ele fez um beicinho que supus ser uma expressão de selfie.

— Sebastian é o seu benzinho — guinchou ele. — Saquei total.

Então, ele voltou a trocar de personalidade. Apoiou o braço no encosto da cadeira, afundou nela, esticou as pernas e disse, com um forte sotaque:

— Ele é o seu cara. E você é a mina dele, sem problema. É isso, respeito máximo.

Eu ri. Ele era horrível se fazendo de gângster. Mas ele era gato, e daí se sabia disso? Então lá estava de novo o sorriso provocador de Samir. Meu Deus, como senti falta daquela expressão.

21.

Passaram-se algumas semanas. Seis ou sete, talvez? Em meados de outubro, decidimos ir para a casa de campo de Labbe durante um fim de semana. “A Fazenda”, como ele a chamava. Na verdade, era um antigo castelo. A família do pai de Labbe era dona do lugar desde, tipo, a Idade Média. A família da mãe dele tinha uma propriedade semelhante, talvez a vinte quilômetros de distância, mas nunca estive lá. Samir também fora. Não lembro o que pensei a respeito — talvez que estava tudo bem? Eu não me lembro daquilo ter me deixado nervosa, ou de ter pensado que era algo idiota. Claro, havia tensão entre Samir e Sebastian, mas não era nada com o que se preocupar.

Amanda e eu estávamos recostadas em espreguiçadeiras, cada uma debaixo de um cobertor, com nossos respectivos telefones. Flutuando como uma folha ao vento, uma borboleta atravessou o estreito gramado até a água. Ela não devia ter sobrevivido até aquela época do ano, mas aquele fora um outono mais quente que o normal.

Amanda perguntou:

— Se você tivesse um desejo e pudesse ter qualquer coisa no mundo, o que você desejaria mais do que tudo?

Atrás de nós, a porta da cozinha estava entreaberta. A mãe de Labbe, Margareta, ouvia ópera e cozinhava. Ela não queria ajuda, mas de vez em quando saía e parava não muito longe de nós, mãos nos quadris, com um meio sorriso no rosto. Ela gostava de nos receber. Nós adorávamos ficar na casa dela.

Amanda abriu os olhos e virou-se para mim.

— Não sei — respondi.

Eu não estava com vontade de responder as perguntas de Amanda. E não vale a pena falar sobre o que você mais deseja quando você não quer nada.

— Ora, vamos — protestou Amanda. — Deve haver *algo* que você deseje.

Amanda adorava fazer perguntas que poderiam fazer parte de jogos de debate com cartões impressos, “tópicos” para que os participantes “se abrissem”. Ela adorava fazer perguntas suplementares sobre as respostas das outras pessoas quase tanto quanto adorava responder ela mesma as perguntas que fazia.

— Vamos, Maja. — Amanda levantou-se, ergueu uma das mãos para o céu e pôs a outra sobre o coração. — Vou começar. — Ela pigarreou. — Desejo paz na terra e comida para todas as crianças.

Ela fingiu ajustar uma tiara de miss na cabeça e eu ri.

— Mas, sério, Maja. — Ela se sentou ao meu lado. — No próximo período estaremos nos formando. Então, tudo vai mudar. Eu vou fazer estágio em Londres, sabia? Ficarei lá por seis semanas, e meu pai diz que terei que trabalhar parte da noite. Com certeza vou precisar fazer cópias, servir café e coisas assim, é preciso estar preparada para isso, mas ainda me pergunto como vou me sentir. Você acha que vai parecer um trabalho de verdade? Que isso vai *significar* alguma coisa? O objetivo é querer fazer a diferença, certo? Uma diferença real. Você deve querer fazer algo pelo mundo e pelas outras pessoas, tipo, coisas boas, certo?

Não respondi.

— Porque claro que eu quero fazer isso. Todo mundo quer, né? — Ela riu, nervosa. — Mas, para ser sincera, acima de tudo, eu gostaria de saber o que eu quero. Ou o que significa fazer alguma coisa. Tipo, ter um plano. Você entende o que estou dizendo?

Assenti. Esta era uma conversa comum de Amanda. Ela sempre dizia coisas realmente óbvias e perguntava se eu entendera o que queria dizer. Então ela ficava toda incerta e sentimental e seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Você entende o que estou dizendo?

Isso poderia ser um sinal de que ela achava que eu era muito burra, que eu tinha dificuldade para acompanhar, mas na verdade ela queria que eu a assegurasse de que ela não era tão idiota quanto pensava ser.

— Entendo — falei. E sorri.

A mãe de Labbe voltou ao jardim.

— Não sei se posso prometer a paz na terra, mas haverá alimento para todas as crianças em dez minutos. Você poderia chamar os garotos, querida?

A mãe de Labbe tirou uma das luvas e passou as costas da mão pelo rosto de Amanda. Amanda e Labbe estavam juntos havia menos de um mês, mas ela e a mãe dele já haviam desenvolvido um relacionamento completo de nora e sogra. Eu estava com Sebastian mais que o dobro desse tempo, e mesmo que eu talvez ainda não odiasse o pai dele, isso se dava principalmente porque quase nunca o via.

Três dias antes, porém, Claes estivera em casa. A escola o chamara, e, às cinco da tarde, ele apareceu para falar com o filho. Ele me mandou ir para casa, mas eu sabia o que estava acontecendo. Sebastian praticamente parara de estudar; ele me levava de carro até a escola quase todos os dias e às vezes ficava com Dennis no pátio por algumas horas, mas, na maioria das vezes, apenas voltava direto para casa. E mesmo que Claes nunca estivesse em casa durante o dia, ainda assim devem ter contado a ele.

* * *

Comemos no que chamam de espaço gourmet, bem ao lado do jardim. Margareta pusera louça de porcelana florida à mesa, cada prato com um desenho diferente. Os copos de vidro estavam turvos após tantos anos de máquina de lavar louça. Labbe ficou ao lado de Amanda. Ela estava de pé em seu lugar (sim, ela já tinha o próprio lugar à mesa), segurando o encosto de uma cadeira azul-clara. Quando ele beijou o seu rosto, ela soltou uma risadinha. Era óbvio que Amanda pensava que aquilo soava muito sexy. Labbe pareceu concordar. Ele inclinou as costas em um ângulo estranho para poder apoiar o queixo no ombro de Amanda. Ambos pareciam apaixonados e para lá de patéticos.

Além disso, Labbe cultivara um fino bigode à la Freddie Mercury ironicamente, é claro, para mostrar que estava tão certo de não ser gay que não se importava em parecer gay. Amanda puxou alguns pelos de cima do lábio superior dele, virou-se para Margareta e perguntou:

— Você acha que ele vai manter esse bigode por muito tempo, Mags?

— Bem... — A mulher olhou para o filho. Não parecia impressionada.
— Acho que vou guardar a minha opinião para mim mesma.

Olhei para Samir. Ele olhou para mim e, quase imperceptivelmente, acariciou o lábio superior com o dedo indicador e o polegar, e os cantos de

sua boca baixaram e suas narinas se inflaram, como em uma expressão de senhor feudal. Tive que olhar para a mesa para não rir.

Labbe, Amanda e Samir estavam sentados de um lado da mesa. Samir estava junto à mãe do amigo e Sebastian e eu estávamos do outro lado. Georg, o pai de Labbe, estava de frente para Margareta, na cabeceira da mesa. Ele entrou no cômodo bem quando estávamos nos sentando. Usava tamancos, jeans, uma camiseta com um buraco no ombro e óculos de leitura no topo da cabeça. Antes de se sentar, estendeu um jornal dobrado para Samir e perguntou:

— Você viu o que o economista Jean Tirole escreveu no *FT* hoje?

Samir começou a ler, mas a mãe de Labbe tirou delicadamente o jornal de sua mão e colocou-o sobre um dos balcões.

— Nada de leitura à mesa.

Sebastian sentou-se antes que a mãe de Labbe tivesse puxado a própria cadeira e estendeu o copo de vinho para o pai de Labbe.

— Tenho dezoito anos — tentou.

— Água com gás — disse Margareta. Ela e o marido trocaram olhares sutis. Eles já haviam discutido aquilo. — Você pode beber água com gás, mesmo tendo dezoito anos.

Será que o pai de Sebastian teria pedido para não servirem álcool para o filho? Claes sabia que Sebastian bebia. Algumas vezes eu dirigira o carro de Sebastian de volta para casa, mesmo ainda não tendo carteira de motorista. Certa vez, Claes estava parado na entrada da garagem quando estacionei. Sebastian não me contou o que o pai dissera a respeito, e, quando perguntei, ele respondeu “Por favor, que tal me perguntar sobre algo que eu realmente queira falar?” e eu deixei passar. Talvez Claes não soubesse que eu não tinha permissão para dirigir. Ou talvez ele soubesse e tenha levado aquilo a sério.

Amanda e eu ajudamos Margareta a servir a comida. O primeiro prato foi sopa de batata e alho-poró. Havia bacon crocante de javali em uma tigela separada, e o pão ainda estava quente.

— Pensei que você fosse vegetariana — questionou Sebastian quando Amanda polvilhou uma generosa quantidade de bacon em seu prato.

— É diferente quando é um animal selvagem — respondeu ela, corando.

Amanda esquecera tudo a respeito do vegetarianismo no exato segundo em que beijou Labbe pela primeira vez. Na semana anterior, ela fora caçar

alces com Sebastian e ele. Eu não tinha conseguido me juntar aos três porque minha mãe me obrigara a ir ao jantar de aniversário do meu avô — mas Amanda havia participado da perseguição, dado uns amassos em postos de caça, transado em sacos de dormir e conseguido molhar suas galochas de marca pela primeira vez desde que as tinha comprado.

— Vou fazer o curso para tirar licença de caça — comentou ela, passando a tigela para Samir. Ele a passou para Margareta sem se servir.

— Claro que vai — murmurou Samir, um pouco alto demais.

Escondi o sorriso atrás do guardanapo. Senti Sebastian olhar para mim.

— Que ideia excelente — disse Georg secamente. — A natureza é um ótimo lugar para se passar o tempo.

Amanda sempre fez o papel de mulher perfeita em qualquer relacionamento. Certa vez (no começo do segundo ano), ela estava namorando o baixista de uma banda de Estocolmo que alegava ter um contrato com a Sony. Naquela época, ela foi a fã de rock perfeita.

— Então, sobre o que devemos conversar? — perguntou o pai de Labbe quando estávamos na metade da sopa.

— Podemos falar sobre a política de taxa de juros zero — sugeriu Samir.

— Isso — murmurou Sebastian. — Por favor, podemos falar sobre a política de taxa de juros zero?

— Foi uma piada — rebateu Samir. Sua voz soou fria como gelo. — Você já ouviu falar em brincadeira?

— Hilário — disse Labbe. — Realmente, muito engraçado. Taxa zero, ha ha ha. Mas esse negócio que você e papai estão fazendo, todos esses livros, jornais, tópicos, situações e tendências... vocês estão apenas tentando fazer com que eu me sinta idiota, ou têm algum outro plano e eu não estou entendendo porque sou mesmo muito idiota?

— Não se preocupe — respondeu Samir. — Não vou fazer mais piadas.

— Ora, ora — interveio Margareta, acariciando a mão de Samir. — Vamos deixar isso para lá. Certo, Lars Jacob?

Os pais de Labbe nunca o chamavam de “Labbe”. Mas eu também nunca ouvira Margareta chamá-lo pelos dois primeiros nomes. Parecia algo saído de um telejornal noturno. Suponho que fosse um modo de ela mostrar para ele que falava a sério. Mas Labbe continuou a comer, indiferente.

Georg tentou ajudar.

— Ninguém pensa que você é idiota, Lars. Você tem se saído muito bem desde que começou na Sigtuna. — Ele enfiou um pedaço de pão na boca. — Somos gratos, Sammie. Você foi de grande ajuda.

— Duas provas. — Labbe ergue dois dedos. — Duas. E “muito bem” significa que passei. Recebi um C e um B-. Sammie me repreendeu. Sammie acha que qualquer coisa menor do que A é o mesmo que um F.

— Eu não entendo por que você ficaria satisfeito com qualquer coisa menor que A — disse Samir. — Estou com o seu pai. Você não é idiota.

Havia algo naquela resposta. Talvez ele tenha enfatizado a palavra “você”. Mas todos entenderam o que Samir queria dizer, o que ele estava insinuando, o que ele não dissera: *ao contrário de Sebastian, você não é idiota.*

— Eu sei sobre o que podemos conversar em vez da política de taxa de juros zero... — Amanda começou a falar, mas era tarde demais.

— Quanto você recebe deles? — Sebastian olhava diretamente para Samir. — É um bom dinheiro?

Georg e Margareta eram mestres em fingir que não havia nada de errado. Labbe ainda não estava totalmente treinado para isso, mas quando Georg mostrava os álbuns de retrato na casa principal e apontava os traidores, aqueles que haviam cometido patricídio e os adúlteros, e mencionava quantos filhos ilegítimos haviam sido mandados para o interior, Labbe brincava dizendo que a frase “permanecer imperturbável” estava gravada em seu brasão familiar. E, agora, eles conseguiam demonstrar aquilo: expressões neutras, rostos impassíveis, nem um único lábio erguido em direção a Sebastian.

Mas Samir balançou a cabeça hesitante enquanto seus olhos se dividiam entre Georg e Margareta, de lá para cá, de cá para lá, sem conseguirem fazer contato. Mas Sebastian não desistiu. Ele falou ainda mais alto, como se o outro tivesse dificuldade para entender:

— Quanto. Você. Recebe. Deles? Quanto você ganha dando aulas particulares para Labbe?

— Sebastian — disse Margareta em voz baixa, mas ainda despreocupada — Tome a sua sopa.

Georg ofereceu a cesta de pão para Labbe. Ele balançou a cabeça.

— Desculpem. — Sebastian ergueu as mãos em um gesto de desistência e riu. Baixou a voz apenas o bastante para que os outros pudessem fingir

não terem ouvido. — Não é da minha conta quem vocês acrescentam à sua folha de pagamento.

* * *

Não lembro do que falamos depois disso. Mas é fato que Margareta pensou em algum assunto para conversarmos enquanto Georg terminava a sopa. Mudar de assunto era outra especialidade da família. E o resto de nós fazia o possível para acompanhar. Quando Margareta terminou de falar e comer, Georg levantou-se e tirou os pratos. Todos, exceto Sebastian, tentaram repetir o gesto, mas Georg nos obrigou a voltar para nossas cadeiras. Somente quando o prato principal estava sobre a mesa é que Margareta voltou a pousar a mão sobre a de Samir. Depois ajustou a cadeira para alinhá-la com o prato e ergueu os talheres.

— Então, como vão os seus pais, Samir?

Eu ouvira a mesma pergunta havia uma hora. Amanda a ouvira antes mesmo de sairmos da entrada da garagem e entrarmos na ala oeste, onde dormiríamos. Margareta sempre perguntava como iam os pais de todo mundo, quer os conhecesse ou não. Sebastian também teve que falar sobre como Lukas estava se saindo nos EUA. Ela gostava de saber das coisas. Era extremamente improvável que viesse a encontrar os pais de Samir em outro momento que não na reunião dos pais, mas, ainda assim, estava interessada.

— Estão muito bem — disse Samir.

— Onde a sua mãe está trabalhando agora?

— No Hospital Huddinge.

— É mesmo! — Margareta e Georg se entreolharam através da mesa. — Então, ela recebeu a autorização? Estou tão feliz em ouvir isso!

— Não. — Samir limpou os lábios. Ele engoliu em seco, falando rapidamente e baixando a voz. — Ela está trabalhando como auxiliar de enfermagem enquanto... espera. Mas ela gosta de trabalhar em hospitais.

Georg balançou a cabeça.

— É inacreditável que não possamos usar melhor os recursos que temos neste país. Inacreditável.

— Estranho. Eu poderia jurar... — Sebastian não tocara em sua comida. — Eu poderia jurar que você disse que sua mãe era advogada. Não foi,

Labbe? — Ele se voltou para o outro. — Quando Samir começou a estudar em Djursholm, ele não falou para todo mundo que a mãe dele era advogada?

Sebastian arrastava as palavras, tornando-as mais longas do que realmente eram. Quando Labbe não respondeu, ele se voltou para Samir.

— Mas talvez ela tenha dois diplomas. Muito impressionante, Sammie.

Sebastian não estava bêbado. Eu também não achava que ele tivesse tomado alguma coisa. Mas o apelido de Samir pareceu inchar em sua boca, um apelido que ninguém afora Labbe e seus pais usavam. *Sammie*. Sebastian fez aquilo soar como se fosse o nome de um escravo.

— Meu pai é advogado. Minha mãe é médica.

— Aha! — exclamou Sebastian, parecendo se divertir. — Certo. É claro que sim. E seu pai, o advogado, o que ele faz aqui na Suécia? — Samir não respondeu. — Dirige um táxi, certo? — Ele se voltou para Labbe outra vez. — Você não disse que achava que tinha sido o pai de Samir quem nos levou do clube para casa mais ou menos um mês atrás? — Labbe continuava sem responder, e o rosto de Samir empalideceu. — Então, diga-me, querido Sam, por que todos os imigrantes que vêm para cá começam a trabalhar como funcionários do metrô e empregadas domésticas...? Desculpem, motoristas de táxi e auxiliares de enfermagem. Como é possível que todos realmente sejam médicos, engenheiros civis e físicos nucleares em seus países de origem? Cada um deles. Sua mãe... a “médica” — Sebastian fez um sinal de aspas com os dedos — ... está em boa companhia. Porque não há uma única maldita empregada doméstica que também trabalhasse como empregada doméstica em seu país de origem. Não se você acreditar no que todos dizem. Será que *algum* deles trabalhou como caixa de supermercado na Síria ou vagou pelos parques no Irã recolhendo garrafas vazias? De jeito nenhum. Somente médicos, engenheiros, advogados e...

— Chega, Sebastian. — A voz de Georg soou grave. Ele alcançara o limite de sua capacidade de fingir que não havia nada de errado.

Mas Sebastian não ouviu. Ele estendeu o braço para nós e fez uma expressão que eu nunca vira anteriormente.

— Vocês nunca se perguntaram o porquê disso? — Ninguém respondeu. Ele se voltou para Samir. — O que vocês fazem com pessoas que não possuem ao menos seis anos de universidade? Você os matam para que não roubem os seus empregos?

Claes Fagerman, pensei. Ele está parecido com o pai.

Margareta segurou o braço de Samir quando ele se levantou. Ela balançou a cabeça para ele. Então voltou-se para Sebastian.

— Sebastian — começou a falar.

Margareta era diretora de algum departamento no Ministério de Relações Exteriores cujo nome esqueci, e ficou claro pela sua voz que ela estava acostumada a reuniões e negociações, circunstâncias em que tinha que permanecer educada apesar de estar furiosa. Sua voz acolhedora de mãe desapareceu. O teatro de “fingir que não havia nada de errado” obviamente havia chegado ao fim.

— Ouça com atenção — disse Margareta devagar. — Algumas coisas são difíceis de entender. Por exemplo, é difícil acreditar que muitos dos refugiados que conseguem chegar à Europa, até aqui em cima, na Suécia, é difícil entender que essas são pessoas...

Ela inspirou profundamente. Acho que ela estava pensando em dizer *como você e eu*, mas mudou de ideia.

— Nem sempre, mas, em geral, essas pessoas tinham vidas organizadas, estabilidade financeira, e sim, possuem diplomas de cursos de nível superior. Por que isso? — Ela não esperou uma resposta. — Porque as pessoas que conseguem alcançar a Suécia podem arcar com o custo de transportar toda a família para uma vida melhor. É preciso dinheiro para fazer isso. Não muito dinheiro em seu mundo, Sebastian, mas ainda assim acho que você consegue entender. Você tem a impressão de que todos os que vêm para cá têm educação superior. Não é bem assim. Isso é tão inexato quanto afirmar que todas as pessoas com educação superior que vêm para cá mentem sobre os seus antecedentes. Porque muitos dos novos suecos são acadêmicos. As pessoas mais pobres e mais carentes dos países que estamos falando aqui quase nunca conseguem chegar à Suécia. É bem perturbador, mas não é motivo para você se comportar assim e falar de coisas sobre as quais é óbvio que não entende nada.

— Claro — disse Sebastian. Ele nem pareceu irritado. Não pareceu perceber o desprezo na voz de Margareta. — É mesmo ótimo para a Suécia que eles venham para cá. E aquelas pessoas que tentaram montar uma ocupação no parque Humlegården pareciam de fato pertencer a uma elite absoluta. A nata de seus países de origem.

Margareta pigarreou.

— Conheço você desde que nasceu, Sebastian. E me recuso a crer que você realmente seja tão vulgar.

Quando ela respirou fundo, o pai de Labbe assumiu o controle. Ele tirou o guardanapo dobrado do colo.

— Sebastian e eu vamos dar uma volta — disse ele, em um tom normal de conversa. Depois de limpar a boca, ele se levantou. — Vamos?

A voz de Georg não revelava nada além de um pouco de cansaço, talvez. Parecia o modo como ele teria falado se tivesse que interromper o jantar para atender a um telefonema importante. Contudo, quando foi para trás de Sebastian esperando que este o seguisse, vi os músculos de sua mandíbula se contraírem.

— Que merda é essa? — Sebastian riu. Mas sua fachada de despreocupação desaparecera. — Vocês querem que eu vá embora? Enquanto esse folgado do Samir fica aí sentado, mentindo na nossa cara?

— Não torne isso pior do que já está. — Georg pegou Sebastian pelo braço. Com um forte puxão, ele o arrancou da cadeira e tirou-o da sala.

Demorou alguns minutos até Georg voltar. Não sei o que fizemos nesse meio-tempo. Labbe continuava olhando para a mesa. Amanda estava com lágrimas nos olhos. Margareta murmurava algo para Samir. Não ouvi o que diziam. Se meus joelhos não estivessem tremendo, eu teria me levantado e ido embora.

— Sebastian resolveu que era melhor ir para casa — explicou Georg antes de voltar a se sentar.

Ele se voltou para mim.

— Acho melhor você ficar, Maja.

Assenti.

— Sebastian não está em condições de ficar na companhia de ninguém, muito menos na de vocês — prosseguiu enquanto raspava o resto da comida do prato. — O pai dele e eu concordamos com isso.

Voltei a assentir. Estava muito chocada para fazer qualquer outra coisa.

— Como ele vai voltar para casa?

Margareta levantou-se para tirar o prato de Georg.

— Pedi que John o levasse de carro.

Labbe e eu fomos da mesma turma desde a escola primária, até este ano, quando ele mudou de escola. Eu já ouvira a voz de condessa aborrecida de Margareta ao falar com o diretor, com o zelador da escola, com inúmeros

professores e outros pais de alunos. Eu imaginava ela dando bronca no primeiro-ministro com aquela voz. Ao longo de todos esses anos, minha mãe, meu pai e eu simplesmente assistimos a Margareta decidir que “é isso que vamos fazer” (fosse o problema do horário do ônibus municipal não coincidir com os horários da escola, o fato do currículo escolar nacional não incluir algo que ela achava que era importante ou o tempo não estar bom o suficiente para um torneio de softball). E toda vez que Margareta fazia exigências, parecia só estar pedindo um pequeno favor. Ela podia ligar para o rei, pigarrear e dizer: “Olha, queria pedir um favorzinho.” E o rei nem sonharia em negar. Ninguém dizia não para Margareta; ninguém a intimidava.

Quero que Margareta fale com Claes, pensei. Ela seria capaz de fazê-lo ouvir. Eu queria levá-la pela mão e dizer: *Fale com ele.* Mas eu não disse nada. Simplesmente fiquei ali sentada, envergonhada. Essa foi a primeira vez que tive vergonha de ser a namorada de Sebastian.

— Você conseguiu falar com o pai dele, isso é bom — murmurou Margareta. — Diga, o que o nosso querido Claes tem a dizer?

Nosso querido Claes. Margareta não gostava dele.

Georg deu de ombros um tanto desanimado, um dar de ombros que não queria dizer *não me importo* e sim *o que você quer que eu diga? Ou, você já sabe a resposta e não há nada que possamos fazer a respeito.* Georg também pensava que Claes era um cretino arrogante.

— Falamos sobre isso mais tarde, Mags.

Continuei sem dizer nada. Não olhei para ninguém, muito menos para Samir.

— Alguém quer merengue italiano? — Margareta afastou os pratos. — Com sorvete caseiro?

Todos queriam sorvete. Eu me obriguei a comer. Enchi a boca de sobremesa, tentando engolir a minha preocupação. *Sebastian estaria com ciúmes? Ele se sentiu ameaçado? Por que ele tenha feito aquilo?* Comi o sorvete tão rápido que minha testa começou a doer. Engoli um pouco mais.

Demorou alguns minutos, mas acho que Amanda disse para Samir:

— Não liga para ele.

E, então, os outros conseguiram falar sobre uma viagem à Dinamarca que os pais de Labbe fizeram quando eram jovens, para irem a um festival de rock. Choveu e eles não conseguiram armar a barraca porque a lama era

muito profunda. Depois, conversaram sobre alguém do dormitório de Labbe. O sujeito era sonâmbulo.

— Ao menos três vezes por semana, ele vai até a cantina, sobe na mesa principal, deita e continua dormindo ali.

Eles riram diversas vezes, e a cada vez que riam pareciam um pouco mais naturais, um pouco mais relaxados. Eles repetiram o sorvete. Então, agradecemos o jantar e todos ajudaram a limpar a cozinha. Ninguém mencionou Sebastian.

Meu namorado.

Eles fingiam que não havia nada de errado. Mas o que eu deveria fazer? Duas horas depois, estávamos assistindo a um filme na sala de estar quando Georg entrou para pedir desculpas por Sebastian. Esqueci qual filme era e nem nos incomodamos em desligar o som enquanto Georg contava a conversa que tivera com ele.

Sebastian havia “chegado em casa”. Georg falara com ele ao telefone e Sebastian queria que o pai de Labbe “transmitisse as suas desculpas” (palavras de Georg). As desculpas eram longas e enroladas, e, mesmo sendo Georg quem as estivesse transmitindo, pareciam forçadas, o tipo de coisa que você inventa quando esqueceu o aniversário de alguém sem importância.

Samir estava meio metro atrás de mim, com um braço atrás da cabeça. Vislumbrei um trecho de pelo escuro e encaracolado sob a manga de sua camiseta. O interior de seu braço era tão pálido que brilhava à luz da TV. Ele olhou para Georg enquanto Georg transmitia a desculpa e então murmurou “está tudo bem, sem problemas, obrigado”. Depois que Georg saiu, Samir olhou de volta para a TV, mas não parecia estar assistindo ao que passava na tela, apenas olhando para o vazio.

Quando ele se levantou e disse que ia dar um passeio, esperei exatos quatro minutos antes de também me levantar.

— Vou dormir — falei.

— Boa noite — respondeu Amanda.

— Durma bem — completou Labbe.

Então desliguei o meu telefone e deixei-o no quarto onde estava o resto das minhas coisas. Samir estava sentado junto à água, abraçando os joelhos. Estava frio e escuro. Eu o via apenas como uma sombra iluminada pela luz da casa. A lua nos observava do outro lado da água.

— Não preciso que você me console — disse ele quando me sentei ao seu lado.

— Eu sei.

De perto, pude ver quão perturbado ele estava.

Coçou o braço, mas era pouco provável que fosse uma mordida de mosquito.

— Você não precisa me dizer que sou burro.

— Por que eu diria isso?

— Merda, era o primeiro dia de aula, logo que comecei. Eu estava muito nervoso. Eu sei que vocês não estavam nervosos, porque se conheciam, todos se conhecem há dezessete gerações, mas, para mim, foi um dia enlouquecedor. Vocês eram todos estranhos, jovens de quinze anos que logo perguntavam o que os pais dos outros “faziam para viver”. Isso não é doentio?

— Muito doentio — admiti. *Nunca perguntei a ele o que seus pais faziam.*

Estávamos longe da estrada principal. Para chegarmos até a propriedade levava mais de vinte minutos através de uma trilha de cascalho e, no entanto, dava para ouvir um leve zumbido que deveria ser do tráfego, porque não parecia com nenhum outro som. Aquilo não se encaixava com os sons das árvores, os sons da floresta, os sons dos animais.

— O que a sua mãe faz?

— Como assim?

— Suponho que ela não seja advogada, como você disse para Labbe, nem médica, como você disse para Georg e Margareta. Então, o que ela faz?

Samir arrancou um punhado de grama do chão onde estava sentado. Um torrão de terra saiu junto e bateu na minha perna.

— Eu nunca disse que minha mãe era advogada. Labbe entendeu errado. E minha mãe sempre disse que queria ser médica. Ela era boa aluna, mas teve que abandonar os estudos. E, agora, está ferrada. Ela mal consegue entender dez minutos de noticiário em sueco, então não tem como ela ser aceita em uma faculdade de medicina aqui. Além disso, ela precisa trabalhar. E ela gosta de ser auxiliar de enfermagem.

— Seu pai é advogado?

Demorou um momento antes de Samir balançar a cabeça.

— E também sou pago. Duzentas coroas por hora, é quanto eles me pagam, mas... — Ele não continuou. — Suponho que eu deveria estar agradecido.

— Agradecido pelo quê?

— Por Georg e Margareta não terem me mandado embora, por se contentarem em expulsar seu namorado racista.

— Sebastian não é racista.

Samir riu, debochado.

— Pare de defendê-lo. Não seja uma dessas pessoas que o idolatram, Maja. Que o deixam fazer e dizer o que bem quer.

Agora era a minha vez de ficar com raiva.

— Sebastian sabe muito bem por que as pessoas puxam o saco dele. Você acha que ele não sabe? Mas os professores não fazem isso. Se fosse assim, ele não teria repetido de ano. E por acaso ele pôde dizer e fazer o que quisesse hoje à noite? Achei que ele tivesse sido expulso.

— Georg e Margareta são diferentes.

— Como assim?

— Você sabe. Mas se Labbe não precisasse de mim para se formar, eles teriam me mandado embora.

— Não é verdade.

— Você acredita mesmo nisso?

— Claro que acredito. Você está enganado, Samir. Acho que eles sabem que a sua mãe não é médica e que seu pai não é advogado. Pelo simples fato de não serem idiotas. Provavelmente eles sentem pena de você, por achar que precisa mentir sobre algo tão tolo. Sinto muito por você, por achar que precisa mentir sobre isso. Você é quem é, e isso não tem nada a ver com o que os seus pais fazem. Não queremos saber de onde você veio. Se sua mãe nunca foi para a universidade e seu pai é motorista de táxi e ainda assim você se saiu tão bem, isso só prova que você luta mais do que o resto de nós. Pessoas como você ainda mais, porque vocês são quem são, mesmo que venham de...

Samir interrompeu-me tão rápido que vi cuspe voar de sua boca.

— Você não entendeu. Você é tão inocente. Você acha que sabe do que está falando, mas está completamente enganada.

— Não grite.

Ele não baixou a voz.

— Não estou gritando. Mas você está errada se acha que não é necessário ter uma boa história para contar. Tudo o que precisa fazer é assistir *Idol* ou *The X Factor* ou a merda do *Master Baker*, ou seja lá como se chama aquilo, para entender que a história das pessoas é apenas metade da equação. Todos vocês querem se surpreender quando o gordo canta como um campeão, vocês querem se sentir satisfeitos quando ele consegue “apesar de tudo”, e querem acreditar que meus pais não moram em Djursholm ou trabalham como médicos e advogados por puro azar, que essa é uma injustiça da qual vocês definitivamente não são cúmplices, mas vocês podem dizer que é errado, podem se sentir mal por não cuidarem melhor dos imigrantes, mas, ah, se eles fossem apenas um pouco mais suecos, se aprendessem o novo idioma mais rápido, estudassem um pouco mais, então o sonho americano estaria bem ao alcance deles. Vocês adoram o sonho americano. Vocês adoram Zlatan Ibrahimović. Merda, todos vocês o adoram. É muito melhor quando Zlatan diz que nunca leu um livro e que as mulheres não podem jogar futebol, porque é assim que são os imigrantes. São misóginos, mal-educados, mas vocês gostam deles de qualquer forma, porque são tolerantes e aceitam, e Zlatan tem um sorriso charmoso e encantador. Vocês pensam que tudo tem a ver com integração e circunstâncias infelizes, que todos teriam sucesso se apenas lutassem por isso, e...

— “Vocês” quem?

Comecei a chorar. Não consegui evitar. E Samir estremeceu, como se eu tivesse batido nele.

— O que foi? — perguntou Samir. — O que há de errado?

— Você fica dizendo “vocês”. Você disse “vocês” pensam isso e aquilo e “vocês” sentem isso e aquilo, então eu quero saber, quem são esses “vocês”?

Samir mordeu o lábio inferior.

Prossigui.

— Samir. Todos sabem que é mais difícil para você. Só gente idiota acha que tudo o que você precisa fazer é aprender sueco, e então todo o preconceito acabaria. Georg e Margareta não são idiotas. Você não precisa ter medo de...

— Você — disse ele, e pegou a minha mão. — Maja. Você sabe o que sinto por você. Labbe é gente boa, e Margareta e Georg são legais. — Ele

estava sentado tão perto de mim que eu podia sentir quão rápido ele estava respirando. — Vocês são... você sabe exatamente o que quero dizer quando digo “vocês”. Quero dizer *vocês*, vocês e todo o seu... — Ele acenou com a outra mão, mostrando o jardim, a floresta, a água, a casa principal, as duas alas, a casa de hóspedes, a cabana de caça onde John morava, a casa de barcos. — Você sabe quem são *vocês*, mas não entende o resto. Eu não tenho medo de vocês. Não se trata de ter medo. Você simplesmente não entende.

Então me explique.

Ele se voltou para mim. Sua mão roçou o meu quadril. Sua boca estava perto, muito perto da minha.

E eu pensei que ele ia me beijar. Mas Samir não se moveu.

Em vez disso, ficamos ali sentados. Ele respirou. Eu respirei. Não ousei olhar para ele. Quando me levantei, ele ficou onde estava. Voltei para a casa sem me virar em momento algum. Entrei no meu quarto e fechei a porta. Quando me deitei na cama, liguei o meu telefone. Sebastian me enviara uma mensagem de texto. Só uma:

“Se você está pensando em transar com ele, espero que use camisinha.”

22.

Como Sebastian e eu “voltamos” a ser o que éramos antes daquele fim de semana na casa de Labbe? Não voltamos. Mas continuamos. Sim, acho que me convenci de que eu precisava pensar assim, em “antes” e “depois”. Não, não acho que o Sebastian tenha se desculpado. Sim, eu disse “Eu nunca faria isso... Como você poderia pensar isso de mim?” (porque eu precisava dizer algo sobre a mensagem de texto que ele enviara), e sim, fui diretamente da casa de Labbe para a de Sebastian e fizemos sexo enquanto eu o assegurava diversas vezes que *eu jamais faria isso e você é o único que eu amo*.

Dizem que o sexo de reconciliação é o melhor tipo de sexo, mas não é. Você está triste e com raiva, mas não tão triste e com raiva a ponto de não conseguir fingir que não há nada de errado após algum tempo. E logo fiquei triste e com raiva por algo além do fim de semana na casa de Labbe, e isso foi pior porque Sebastian não disse e nem fez nada específico. Eu só queria que as coisas fossem diferentes e, às vezes, tentava fingir que eram.

Os dias se passaram. Novembro passou. Era o primeiro domingo do Advento. Na opinião de Sebastian, tudo merecia ser comemorado, e fiz o que pude para concordar.

* * *

Havia muita gente no Montage, talvez mais do que o normal. Também chegamos mais cedo do que o normal, mas ainda assim precisamos passar alguns minutos abrindo caminho em meio à multidão antes que o segurança nos visse e nos puxasse para dentro. Eles sempre deixavam Sebastian entrar assim que ele aparecia. Sempre, sempre, sempre. Eles também costumavam deixar o resto de nós furar fila, mesmo que chégássemos sem Sebastian, mas nunca tão rápido assim.

Dennis ainda estava do lado de fora com os ombros encolhidos. Ele nunca entraria no Montage sem Sebastian, e Sebastian raramente queria que

ele entrasse. De vez em quando ele dava uma volta no quarteirão com o casaco puxado até o queixo, o gorro levantado e os braços largados ao lado do corpo como se fossem muito pesados para ele. Mas Dennis não reclamava. Graças a Sebastian, ele tinha mais clientes do que nunca, que pagavam muito mais do que os ratos de esgoto que ele poderia explorar caso estivesse traficando na Sergels Torg.

O clube estava decorado para o Natal, com luzes coloridas e guirlandas largas e brilhantes, bolas de prata e cristais Swarovski em uma árvore no meio da pista de dança. Amanda e Labbe mal entraram e já começaram a dar uns amassos em um dos sofás da seção VIP. Labbe estava meio recostado e Amanda estava ao lado dele, uma perna jogada sobre o seu colo. Suas línguas, praticamente dois ratos cegos e nus, ficavam visíveis de lado toda vez que se beijavam.

Trinta minutos depois de entrarmos, Sebastian estava tão alterado que começou a ficar difícil para os funcionários o ignorarem. Dois seguranças juntaram forças perto de uma das saídas. Eles o observavam. Provavelmente esperavam que ele dormisse, ou então que apagasse. Só aí poderiam mandá-lo para casa.

Sempre que o pessoal do clube tentava interferir antes de Sebastian apagar, dava merda. Na semana anterior, um deles o pegou pelo braço quando ele tentou baixar a calça de um cara que esbarrara nele no bar. O segurança fora bastante educado. Deu um toque do tipo “nós achamos que talvez seja hora de você voltar para casa. Quer que chame um táxi?”. Ainda assim, Sebastian pirou. Então, teve que ficar. O dono apareceu, conseguiu levá-lo para uma das salas privativas e me pediu que ficasse sentada com ele — e foi o que fiz até ele adormecer e Labbe me ajudar a arrastá-lo para o carro.

Ainda assim, sempre o deixavam entrar. Sempre, sempre, sempre. Último a chegar, primeiro a entrar. Qualquer outra coisa seria tão impensável quanto permitir que uma das princesas ficasse do lado de fora, no frio.

Eu não sabia o que Dennis havia dado para ele naquela noite; era quase sempre algo novo, mas, o que quer que fosse, dificilmente o deixaria sonolento. Ele andava pelo clube como se estivesse procurando alguém. Dava voltas. Diversas vezes. De vez em quando, passava por mim, pedia que nos sentássemos no mesmo sofá que Labbe e Amanda, mas menos de

dez segundos depois se cansava e queria ir até o bar. Ficávamos lá por alguns minutos. Ele esquecia o drinque que havia pedido antes mesmo do barman terminar de prepará-lo, e pedia o mesmo drinque outra vez para outro atendente. Então ele deixava as duas bebidas no bar e me arrastava pela mão até a pista de dança, para logo depois me deixar lá porque “tinha que ir ao banheiro”. Poucos minutos depois, eu o via outra vez, esticando o pescoço, virando a cabeça. Vagando. Dando voltas. Diversas vezes.

— Vamos embora? Vamos para onde agora? Não está acontecendo nada por aqui. Vamos embora? Eu só preciso ir ao banheiro, depois podemos dar o fora daqui.

Tentei dançar. Tentei ficar bêbada. Até tentei conversar com Amanda, o que era uma piada, porque ela não queria falar, não podia falar — entendo que é difícil quando você está recebendo uma massagem nas amídalas. É muito estranho falar até mesmo com uma língua na orelha, também concordo com ela nisso, é difícil se concentrar. Mas eu gostaria de conversar com ela. Gritar mais alto que a música, ficar perto uma da outra sem precisar dizer nada, apenas rir da calça horrorosa ou do cabelo estranho de alguém. Em vez disso, tentei acompanhar Sebastian. Ouvir as suas perguntas. Que não exigiam respostas.

— Quer ir embora agora? Você foi ao banheiro?

— Por quê? Meu Deus, você está tão chata! Acabamos de chegar. Você não quer beber alguma coisa?

Eu estava cansada de Sebastian. De Amanda e de Labbe, de todos eles, de tudo aquilo. Eu estava cansada de ser jovem e me divertir, ficar um pouco doida, de pé no frio, gritando bêbada do lado de fora de uma festa ou dentro de uma sala VIP. Eu estava cansada de tudo aquilo, mas tentei continuar da melhor forma possível. Noite após noite após noite. Rodando, rodando, rodando. Acordava aos sábados e domingos de manhã e encontrava um bilhete azul no bolso, amassado com o celofane de um maço de cigarros e perguntas inventadas do tipo *Ah, meu Deus, como cheguei em casa?* Esfregava os carimbos borrados nas costas da mão e cortava as pulseiras de festa com uma tesourinha. Então eu dizia de novo aquelas frases batidas: *Meu Deus, eu estava tão bêbada* e *Não me lembro de nada e Merda, aquilo foi totalmente épico.*

Mas nunca mais me diverti. Nunca mais esqueci como voltara para casa. Eu sempre voltava do mesmo jeito. Eu me certificava de que Sebastian

voltasse para a casa dele. Eu dormia lá enquanto ele continuava semiconsciente, jogava videogames ou simplesmente tentava encontrar “algo para fazer”.

Eu não queria mais nada daquilo, mas não sabia o que queria. Terminar? O que eu faria se o meu relacionamento com Sebastian terminasse? Eu ainda andaria com o resto do pessoal? Eu não tinha um plano. Eu não queria ter um plano. Eu só queria que a vida voltasse a ser divertida.

Sebastian se perderia se eu o deixasse. Ele já estava perdido. Eu não conseguiria me separar dele agora. Eu poderia fazer aquilo em breve, quando as coisas se acalmassem um pouco, mas não conseguiria dizer nada agora. Nós o observávamos, eu e os seguranças, de nossas respectivas posições, mas não dizíamos nada. Sabíamos que não importava quanta corda déssemos a ele, Sebastian sempre passaria dos limites. Não dizíamos nada porque fingíamos que tudo ficaria bem, embora soubéssemos que acabaria mal. Os seguranças ficavam em duplas, mas eu estava sozinha. Nenhum de nós fez nada. Eu era apenas uma figurante. Todos éramos figurantes. Era o que acontecia quando você estava ao lado de Sebastian. Era uma figurante sem falas. Se eu dissesse alguma coisa, seria cortado na edição. Era fácil ignorar. Ninguém precisava responder nada que eu perguntasse.

— Por que não vamos para casa?

— Esta merda de lugar, esta merda de cidade. Meu Deus, é tão chata, é uma grande merda. Droga. Vamos para Barcelona. Há um bar de tapas incrível perto daquela igreja, espera, espera, fica em Palma, não é? Eu só preciso ir ao banheiro. Peça algo para eu beber. Volto logo, só tenho que ver um negócio. Preciso de uma bebida. Eu só preciso ir ao banheiro. Foda-se, vamos sair daqui. Meu Deus, isso tudo é tão chato. Você pode dizer a esse merda desse DJ para tocar algo de bom? Vamos para Nova York. Eu só tenho que ir ao banheiro ver um negócio. Onde diabos está Dennis? Ele tem que... Vou sair e procurá-lo, preciso conversar com ele, Meu Deus, isso tudo é tão chato.

Falei para Amanda:

— Não sei mais se eu o amo.

Conversamos a respeito e ela disse:

— Tenho certeza de que logo vai melhorar.

Mas ela e Labbe se afastaram. Eles estavam agindo de uma forma estranha desde aquele fim de semana na casa dos pais dele. Para os dois, definitivamente havia um “antes” e um “depois”. Eu sabia que eles se encontravam com Samir sem nos convidar, eu sabia que eles achavam que Sebastian era um problema. Mas quando eles queriam vir aqui, sair, ir para algum lugar, nós ainda éramos bons o bastante. Para evitar a espera na fila. *Estamos com ele.*

À noite, os pensamentos disparavam em minha mente. Quando eu me deitei ao lado de Sebastian, sua nuca estava suada e ele estremeceu enquanto dormia, virou-se para mim e me puxou para perto.

Há palavras que podem ser sentidas em todo o seu corpo. Palavras podem estimular um sentimento que pertence a uma parte do cérebro diferente da esperada. As palavras boas são quentes. Minha mãe sussurrava “shhh...” quando eu era pequena e tinha dificuldade para dormir (“Minha menina, shhh... durma, querida...”). Ou o tom de voz do meu pai quando chamava “Maja!” e dava para ver que ele queria que todos soubessem que eu era a sua filha, que pertencíamos um ao outro, ele e eu. A voz da minha avó quando lia uma história (“Era uma vez...”). Os “eu te amo” de Sebastian pouco antes de ele adormecer, em um fio de voz.

Eu não sei. Nem tudo era ruim. Nem sempre foi apenas ruim.

— O pai dele precisa fazer alguma coisa — disse Amanda para mim, embora não tenha dito nada para mais ninguém. — Sebastian precisa de ajuda.

Amanda pensou que tinha a ver com drogas, que, se Sebastian simplesmente desse um tempo, ficaríamos tão apaixonados quanto antes. *Amanda está certa, pensei. É claro que Amanda está certa. Claro que eu amo Sebastian.*

Não faça nada. Não diga nada. Fale com ele. Ajude-o.

Mas não consegui dizer nada. Ninguém disse nada. O que qualquer um de nós poderia dizer?

Eu queria sair dali. Queria ir embora. Queria que aquilo acabasse.

Sebastian perderia a cabeça. Já tinha perdido, na verdade. Sebastian estava louco. Doente. Eu precisava fazer alguma coisa. Ele precisava de ajuda.

Eu o amava. Claro que eu o amava.

23.

Amanda estava dormindo na cadeira ao lado da minha. Sua grinalda de Santa Lúcia caíra sobre os ombros e a meia-calça tinha um buraco grande no joelho. No palco do auditório havia uma mulher com saltos altíssimos, brincos minúsculos e um relógio masculino gigantesco. Seu cabelo brilhante cor de carvão parecia exigir um assento extra no avião. Ela era americana, “editora-chefe da publicação financeira mais lida do Ocidente” (introdução de Christer).

— Vocês são estudantes de economia internacional, parte de um programa especial, certo?

Concordamos com um murmúrio coletivo, apesar de muitas pessoas ali não fazerem parte do programa de economia internacional. Outros alunos do último ano dos cursos de três anos também estavam lá. Além disso, havia muitos pais e mães (em especial pais), provavelmente fugindo das procissões de Santa Lúcia de suas filhas. Os pais foram informados de que não tinham permissão para fazer perguntas ou ocupar nenhum lugar, de modo que estavam de pé junto às paredes e, a cada dez metros, havia um sujeito de ombros largos com um terno preto e um fone de ouvido: a equipe de segurança da senhora americana.

— E aqueles de vocês que não estão estudando economia terão de aturar isso de qualquer maneira.

Rimos em solidariedade quando a mulher abriu um sorriso mais largo do que o portão de entrada de uma balsa de veículos.

Até Sebastian estava lá. Às cinco horas daquela manhã, Amanda e eu o acordamos com canções de Santa Lúcia. Então ele ofereceu “café da manhã” para nós e para um outro pessoal. Mas, quando me recusei a ir para a escola no carro dele, Sebastian ficou irritado. Agora, está sentado do outro lado do auditório.

Um “benfeitor anônimo” patrocinara aquela palestra. Perguntei a Sebastian se era Claes, mas o olhar em seu rosto me informou que aquilo

era uma pergunta idiota. Diziam que a palestra custara 350 mil coroas, mas nenhum dos professores falaria a respeito.

A americana era mais do que uma editora-chefe. Tinha um doutorado em economia e fora nomeada uma das pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time*. Ela se tornara popular graças ao seu canal no YouTube, onde explicava problemas econômicos usando Barbie, Ken, a casa e o carro da Barbie. O vídeo com mais acessos foi sobre a crise financeira americana. Nele, a Barbie Negra interpretava uma dona de casa (mãe de três filhos) que fora despejada. Ela não podia pagar a hipoteca, e o bom e velho Ken desempenhou o papel de diretor da Lehman Brothers. A americana fazia as bonecas falarem: Ken era arrogante e distante, enquanto a Barbie Negra xingava e falava inglês pior do que um aluno sueco mediano com sonhos de se tornar rapper. Ninguém acusou a mulher de usar estereótipos racistas — afinal, ela se parecia mais com a Barbie Negra do que qualquer outra mulher que já tivesse pisado na face da Terra —, mas os críticos a achavam muito radical, diziam que usava generalizações grosseiras para explicar as suas opiniões. Pensei que alguém pelo menos deveria lhe dizer para ser mais sutil com a maquiagem. Um par de cílios postiços mais curtos já faria muita diferença.

Hoje ela falaria sobre o futuro da economia mundial. *Crescimento ou colapso* era o subtítulo, o que deveria terminar — embora não terminasse — em um ponto de interrogação.

— Alguém aqui odeia economia? Que pretenda seguir uma carreira e fazer algo realmente importante? — (Breves risadas.) — Boa escolha. Não dá para confiar em economistas. (Mais risadas.)

Ela apontou para nós, movendo o braço de um lado ao outro da sala.

— Citem um economista perigoso.

— Karl Marx — gritou alguém de uma das últimas fileiras.

Ela assentiu.

— Milton Friedman — gritou Samir. Ele estava sentado na frente.

A americana sorriu, satisfeita.

— Exatamente o que eu quero dizer.

Ela pegou uma garrafinha de plástico e bebeu dela.

— Os economistas são perigosos pelo simples fato de a economia global afetar as pessoas. Todas as pessoas. Então, quer você estude ou não

economia, pense ou não que o dinheiro é tudo ou que você está acima de bens materiais, ouça com atenção. Falarei sobre você.

Enquanto Barbie balançava o indicador em direção à plateia, as luzes do auditório se apagaram. Uma tela gigantesca apareceu no fundo do palco, e, sem mais nem menos, ela começou a ministrar um curso intensivo de economia do século XX: números, eventos históricos, sufrágio universal, a Primeira Guerra Mundial, a crise financeira, a Segunda Guerra Mundial, o boom econômico. À sua frente, erguiam-se diagramas holográficos, cubos e círculos rodopiantes em 3-D, gráficos e diagramas de crescimento populacional, rendas médias, expectativas de vida. Agora eu entendia por que o auditório estivera fechado por uma semana. Aquilo parecia saído direto de um filme de James Bond. Por alguns segundos, ela chegou a ter um holograma de Franklin Roosevelt ao seu lado no palco, dizendo algumas frases de um discurso sobre o New Deal. Nem mesmo Amanda estava tendo problemas para se manter acordada.

Barbie falava mais rápido do que um comentarista esportivo. Christer assentia em sincronia com a entonação dela. Assentia como se tivesse perdido um parafuso do pescoço. Ele estava completamente chapado de crack professoral, atingido por algum tipo de infecção mental.

— Em diversos lugares do mundo por onde passei, conheci muitas pessoas que estão convencidas de que a economia é uma ciência guiada por forças que são como a lei da gravidade. Despesa e renda. Se você soltar um copo, ele vai cair no chão e se quebrar. Você vai à falência se gastar mais do que ganha.

Barbie olhou para as fileiras de pais trajando ternos e casacos, depois voltou os olhos para nós, alunos, e continuou o falatório.

Na seção de perguntas e respostas, Christer começou a percorrer o auditório com um microfone sem fio. Sebastian foi o primeiro. A americana sorriu para ele antes mesmo de ele se levantar. *Então foi Claes quem pagou por isso.*

De repente, senti necessidade de ir embora. *Barbie Negra e Ken Fagerman.* Se Sebastian fora enviado até lá para se inteirar do que a queridinha mais descolada do mundo financeiro tinha a dizer, tanto Claes quanto ela ficariam desapontados.

Sebastian soava cansado. Ele tropeçava nas palavras, mas conseguiu perguntar o que estava escrito no cartão que segurava e, enquanto Barbie

respondia, Christer dirigiu-se para a pessoa seguinte que fora convocada a preparar uma pergunta.

Quando foi a minha vez, entreguei o microfone de volta à Christer antes que a americana tivesse começado a responder. Eu não tinha a intenção de forçar nenhuma pergunta adicional.

A americana assentiu para mim, pensativa. Ela fingiu não achar que minha pergunta era idiota (apenas perguntas idiotas que Christer já sabia a resposta foram aprovadas) e recebeu aplausos por sua resposta. Aquela fora sua quinquagésima terceira variação de “por um lado ou por outro, no meu estudo dessa questão destaquei diversos novos fatores... e eles indicam que a resposta está longe de ser óbvia”. O 3-D fora desligado. As pálpebras de Amanda pareciam muito pesadas. Ela estava tentando encontrar uma posição mais confortável. A Barbie era toda brilho e superficialidade, ela jamais diria algo que todos aqui não concordassem. E foi o que fez.

Mas, então, foi a vez de Samir. Ele pegou o microfone de Christer e começou a falar:

— Tivemos uma eleição parlamentar simulada aqui na escola há alguns meses. — A voz de Samir estava trêmula. Ele parecia nervoso. — Todos os alunos votaram e dois partidos racistas inventados receberam mais de trinta e cinco por cento dos votos.

Pelo canto dos olhos, vi Christer olhando em volta. Aquela não era uma das perguntas pré-escolhidas. Ele estendeu a mão para o microfone, confuso, mas a americana apontou para Samir. Ela queria que ele continuasse falando. Samir passou o microfone para a outra mão, afastando-o de Christer.

— A escola concluiu que os resultados não deviam ser levados em conta e que aquilo só aconteceu porque um grupo de alunos se reuniu e decidiu sabotar o exercício.

— Mas?

A americana estava intrigada.

Alguém na plateia gritou:

— Atenha-se ao tópico, Samir!

Um dos pais nos fundos da sala disse:

— Acho que você está na palestra errada, filho.

A Barbie ergueu a mão e a plateia voltou a ficar em silêncio.

— Continue.

— Ninguém levou as eleições escolares a sério. Mas foi um bom exemplo. Porque nos ensinam que a política só diz respeito a... como todo problema em todo país europeu se deve à imigração, às guerras além das fronteiras europeias e ao terrorismo islâmico. Coisas que estão fora do controle de nossos políticos. Só falamos sobre isso, sobre como os fundamentalistas islâmicos são a maior das ameaças. Mas, ao mesmo tempo, em casa, há mais e mais bilionários, enquanto os pobres ficam cada vez mais pobres. Um por cento da população mundial possui cinquenta por cento de todos os recursos do planeta. A metade mais pobre da humanidade possui menos de cinco por cento dos ativos da Terra. Não falamos sobre isso. Quero dizer... — Samir pigarreou, perdendo o embalo por um instante. — Não deveríamos estar falando sobre como esses problemas econômicos afetam o nosso bem-estar e a democracia? Será que eles *não* afetam a nossa democracia e, sabe, a nossa sociedade?

Um sujeito algumas fileiras atrás de Samir começou a cantarolar “A Internacional”. Um riso cauteloso se espalhou pela sala. Mas Barbie voltou a erguer sua mão de Jesus e o interrompeu.

— Diga-me. Samir, esse é o seu nome, certo? Diga-me, Samir, como você acha que esses conflitos em nossa sociedade se relacionam com a economia?

— Eu acho que os economistas deviam usar os seus números para encontrarem soluções concretas para os problemas que realmente existem. Se vocês disserem que devemos investir um trilhão em infraestrutura, isso não significará nada se não nos disserem de onde virá esse dinheiro. Sobretudo quando o debate é apenas sobre como não podemos pagar por alguma coisa porque a imigração custa muito caro.

Aconteceu alguma coisa com o sorriso da americana. Parecia diferente, e demorou um tempo para eu perceber que aquele novo sorriso era sincero.

A voz de Samir tornou-se mais estável.

— É claro que investimento público é ótimo, mas o difícil é determinar quem deve pagar a conta. E ninguém se atreve a dizer que essas pessoas que estão aqui deveriam pagar.

Um murmúrio alto atravessou a sala. O humor mudou. Não era raiva, mas parecia uma sala repleta de adultos que queriam explicar *como são as coisas*. Eu realmente conseguia *sentir* como os pais queriam pigarrear e dizer para Samir (e para Barbie): *você não sabe do que está falando*.

Porque, é claro, *eles* nunca tiveram qualquer problema com a imigração. *Claro que não!* “Mas agora o assunto era a indústria sueca”, gostariam de dizer. Devemos dar empregos, bem-estar e moradia para todos esses *recém-chegados*. “Vocês não podem nos afogar em impostos.” Eu sabia o que eles queriam dizer, porque eu já ouvira meu pai falar sobre isso. E os pais no fundo da sala pareciam ter esquecido que tinham prometido não fazer perguntas, porque quatro ou cinco deram meio passo à frente com as mãos erguidas. Eles não estavam acostumados a erguer as mãos, é claro, mas estavam se contorcendo. Alguns deles olhavam em quatorze direções diferentes ao mesmo tempo, na tentativa de sinalizar *que menino doce, embora ingênuo, e todos querem começar uma revolução quando são jovens* e alguém sussurrou “Meu Deus, criamos um comunista!”, o que fez outra pessoa começar a rir incontrolavelmente.

A americana os ignorou. Em vez disso, puxou uma cadeira e se sentou.

— Conversa fiada! — gritou o cara que acabara de cantarolar “A Internacional”.

Barbie ergueu os olhos.

— É mesmo? — disse ela, oferecendo ao público outro sorriso de pasta de dente. *Não se preocupem*, dizia aquele sorriso. *Estou do seu lado*. — Tudo bem, não vamos falar sobre políticas de imigração. Não sei o suficiente a respeito. Mas podemos falar sobre como financiamos as despesas do Estado, como financiamos o bem-estar. Essa é uma questão relevante, não é mesmo? — Ela esperou pelo murmúrio de aprovação. — Um por cento da população mundial possui cinquenta por cento de todos os recursos do planeta. Além disso, as oitenta e cinco pessoas mais ricas do mundo possuem tanto quanto toda a metade mais pobre da população mundial... — Ela hesitou e baixou a voz. Será que estava brincando? Talvez estivesse olhando para Sebastian. — Essas pessoas caberiam em algumas fileiras deste auditório. Isso não é um problema?

Um dos pais não conseguiu se segurar. Embora não tivesse recebido nem o espaço e nem o microfone, gritou “Com licença”, mas Barbie nem sequer olhou em sua direção. Em vez disso, caminhou lentamente pelo palco até acabar diante de Sebastian. *Sebastian terá que provar que pode representar o Grupo Fagerman*, pensei, e senti um nó no estômago. *Ela quer que Sebastian a ajude a começar um verdadeiro debate*. Eu queria que Sebastian se levantasse e fosse embora. *Vá embora*, pensei. *Você odeia*

política. Então, tive o pensamento proibido: *Você é muito burro para este debate*.

Barbie prosseguiu. A poucos metros de Sebastian. Seu tom de voz estava mais despreocupado do que nunca. Mas ela se certificou de que ele estava ouvindo.

— Existe uma convicção enraizada na nossa sociedade de que, do ponto de vista econômico, vale a pena ser extrageneroso com os bilionários. É por isso que temos países como a Suécia, onde até mesmo os social-democratas pensam que um imposto sobre riqueza de zero por cento é razoável. — Ela acenou para os pais. — Vocês não fazem ideia de quão feliz ficaria o meu contador se eu dissesse para ele que me mudaria para a Suécia. E eu nem sou bilionária.

Então ela se voltou para Samir.

— Mas, então, o que acontece quando o resto da população, que nem milionária é, essas pobres criaturas, percebem que financiam todas as despesas públicas? O que eles fazem?

Ela apontou para Samir com urgência.

Samir ainda estava segurando o microfone e respondeu na hora, como se estivesse apenas esperando o comando dela:

— Eles protestam.

— Isso mesmo.

Seu sorriso natural estava de volta. E os pais se calaram. Christer executou algo que parecia uma tentativa de pirueta. Ele não esperava por aquilo.

— Eles protestam — continuou Barbie. — E como? Uma revolução sangrenta? Será que seus pais serão arrastados até a praça da cidade para serem decapitados? Não, não queremos isso. Assim, talvez seja melhor deixar os imigrantes serem o bode expiatório.

A americana entrecerrou os olhos e olhou para o fundo do auditório.

— Você está rindo — afirmou.

Mas ninguém estava rindo. Ninguém disse uma palavra. Ninguém, exceto Samir. Sua voz perdera toda a incerteza, e, de repente, ele parecia dez anos mais velho. Eu nunca tinha reparado que seu inglês era tão bom.

— Historicamente, as elites nunca esperam perder o poder. Sempre ficam surpresas.

— Pura verdade — assentiu a americana, voltando a olhar de forma desafiadora para Sebastian.

Ele não tinha microfone e estava jogado na cadeira ao responder, mas deu para ouvi-lo de qualquer forma:

— Isso é uma idiotice. Quem emprega as pessoas? Seria você, Samir? Ou seu pai, o motorista de táxi?

Sebastian riu tão alto quanto pode. Mas nem mesmo os caras que estavam ao seu lado o acompanharam.

A americana olhou rápido para Sebastian, inclinou um pouco a cabeça para o lado, voltou-se para Samir e indicou a ele que respondesse. Ele assentiu.

— Idiotice é acreditar que quanto mais bilionários, melhor para a Suécia. Barbie concordou e assumiu o controle enquanto Samir respirava.

— E também podemos conversar sobre pais que dirigem táxis. Porque o que acontece com o senso de “dever de pagar impostos” desses pais?

Não diga nada, pensei para Sebastian. *Fique calado*.

E Sebastian não tentou dizer nada, fosse vulgar ou idiota. Ele inclinou a cabeça para trás e cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse tentando encontrar uma posição confortável para dormir.

— Acho que nos desviamos do assunto. — A americana pigarreou. — Antes que meus seguranças me tirem daqui para que não ecloda uma revolta...

Ela olhou para Samir, para a fila de pais junto à parede e para Christer, que não sabia o que fazer. Mas, então, voltou a falar. Suas frases pareciam mais sensatas agora que não precisava de hologramas e de imagens explodindo.

— Precisamos de bilionários para criar empregos? Prosperidade? Empresas bem-sucedidas? Gente rica com certeza pode ser boa para a economia... — Ela ergueu o queixo para as fileiras no fundo do auditório. — Não tenho nenhum problema com o fato de ser possível se tornar um milionário. E não desgosto completamente dos bilionários. — Ela meneou a cabeça para Sebastian, que fingia estar dormindo. — Na verdade, acredito no capitalismo, embora alguns de meus concidadãos pensem que todos que têm a minha... aparência deveriam ser comunistas.

Christer soltou uma risadinha, mas não conseguiu que ninguém o acompanhasse.

— Mas acho que você estava tentando dizer algo diferente, Samir. Dizer que existe um limite para quão desigual uma sociedade pode se tornar e continuar sendo uma democracia estável. E você está certo. Explicarei por quê.

Silêncio absoluto. Todos queriam ouvir aquilo. Ninguém ousou mexer na poltrona.

— Devemos ser cautelosos com o contrato social. Ambas as partes devem manter o seu lado do acordo. Devemos ter uma equidade abrangente. Não é justo quando o sistema de assistência social é financiado por assalariados de baixa e média renda. Quando as grandes empresas pagam menos impostos do que as pequenas e médias. Não é assim que deve ser o contrato social. E quando uma enfermeira paga mais imposto de renda do que uma pessoa que herdou uma fortuna... Vocês não têm imposto sobre riqueza na Suécia. Nenhum. — Ela fez um zero com o indicador e o polegar. — Vocês também não têm imposto sobre heranças. Zero por cento. Em outras palavras, aqueles que não precisam pagar imposto de renda se não quiserem, não precisam pagar imposto nenhum. Isso está de acordo com o contrato social? É isso que a Bíblia quer dizer com “Pois a quem tem, mais será dado, e terá em abundância”? — Ela fez uma pausa e tomou um gole de água. — Nem nos EUA somos assim tão generosos. E eu não creio que você tenha que ser comunista para perceber que os lados opostos nos EUA estão começando a atingir um ponto de ebulição. Seria um erro acreditar que esses lados opostos nada têm a ver com a economia. E eu concordo com você, Samir. Não é nenhuma conspiração louca dizer que há gente que se beneficia quando os males sociais podem ser atribuídos a uma minoria. Que finge que esses problemas se devem aos... — ela fez aspas no ar — “negros” ou, como na década de 1930, “judeus” ou, como chamamos hoje na Europa, “imigrantes”.

Ela parou por aí. O silêncio durou vários segundos. Ninguém na sala queria reconhecer que poderia haver um vínculo entre o seu dinheiro e os sentimentos anti-imigração. *Nós não somos racistas, estamos do lado certo, não somos simples democratas suecos sem educação.* Mas como Barbie não convocara ninguém em particular, não havia como protestar. Então, a americana lançou um olhar quase imperceptível para o relógio em um dos lados da sala, endireitou as costas e apontou para Samir.

— Veja só. Não foi inesperadamente divertido?

O auditório estava tão silencioso que o pai que falou foi ouvido por todos:

— *Divertido?* — murmurou. Parecia que ele acabara de acordar, mas seu inglês era perfeito. Eu o reconheci: era diretor de um grande banco. Ele ajeitou os cabelos desgrenhados. — É muito mais do que “divertido”. É o Natal chegando mais cedo. Posso voltar para os meus colegas mais tarde e dizer a eles que os suecos vivem em um paraíso fiscal. Champanhe hoje à noite!

E agora os pais estavam rindo. A atmosfera alegre voltara tão rapidamente quanto se fora. É apenas política. *Nem todos têm que concordar.* Se o cara do banco e seus amigos não se sentiram ofendidos, nós também não precisamos nos sentir. *O que essa senhora americana sabe sobre a Suécia? Ha ha! He he!*

Então, aplaudimos. Gentilmente, a americana bateu algumas palmas para a plateia e sorriu para Samir. Ele sorriu de volta, como se ambos compartilhassem um segredo.

— Você faz perguntas difíceis de responder, Samir — disse ela enquanto ainda estávamos aplaudindo. — Continue perguntando e irá longe.

Quando Christer entrou no palco para agradecer a ela, olhei para Samir. Seu rosto ainda estava um pouco corado.

Muito bem, gesticulei com os lábios. *Obrigado,* respondeu ele. Eu queria dizer mais, mas ele desviou o olhar. Em vez disso, olhei para Sebastian. Ele tinha dormido de verdade.

Christer entregou flores e um livro sobre Djursholm para a mulher e voltamos a aplaudir. Tínhamos um período livre agora, mas um dia inteiro de aulas ainda nos aguardava, e eu não tinha energia para ouvir o que Sebastian diria ou para assistir a mais aulas, de modo que peguei o ônibus de volta para casa. Minha mãe e Lina só chegariam em algumas horas. Eu poderia ficar sozinha. Não tinha energia para fazer nada além de ficar sozinha.

* * *

Eu havia mudado de roupa e estava deitada na cama com o laptop na barriga, assistindo a um filme, quando a campainha tocou. Se eu tentasse

ignorá-lo, Sebastian simplesmente ficaria sentado junto à porta, esperando, então desci a escada para deixá-lo entrar.

Mas não era Sebastian. Samir estava com o casaco dobrado sobre o braço e parecia sem fôlego, como se tivesse corrido até a minha casa.

— Posso entrar?

Ele apoiou a mão na porta e se inclinou para mim. Aquilo fez com que os músculos de seu braço se contraíssem e caminhei em sua direção. Parei ao lado dele e passei a mão primeiro sobre sua pele delicada e, depois, sobre os pelos curtos e grossos de seu braço. Quando eu o beijei, com gentileza, senti meus lábios queimarem. Pressionei a língua contra a sua e minha pele ardeu. Ele colocou a mão na minha cintura.

— Claro — falei. — Entre.

A prisão feminina

Primeira semana do julgamento: o fim de semana.

24.

Quando tenho tempo livre pela manhã, não posso tomar remédio para dormir, então acabei não dormindo na noite passada, ao menos não que eu me lembre. Tentei assistir ao filme que Susse me deu. Tentei três vezes. Talvez tenha cochilado um pouco na última tentativa.

Agora que tenho tempo para tentar entender o que aconteceu, é fácil começar a colocar as coisas em ordem na minha cabeça. Gostaria de dividir tudo em capítulos cuidadosamente demarcados, começando com as primeiras semanas de aula: depois que Sebastian e eu voltamos do Mediterrâneo, quando era “como se Sebastian e Maja sempre tivessem estado juntos” (palavras de Amanda). Aquela foi uma época boa, fácil, sem complicações, certo? Durante esse período, fiz novos amigos, pelo menos, recebi atenção de uma forma diferente, outros tipos de elogio. Todos ao nosso redor (exceto Samir) pareciam pensar que não havia nada mais natural no mundo do que a minha vida com Sebastian e o fato de sermos um casal.

O segundo capítulo é mais complicado e confuso. E o terceiro, depois de eu ter beijado Samir, foi quando a coisa começou a degradingolar até o caos total.

Mas não funciona assim. Se eu for cem por cento honesta, nem mesmo a primeira parte poderia ser separada do resto, do que aconteceu depois. Não há capítulos nesta bagunça.

Aquele calor no início, calor de alto verão e as cores... teriam ajudado? O calor me fazia lembrar do Mediterrâneo e ofuscava o que eu deveria ter visto de fato naquele momento: todas aquelas coisas estranhas. Não apenas sobre Claes — como ele era cruel, como se importava pouco. Mas também as coisas estranhas sobre Sebastian. A escola continuava igual, mas parecia, ao mesmo tempo, se encolher e se expandir quando Sebastian e eu começamos a namorar. No começo, ele quase sempre estava lá, até quando

não ia à aula. Ele sempre parecia saber onde eu estava, mesmo que eu não estivesse onde deveria estar de acordo com o meu horário. E eu gostava disso. Sentia-me lisonjeada com o fato dele estar atento, de querer estar perto de mim. Não que ele me perseguisse, ele não era controlador nem esquisito, nada disso. Quando ele de repente aparecia à minha frente, vestindo uma camiseta branca e sorrindo, eu sorria de volta, é claro que sim, porque estávamos apaixonados: ele estava feliz em me ver e eu estava feliz por ele ter me encontrado.

Mas isso não era tudo. Sempre havia algo mais dentro dele. Era mais do que tristeza. Não era ódio; o ódio é simples, e Sebastian nunca foi fácil de entender. Nunca tive medo do que ele poderia fazer comigo, nem mesmo no fim, mas estava sempre ansiosa. Mesmo naquelas primeiras semanas, tudo era sempre mais de uma coisa, era uma mistura: difícil, fácil e agradável, engraçado, horrível e maravilhoso.

* * *

Odeio o primeiro turno de exercícios na prisão. Odeio ainda mais porque os funcionários pensam que estão me fazendo um favor ao me escalarem. Eles querem que eu fique feliz por ter tempo de sobra para outras coisas, atividades divertidas para preencher todas as horas do dia, horas que se tornam disponíveis quando “eu acordo e saio da cama cedo”. Como se eu tivesse coisas a fazer além de querer fumar. Porque a pior coisa a respeito do primeiro turno é que eu nem tenho tempo de querer um cigarro.

E quero fumar ainda menos quando eles me põem com Doris.

Na verdade, eu deveria passar o meu tempo no pátio sozinha, porque ainda estou sob restrições mesmo que a investigação tenha terminado. Ainda devo ficar isolada (“para a minha própria segurança”) e não posso receber visitas. Mas a prisão está lotada e, como não haveria horas suficiente no dia para todas receberem seu tempo ao ar livre, como é garantido pela constituição, o jeito é sairmos em duplas. Além disso, eles precisam considerar a minha idade. Não é bom me deixar muito tempo sem ver outras pessoas. Fechada sozinha em uma cela, vinte e três horas por dia, esse é o tipo de coisa (juventude encarcerada e falta de contato social) que atrai críticas da Anistia. Ferdinand adora me contar tudo o que sabe sobre a

Anistia e explicar que é por isso que eles tentam me convencer a me encontrar com o capelão, o psicólogo e o professor diversas vezes por semana e não querem que eu me exercite sozinha.

Doris é uma mulher de cerca de sessenta anos cujo nome verdadeiro definitivamente não é Doris, mas deveria ser. Ela é considerada a parceira de contato social perfeita para mim. Ela é meu álibi para a Anistia.

* * *

O que aconteceu com Samir não foi algo que eu tivesse planejado. Estávamos envergonhados. Ele estava envergonhado, eu estava envergonhada. Claro que eu estava envergonhada.

“Eu jamais transaria com Samir”, dissera para Sebastian (e para mim mesma) depois do fim de semana na casa de Labbe.

“Nunca mais!”, dissemos eu e Samir depois daquela tarde de dezembro, quando acabou acontecendo. Nós não podíamos deixar aquilo acontecer outra vez. Não era preciso dizer isso em voz alta para sabermos que era verdade. Mas mesmo assim dissemos, diversas vezes, o tempo todo, e mesmo assim aconteceu de novo. E de novo.

Samir me ligava. Mandava mensagens. Eu não respondia. Eu excluía as mensagens, mudava de ideia, respondia, mudava de ideia outra vez. Nós nos víamos na escola. Eu me sentava na biblioteca, nossa floresta secreta onde ninguém mais ia. Parecia real. Assim que eu via Samir, parecia real. Todo o resto era apenas dor. A essa altura, em dezembro, minha vida estava horrível, o tempo todo, o dia inteiro, até Samir me tocar. E então continuava horrível até ele me tocar outra vez.

Sempre achei muito estranho as pessoas se reprimirem para que a alma delas doa menos, para conseguirem *lidar* com as coisas. Mas, de certa forma, acho que o mesmo aconteceu com Samir. Era tão bom estar com ele que chegava a doer. Às vezes eu achava que era bom assim *porque* doía, embora eu também achasse que eram todas aquelas coisas que ele não era que me impediam de deixá-lo.

Samir *não* estava sempre à beira de um colapso. Ele *não* estava sempre querendo fazer outra coisa que não aquela que estava fazendo. Ele *não* esperava ser reconhecido, consultado, idolatrado, atendido, admitido antes

de qualquer outra pessoa. Quando Samir me tocava, ele só queria me tocar, nada mais, ao menos foi o que senti. Fazíamos sexo em todos os lugares onde não devíamos. Na minha casa (meus pais no trabalho, Lina na creche), quando eu estava matando aula (não Samir, ele tinha um período livre). Em um dos banheiros da escola, certa tarde, dois dias depois do Dia de Santa Lúcia. A escola estava aberta porque o coro estava ensaiando no auditório, mas não conhecíamos ninguém no coro, e, naquele momento, assim que suas mãos me tocaram, pensei que era para ser. *Se Samir e eu damos certo, então não preciso ficar com Sebastian.* Samir não era Sebastian. Ele era o oposto, e era exatamente isso o que eu queria. Talvez essa fosse a razão?

Samir não era o meu cavaleiro no cavalo branco. Pelo contrário: ele era a maçã envenenada. Mas, naquela época, durante os breves dias em que aquilo estava acontecendo, não importava o motivo. Perguntar *por que Samir?* não era importante o bastante para eu ser capaz de deixá-lo. Eu ficava pensando em como era errado, que não deveria fazer aquilo. Mas ainda assim não conseguia deixá-lo. Então parei de pensar nisso também.

* * *

Doris passa todo o seu tempo ao ar livre, seja ou não o primeiro turno, sentada no banco de cimento à distância de um lançamento de cigarro de mim, fumando cigarros que ela enrola um atrás do outro sem nem mesmo tirar da boca o que está fumando. A fumaça ergue-se ao seu redor como se ela fosse uma panela de pressão. Ela não me diz uma palavra, em nenhum idioma, mesmo quando digo olá. Ela não olha, não assente, não murmura. Ouço os seus suspiros e o som do seu isqueiro quando está chovendo e ela está com dificuldade para acendê-lo. Mas ela não pede para usar o meu. Ela continua tentando até finalmente conseguir acioná-lo alguns minutos depois. Então, quando acende o cigarro, ela solta um gemido. Suponho que de alívio. Prazer, talvez? Uma versão de prazer muito específica de Doris.

Quando eu tinha uns doze anos, lembro-me de ter perguntado à minha mãe quantos anos você precisa ter para fazer sexo pela primeira vez. Minha mãe respondeu: “Quando você estiver com tanta vontade de fazer sexo que não se importe mais com o que eu penso ou com o que alguém possa vir a pensar porque prefere morrer a não fazer aquilo. É aí que você terá idade

suficiente.” Eu acho que ela disse isso para demonstrar quão divertido ela achava que o sexo era, para mostrar quão “legal” ela era. Já eu achei que ela estava sendo falsa e grosseira. Mas, no fim, acabou que ela tinha razão. Eu deveria tê-la ouvido ao menos dessa vez. Porque não entendi o que ela queria dizer até encontrar Sebastian. Logo no começo, quando ele acariciou meu antebraço e fez parecer que era feito de veludo: entendi completamente. Claro, eu ainda achava que a minha mãe era ridícula, mas entendi. E quando não senti mais aquilo, estava preparada para fazer *qualquer coisa com qualquer um* apenas para ter aquela sensação de volta. Não, espere. Samir não era qualquer um e ele definitivamente não faria qualquer coisa. Mas ele me fazia sentir assim também, como se eu *não conseguisse parar*. Mesmo que não fosse complicado com Samir, mesmo que fosse bom. Ele era uma versão de felicidade, mas nunca me fez feliz.

* * *

A personalidade de Doris é tão animadora quanto molhar a barra da calça, e ela é gorda de um modo americano, como um cone, o que me faz pensar em um brinquedo que eu tinha quando era pequena, uma pilha de roscas de plástico de cores diferentes que você tinha que empilhar em um pino em ordem decrescente, uma em cima da outra, com a rosca maior embaixo. Ou uma daquelas molas malucas que eram populares quando minha mãe era pequena (“ela ‘desce’ escadas!”). Nas poucas ocasiões em que não está simplesmente sentada e imóvel, Doris se move assim, embora mais devagar: um pneu sobressalente de cada vez.

Perguntei a Susse por que Doris está aqui na prisão. Susse está “proibida de me dizer”. Seja lá o que for, teria sido mais chocante encontrar Doris no mundo lá fora do que atrás das grades. Se você procurar “detenta” em um antigo dicionário do século XIX, encontrará uma fotografia em sépia de alguém que poderia ser confundida com Doris, com a possível exceção da roupa. Porque Doris não veste uniforme de prisão (ah, não!); ela veste calça de moletom, meias de futebol, tênis e um suéter de lã. Por cima de tudo isso, usa uma capa de chuva gigantesca, com bolsos do tamanho de latas de lixo. É ali que ela guarda o tabaco. E, talvez, uma ninhada de gatinhos recém-afogados.

Toda vez que saio com Doris, invento novas histórias sobre o que ela poderia ter feito. Tornou-se um desafio pensar sempre em um crime diferente. Doris é muito velha para estar presa por ter acabado de matar seu bebê recém-nascido. Ela parece muito gorda para ter matado o marido (a menos que tenha sentado em cima dele), e não consigo imaginar quem pensaria em ficar com Doris, ou que poderia haver alguém no mundo com quem Doris se importasse o bastante para desejar se sentar em cima. Doris é a mulher mais feia que já vi na vida.

* * *

A primeira coisa que pensei quando Samir se juntou à nossa turma foi como ele era bonito. Bonito não, lindo. Pergunte a qualquer um, e eles lhe dirão que isso não era o mais importante a respeito dele, porque todos sempre têm que fingir que as pessoas bonitas são de uma certa forma por dentro, que são inteligentes, agradáveis, divertidas e tudo o mais, mas é claro que essa era a qualidade mais importante de Samir. Chegava a ser crucial. Seus comentários inteligentes, boas notas, engajamento político e tudo o que ele sabia e que outras pessoas da sua idade nem faziam ideia teriam sido insuportáveis sem aquela pele cor de caramelo e aqueles olhos castanho-escuros, quase tão escuros quanto seus cílios de boneca, ridiculamente longos. Sentia meus olhos tão incolores quanto água da chuva quando ele me olhava. Samir cheirava a sal e alcatrão. Ele era o cara mais bonito que eu já vira na vida. Como isso pode não ser importante?

* * *

Doris tem pele cor de minhoca e cheira a cachorro molhado. No fim de semana passado, imaginei que ela gerenciava um bordel repleto de prostitutas escravizadas, sequestradas de suas famílias pobres da Europa Oriental. Visualizei ela fumando cigarros marrom-acinzentados ao lado de um antigo telefone de plástico com fio de rosca. Ela receberia pedidos de atos sexuais degradantes, aos quais submetia sua horda de viciadas de doze anos de idade. Ela era ajudada por meia dúzia de lacaios com mau hálito e

barbas sujas. Na minha mente, foi um deles que, ao não ser pago, chamou a polícia e a entregou.

Hoje estou mais para a teoria de que ela era contadora de um traficante (ela se recusou a testemunhar contra ele porque senão seria morta), ou talvez fabricasse explosivos para o filho mais novo, um moleque cheio de espinhas na cara que trabalha para a máfia russa. Talvez ela fale sueco fluentemente e apenas tenha adotado essa fachada de personagem de filme mudo; na verdade, nasceu aqui na Suécia, talvez sonhasse em ser atriz quando era jovem, mas não conseguiu entrar na escola de teatro porque era muito feia, então começou a beber e a se destruir e, após alguns anos, a aceitar filhos adotivos, porque aquilo dava um bom dinheiro. Talvez um de seus filhos adotivos subnutridos tenha comido tanto salpicão e bebido tanto suco de groselha na cantina da escola que acabou no hospital. Lá, o exame médico revelou a negligência de Doris — e agora ela está sentada no mesmo pátio que eu, recusando-se a dizer uma palavra.

Não tenho mais nada para fazer o dia inteiro, mas penso nessas situações. Doris é a campanha mais eficaz contra o tabagismo à qual já fui exposta.

* * *

“Imagine um lugar onde você se sinta segura”, minha mãe costumava dizer quando eu era pequena e tinha dificuldade para dormir. Eu fechava os olhos e fingia fazer isso, mas nunca fiz. Agora faço isso o tempo todo. Os fins de semana na prisão transformam o tempo em peças de relógio na minha mente. As engrenagens oxidadas mastigam o meu cérebro, um micromilímetro de cada vez. Apenas de vez em quando penso no que é real. Muitas vezes imagino outros lugares onde não haja mais ninguém.

Penso em lugares onde eu deveria me sentir segura: praias, mares, espaços abertos, vazios, pores do sol e vento. Às vezes, imagino a floresta. Eu me vejo andando descalça sobre o musgo, mesmo que seja outono e as agulhas de abeto firam a sola do meu pé e a lama fique presa entre os dedos. Não odeio a prisão. É a solidão perfeita. Você não pode ser uma pessoa diferente, mas às vezes pode evitar ser alguém. Mesmo que esse sentimento agradável nunca dure muito tempo, talvez apenas alguns segundos (como

um cinto que parece confortável uma fração de segundo antes de ficar apertado demais), eu me sinto um pouco melhor.

Finjo que estou andando em uma praia, por exemplo. Não que eu já tenha estado sozinha em uma, mas é fácil imaginar: uma praia que se estende com conchas cinzas e areia branca, algas e madeira devolvida pelo mar. Sonho acordada que estou caminhando por ali, a maré batendo, a areia pesada e dura como asfalto quando a água recua. Ao longe, no horizonte, as ondas estão arrebatando, os penhascos em volta da baía são negros, explodindo vários metros em direção ao céu, e a espuma branca rodopia ao seu redor. Há sons e cheiros. Mesmo quando o mar está calmo, está se movendo, por toda parte. Sei que isso soa um pouco como um filme onde o Ryan Gosling anda de mãos dadas na praia com uma mulher enquanto o vento sopra o cabelo deles contra o rosto, e eu odeio esse tipo de filme, mas ainda assim gosto de pensar nesse lugar. Só que sem pessoas.

Todos os lugares que imagino são desertos. Assim que penso em alguém, Samir, Sebastian ou Amanda voltam. Meu cérebro me obriga a pensar neles. Não consigo lidar com isso. O método da minha mãe não funciona mais.

* * *

Com exceção dos meus turnos no pátio com Doris, permaneço isolada. “Para minha própria segurança”. Mas sei que eles só dizem isso por dizer. Não estou em solitária para que eu possa me sentir segura, estou lá para que todos fora da prisão possam se sentir seguros sabendo que estou devidamente trancafiada. Mas dá no mesmo. Apesar da infiltração acima da minha pia de aço (aquilo se curva para fora como a barriga de um peixe). Apesar do fato de me darem comprimidos para dormir (o que faz minha língua parecer um hamster dentro da boca quando acordo). Apesar do cheiro. Eu nunca me acostumo com o cheiro, é como uma camada de tinta, nunca muda e me lembra um pouco o cheiro de comida da cantina da escola (uma mistura de cozinha industrial e tênis de ginástica suado).

Apesar de tudo, estou feliz por estar sozinha na prisão. Eu posso pensar. No mar, na praia e na floresta, todos esses clichês superpatéticos. Todos os opostos deste lugar. Não acho que me sentiria segura na floresta, na praia ou

em casa, mas me sinto um pouco mais segura presa e pensando em lugares assim.

Também há pensamentos proibidos, além dos de Amanda, Samir e Sebastian. Proibidos: casa, o caminho até a água, andar de bicicleta até Ekudden com Lina na garupa, nadar junto ao trampolim no Barracuda Park, caminhar descalça em Aludden, tirar formigas dos pés de Lina, churrascos na Ilha de Cykelnyckelön, ler em voz alta no sofá com Lina no meu colo, sentar-se na escada da cozinha tomando chá com o cobertor de casimira da minha mãe sobre as pernas, a mão suada de Lina quando leio um capítulo assustador, a lâmpada em minha mesa de cabeceira, que começa a zumbir quando fica ligada muito tempo, filmes de terror com Lina, meus dedos pegajosos de pipoca com manteiga derretida, Lina comendo donuts recheados de maçã e tentando não lambe o açúcar dos lábios, Lina de boca fechada, apertando os olhos e franzindo a ponta do nariz quando passo protetor solar no seu rosto.

O pensamento mais proibido, mais proibido do que qualquer outro: Lina.

Feche os olhos, imagine um lugar, qualquer lugar, desde que Lina não esteja lá.

* * *

Quando o julgamento acabar e eu for condenada, terei que mudar de prisão. Não perguntei a Sander, mas ele me disse de qualquer maneira que (“se a situação se apresentar”) ele exigirá que eu seja mandada para algum tipo de instituição para jovens infratores. Mas pode ser “complicado” porque já tenho dezoito anos.

Perguntei a Sander se eu poderia ficar na prisão. Mas ele não pareceu acreditar que eu estava falando sério. Eu estava.

Se eu ficar doente por alguns dias, vai demorar ainda mais para eu me mudar daqui. Para onde quer que eles me transfiram, não vou mais ficar isolada. Sander e os outros pensam que o pior da prisão é o isolamento, mas não sei como vou me virar sem isso. Haverá toneladas de pessoas ao meu redor. Elas vão falar comigo, me tocar, fazer perguntas, sentar-se ao meu lado na mesa de jantar, exigir respostas. Será que terei que ver Lina? Talvez. Eu me recuso a fantasiar a esse respeito.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Segunda semana do julgamento: segunda-feira.

25.

Chove a caminho do tribunal. A janela através da qual estou olhando está coberta de listras de água diagonais. Sander está sentado ao meu lado no banco de trás. Ele foi me encontrar na prisão para que pudéssemos “revisar algumas coisas” a caminho da audiência.

— Você dormiu bem? — pergunta ele.

Assinto.

Quando eu era pequena, pensava que, se você tivesse um pesadelo, você tinha que contar para alguém, para que aquilo não se tornasse realidade. Assim que você o contasse em voz alta, o sonho terrível deixaria de ser verdade. Era como se saísse da lista de coisas que podem ocorrer na vida real.

Os contos de fadas dizem que os trolls se transformam em pedra se forem tocados pela luz do sol. Acho que isso significa que, se você revelar coisas terríveis, torná-las visíveis, elas deixarão de ser terríveis. Mas, na vida real, quando se trata de coisas verdadeiramente terríveis, acontece o oposto. Muita “exposição”, “verdade”, “botar para fora”, “transformar seus sentimentos em palavras” e “ousar falar sobre os seus problemas” ajuda as pessoas a verem os monstros que são. Suas emoções horrorosas tornam-se tão flagrantes quanto verrugas cabeludas.

Às vezes, o sol cega aqueles que olham para o troll. Toda aquela luz, todo aquele brilho, pode transformar o monstro no objeto mais lindo do mundo. Era assim com Sebastian. Seus holofotes eram tão brilhantes que era difícil ver qualquer coisa, exceto que ele era filho de Claes Fagerman, o dono das melhores festas, um cara legal. Era quase impossível ver quem ele realmente era.

Não acredito mais ser capaz de evitar catástrofes ao traduzi-las em palavras. Evidentemente, as coisas acabam acontecendo, não importa o que

eu diga. As coisas mais horríveis não podem ser influenciadas por superstições e mitos, estatísticas e probabilidades.

— Dormi bem — digo a Sander. O que ele pode fazer com o fato de eu não conseguir dormir? — Obrigada.

Então, volto a olhar pela janela. Ar quente sopra pelo sistema de ventilação do carro. Está calor, mas não digo nada.

Eu costumava falar sobre as coisas que imaginava, sobre os meus sonhos, tudo o que eu fingia e me fazia acreditar. Eu falava sobre esse tipo de coisa e todos ouviam. Meu pai me colocava no colo e dizia que adorava minha “imaginação fértil”. Quando fiquei velha demais para me sentar em colos, aquilo mudou. Ele começou a odiar minhas ideias extravagantes. Só gostava quando eu comentava sobre algo que alguém já tinha dito, caso eu fosse meio impertinente e distante. Isso ele ouvia. Às vezes, ele quase ria. Se eu me envolvesse demais, ele achava que estava sendo chata e então fingia que nem estava me ouvindo. Ele fazia o possível para demonstrar que não estava nem um pouco interessado. Se eu dissesse qualquer coisa em um tom mais alto do que um sussurro monótono, ele me mandava ficar quieta (“Calma, Maja”).

Mas não era apenas meu pai. Sebastian era igual. Assim como Samir. Samir ainda mais do que Sebastian depois que transamos. (“Calma, Maja. Por que você está tão agitada?”) Todos os caras são assim depois que você transa com eles. Todas as garotas sabem disso.

As garotas nunca devem rir das próprias piadas. Elas nunca devem falar muito rápido ou, pior, muito alto. Uma garota que fala muito alto sobre algo que inventou sozinha também pode começar a fazer xixi em lugares públicos e expor os seios do lado de fora do Parlamento. *Síndrome pré-menstrual, hormônios femininos adolescentes.*

Meu pai só gostava da minha imaginação em teoria. Na realidade, ele tinha medo daquilo. E, atualmente, não é o único a pensar assim. Minha imaginação é parte da pessoa que eles pensam que eu sou, prova de que sou perigosa e descontrolada. Por isso não falo sobre os meus pesadelos, nem sobre as coisas das quais tenho medo. Não acredito mais que isso fará o mal desaparecer. A superstição não é uma cura para a realidade. Hipocondríacos contraem doenças fatais na mesma proporção que todas as outras pessoas.

* * *

Chegar ao tribunal. Estacionar. Sair do carro. Pegar o elevador.

— O que você queria discutir? — perguntei. Só então percebo que ficamos em silêncio durante todo o trajeto.

Sander dá de ombros. Por uma fração de segundo, acho que ele vai acariciar o meu rosto, como meu avô faria.

— Você está indo bem, Maja — diz ele. — Muito bem.

Sander sempre me ouve. Mesmo quando não estou dizendo nada.

O tribunal parece mais escuro do que o habitual. Não que geralmente entrem toneladas de luz pelas janelas, mas hoje estamos envolvidos em uma escuridão úmida e cinzenta, mesmo no interior do prédio. O ar está seco. Antes mesmo de a audiência começar, parece sufocante. Ainda faltam duas semanas de julgamento, mas sinto como se estivéssemos nisso há uma eternidade. Conheço a rotina.

Começar às dez, terminar às quatro, um pouco mais cedo nas sextas-feiras, se possível. Quando Sander me falou sobre o cronograma, não pareceu que os dias seriam tão longos, mas eu não fazia ideia de como é exaustivo se sentir entediada. Não fazia ideia de que meu próprio julgamento seria chato. Os documentos da promotora, a leitura de registros e formulários, relatórios e declarações (“nós os ‘revisitaremos’ quando chegar a hora das testemunhas lerem esses mesmos documentos em voz alta”), mais registros, mais declarações.

Passamos mais da metade da semana passada ouvindo a promotora apresentar o que vamos *revisitar*. Isso nunca vai terminar. Esse julgamento é aquele tipo de pesadelo em que você não consegue parar de procurar alguma coisa, embora tenha esquecido o quê. Ou quando você tenta gritar, mas sua voz não sai e não importa quanto você tente, não consegue emitir um único gemido. Não é um sonho assustador daqueles em que você fica com medo; você não fica suada, mas ainda assim sabe que está tudo perdido e não há nada que possa fazer para evitar esse martírio.

Hoje Sander vai apresentar o meu caso (e expor os nossos próprios documentos infernais, que ele *revisitará mais tarde*). De certa forma, fazer isso significa contar a minha história, mas ele também me disse que estará “firmando as bases para explicar por que você deve ser absolvida”.

Sander nunca disse “vai dar tudo certo”. Ele não mente para mim. Ferdinand disse “não se preocupe” algumas vezes, mas ela nem tenta mais fingir que acredita nisso. E uma vez que a maneira como eu me sinto não pode ser definida como “preocupada”, não me dou ao trabalho de responder.

Eu não me importo com o que diz Panqueca.

Faltam dois minutos para as dez quando o juiz principal liga o microfone. Ele começa assoando o nariz. Um dos juízes leigos boceja sem cobrir a boca. Nenhum deles está sentado com a postura perfeita com a qual se sentaram nos dois primeiros dias. Ainda nem começamos e já estão mais entediados do que o guarda na porta. Os dentes de Sander são a única coisa brilhante por aqui. Ele está cheio de energia. Ele acha que *estou indo bem*.

Após o presidente proferir as palavras introdutórias (“Está aberta a sessão. Continuamos com a audiência no caso B 147/66...”), o que faz com indiferença, como “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” ou “assim na terra, como no céu”, é a vez de Sander falar.

— De acordo com a promotora, Maja Norberg é culpada de homicídio, induzimento ao homicídio e é cúmplice de homicídio e tentativa de homicídio.

Não tenho certeza se essa multidão precisa ser lembrada disso, mas Sander parece pensar que é uma abertura forte.

— Maja Norberg nega a responsabilidade — prossegue.

Agora é a vez de Sander de falar, de repetir as mesmas coisas que disse nas observações iniciais a respeito da minha visão das acusações, e é tão instantaneamente chato que fico com vontade de ir embora. Mas, então, ele diminui um pouco o volume de sua voz monótona e é preciso se esforçar muito para ouvi-lo.

— A promotora afirma que Maja Norberg induziu o assassinato de Claes Fagerman e que planejou e realizou os crimes em questão na escola de Djursholm...

A voz de Sander soa gelada do princípio ao fim. Diz: *O que a promotora afirma é totalmente absurdo e irracional*. Sua voz diz que cada uma das afirmações de Lena, a horrorosa, são tão ridículas que ele não consegue repeti-las com um pingote de comprometimento.

Sander conclui com um breve suspiro.

— Maja Norberg nega tudo isso.

Ele olha o corpo de juizes de um lado a outro. O juiz cansado boceja outra vez. Dessa vez vira de lado, como se tentando disfarçar.

— O relato dos crimes segundo a promotora inclui... — continua Sander; eu me pergunto se é a vez dele de bocejar — uma descrição de... como definir? Uma assassina peculiar, para dizer o mínimo.

A promotora se remexe no assento. Ela não parece sonolenta. Está obviamente irritada, olhando para o presidente e tentando chamar sua atenção.

Sander degusta as palavras. Ele parece satisfeito e ergue a cabeça como se tivesse acabado de pensar em alguma coisa.

— O retrato de Maja como criminosa feito pela promotora é de certa forma excepcional. Único.

Tento parecer o oposto de única. Discreta. Mediana. Quero mostrar a todos quão comum eu sou. *Excepcional*? Por que ele disse isso? Isso não é bom? O retrato da promotora é uma coisa boa para mim? Sander faz aquilo soar como peste bubônica (ou, bem, assassinato em massa). Mas ninguém está olhando para mim. Todos estão olhando para ele. Têm medo de perder uma sílaba que seja.

— É isso que Maja é? — Estremeço. A frase é um estalar de chicote. — Maja é realmente quem a promotora diz ser?

A promotora está arrastando sua cadeira no chão. Ela mal consegue ficar sentada, está bastante agitada.

Sander deixa a pergunta no ar. Ele não menciona meu status privilegiado, o fato de eu ser de Djursholm, de desfrutar de “excepcional condição financeira”, de eu não ter contato com a realidade, ser uma pessoa isolada, todas as coisas que a promotora disse. A pergunta retórica de Sander é se sou excepcionalmente má.

A maioria das estatísticas está do meu lado. Para começo de conversa, meu gênero torna improvável que eu vá a uma escola e comece a atirar nas pessoas. Claro, houve algumas chacinas em escolas organizadas por mulheres, mas não muitas. Sebastian, por outro lado, que fora um desajustado a vida inteira, é um típico atirador de escola em todos os sentidos, com exceção de um detalhe: o fato de ele ser o cara mais rico da Suécia. De resto, tudo bate: sujeito branco com problemas de saúde mental, usuário de drogas, problemas na escola, pais separados, familiarizado com

armas de fogo. Sander incluiu a declaração de um psiquiatra em suas alegações. Ele será chamado para testemunhar.

“Maja não enlouqueceu Sebastian”, dirá o psiquiatra. “Ele ficou louco sozinho.” Já eu, por outro lado, não sou tão simples de ser encaixada em um modelo. “Maja não tem o perfil de atiradora de escola”, ressaltará nosso especialista.

Estatisticamente, e este é o argumento de Sander, eu devo ser inocente. O único problema é que nem todos os assassinos são típicos. E, nos poucos casos em que o atirador de uma escola era uma mulher, ela sempre fez aquilo com o namorado. Mas Sander não mencionará isso. A promotora, no entanto, com certeza tem um monte de peritos para lembrar a todos desse fato específico.

Agora a promotora não se aguenta. Ela liga o microfone e sua boca está contraída como uma ameixa.

— Será que, no mínimo por questões de tempo, o advogado não deveria se concentrar em apresentar o caso e guardar esse discurso para suas declarações finais?

O juiz principal balança a cabeça. Ele também parece irritado. Mais com Lena, a horrorosa, do que com Sander. Não gosta de ser informado sobre como conduzir o julgamento.

— O advogado está bem ciente de nossa programação e de quanto tempo tem à sua disposição. — Ele olha para Sander. — Não é mesmo?

Sander assente e prossegue, visivelmente motivado.

— A versão dos eventos da promotora é uma história excepcional. O mundo inteiro está fascinado com Sebastian e Maja: o casal criminoso mais improvável da Suécia. E a promotora recebeu assistência na redação de seu relato, sobretudo dos jornalistas que passaram os últimos nove meses explicando como Maja Norberg supostamente convenceu... desculpem, *manipulou* seu namorado fraco e impotente para se vingar com crueldade daqueles que lhes eram mais próximos.

A promotora suspira, alto o bastante para que todos possam ouvir. Ela nunca disse isso, é o que nos diz aquele suspiro. Mas ela disse, talvez não com essas palavras, embora todos tenham entendido o que ela queria dizer. Relutante, o juiz ergue a mão para Sander e a move em círculos. *Prossiga*, diz a mão. *Esta megera é um saco, mas ela tem razão. Você pode voltar a*

esse assunto mais tarde. Eu olho para a mesa. Sei o que Sander está fazendo. Mas ele continua falando sobre mim e Sebastian.

— À essa altura, já sabemos a história. Maja e Sebastian eram um jovem casal com muitos problemas: com drogas e álcool, com a escola e entre si, com seus relacionamentos com os pais e amigos. A promotora está tentando demonstrar que a busca por afirmação de Maja não conhecia limites, que ela sentia ódio irracional das pessoas que os rodeavam, que ela queria vingança, que Sebastian era fraco, que se sentia ameaçado e desafiado e que Maja era o único porto seguro em sua existência, que ele buscava afirmação nela.

A promotora volta a pigarrear. Ainda mais alto desta vez.

Sander se mantém impassível e continua a falar.

— Ouvimos a promotora descrever os acontecimentos que antecederam o assassinato de Claes Fagerman e a tragédia no colégio de Djursholm. Maja concorda com grande parte dessa descrição. — Mais uma vez, Sander emite um suspiro quase inaudível. — Com certas diferenças cruciais.

Sander olha para seus papéis e os folheia em silêncio por um instante. Ele não precisa deles. Isso é apenas para termos tempo para pensar. Ele quer nos dar tempo para ficarmos ansiosos pela próxima parte da história.

Quando o presidente percebe que Sander acabou a sua introdução, ele pega o seu bloco de papel. Esse é um aspecto dele que eu realmente gosto, o fato de ouvir e fazer anotações. Às vezes, como quando acha que Lena Pärsson está falando muito rápido, ele ergue a mão em um gesto de “pare” para que ela diminua a velocidade. Certa vez, quando ela estava mostrando a mensagem que enviei para Sebastian na noite anterior ao tiroteio, ele pediu que parasse de falar enquanto ele anotava os horários. Chegou a dizer “shh”, embora isso talvez tenha sido acidental. Também disse “só um segundo” logo depois. E Lena Pärsson parou de falar. O juiz queria escrever todos os horários em seu próprio pedaço de papel, embora já estivesse de posse de todos os documentos e Lena, a horrorosa, estivesse fazendo só uma “leitura didática” do que já aparecia no telão. Gosto disso, do fato de ele levar tudo a sério e não acreditar que qualquer coisa que Pärsson disser está correta.

Sander prossegue:

— Este caso recebeu uma atenção excepcional. Todos ouvimos a história da promotora. Ela a vem fornecendo generosamente para a imprensa há

muito tempo. Agora é hora de darmos um passo para trás. Esta é a primeira vez que Maja consegue contar o seu lado da história. Por favor, ouçam-na. Com uma mente aberta. Também tentem se lembrar que somente após terem analisado todas as provas e ouvido todas as testemunhas é que poderemos resumir o que de fato sabemos. Afinal, o que é realidade e o que é especulação? Apenas ao fim do processo poderemos comparar os fatos do caso com o que Maja tem a dizer.

De algum modo, a promotora consegue produzir um ruído que é o equivalente sônico de uma pessoa revirando os olhos. *Não fale como se fôssemos idiotas*, parece dizer.

Sander meneia a cabeça para Ferdinand. Ela se levanta e se aproxima de uma mesa de cavalete onde há um computador. Em sua mão há um aparelhinho que parece uma caneta. Aquilo está conectado às duas telas da sala e lhe permite mover um ponto de laser vermelho pelas imagens ali exibidas.

Como uma pistola a laser, penso, e sinto uma risada repentina subir pela garganta como um arrote azedo. Bem a tempo, consigo transformar a risada em tosse, e Ferdinand exhibe um vídeo de vigilância da entrada da garagem de Sebastian. Há um registro de data e hora em um canto. Não há som.

— Então... o que sabemos? — pergunta Sander. — Vamos começar com uma linha do tempo. Maja afirma que deixou a casa dos Fagerman logo após as três da manhã no dia em questão. O material coletado das câmeras de vigilância dos Fagerman indica exatamente isso. Maja deixou a casa às três e vinte. Ela afirma que retornou pouco antes das oito horas naquela mesma manhã, e isso também é confirmado pelo vídeo.

Ele pigarreja e faz outro sinal para Ferdinand. A tela exhibe a transcrição de uma entrevista com um dos seguranças de Claes.

— De acordo com a entrevista dada pelo segurança dos Fagerman, seu último contato com Claes foi pelo interfone da entrada, depois que Maja deixou a casa, às três e vinte. Qual conclusão podemos tirar disso? Claes Fagerman estava vivo quando Maja foi embora.

Ferdinand volta o vídeo de vigilância e move o ponto vermelho pela tela.

— Mais uma vez. As câmeras de vigilância da calçada mostram que Maja Norberg deixou o endereço dos Fagerman às três e vinte da manhã e não retornou antes das sete e quarenta e quatro.

Sander pigarreia e espera que a gravação termine. Eles editaram as filmagens em um único vídeo. Primeiro eu saindo da porta da frente da casa de Sebastian e descendo a entrada da garagem, depois, eu voltando. Ferdinand usa o laser para traçar círculos ao redor do horário.

Então, Ferdinand exibe um diagnóstico de autópsia na tela.

— De acordo com o laudo do legista, Claes Fagerman morreu algumas horas antes de Maja retornar à casa. A prova indica que o senhor Fagerman foi baleado por volta das cinco horas da manhã de sexta-feira. Este momento da morte é apoiado pelas observações do legista na cena do crime e pelo exame pericial posterior. Assim, a investigação mostra que Maja Norberg não estava presente quando Claes Fagerman foi morto. Maja afirma que, nesse espaço de tempo, de aproximadamente três e trinta até as oito da manhã, ela esteve em sua casa, a pouco mais de um quilômetro da casa dos Fagerman. Essa afirmação é corroborada não apenas pela segurança que estava trabalhando na entrada da propriedade dos Fagerman durante a noite em questão como também pelas declarações dos pais de Maja.

Pelo canto do olho, vejo a promotora balançando a cabeça. Ela acha que isso é desnecessário, que Sander deveria ir direto ao assunto. Mas a versão dela desses eventos não tinha sido tão clara, foi mais difícil de entender.

— Assim, podemos afirmar inequivocamente que Claes Fagerman morreu durante um intervalo de tempo em que Maja não estava na casa. Isso é consistente com a versão dos eventos da promotora. Até aí, minha cliente não tem objeção.

Por um instante, imagino que Sander não vai falar sobre as mensagens de texto, que fingirá que não existiram. Mas é claro que ele não pode fazer isso.

— Então, o que aconteceu enquanto Maja estava na casa dos pais ou indo e voltando da mansão dos Fagerman? Esse é o ponto em que a versão dos acontecimentos da promotora deixa de ser um relato do que sabemos e se torna pura especulação.

Ferdinand exibe a visão geral do meu histórico de mensagens de texto com Sebastian naquela noite, o mesmo que a promotora apresentou durante as suas declarações. Eu congelo na mesma hora. Meu couro cabeludo se contrai. Aconteceu a mesma coisa quando Pode-me-chamar-de-Lena os leu

em voz alta na semana passada. Não quero voltar a olhar para aquilo. Sander deixa a imagem na tela enquanto continua:

— O relato da promotora sobre a sequência de eventos contém uma série de declarações que Maja contesta. Mas primeiro deixe-me lembrá-los rapidamente do que Maja admite. Durante o interrogatório, ela declarou que Claes Fagerman iniciou uma discussão violenta com o filho. O bate-boca continuou depois que os adolescentes que estavam em uma festa na casa dos Fagerman deixaram a propriedade. Maja e Sebastian saíram para caminhar juntos, mas, após retornarem à casa, a discussão entre Sebastian e seu pai recomeçou. Sebastian e Claes ainda estavam discutindo quando Maja foi para casa dormir. Até agora, não há nada a contestar.

A festa. Sinto-me enjoada quando penso nela. Quando Claes expulsou Dennis, Labbe, Amanda e todos os outros, a mansão ficou em silêncio. No início, foi um alívio. Então Claes começou a gritar, não apenas com Sebastian. Ele também gritou comigo. Tivemos que ir embora. Saímos e ficamos lá fora um tempão. Eu estava com medo. Quando o pai de Sebastian estava sentado em seu escritório, quando estava falando com as pessoas a quem pagava para facilitarem a sua vida, mal dava para olhar para ele sem ser ofuscada por todas suas excelentes qualidades. Mas naquela noite ele me assustara. Como pai de Sebastian, ele era uma pessoa completamente diferente.

Quando voltamos da caminhada, Claes estava vestindo um robe. Nos esperava na cozinha e nem tinha um jornal ao qual se apegar. Estava irreconhecível. De algum modo, parecia que seu rosto estava sem maquiagem, mesmo que ele nunca tivesse se maquiado antes, nunca, nem mesmo quando aparecia na TV.

Uma hora antes disso, quando Claes expulsou todo mundo, ele parecia gigantesco, ainda maior do que o habitual, mas agora que todos tinham ido para casa e ele acabara de gritar, de destruir tudo, ele se tornara menor e mais feio. Todo o seu brilho de homem de negócios se apagara. Tudo o que restava sentado à mesa da cozinha era um velho pálido vestindo um robe, um tubarão circulando em águas escuras, um peixe branco e cego no fundo de um oceano. O pai de Sebastian vivia da escuridão e de criaturas insignificantes. Isso era óbvio quando se olhava para ele.

Não creio ter odiado Claes Fagerman mais do que naquele momento.

— No entanto... — Sander ergueu um dedo indicador longo e bem-cuidado.

Esperamos ele falar. Esperamos que ele explique por que discorda da promotora. Nesse meio-tempo, observo o ponto vermelho se mover na tela e parar em minha primeira mensagem de texto. Ferdinand baixara a caneta laser. O ponto ficou ali parado por acaso. Minha primeira mensagem:

Podemos nos virar sem ele. Você não precisa dele. Seu pai é uma pessoa terrível.

Não leio o resto.

Escrevi muitas outras mensagens naquela noite. Todos podem lê-las. Eu olho para a mesa.

A última diz: *Ele merece morrer.*

Segunda semana do julgamento: segunda-feira.

26.

— Quando Maja voltou para a casa dos Fagerman na manhã seguinte, ela já tinha enviado nove mensagens de texto para Sebastian. Ele enviara três respostas e ligara duas vezes para Maja. Então, o que esses adolescentes disseram um para o outro? A promotora alega que o plano foi arquitetado durante tais conversas. A primeira chamada durou dois minutos e quarenta e cinco segundos e ocorreu logo após Maja deixar a casa de Sebastian e antes de ela chegar em sua própria casa. A segunda ocorreu pouco antes de ela sair de casa para voltar para a de Sebastian. Durou menos de um minuto.

Sander olha para Ferdinand, que aponta o laser para os registros telefônicos, onde as duas chamadas estão em destaque. O ponto vermelho estremece um pouco. Como alguém poderia entender por que escrevi o que escrevi ou como Claes era horrível? Que a pior parte não era que Claes Fagerman se esquivava de suas responsabilidades, das coisas que ele deveria dizer para Sebastian: a pior parte foi o que ele realmente disse e fez.

Sebastian nunca quis ver esse lado do pai. Ele o idolatrava. Claes era a única pessoa que ele respeitava. Mas, naquela última noite, Sebastian foi forçado a reconhecer o que eu já sabia. E, no entanto, ele parecia mais cansado do que furioso quando fui embora. A briga, nossa caminhada e tudo o que dissemos o deixaram exausto. Imaginei que ele iria dormir.

Eu estava com raiva? Não sei. Minhas emoções não importavam fazia muito tempo. Sebastian era mais importante. Quando ele enviou a primeira mensagem — *O que devo fazer?* —, eu queria mostrar que estava do lado dele, dizer que também percebera quem seu pai era de verdade, e que ele ficaria bem sem ele, que tudo daria certo. Seu pai não o merecia. Ele não tinha o direito de menosprezar o filho.

Podemos nos virar sem ele. Você não precisa dele.

Eu me recuso a ler as últimas palavras. Contudo, quando escrevi para Sebastian dizendo que eu achava que Claes merecia morrer, eu estava

falando sério.

Sander não diz nada a esse respeito, embora eu tenha explicado o que estava sentindo. Em vez disso, ele volta a erguer o dedo, ainda mais alto desta vez, com urgência. Ele exige que prestemos atenção.

— O que esses registros telefônicos nos dizem? Por um lado, que Sebastian e Maja conversaram entre si e trocaram mensagens de texto. Não sabemos sobre o que falaram. Sabemos o que os textos dizem, mas realmente sabemos o que significam?

Ele ergue outro dedo.

— Maja admite que não gostava de Claes Fagerman. Que achava que ele era negligente com os seus deveres como pai. Ela baseou tal visão no tratamento ao qual Claes Fagerman submetia o filho. No entanto, em nenhum momento Maja atuou de forma que possa ser considerada como prova de que ela levou Sebastian a matar o pai, ou que o que ela disse possa preencher os critérios de induzimento à prática de crime aos olhos da lei.

Mas eu queria que ele morresse. Como Sander contornará isso?

— Vamos discutir se houve intenção, se a mensagem “ele merece morrer” significa que Maja queria que Sebastian matasse o pai ou que, ao menos, estava indiferente quanto à possibilidade de Sebastian interpretar aquilo como uma sugestão para cometer o assassinato. Argumentamos que Maja não teve tal intenção. Mas há uma razão ainda mais importante que impede a promotora de alegar o induzimento. O fato é que o próprio Sebastian queria matar o pai. Ele não precisava de Maja para convencê-lo. E vamos revisitar isso.

Os jornalistas estão adorando. Não consigo vê-los, mas posso senti-los inclinando-se todos ao mesmo tempo para a frente em suas cadeiras para não perderem nada. Eles ouvem atentamente cada palavra sobre Claes Fagerman, o construtor do império, sobre como o malvado bilionário tratava o filho como um escravo desobediente. Adoram o fato de Sander estar transformando Claes em um monstro e de poderem ouvir todos os detalhes de como ele ignorou o filho, o envergonhou, o insultou, expulsou-o de casa e da família. Um pai funcional teria se certificado de que Sebastian estava recebendo cuidado e atenção, mas, em vez disso, Claes Fagerman cuspiu nele repetidas vezes. Não consigo ver os jornalistas, mas sua empolgação com essa nova história aumentou em vários graus a temperatura no tribunal. Eles estão ansiosos para relatar isso, e já

esqueceram de que há pouco estavam contando uma história completamente diferente. Agora, eles permitirão que seus leitores e espectadores conheçam de verdade o homem mais rico da Suécia. Claes Fagerman: o bilionário que levou o filho a um assassinato em massa. O fato dessa história também poder afetar o mercado de ações é um bônus no qual esses jornalistas mal conseguem acreditar, apenas acham fantástico.

— Voltemos à linha do tempo. Um dos fatos que sabemos com absoluta certeza é que, depois que Maja passou onze minutos dentro da casa dos Fagerman, Sebastian Fagerman e Maja Norberg entraram em um dos carros de Claes Fagerman para irem até o colégio. No carro, transportavam duas bolsas. A promotora alega que Maja estava ciente do conteúdo dessas bolsas antes de ajudar Sebastian a colocá-las no carro. A promotora acredita que Maja teria sido informada sobre o conteúdo das bolsas durante os onze minutos em que passou dentro da casa dos Fagerman, por volta das oito da manhã do dia em questão.

Ele baixa a mão.

— Minha cliente nega isso. É pura especulação da promotora supor que Sebastian contou a Maja o que fizera e o que mais planejava fazer. Enquanto os dois se dirigiam à escola, Maja não sabia que ele matara o pai. Ela não sabia o que Sebastian planejava fazer dentro da escola. Supôs que ele não pretendia dormir em casa nas noites seguintes e, portanto, estava levando alguma bagagem. Ela imaginou que ele planejava dormir em um dos barcos da família e que levaria as bolsas até lá depois da aula. Ela deveria ter perguntado o que tinha nas bolsas? Deveria ter descoberto que Sebastian matara o pai? Lembremos que, durante o interrogatório, ela disse que gostaria de ter sabido. Mas não podemos culpá-la por não saber. Também é impossível especular sobre o que poderia ter acontecido caso ela soubesse. Sebastian mataria a ela e aos seguranças e seguiria sozinho para a escola? Talvez. É impossível saber. Além disso, quando se trata de acusações criminais, esse tipo de especulação é irrelevante. Porque o ponto crucial é o seguinte: a promotora não conseguiu demonstrar que Maja planejou qualquer um dos assassinatos em cooperação com Sebastian Fagerman e não conseguiu demonstrar que Maja estava ciente de que Sebastian arquitetara tais planos.

* * *

— Saíam da minha casa! — gritou Claes quando os outros ainda estavam lá. Não fui a única a ouvir. Ele falou o mesmo para os seguranças. — Darei vinte e quatro horas para ele. Então, troquem as fechaduras. Depois disso, ele não poderá mais entrar aqui em circunstância alguma. Vocês me ouviram? Vocês estão ouvindo o que estou dizendo? Não quero nada com ele. Ele é maior de idade. Não sou mais responsável por ele. Ele não mora mais aqui. Para mim chega. Se for preciso, chamarei a polícia para expulsá-lo.

Sander não menciona nada disso agora. Mas os seguranças serão interrogados mais tarde. Ele pedirá que falem sobre esse momento.

Sander volta a erguer o indicador.

— Maja não estava ciente dos planos de Sebastian. Ela não o ajudou no desenvolvimento nem na preparação. Não ajudou Sebastian a cometer o crime, seja direta ou indiretamente. Ao longo da próxima semana, teremos a oportunidade de examinar a deficiência de tais acusações criminais, mas mesmo agora quero lembrá-los da prova documental da promotora. Existe alguma coisa no relatório da investigação que indique que Maja sabia que as bolsas não continham as roupas de Sebastian, que ela sabia que continham armas e explosivos? A resposta é não. — Ferdinand projeta um relatório que a promotora já discutiu, mas agora é a nossa vez de examinar o mesmo documento. — Todas as armas de fogo envolvidas na investigação são de propriedade de Claes Fagerman e, antes do crime, eram mantidas em um cofre de armas trancado com um código de segurança. Maja não possuía a senha. As bolsas são de Sebastian Fagerman. Ela não o ajudou a enchê-las, nem ajudou nos preparativos de qualquer outra forma. Vamos rever a investigação técnica e demonstrar que esta também sustenta a história de Maja.

Para ser perfeitamente honesta, acho o relato de Sander um tanto capenga, mas o presidente parece estar ouvindo, e os outros não parecem prestes a cair no sono. Sander fala sobre como fomos para a escola. Quanto tempo demorou. Onde estacionamos. Ferdinand dá um clique e aponta com a caneta laser. Panqueca revira as suas pastas. De vez em quando, entrega uma página para Sander.

Sander diz que, quando chegamos ao meu armário, Sebastian colocou uma das bolsas ali dentro. Era a que continha a bomba.

Eles me perguntaram ao menos sessenta e três vezes por que eu o deixei colocar aquilo ali, porque falei “Claro, vá em frente”, tipo, “Tudo bem, pode colocar a sua bomba no meu armário”. A promotora se pergunta, assim como a polícia se perguntou quando me interrogaram, por que eu não disse para Sebastian deixar as suas coisas no carro. Por que ele levaria a bagagem para a escola se depois iria para o barco?

Tentei explicar, responder honestamente. Porque a verdade é que Sebastian talvez nem tenha me perguntado se podia deixar a bolsa no meu armário, ele apenas a guardou ali dentro. Ele não precisava pedir permissão, porque eu jamais teria me recusado.

Então, se você não estranhou ele ter deixado uma bolsa, por que não achou que seria melhor ele deixar as duas? Por que você não achou estranho ele levar uma bolsa cheia de roupas para a sala de aula?

A outra bolsa não cabia. Ele não conseguiu colocar as duas no armário. Por que no meu armário e não no dele? Sebastian não tinha a chave do próprio armário. Nunca teve. Acho que ele nem sabia onde ficava. Ao menos, nunca o vi usá-lo. Se ele precisava de um armário, usava o meu. Ele também usava os meus livros, as minhas canetas e o meu papel nas raras vezes em que se incomodava com essas coisas. Não parecia nem um pouco estranho Sebastian trazer a outra bolsa para a sala de aula em vez de deixá-la para trás.

Quando Sander termina de falar sobre o meu armário e as bolsas, ele olha para Ferdinand e espera que ela clique na foto seguinte. É um desenho da sala de aula. Posso sentir o vômito subir à garganta. Penso em cobrir os ouvidos com as mãos, mas sei que não posso fazer isso. Preciso ouvir. Preciso tentar transparecer que consigo suportar esse momento.

— A sucessão exata de eventos na sala de aula não é conhecida. Mas de acordo com o que Maja conseguiu reproduzir, parece ter ocorrido mais ou menos da seguinte maneira: uma vez dentro da sala, Sebastian Fagerman colocou a bolsa que ele trouxera em uma das carteiras perto dos fundos da sala.

Ferdinand move o ponto vermelho.

— Mais ou menos imediatamente após Fagerman entrar na sala de aula, ele abriu a bolsa e removeu a arma número um, um rifle de caça

semiautomático registrado em nome de Claes Fagerman. O rifle era um Remington 750. Maja estava parada logo atrás de Fagerman quando este abriu fogo. A arma número um estava equipada com um pente padrão contendo quatro balas Winchester .308. Fagerman disparou dois tiros e atingiu... — Ferdinand aponta para o lugar onde estava Dennis, que está marcado com o número 1. — Fagerman então esvazia o pente, o remove, o substitui por outro pente padrão e dispara outro tiro. — Ferdinand aponta para as posições de Christer e Samir. — Ele não baixa a arma e demora alguns segundos para recarregar. Imediatamente após esses tiros, Maja Norberg pega a arma número dois, também registrada em nome de Claes Fagerman. Está visível na bolsa. Esta arma é do mesmo modelo que a número um e também está equipada com um pente padrão contendo quatro balas. Além disso, há uma bala na agulha.

Ferdinand leva o laser até o ponto no diagrama que marca a posição de Amanda quando foi atingida, e, então, deixa o ponto pousar no número de Sebastian. Ela dá um clique e as telas mostram como os números que representam Sebastian e de Amanda, além do meu círculo preenchido (tenho um círculo em vez de um número), se moveram pela sala.

— É altamente provável que a trava de segurança desta arma já estivesse solta quando Maja a pegou e, enquanto tentava descobrir como destravá-la, sem querer disparou o primeiro tiro, seguido de outro. Poucos segundos depois, ela esvaziou o pente.

Ferdinand mostra novas posições no diagrama usando o dispositivo em sua mão. Ela clica e os números que simbolizam meus amigos se movem até que, um por um, ficam perfeitamente imóveis, e isso me faz pensar nos desenhos que meu avô costumava fazer para mim nos cantos de páginas de livros quando eu era pequena, como um homem palito que corria quando você folheava muito rápido. Certa vez, meu avô desenhou um homem se enforcando. Na última página, ele morria. Aquilo deixou minha avó furiosa.

— Quando o tiroteio terminou, Maja esperou pela polícia e pelos paramédicos. Quando chegaram, ela se permitiu ser desarmada, não resistiu.

Há toneladas de fotografias do interior da sala de aula depois que os corpos foram removidos. Mas Sander não mostra nenhuma delas. Apenas esboços e desenhos com pontos, números e linhas pontilhadas. Nenhum sangue. A minha versão dos eventos, ou melhor, a versão dos eventos do meu advogado, não tem sangue.

— Agora chegamos ao cerne do argumento da promotora. — Sander me olha de lado. — A promotora alega que Maja e Sebastian planejaram em conjunto atirar em todos os presentes, deixar o dispositivo explosivo detonar no armário de Maja e terminar atirando em si mesmos. A promotora alega que, quando Maja disparou os primeiros tiros com a arma número dois, ela tinha a intenção de matar Amanda. A promotora alega que Maja matou Amanda voluntariamente e que não matou Sebastian em legítima defesa.

Sander faz uma nova pausa. Ninguém está bocejando agora. As costas retas voltaram a aparecer. Os juízes me olham quando Sander para de falar. Enxugo os olhos com as costas da mão e devolvo os olhares. Panqueca me entrega um lenço de papel. Eu o aceito e amasso em uma bola.

Sander fala outra vez, em voz baixa.

— Maja nega a responsabilidade. Maja não planejou isso com Sebastian. Quando ela chegou à casa dos Fagerman para pegar uma carona para a escola, ela não estava ciente de que Claes Fagerman estava morto, nem foi informada a esse respeito. Ela não sabia o que as bolsas continham. Só podemos especular sobre o que aconteceu entre pai e filho enquanto Maja estava na casa dos pais dela. Talvez a discussão tenha chegado a um ponto em que Sebastian decidiu atirar no pai. Talvez já tivesse planejado fazer aquilo. Mas, durante este julgamento, não devemos especular sobre os motivos e ações de Sebastian Fagerman. A única tarefa deste tribunal é estabelecer o papel de Maja.

“Quando o tiroteio começou, Maja ficou chocada. Quando ela pegou uma das armas que Fagerman trouxera para a sala de aula, foi para proteger a própria vida e a dos outros, para deter Fagerman. Ele disparou em suas três primeiras vítimas com rapidez. Muita rapidez. Maja não estava acostumada a lidar com armas de fogo e, além disso, estava aterrorizada. Quando ela disparou pela primeira vez, Amanda Steen foi atingida, mas esse não era o objetivo de Maja. Ela não sabia como funcionava a arma que encontrara na bolsa. Durante a investigação, ela explicou que o primeiro tiro foi disparado enquanto tentava encontrar a trava de segurança. E quando a arma disparou, ela se assustou e, de novo por acidente, disparou mais um tiro. Somente então ela conseguiu ganhar certo controle sobre a arma e, quando atirou outra vez, atingiu Fagerman. Durante todo esse tempo, é óbvio que Maja estava se defendendo. A única maneira de salvar a

própria vida era pegando uma das armas que Sebastian trouxera para a sala de aula e usando-a para se proteger.”

Sander se levanta. Ele não consegue mais ficar parado. Aproxima-se de Ferdinand, pega a caneta laser e deixa o feixe vermelho girar sobre o desenho sem apontar para nada em particular.

— A investigação demonstra que Maja planejou isso com Sebastian? Não. Demonstra que ela estava ciente dos planos dele? Não. A promotora poderá provar que Maja matou Amanda intencionalmente? Não. A resposta a todas essas perguntas é clara e inequivocamente não. As acusações não se sustentam em nenhum desses pontos. Maja matou Sebastian em legítima defesa? É claro que sim.

Pela segunda vez, a promotora liga o microfone. Ela parece fora de si:

— Devo protestar. É pedir demais que meu colega advogado se atenha à apresentação dos fatos? Será que ele poderia voltar a essa argumentação em suas declarações finais?

O presidente assente com relutância.

— Advogado Sander?

Em vez disso, Sander se vira para mim. Ele ergue a mão de repente e o ponto vermelho pousa sobre o meu ombro. Eu me assusto. Sander parece furioso. Ele não se importa nem um pouco com o que o juiz e a promotora acham; terão de expulsá-lo daqui se quiserem que ele pare. Parece que ele não está nem mais se dirigindo aos juízes.

— Por favor, digam-me o que Maja... uma adolescente em choque, temendo por sua vida... o que mais ela poderia fazer? — Sander baixa a mão, voltando-se para o painel de juízes, e eu sinto que finalmente posso soltar a respiração. — Por favor, digam o que teriam feito em seu lugar. Digam como podem culpá-la por isso.

A promotora pigarreia, muito alto e por muito tempo, no microfone ligado.

O juiz volta a balançar a cabeça, um pouco mais determinado desta vez.

— Precisamos seguir em frente, advogado. Suponho que existam provas documentais que o senhor pretenda apresentar?

Sander se volta para Ferdinand, dá de ombros, depois devolve a caneta para ela e volta para a sua cadeira. No momento em que se senta, sua voz recupera o tom seco habitual.

— Sim, temos uma certa quantidade de provas documentais para apresentar.

Uma certa quantidade. Humor típico de Sander. Ele tem quilos de provas documentais.

Ferdinand reúne uma pilha de pastas grossas. Cada juiz recebe uma. O presidente recebe a sua primeiro. Ferdinand termina colocando quatro pastas sobre a mesa da promotora. Além do laudo do psiquiatra de Sebastian, feito depois do que aconteceu dois dias após o Natal, há anexos de meu estudo de caso pessoal e cópias de todas as medidas de investigação suplementares que Sander fez os seus colegas providenciarem. Ele não confiava em nenhuma das análises da promotoria. Pediu as próprias investigações sobre as armas e cenas do crime e chegou a realizar uma reconstituição do tiroteio na escola. Sander fez uma investigação paralela quase exaustiva.

Ele analisará cada documento. Documento após documento após documento. Vamos “revisitar” a maioria deles. A hora do almoço chega, a tarde chega, e logo tudo volta a ficar monótono para caramba.

* * *

São três e vinte e cinco quando Sander bebe o que sobrou de sua água e afasta o último de seus papéis. O juiz ergue a mão e escreve freneticamente em seu bloco.

Sander espera que ele termine. Então, pousa as mãos espalmadas sobre a mesa, olhos voltados bem para a frente.

— Às vezes, em casos particularmente difíceis, gostamos de dizer que é palavra contra palavra. Isso é mais simples. A investigação técnica mostra que Sebastian preparou as bolsas, foi a única pessoa a lidar com as armas e os explosivos e planejou a ação por conta própria. Maja não estava presente quando Claes Fagerman morreu. Maja disparou contra o ofensor. E o que sabemos sobre os antecedentes de Sebastian? Sabemos que ele tinha sérios problemas. Tão sérios que Maja não era a única que temia que sua vida estivesse em perigo. Após o incidente perto do Natal, ela estava constantemente preocupada. Durante a primavera, Sebastian tornou-se cada vez mais violento e difícil de lidar. Diversas pessoas próximas

testemunharam isso. O comportamento irracional de Sebastian aumentou e acabou resultando na catástrofe da qual Maja se tornou uma das vítimas. Maja, por outro lado, jamais demonstrou qualquer tendência à violência, não até que sua vida fosse ameaçada.

Sander me olha de soslaio. De repente, sinto que ele vai pegar a minha mão. Coloco a mão no colo e olho para o juiz principal. Seus olhos se fixam nos meus quando Sander conclui.

— Maja Norberg disparou uma arma em sua sala de aula. Ela o fez para salvar a própria vida. E, agora, é a nossa vez. Agora, somos nós quem devemos salvar Maja.

Segunda semana do julgamento: segunda-feira

27.

Então, a sala fica em silêncio. Silêncio mortal. Quase como na igreja, quando alguém acabou de cantar um solo fantástico e você não pode aplaudir. Sander é conhecido por ser o melhor advogado de defesa criminal da Suécia. Esta deve ser a primeira vez que percebo que ele faz jus à fama.

Ele é um bom contador de histórias. Mas eu não tinha percebido como era talentoso na arte da persuasão. Panqueca é apenas arrogante, e provavelmente por isso nunca pode falar neste caso, mesmo que muitas pessoas pensem que é assim que deve ser: basta parecer estar *cem por cento certo* que todos ficarão do seu lado. Na verdade, ninguém acredita nesse tipo de presunção. Os políticos deviam se dar conta disso: de que estamos esperando por frases que terminem com um ponto de interrogação. Que não desejamos alguém que entenda de tudo, mas alguém que tenha sugestões. *Não tenho certeza se vai funcionar, mas gostaria muito de tentar.*

Sander permite que todos peguem carona em sua própria dúvida, a cada passo do caminho. Quando ele diz “Nós nos perguntamos: será que isso é verdade?”, todos ficam curiosos. Quando ele diz “Decidimos investigar o caso por conta própria”, todos — até mesmo aqueles que antes disseram que seria um desperdício de tempo e dinheiro, que apenas repetiria o que a polícia já havia feito — concordam que é uma ideia maravilhosa. E todos ouvem quando ele diz “os resultados foram surpreendentes” e “chegamos à conclusão de que...”. Mesmo que estejam verdadeiramente confiantes de que ele está errado, não conseguem deixar de baixar a guarda e pensar: *Será que talvez... talvez ele tenha razão, afinal?*

Agora, a atmosfera no tribunal está diferente de como estava pela manhã. Os jornalistas atrás de mim estão escrevendo com tanta energia sobre esse novo ângulo da narrativa que dá para pensar que se esqueceram da versão antiga, mesmo tendo sido eles mesmos que a inventaram. O juiz

está me observando. Ele me olhou diversas vezes hoje, mesmo sem precisar. Ele nunca fez isso antes.

O fato de eu ter enviado aquelas mensagens de texto para Sebastian realmente não importa mais, penso. É a primeira vez que me permito pensar que, talvez, o fato de eu ter levado a bolsa, ou o fato de terem encontrado a bomba no meu armário, não seja prova suficiente. Talvez não baste dizer: *É óbvio que vocês queriam explodir a escola*. Tenho tempo para pensar em tudo isso. Tenho tempo para pensar que essa nova atmosfera implica que as pessoas nesta sala também estão me vendo de maneira diferente, que talvez tenham mudado de ideia sobre quem eu sou.

Eu prefiro morrer. Ele tem que ir embora. Ele merece morrer. É possível ter tais pensamentos sem querer matar alguém? Você pode dizer esse tipo de coisa? Sander acha que sim. Segundo ele, não é crime dizer ao seu namorado que você odeia alguém. Sander alega que não importa o que eu disse para Sebastian. Ainda assim ele teria matado o pai, ainda assim ele teria feito o que fez. Teria acontecido de qualquer maneira, mesmo que eu não fizesse o que fiz. *Talvez ele esteja certo*, tenho tempo de pensar. Talvez?

* * *

— O tribunal agradece à defesa — diz o presidente, começando a reunir os poucos documentos que tem à sua frente.

Olho para os juízes no painel. Os que nunca fazem perguntas, os que me encaram, mas apenas quando pensam que não estou percebendo.

— Ouviremos a declaração da ré amanhã?

Sander assente. Sem querer, ofego. *Minha vez. Está na hora.*

O juiz principal olha para o relógio.

— Então, isso é tudo por hoje. — Ele pega a sua pasta e guarda as anotações. — A menos que haja algo mais. Ouvi dizer que há um problema com o cronograma do ofendido, é verdade?

Lena Pärsson pigarreia.

O juiz olha para ela. Ela endireita as costas e assente com firmeza. Ainda está irritada, mas isso a faz lembrar que o julgamento está longe de terminar. Infelizmente, me faz lembrar também.

Sander fez sua parte e amanhã será a minha vez de contar a história. Mas se as pessoas nesta sala tiverem alguma dúvida de que sou a assassina que a promotora alega, isso é extremamente temporário. Não vai durar muito.

A promotora se inclina em direção ao microfone e o liga. Assim que eu terminar de falar, será hora da promotora virar a mesa outra vez. Pois a questão é que existe alguém que não concorda com Sander, que está planejando lembrar a todos que eu matei a minha melhor amiga. Essa pessoa diz que peguei a arma muito antes do que digo ter pegado, e que eu não estava apontando para Sebastian quando atirei em Amanda, que aquilo não foi um engano.

Pode-me-chamar-de-Lena começa a falar.

— Como já notifiquei o tribunal, abrirei com os depoimentos das testemunhas de um a quatro, uma vez que o ofendido não pode comparecer esta semana. As testemunhas em questão foram notificadas e aprovaram tal mudança de horário. Conseqüentemente, pedi que o ofendido se apresentasse às dez horas de segunda-feira, conforme instruída pelo tribunal. Acredito que precisaremos do dia inteiro.

Posso ver Panqueca com o canto do olho. Ele não parece satisfeito. Ele não parece pensar que estamos no processo de *ganhar esse negócio*. E penso no que um dos carcereiros me disse certa vez, lá no início, enquanto caminhávamos sozinhos da sala de interrogatório até a minha cela: “Você sabe que Sander nunca ganhou um caso, não é? Esses advogados estrelas nunca ganham. Eles aceitam os clientes mais desprezíveis, os que todos sabem que são culpados, porque gostam de casos perdidos. Então, eles perdem. E ninguém perde com tanta frequência quanto Sander.”

Naturalmente, Panqueca sabe disso. Ele sabe que, quando um advogado estrela assume um caso como o meu, não é para ganhar, é porque ele quer mostrar que está disposto a perder pelo princípio da coisa. *Todos têm direito a um julgamento, até mesmo os criminosos mais desprezíveis.*

As pessoas nesta sala gostam de ouvir Sander falar, ver o *profissional em ação*. Mas isso não vai impedir que o inevitável aconteça. Eu fiz o que fiz, e há alguém que estava lá quando fiz aquilo. Tenho direito ao melhor advogado da Suécia. Mas não tenho o direito de ganhar.

O juiz assente e bate o martelo na mesa. Parece que ele está martelando diretamente a minha testa. *Você merece morrer.*

— Então é isso. Samir Said testemunhará às dez horas de segunda-feira. Recomeçaremos amanhã.

Samir e eu

28.

— Diplomas no banheiro? — Samir voltou para o meu quarto, rindo, deitou-se de costas na minha cama e cruzou as mãos atrás da cabeça. — As pessoas realmente fazem isso? Penduram os diplomas no banheiro de hóspedes para que você veja, *ah, meu Deus*, eles cursaram a Escola de Economia de Estocolmo e o Instituto Europeu de Administração de Empresas?

Tentei responder ao sorriso dele com uma risada despreocupada e me levantei para abrir a janela. Era sábado de manhã, uma semana antes do Natal, e meu quarto estava abafado. Fazia cinco dias desde que Samir me beijara pela primeira vez e agora ele dormira na minha casa. O que eu podia dizer? Meu pai era um idiota, até aí nada de novo. Sebastian estava caçando na África do Sul durante o fim de semana todo. Meus pais estavam em Londres e levaram Lina com eles. Ainda tinha mais de um dia até algum deles voltar para casa.

— É para ser irônico. Meu pai acha esse tipo de coisa engraçada. Mas, na verdade, não quer admitir que essas coisas são importantes para ele.

— No banheiro de hóspedes. — Samir ainda ria. — E onde sua mãe pendura os boletins dela? No quarto vago?

Mas minha mãe jamais se exibiria assim, mesmo que seus resultados fossem melhores que os do meu pai. Certa vez, encontrei seus boletins antigos em uma caixa no sótão. Quando contei a ela, a reação não foi feliz como eu esperava, apenas pareceu irritada. “Também tive as melhores notas na universidade”, rebateu ela. “Fui a primeira da turma nos primeiros quatro períodos da faculdade de Direito.” Ela agia como se eu tivesse dito algo ruim, a insultado. Meus pais são estranhos, mas de maneiras diferentes. Voltei para a cama e subi em cima de Samir.

— É importante para o meu pai mostrar que ele trabalhou duro para chegar aonde está. Mas nada é mais importante para ele do que fingir não ser pretensioso.

Samir me puxou pelo cabelo e me beijou, enfiando a língua em minha boca com força, um pouco fundo demais. A noite anterior fora a primeira oportunidade que tivemos de ir mais devagar que “o mais rápido possível antes que alguém nos pegue”. Nós transamos cinco vezes em seis dias. Outras três na última noite. Era estranho dormir e acordar com ele. Seus dedos pareciam diferentes e eu não estava acostumada a ver todo o seu corpo nu de uma só vez.

— Trabalhou duro, você diz. — Samir balançou a cabeça, parecendo se divertir. — Seu pai quer provar que trabalhou duro para chegar aonde está? Mas ele não morava no mesmo lugar que Labbe mora atualmente?

— Sim, mas... — Eu sabia aonde Samir estava querendo chegar, eu entendia o ponto dele, mas você ainda pode se orgulhar do que realizou, mesmo que não tenha crescido nas ruas, certo? — Meu pai não foi para lá porque meu avô e minha avó eram ricos. Ambos moravam no exterior, ele *precisou* ir para o internato.

— Entendo — murmurou Samir contra o meu pescoço, pressionando a virilha contra mim. — Deve ter sido muito difícil. O pobrezinho do seu pai. — Ele voltou a rir, depois finalmente parou de falar.

Quando Samir levantou a minha camiseta, olhei para a nossa imagem no reflexo distorcido da janela. Ele apertou a minha barriga, a boca contra o meu seio, e eu me deitei, deixando a cabeça e o cabelo caírem sobre a beira da cama para poder olhar para o nosso reflexo. Adorei o que vi, a sensação do corpo de Samir, a imagem de seu exterior bruto e suas mãos grandes me tocando. Ele não era gentil e experiente, mas eu queria que ele continuasse, me tocasse com mais força e respirasse mais perto. Nós ficávamos incrivelmente gostosos juntos.

Era eu quem decidia como faríamos sexo. Na verdade, tinha que ser assim. Samir gostava de tomar a iniciativa, mas deixava todo o resto por minha conta. Deixava que eu lhe mostrasse as coisas, o guiasse. Se eu me deitasse de costas, seria assim que faríamos. Se eu subisse em cima dele ou ficasse de quatro, seria assim que faríamos. Se eu não fizesse nada, ele se aborrecia. “Ora, vamos”, reclamava caso eu não tirasse a meia-calça ou a calcinha, não abrisse as pernas ou o que fosse que tivesse que ocorrer para que ele pudesse me penetrar. Ele só fazia algo se eu mandasse: *Tire a minha calça, abra as minhas pernas e meta em mim.*

Depois, ficamos deitados, minha cabeça junto aos seus pés. Ele estava meio sentado de frente para mim, apoiado no meu travesseiro, retorcendo um cacho do cabelo escuro. Quando olhou para mim por um tempo mais prolongado, senti um frio na barriga. *Podemos nos tornar realmente bons nisso, ele e eu*, pensei. *Assim que eu terminar com Sebastian.*

— O que você vai fazer no Natal?

Ele não respondeu a princípio. Em vez disso, fechou os olhos, me tirou do meu lado da cama, me fez deitar ao seu lado e voltou a me beijar. Enfiei os dedos em seu cabelo grosso. A cama não era larga o bastante para cabermos os dois naquela posição, e senti que estava prestes a cair.

Então, meu telefone piscou. Estava em modo silencioso, mas era impossível não notar o brilho da tela. Ignorei o celular completamente, inclinei-me em direção a Samir e coloquei a mão sobre o ombro dele.

— Vá um pouco para lá, estou caindo.

Ele recuou alguns centímetros, mas levantou-se quando me aproximei, então passou por cima de mim, saiu da cama, pegou a cueca e a vestiu.

— Vou estudar.

Olhei para ele, surpresa. Ele estava com raiva por eu ter recebido uma mensagem de texto?

— Você vai estudar agora?

Eu não tinha ligado para Sebastian nenhuma vez desde que Samir chegara. Eu respondera às suas mensagens de texto, mas me tranquei no banheiro para fazer isso. Eu não podia ignorá-las, e Samir não podia ficar irritado comigo por Sebastian me mandar mensagens. Eu tinha explicado a situação para ele e ele tinha dito que entendia.

— No feriado de fim de ano. Você perguntou o que vou fazer no Natal: ficar em casa, estudando.

Depois de colocar a cueca, Samir vestiu a camiseta. Era melhor deixá-lo em paz.

— Vou tomar banho — falei.

Deixei o telefone na mesa de cabeceira. Samir podia ler as minhas mensagens de texto se quisesse, aquilo não me importava. Eu terminaria com Sebastian, é claro que sim, mas não agora. Não dava para romper com ele por telefone, até mesmo Samir devia saber disso.

Quando entrei na cozinha, ele estava sentado bebendo café preto de nossa máquina de café espresso, a que desprezara na noite anterior.

Samir fez uma série de comentários sobre a decoração. A luz do teto (“Vejo que é uma lembrança de uma fábrica abandonada”), o suporte de facas (“Por que comprar facas que não podem ser amoladas?”), a máquina de café (“Eles nunca poderiam vender isso em um país onde as pessoas conhecem o gosto de café de verdade”), o fogão (“Sua mãe *cozinha?*”), o refrigerador de vinho (“Eu preciso de um desses! Todo mundo sabe o que acontece com o champanhe se você o deixar perto do leite barato”).

Ele mal havia tocado no cereal, que encontrou na despensa e serviu em uma tigela. Eu fizera ovos e torradas e agora estava com dor de cabeça. Não conseguia pensar em nada para dizer. Do lado de fora, o sol brilhava pela primeira vez em dez dias, mas não podíamos passear de mãos dadas e ir a algum lugar, nos sentarmos em um café e entrelaçar os nossos dedos ou ir ao cinema e nos beijarmos no escuro. Quando saía, eu sempre encontrava alguém conhecido.

— No que você está pensando?

— Preciso ir para casa daqui a pouco.

— Você disse para os seus pais onde estava?

Ele deu de ombros.

Eu me levantei e coloquei os pratos na máquina de lavar louça. Samir ficou sentado e ergueu as mãos para que eu pudesse recolher a sua caneca.

— Vou falar com Sebastian. Mas...

Samir debochou.

— Não pedi para você fazer nada.

— Eu sei. Mas Sebastian não está bem. Ele...

— Pare, Maja. Você pode continuar com essa merda sobre o pobre Sebastian... mas não me leve junto. Não há por que sentir pena dele. Se a vida é tão difícil em sua mansão, por que ele não se muda? Se ele não consegue lidar com a escola, por que não a abandona? Seu namorado é um babaca, esteja sóbrio ou chapado. Se eu fosse o pai dele, eu o teria expulsado de casa há muito tempo. E não faço ideia do motivo de você ter metido na cabeça que precisa cuidar dele.

Engoli em seco.

— Ele precisa...

— Ele não precisa de você, Maja. Desculpe desapontar, mas ele não precisa de ninguém. Todo mundo é descartável para Sebastian Fagerman. Ele não se importa com ninguém, nem mesmo com você.

Não tive tempo de reagir, pensar no que devia dizer para fazer Samir entender. Meu telefone começou a vibrar, tocando no silencioso. As vibrações faziam o aparelho deslizar pelo balcão. Nós olhamos para aquilo até a mensagem de voz começar e a tela escurecer.

— Vai sair um ônibus daqui a doze minutos. — Samir levantou-se. — Vou tentar pegá-lo.

Ele deixou a tigela de cereal encharcado sobre a mesa da cozinha e foi até o corredor. Eu o segui. Inclinei-me para beijar o seu rosto e, enquanto ele amarrava os sapatos, destranquei a porta. As chaves estavam na fechadura. Quando abri, Amanda estava do lado de fora, trancando a bicicleta.

— Oi — cumprimentou ela, com os braços largados rente ao corpo. Samir passou por nós duas.

— Oi — disse ele para Amanda. Sua voz soou indiferente.

Amanda não respondeu. Ao chegar à rua, Samir começou a correr.

— Vejo vocês por aí — gritou.

Nenhuma de nós respondeu.

Quando voltei a olhar para Amanda, ela estava me encarando. Quando teve certeza de que eu percebera que ela sabia o que estava acontecendo, ela destrancou a bicicleta, voltou para a rua e se foi. Não pude segui-la. Estava muito frio para discutir só de camiseta e calcinha. Eu não era a maldita Bridget Jones.

* * *

Quando Amanda se foi, voltei para casa, tranquei a porta, desliguei o telefone, desci com o edredom até a sala de estar, me deitei no sofá, assisti a três episódios de *The Walking Dead* e comi macarrão com queijo direto da panela. Esperei quatro horas. Não porque não soubesse onde Amanda estava ou porque não tomaria nenhuma atitude antes que tudo explodisse, mas porque precisava ficar sozinha.

O sol já havia quase baixado quando voltei a sair pela porta da frente. Estava nevando. Enquanto caminhava, liguei para Samir. Ele não atendeu. Não era neve de verdade, mas aquele tipo que lembra que o inverno não é assim tão bom. Atravessei a neve derretida e a escuridão de dezembro.

Meus sapatos ficaram encharcados e todas as janelas dos estábulos estavam embaçadas devido ao sistema de aquecimento e ao calor do corpo e da respiração dos cavalos no interior. Fui direto para a baia de Amanda. A porta estava aberta.

— Podemos conversar?

Ela não respondeu, então entrei e sentei-me perto da cabeça de Devlin. Ela estava escovando a traseira do cavalo, tirando os pelos soltos da escova a cada passagem. O pelo já estava macio, mas Amanda não podia parar agora, pois teria que olhar para mim.

O que eu estava fazendo ali? Por que imediatamente senti que precisava me explicar, que era meu dever tranquilizar Amanda? Eu não fizera nada com ela. E, no entanto, fui até lá para explicar que nada de grave acontecera, que nada em sua vida mudaria, que tudo continuaria como sempre. E para pedir desculpa. Era assim que nosso relacionamento funcionava. Eu pedia desculpa, tivesse ou não feito algo de errado. Nunca o contrário.

Devlin baixou a cabeça e bufou ar quente no meu cabelo. Acariciei o seu focinho. Devia fazer uns seis meses que eu não visitava os estábulos. Antes eu praticamente vivia ali. Meu pai sempre disse que, assim que eu começasse a “gostar de garotos”, eu deixaria de montar, e eu o odiei por estar certo. Toda vez que entrava ali, eu dizia a mim mesma que voltaria a montar. Mas nunca me dei ao trabalho.

— Amanda — tentei. Era melhor acabar logo com aquilo.

— Você não pode... — Amanda virou-se para mim, ergueu a mão e balançou a escova em minha direção. Ela estava tão furiosa que sua voz tremia. — Eu não sei o que você está pensando, Maja. Eu não sei o que você quer que eu diga. Você não vê como isso é doente? Você não se dá conta do que fez?

Assenti. Era melhor entrar na onda dela. Talvez acelerasse o processo.

— Quero dizer, não é que eu não saiba que as coisas são difíceis com Sibbe... — Ela começou a chorar. Amanda estava convencida de que aquilo tinha a ver com ela. — Mas, Maja, ele não merece isso. Ele está acabado, Maja. Você não pode fazer isso com ele.

Se disser “Maja” outra vez, vou bater em você, pensei. Tive que me esforçar para não dizer nada por um tempo. Contei até cem. Deixei-a desabafar. Eu não precisava ouvir, só tinha que deixá-la falar. Mas ela não

podia fazer nada quanto ao que eu estava pensando. Ela não conseguiria fazer com que eu parasse de querer gritar e dizer que ela simplesmente não entendia. Ela era uma sem noção. Ela nem percebeu que o apelido que inventara para Sebastian fazia os nossos namorados parecerem uma dupla de personagens de desenho animado. Labbe e Sibbe. Pernalonga e Patolino. Huguinho, Zezinho e Luisinho. Engoli em seco. Eu não podia lidar com Amanda. Não conseguia lidar com ninguém que achava que sabia como era ser namorada de Sebastian. *Eu* era a namorada dele. Só eu. Eu não queria ser, mas era. E ninguém fazia ideia do quanto eu me sentia mal. Amanda era demais. Eu não conseguia aguentar aquilo. Mas ainda não conseguia argumentar.

— Eu não sou... Não é...

— E quanto a Samir? Também não é uma atitude muito legal com ele. Você está apaixonada por Samir? — Ela falou com tanto desdém que daria para pensar que estávamos falando sobre um político gorducho e insignificante que usava calças de gabardine e cujos filhos também já eram políticos.

Por que não? Por que eu não poderia estar apaixonada por Samir? Seria assim tão surreal? Desde que ela começou a sair com Labbe, Amanda falava sobre Samir como se ele fosse seu projeto de caridade pessoal. Samir é tão inteligente. Samir é tão engraçado. E inteligente. E muito engraçado. Eu já falei como ele é inteligente?

— Não. — Balancei a cabeça ao falar. — Não, não. — Eu não tinha energia para conferir os meus sentimentos. Talvez fosse mentira, mas eu não tinha forças para me importar com aquilo. — Eu não sei. Mas as coisas têm sido muito difíceis, Amanda. Eu gosto de Samir, ele não é tão difícil o tempo todo. Eu ando... Sebastian e eu não...

Não precisei terminar nenhuma das frases. Era melhor deixar Amanda preenchê-las com o que quisesse ouvir. Eu também deveria ter chorado. Não podíamos chorar ao mesmo tempo: Amanda odiava compartilhar atenção. Mas eu deveria começar a chorar assim que ela terminasse. Para trazê-la mesmo para o meu lado, também deveria deixá-la me consolar. Mas duvido que eu conseguiria lidar com isso.

— Simplesmente aconteceu. As coisas com Sebastian são muito difíceis e Samir é... — Amanda me encarou, furiosa. — Eu vou falar com Samir — assegurei-lhe. — E também vou falar com Sebastian, mas você precisa me

prometer que não vai contar nada. Você não pode dizer nada para Labbe nem para Sebastian. Porque Sebastian não pode descobrir. Ele vai pirar se souber.

Amanda assentiu.

— Claro que não vou dizer nada.

Perguntei-me se ela já não havia contado para Labbe.

— Ótimo — falei.

— Eu sempre mantenho os meus segredos. — Fungou irritada.

Aprenda a falar, pensei. Você mantém as suas *promessas*. E você não *revela* os seus segredos. Mas não dava para destacar isso agora.

— Obrigada, Amanda.

29.

Estava escuro lá fora, já era noite às quatro horas da tarde. *Bem-vindo a dezembro na Suécia*. Quando acabei de consolar Amanda por conta de todas as coisas que eu não fizera com ela, deixei os estábulos e voltei a ligar para Samir. Ele continuou sem responder. Liguei quatro vezes seguidas. Enviei uma mensagem. Ele estava on-line, mas, assim que minha mensagem foi marcada como “lida”, ficou off-line. Nenhuma resposta. Quando me aproximei de Vendevägen, pude ver o ônibus vindo da praça. Entrei e liguei outra vez. A chamada caiu na caixa postal.

Precisávamos conversar. Eu não queria esperar Sebastian voltar para casa. Eu queria fazer o que tinha que fazer antes que alguém pudesse me impedir, antes de eu ter tempo de mudar de ideia. Samir pareceu furioso quando foi embora, mesmo antes de Amanda aparecer, e eu não queria que ele ficasse furioso comigo, não queria que pensasse que eu sentia vergonha dele. Eu queria que ele soubesse que eu estava falando sério.

Havia duas janelas abertas no vagão do metrô. O ar gelado entrava por ali. No entanto, o ambiente ainda cheirava a álcool e compras de Natal. Entre as estações Mörby Centrum e Östermalmstorg, todos os assentos e corredores estavam lotados de gente e sacolas de compras, e demorou muito para alcançarmos Gamla Stan. O vagão estava tão cheio que eu mal conseguia ver o exterior pelas janelas, mas a situação melhorou depois que troquei de linha.

Certa vez, Christer nos falou sobre uma pesquisa que analisara a ligação entre longevidade e as estações de metrô perto das quais as pessoas moravam. Havia uma diferença média de uns quinze anos na expectativa de vida entre as estações de Bagarmossen e do hospital de Danderyd. Não havia pessoas idosas no vagão nas últimas três estações antes de eu chegar em Tensta. Também não havia nenhuma garota da minha idade, apenas homens e duas mães com carrinhos de bebê, véus e vestidos que arrastavam pelo chão. Talvez todas as garotas da minha idade estivessem trancadas em

seus apartamentos para que não tropeçassem acidentalmente em um pênis ereto ou caíssem da sacada.

No bolso, levava o spray de pimenta que minha mãe me dera. Ela o trouxera da França. Certa vez, pressionei por acidente o botão de pulverização enquanto ainda estava dentro do bolso. Não percebi até tirar a mão, levá-la ao cabelo e meus olhos explodirem. Ficaram doloridos e lacrimejando por mais de duas horas. Minha mãe queria me levar para a emergência, mas meu pai me enfiou debaixo do chuveiro e lavou o meu rosto com água morna até eu me sentir um pouco melhor. Depois, telefonou para um médico amigo dele, que receitou uma pomada e um colírio que ajudaram a diminuir o inchaço. Meu pai exigiu que eu me livrasse do spray depois disso, mas minha mãe foi contra. Eu poderia ser indiciada por posse de arma ilegal, mas minha mãe “não se importava”, porque “minha segurança era mais importante”. É de se perguntar: mais importante do que o quê? Afinal, se a polícia me pegasse, seria eu quem ficaria na merda, não ela. Mas, naquela ocasião, estava feliz por ter aquilo comigo. Quando um sujeito se sentou à minha frente no trem, segurei a lata e olhei para o chão.

Tomei cuidado para não fazer contato visual com ninguém. Pensei em me aproximar das mães, mas elas deixaram os carrinhos de bebê no meio do corredor, o que impedia qualquer um de ter acesso aos assentos vazios por perto.

* * *

Tensta Centrum era a penúltima estação da Linha Azul. Todos, exceto duas pessoas em meu vagão, saíram comigo. Caminhei devagar, de modo a ser a última na escada rolante. Mais cedo, eu programara o endereço de Samir no GPS do celular para saber qual caminho deveria seguir quando chegasse ao nível da rua, mas não queria consultá-lo. Eu não queria deixar óbvio que não conhecia o lugar e também não queria exibir meu telefone.

Havia mais pessoas na rua do que no trem. As mulheres de meu vagão foram recebidas por um garoto de cerca de onze anos, e vi as costas de outras três mulheres gordas saindo de um supermercado um pouco mais adiante, mas, além delas, todas as outras pessoas ali eram homens. Caras, caras e mais caras.

Samir nunca me disse que morava em Tensta. Fiquei surpresa ao descobrir o seu endereço? Talvez. Talvez por ser em Tensta, o gueto com a pior reputação, parecia algo muito extremo, como se tivesse sido inventado. Mas eu não sabia o que esperar do bairro em si. Eu nunca estivera ali antes. Barracas de frutas e legumes? Tapetes estendidos com relógios falsos e bolsas falsificadas da Gucci? Amêndoas e castanhas torradas, famílias com dezenove filhos jogando futebol? Senhores idosos curvados sobre tabuleiros de xadrez e sujeitos tipo Rocky Balboa, com mãos envoltas em bandagens e capuz levantado, sendo aplaudidos por todos por quem passavam? Pitbulls e Red Bull? Açafrão e alho? Bocha e risadas estridentes? Talvez. Ou talvez eu achasse que seria parecido com o bairro em que Dennis morava. Sebastian e eu fomos lá uma vez e, apesar de o termos encontrado um pouco longe de onde morava, dava para ver que era uma casa geminada, monótona e insignificante. Do tipo que você esquece assim que sai de lá, um lugar tão sem sentido quanto um copo de plástico descartável. Mas aquilo? Aquilo era incompreensível. Uma ideia sem propósito. Um pote quebrado e sem tampa.

Talvez fosse melhor no verão, quando não era tão escuro e as árvores tinham folhas, mas, daquele jeito, era apenas um dos lugares mais feios que eu já vira. Todos os políticos e jornalistas que faziam um grande estardalhaço sobre como *eles* “ainda viviam em Tensta” deviam ser mesmo idiotas. Ou também tinham apartamentos na cidade.

Contei quatro postes com as luzes quebradas apenas no quarteirão da entrada do metrô, e a voz de Christer ecoou em minha mente. Sua voz séria e solene de professor. Se ele soubesse que eu viera até aqui, ficaria muito satisfeito, balançando a cabeça devagar e dizendo com seriedade: *Esta é a verdadeira Suécia, Maja. É assim.* Mas aquela não era a verdadeira Suécia, não mais do que o luxuoso Östermalmstorg, ou o arquipélago de Estocolmo, ou as casas multimilionárias de Strandvägen. As coisas não são mais reais só porque são feias.

Sentei-me em um ponto de ônibus do outro lado da praça e peguei o telefone. Era necessário. Mantive a outra mão dentro do bolso segurando o spray de pimenta e fiz o melhor que pude para me convencer de que o fato de eu estar com medo não era nem um pouco racista. A voz da minha mãe ecoou em minha mente: *Ser cuidadosa não significa que você tem medo.* Então eu me lembrei. Samir não morava longe da estação: o mapa dizia que

demoraria cinco minutos andando até lá. Quando o cara que saía comigo do metrô entrou em um ônibus — que estava com tanta pressa de deixar o ponto que começou a se mover antes que as portas se fechassem por completo —, comecei a caminhar ao longo de uma calçada pavimentada. Também estava deserta. Não havia ninguém passeando com o cachorro nem levando o filho para tomar um pouco de ar fresco. Ninguém estava correndo. Ninguém estava indo a lugar algum. Passei apressada pelas pichações, por partes de bicicleta acorrentadas a um suporte caído, por um túnel que cheirava a urina e dois parquinhos vazios.

Samir morava no primeiro andar de um conjunto de prédios. Parecia como sempre mostram nos filmes adolescentes, mas sem os gorros à la Ingemar Stenmark, os vampiros, as bicicletas antigas e a neve. A escadaria fazia eco, o portão estava entreaberto. Pelo visto, eu não precisaria do código de segurança. A porta da frente do apartamento de Samir ficava bem ao lado do elevador, e ouvi um *ding* quando apertei a campainha. Uma versão mais nova de Samir abriu a porta. Mas o próprio apareceu antes que eu pudesse explicar quem era.

Seus pais estavam em casa. Eu não sabia que ele tinha dois irmãos mais novos, mas todos eram tão parecidos que tinham que ser irmãos. Eu me apresentei a todos e pensei que talvez fôssemos nos sentar na cozinha, que dava para ver do corredor: uma faixa estreita com uma porta voltada para uma varanda. Parecia estar repleta de caixas vazias. Será que eu esperava que os pais dele quisessem conversar comigo, me perguntassem como eu e Samir havíamos nos conhecido, insistissem que eu me sentasse um pouco, tomasse uma xícara de chá, comesse um bolo ou ao menos me olhassem com curiosidade? Talvez. Mas nada disso aconteceu. Eles não pareciam interessados, e dava para ver que sua mãe estava superirritada. Ela disse algo em uma língua que não entendi e essa foi a última vez que a vi. Seu pai aceitou a minha mão estendida, mas deixou-a cair de novo sem se apresentar. Então deu-me as costas e sentou-se diante da TV. Passava um jogo de futebol entre dois times que eu nunca tinha ouvido falar. A TV era gigantesca, ao menos duas vezes maior do que a nossa. No início, pensei que estava em modo silencioso, até ver o pai de Samir colocar volumosos fones de ouvido verde-claros.

Não entendi por que Samir parecia tão irritado. Foi porque eu não avisei que viria? Afinal, ele também apareceu na minha casa sem aviso prévio. Foi

assim que tudo começou.

Eu não estava pedindo que ele me apresentasse como a sua namorada, mas ele poderia ter dito: “Esta é Maja, ela é da minha turma.”

Nós poderíamos ter ido ao seu quarto — eu teria gostado de conhecer o lugar, não importava se ele o dividisse ou não com os irmãos. Eu não me importava que ele vivesse assim.

Eu queria dizer para ele: *Você não precisa se envergonhar, eu não me importo*. Mas o clima estava estranho e eu não disse nada disso. Consegui dizer algo parecido com *Podemos conversar?* Mas foi só.

Samir assentiu e calçou um par de tênis que eu nunca o vira usar na escola. Ele também havia trocado de roupa e vestia uma calça de corrida brilhante. *O uniforme do gueto*, pensei.

— Vamos sair — disse ele.

Eu me virei para voltar à sala de estar e me despedir de seu pai, mas Samir me pegou pelo braço e me puxou porta afora, de volta à escada.

Era óbvio que ele estava irritado por eu ter vindo. Ele estava extremamente irritado. Eu só queria conversar com ele a sós, dizer que *Amanda já está sabendo*. Queria perguntar *O que faremos agora?* Eu não queria tomar decisões por conta própria. Eu queria que ele dissesse *Termine com Sebastian*, porque então eu poderia dizer *Farei isso hoje à noite* e não me sentiria tão sozinha. Por que ele não via a consideração que eu tivera ao vir até a sua casa em vez de lançar mão de um *Você poderia vir aqui?* Eu não pedi a ele que fosse me ver. Eu queria mostrar que estava feliz em ir até ele, que aquilo não importava para mim, que eu não ligava para o lugar onde ele morava.

Foi muito estúpido. Todo esse *Eu não me importo, Samir*. Eu me pergunto por que achava tão importante ele entender que *eu não me importava*. Será que Samir achava que Tensta era um bairro incrível, mil vezes melhor do que qualquer outro lugar? Pouco provável. Se achasse, ele não viajaria duas horas por dia para ir e voltar do colégio. *Entendo*.

Talvez eu devesse ter dito que entendia por que ele odiava aquele lugar intolerável onde era forçado a viver e por que ele estava fazendo tudo o que podia para sair dali. Ele merecia algo melhor que Tensta. Ele era melhor que o lugar onde morava. Talvez eu devesse ter dito isso. Seu apartamento, a escadaria, o caminho para chegar até ali, o caminho para ir embora, sua calça de poliéster: eu não achava que ele deveria ter vergonha daquilo,

porque não era culpa dele. Mas eu também não podia dizer isso. Mesmo algo assim faria com que ele se sentisse envergonhado.

Sem dizer uma palavra, ele começou a se afastar do prédio na minha frente. Eu não sabia para onde estávamos indo. Não importava. Eu não sabia onde as pessoas conversavam em Tensta e estava preparada para ir a qualquer lugar: uma lavanderia, um depósito, perto de uma parede pichada, um centro juvenil, uma cafeteria ou uma pista de skate. Desde que pudéssemos conversar em paz.

Demorou um tempo para eu perceber que estávamos a caminho da estação de metrô. Então eu o agarrei, forcei-o a parar.

Antes mesmo de começar a explicar por que achava que precisávamos conversar, Samir já estava me olhando de modo estranho. Só piorou quando continuei a falar. Para ser sincera, não lembro muito bem o que ele disse, mas ele não achava que eu precisava romper com Sebastian — definitivamente não por causa dele.

— Nós não somos um casal, Maja. Nós transamos algumas vezes, não é a mesma coisa.

Ele não estava me chamando de prostituta, piranha, nada disso. Mas o intelectual, o garoto superpoliticamente consciente, o futuro correspondente internacional, o melhor Samir do mundo estava me olhando com novos olhos. Com sua expressão de “não seja idiota”.

Ele não queria ficar parado. Pelo visto, conversaríamos enquanto andávamos. Ele queria me tirar dali o mais rápido possível, e o que eu tinha a dizer não o interessava. Ele voltou a pegar o meu braço, e pareci uma criança pequena e teimosa que se recusava a voltar do parquinho. Quando ele terminou de falar, chegamos ao metrô, mas ele também não me deixou ali sozinha. Ficou parado, batendo seus tênis brancos horrorosos na plataforma até o meu trem chegar. Então seguiu comigo até a T-Centralen.

O que ele achava que eu ia fazer? Ficar em Tensta em segredo, fazer um monte de amigos incríveis e ter o meu próprio apartamento escuro com pé direito de 1,80 metro e piso de linóleo? Achava que eu seria sua vizinha, engravidaria, usaria roupa de ginástica combinando e enrolaria um xale estampado na cabeça *só porque é muito elegante?*

Eu me sentei. Ele se manteve de pé, mesmo que houvesse milhares de lugares vazios no vagão. Quando chegamos à estação central, ele pareceu

ter acalmado um pouco. Colocou uma das mãos logo abaixo do meu ombro antes de me deixar.

— Tchau, Maja. Vejo você na escola.

Tive vontade de vomitar em cima dele.

* * *

Caminhei da estação do hospital de Danderyd até a minha casa. O túnel da entrada do metrô, o estacionamento da escola Mörby, tudo me pareceu lindo, quase aconchegante, em comparação com Tensta. Mas eu já estava congelando muito antes de ter chegado aos campos de futebol de Stocksunds IP. As luvas de lã que Amanda me dera (“Encontrei em uma loja superfofa no SoHo”) estavam molhadas. Suor por dentro, neve derretida por fora. Pesavam como capachos. Eu as joguei em uma lixeira ao lado de um carvalho próximo à entrada de Djursholm e enfiei os punhos fechados nos bolsos. Não adiantou.

Quando finalmente cheguei em casa, estava com tanto frio que tremia, então fui direto para o banheiro e não me despi até a banheira encher. A água estava quente demais, mas entrei de qualquer maneira.

* * *

Eu achava que Samir tinha uma queda por mim. Talvez eu até tivesse certeza disso: que ele era muito a fim de mim, que ele sempre foi (não é?), e por isso fui até a sua casa, para dizer que também gostava dele, supondo que ele entenderia. Que ele acharia que eu valia a pena. Mas ele não achou.

Quando me senti aquecida e enrugada e a água do banho começou a esfriar, vesti o robe do meu pai, fui até a sala — meu edredom ainda estava no sofá — e me enfiei ali embaixo para ligar para Sebastian. Claro, ele voltaria da África do Sul na noite seguinte, mas eu precisava terminar as coisas logo, antes que mudasse de ideia. Falamos por quase vinte minutos. Quando ele atendeu, mal pude ouvi-lo, mas ele foi para um cômodo mais tranquilo, ou talvez até tenha ido para o lado de fora, e eu disse o que tinha a dizer e ele respondeu. Sua resposta foi calma e contida, ele não perdeu a cabeça, e eu acrescentei que poderíamos conversar mais quando ele

chegasse em casa. Ele falou: “O que você quer que eu diga?” Ele não pareceu perturbado e aparentemente entendeu tudo, então nós nos despedimos e desligamos. Dez minutos depois, sem ter certeza de que ele se lembraria da nossa conversa, também enviei uma mensagem de texto.

Quando ele não respondeu, enviei outra. As mesmas palavras. Eu queria ter certeza de que aquilo seria a primeira coisa que ele veria quando olhasse para o telefone, caso tivesse esquecido tudo, embora não parecesse estar chapado.

Esperei até bem depois da meia-noite para ligar para Samir. Talvez ele não achasse que eu estava falando sério quando disse que faria aquilo. Talvez tivesse sido por isso que ele agira daquela forma. Ele atendeu imediatamente. Acho que eu o acordei. Desliguei sem dizer nada. Ele podia ver o meu nome na tela, então achei que me ligaria de volta. Oito minutos depois, liguei outra vez. A mensagem do correio de voz me informou que ele ligaria de volta. “Assim que possível”, dizia a mensagem. Dormi uma hora depois, ainda segurando o telefone com o volume no máximo. Samir não ligou. Nem Sebastian.

30.

Quando as coisas com Sebastian (e Samir) terminaram, não fiz nada daquilo que as pessoas costumam fazer depois de um término. Não assisti a filmes que eu achava tristes quando era pequena, não comi sorvete direto do pote e não ouvi músicas sobre como os homens são babacas. Mas peguei uma gripe. Durante dois dias, eu me arrastei até a escola de qualquer maneira, mas, ao fim do último dia de aula, quando finalmente chegou o feriado de Natal, tive uma febre altíssima.

No primeiro dia sem aula, minha mãe me deu uma dose dupla de ibuprofeno, um cobertor e um travesseiro para eu usar no carro. Dormi na maior parte da viagem, acordando de vez em quando porque minhas costas, pescoço, garganta ou pernas estavam doendo. Eu suava, e Lina me olhava da outra ponta do banco traseiro com uma minúscula ruga de preocupação entre seus olhos azul-escuros. Meu pai me acordou quando paramos para comer e eu tive que entrar no restaurante de beira de estrada. Eles serviam batatas fritas escuras e cachorros-quentes cheios de ketchup, mas eu preferia ter ficado no carro.

— Está muito frio — disse meu pai.

— Você precisa comer alguma coisa — afirmou minha mãe.

Chegamos à casa do meu avô pouco depois das sete da noite e descobrimos que haviam tirado a neve da estrada que levava à casa. No verão, eu gostava de fazer longas caminhadas com os cachorros do vovô naquela estrada. Meu avô morava a três quilômetros de uma banca de jornal e de um supermercado. Quando eu era pequena, minha avó achava que eu deveria brincar com as crianças locais, mas eu me recusava porque não as conhecia. Em vez disso, ia e voltava da banca para comprar o jornal vespertino para o meu avô, depois voltava para comprar um sorvete para mim. Fazia aquilo sempre. Ia para cima e para baixo na estrada. Às vezes eu ia e voltava tanto que nem mesmo os cães aguentavam me acompanhar. No verão, a estrada de cascalho tinha uma faixa de grama no meio. Quando chovia, formavam-se poças fundas e os mosquitos pousavam na película

brilhante de gasolina à superfície. Agora, a estrada estava emoldurada por dois metros de neve de cada lado e aquele seria o segundo Natal que celebraríamos sem minha avó. No que agora era a varanda apenas do meu avô, havia uma árvore de Natal não decorada e dois lampiões acesos.

O fogo ardia na lareira de azulejos do meu quarto. Meu avô tinha colocado uma almofada térmica na cama. Não cheguei nem a mudar de roupa, dormi com as que cheguei. Minha mãe entrou no quarto duas vezes. Na primeira, trocou a minha roupa por uma camisola limpa e recém-passada. Era da minha avó. Na segunda, me deu uma bebida efervescente que tinha gosto de laranja e amêndoas amargas — remédio contra a gripe que ela comprara nos EUA —, e eu dormi, dormi, dormi e dormi enquanto todos os outros faziam uma casa de biscoito de gengibre (dava para sentir o cheiro), decoravam a árvore (ouvi meu pai trazendo-a para dentro de casa e minha mãe censurando-o por ter espalhado tanta neve no corredor), preparavam almôndegas, pernil assado (o cheiro outra vez) e salmão curado (quando terminaram, minha mãe trouxe um pouco para mim em um pedaço de *knäckebröd*, mas não consegui comer).

Eu estava ali deitada debaixo do meu edredom quando meu avô subiu, colocou mais lenha na lareira e deixou um dos cães entrar. O cachorro adormeceu debaixo do edredom com o nariz pressionado contra a parte de trás do meu joelho. Eu estava ali deitada quando minha mãe me levou uma bandeja com chá e sanduíches de queijo. Também não consegui comer aquilo. Puxei o cobertor até o queixo e meio que me sentei enquanto chupava um picolé de baunilha e Lina me mostrava os desenhos que ela fizera para dar de presente de Natal. Quando o sorvete acabou, voltei a ficar em posição fetal e dormi enquanto Lina continuava a falar.

Só consegui sair da cama na noite da véspera de Natal. Tomei um banho de meia hora, lavei o cabelo duas vezes e vesti uma roupa limpa. Minha mãe trocou os meus lençóis e comi três porções de pudim de arroz com calda de morango. Lina cutucou o seu pudim até encontrar a amêndoa; fazia anos que eu não conseguia pegar, porque Lina ainda ficava muito animada com aquilo.

— Onde mora o Papai Noel, Maja? — perguntou ela com a boca cheia.

Hesitei. Porque já havíamos falado disso. Não devia ser uma surpresa.

— Papai Noel não existe.

— Eu sei — suspirou Lina, mordendo o lábio. — Mas e quanto às renas voadoras, onde elas moram?

* * *

Fomos os únicos a comemorar o Natal com meu avô este ano. Os irmãos da minha mãe decidiram passar a data com os sogros; já não era mais o *primeiro Natal sem a vovó*. Mas para mim não havia problema. O Natal era mais tranquilo sem todos aqueles primos barulhentos chorando e forçando os adultos a se envolverem em discussões sem sentido a respeito de coisa nenhuma.

Na noite de Natal caiu uma quantidade recorde de neve (a maior desde que começaram os registros locais) e a TV e a internet saíram do ar. Ouvimos música no aparelho de som do meu avô e almoçamos na cozinha porque era onde estava mais quente; quando terminamos de comer, todos nos sentamos na sala de estar para assistir ao DVD que meu pai escolhera. Acabei caindo no sono e acordei com a cabeça no colo da minha mãe. Ela estava acariciando a minha testa, então fiquei com os olhos fechados por mais tempo do que o necessário. Mais tarde, Lina me ensinou um jogo de cartas que ela havia inventado, enquanto meu pai estava na cozinha, descascando batatas. O resto de nós deu uma volta (“Precisamos aproveitar enquanto o sol ainda está no céu”). O ar frio queimou a minha garganta. Quando voltamos, acendi o fogo na lareira da cozinha e recebi tantos elogios que daria para pensar que acender uma lareira era uma façanha maior do que a descoberta da penicilina.

Durante a nossa caminhada, meu avô enfiou um envelope no meu bolso. Ele acariciou o meu rosto e sorriu. Aquilo era por causa das minhas notas. Ele me dava dinheiro de acordo com o quão bem me saía na escola. O envelope era grosso; quase sempre estava cheio, e desta vez não foi diferente. Eu ainda estava me saindo bem.

Eu passara.

“Obrigada”, murmurei. Meu avô parecia feliz, e fiquei ainda mais feliz por causa do sorriso dele. Gostava de vê-lo conseguindo sorrir mesmo aquele sendo o segundo Natal sem a minha avó.

Em nossa aula de filosofia na escola, tínhamos conversado sobre emoções, como há seis sentimentos elementares negativos e apenas um positivo, a alegria. Ergui a mão e disse: “Todo mundo sente medo da mesma forma, sabemos disso. Entendemos o que uma pessoa quer dizer quando diz que está envergonhada. Os sentimentos mais puros, aqueles fazem a gente se agarrar à vida, são sempre negativos.”

Agora, ao lembrar o modo como eu ficava sentada naquela sala de aula tentando mostrar que era mais profunda e sensível do que todos os demais, fico toda arrepiada. Eu achava que sabia como era sentir raiva. Pensava que entendia a sensação de perder o controle. Mas, surpresa!, comer dois pedaços de pão com manteiga e queijo quando se está de ressaca não conta. Fingir ter alucinações por causa de alguma pílula, transar depois de cheirar e dizer: *Foi tão bom que eu pensei que ia morrer*. Tudo fingimento. Eu não sabia nada, absolutamente nada sobre querer morrer. Eu só tinha estado em um único funeral em toda a minha vida (o da minha avó), e jamais havia me sentido amedrontada ou sozinha de verdade. Eu nunca quis morrer. Nunca me senti tão destruída. Maja, a Inteligente, com a mão erguida na frente da sala de aula. *Eu sei a resposta!* Não, você não sabe. *Você não sabe de nada*.

Hoje, passados os tempos de escola, eu sei: sentimentos elementares são insípidos e desinteressantes. Apenas um louco dá gargalhadas o dia inteiro.

Eu rio às vezes. É uma reação histérica. Vergonha. Medo. Tristeza. Ódio.

Os sentimentos compostos desapareceram, a mistura de cores em uma loja de arte. Amarelo e azul fazem verde. Amizade? Ciúmes? Ternura? Consideração, compaixão. Felicidade. Sinto mais falta da felicidade, a mistura de tudo, de todas as emoções negativas, uma gota de surpresa e muita alegria. A felicidade é a mistura perfeita, mas ninguém sabe a receita.

Aquele Natal na casa do meu avô foi a última vez em que fui feliz. Eu ri e disse coisas para a minha mãe sem pensar que eu só estava dizendo aquilo porque era o que ela queria que eu dissesse. Lina ganhou um walkie-talkie de presente e me fez sair na neve para testarmos o alcance do aparelho. Depois disso, construímos um forte de neve e uma lanterna de neve, que iluminamos com uma vela, fizemos anjos de neve e jogamos bolas de neve no lago para ver até onde iriam. Comi marzipã com cobertura de chocolate e quase achei gostoso, e comi presunto grelhado na mostarda sobre fatias de *knäckebröd*, porque não havia nada mais delicioso do que aquilo, e meu avô

me fez ficar em silêncio para escutar com muita atenção Jussi Björling cantar sobre lágrimas e amores naufragados.

Durante três dias, só fiquei triste por alguns segundos e não senti medo nenhuma vez: o Natal era a mistura perfeita de felicidade. Noite de Natal, dia de Natal e dia seguinte ao Natal.

Mas, se você misturar todas as cores primárias, só conseguirá uma lama marrom até tudo ficar preto. E foi o que pareceu acontecer, porque, dois dias depois do Natal, minha mãe me acordou pouco antes das sete da manhã. Claes Fagerman tinha ligado. Eles conversaram por dez minutos. Ele lamentara telefonar tão cedo, e minha mãe estava triste por ter que me dizer aquilo, mas eu tinha que ir à ala psiquiátrica do hospital de Danderyd, porque Sebastian havia tentado se matar.

31.

Duas horas depois, um helicóptero aterrissou no gramado inclinado entre o lago e a casa do meu avô. A neve rodopiava enquanto eu caminhava com a minha mala até a porta aberta do helicóptero. Meu avô tentou me acompanhar. Suas pernas estavam um tanto rígidas. Ele trocou algumas palavras com o piloto, de quem eu teria que me sentar ao lado. Ele me “levaria até a cidade”, e, então, um carro me pegaria para ir ao hospital. Infelizmente, Claes não estava lá, mas “mandava lembranças”, estava “muito agradecido” e “não tinha escolha” senão estar em outro lugar. Eu não estava ouvindo.

Sebastian havia tentado se matar.

Meu avô fez um gesto estranho com a cabeça, me beijou no rosto e se despediu.

Somente quando eu já estava no helicóptero ocorreu-me que ninguém me perguntara se eu queria ver Sebastian. Mas o que eu poderia dizer? “Não, ele vai ter que lidar com isso sozinho?”

Eu tenho que ir. É claro que tenho que ir.

* * *

Sebastian estava com uma bolsa de soro conectada ao braço, um curativo branco e um avental azul-claro. Quando atravessei a porta, ele começou a chorar. Sentei-me ao seu lado, voltei a me levantar, fui até o outro lado — o lado sem soro —, deitei-me na cama, apertei o meu nariz contra o seu pescoço e também comecei a chorar.

Tudo começou com “uma provável overdose”. O rosto da minha mãe corou quando me disse aquilo. “Ele precisa de você, Maja.” Ela estava assustada e triste, mas havia algo mais, dava para ver. Meu pai também me olhou com aquela expressão estranha que ele faz às vezes. *Nossa filha é tão madura, pensavam. Ela é responsável. Ela e Sebastian têm problemas, mas ele a ama e ela sabe que deve apoiá-lo, ajudá-lo a enfrentar isso.*

Eles sabiam que estava tudo acabado entre nós. Mas, “naquela situação”, pareciam ter esquecido. Não importava o motivo da nossa briga adolescente, com certeza “ajudá-lo” era mais importante. Meus pais estavam orgulhosos de mim. Pelo que eu fizera, apesar de tudo.

Mas eu não era corajosa nem madura. Eu havia traído Sebastian e o deixado porque “não podia mais lidar com aquilo”. Chorei contra o pescoço dele porque não sabia se eu queria estar ali. Aquilo me deixou apavorada. Pela primeira vez, percebi quão facilmente ele poderia ter morrido, que a morte fica a apenas um segundo da vida, então peguei o punho dele e apertei os dedos sobre o curativo mais forte do que deveria, porque eu precisava sentir as veias ali embaixo. Eu estava mais amedrontada do que jamais estivera em toda a minha vida. Sebastian poderia ter morrido.

E por minha culpa. Eu o havia traído.

— Desculpe — sussurrei com a boca junto à sua jugular.

Eu não podia ajudá-lo, não podia, como poderia? *Desculpe*. O que você diz para uma pessoa não querer morrer? *Eu vou te amar quando ninguém mais tiver forças para tanto. Prometo. Nunca mais vou deixar você sozinho*.

Fiquei deitada na cama enquanto Sebastian me contava a história. Ele saíra na noite anterior à véspera de Natal com Dennis — ele estava sempre disponível, e o que mais tinha para fazer? Entretanto, quando a ambulância socorreu Sebastian, Dennis tinha ido embora. Sebastian estava caído na calçada do lado de fora da Urban Outfitters em Biblioteksgatan, e o médico disse que quem chamou a ambulância ligou de um telefone pré-pago não registrado. Mas Sebastian não culpou Dennis. Dennis recebera permissão para permanecer na Suécia até o fim do ano letivo, mas depois disso seria deportado — e seria consideravelmente mais difícil fugir da prisão do que da casa onde morava. Ele não podia arriscar ser pego pela polícia, ainda mais agora.

Sebastian foi levado para a emergência com suspeita de overdose. Seu pai veio vê-lo durante o horário de visita, mas ficou apenas vinte minutos. Cerca de vinte e quatro horas depois, na noite da véspera de Natal, o pessoal do hospital encontrou Sebastian no banheiro do quarto.

O espelho estava quebrado e o sangue escorria por baixo da porta fechada. Ele perdera muito sangue. A partir de então, foi transferido para a ala psiquiátrica. Eles esperaram para me ligar porque não queriam me incomodar durante o Natal.

Claes havia conversado com o médico da emergência. As enfermeiras disseram isso para Sebastian quando ele recobrou a consciência.

— Será que o médico disse para o meu pai não vir? — perguntou Sebastian. — Que não posso receber visitas? Será que o médico disse isso?

Sebastian queria que eu respondesse, mas não falei nada. Porque ele não queria respostas. No entanto, apesar de eu ter ficado quieta, ele ficou extremamente perturbado e falando coisas como “Você não sabe o que está dizendo” e “Meu pai tem que cuidar da empresa, você sabe” e “Meu pai não pode ficar sentado em um hospital olhando para a parede”. Sebastian disse várias vezes que seu pai *não podia*, e que eu tinha que *aceitar isso*. Apenas me calei, porque ambos sabíamos que nada daquilo era verdade.

Claes estaria aqui se fosse o seu irmão, pensei, mas também não falei. Porque o irmão de Sebastian nunca tentaria se matar. Lukas nunca fazia nada de errado.

No final, eu disse que Claes *deveria estar ali*, que *qualquer pai normal estaria*, que *um pai não podia agir assim*. A princípio, Sebastian ficou ainda mais irritado, mas, então, faltou-lhe a energia para gritar. Em vez disso, chorou.

— Ele não é um pai normal — sussurrou, com uma voz que me implorava para concordar. Então parou de falar e eu não quis deixá-lo ainda mais triste. Em vez disso, falamos sobre a sua mãe. — Eles não conseguiram encontrá-la. Não fui eu quem pediu para procurarem. Eu não acho que meu pai a avisaria, nem mesmo nessas circunstâncias.

— Por que não? — ousei perguntar. — Por que ele não a avisaria? Por que você nunca a vê? Por que ela deixou vocês?

Dessa vez, Sebastian não estava com raiva.

— Não sei se ela nos deixou — disse ele. — Meu pai diz que a expulsou de casa. Mas às vezes acho que ela o deixou, e não sei se ela queria nos levar ou se apenas queria ficar sozinha, mas Lukas não quis se mudar, então eu também não quis, e meu pai nunca deixaria que ela...

Ele voltou a falar quando sua voz se acalmou.

— Lukas ligou ontem. Ligou duas vezes. Ele ligou para mim. Ele ligou. E acho que, se foi minha mãe quem deixou meu pai, ela não teria permissão para nos ver. Meu pai não permitiria. Jamais. Ele não consegue lidar com desprezo. E minha mãe é...

Enxuguei a boca e o nariz dele com papel higiênico e sussurrei:

— Continue.

Ele chorou ainda mais e, quando terminou, assoou o nariz e disse:

— Eu não pareço nem um pouco com a minha mãe. Meu pai sempre diz que eu pareço, mas eu a odeio, não sou como ela, ela é uma idiota. Não me importo se foi ela quem foi embora. Tenho certeza de que foi porque ela não conseguia lidar com nada. Lukas fala a mesma coisa. Ela é completamente incapaz.

E eu não disse mais nada.

Sua mãe e seu pai não estavam ali com ele. Nem mesmo seu irmão mais velho genial, Lukas, que também estava com medo de ir contra a vontade de Claes e só ousava telefonar quando o pai não estava por perto. Mas eu fui até o hospital. Eu também o magoara, mas deixáramos aquilo de lado. O que eu tinha feito não era importante, era um detalhe menor, e quando sussurrei “Desculpe”, ele disse “Tudo bem, você está aqui agora, isso não importa”, e eu o beijei e ele me beijou e enfiou a mão boa debaixo da minha camisa, em meu cabelo, segurou o meu pescoço e me beijou de novo, e de novo, porque ele não podia viver sem mim e aquilo era uma questão de vida ou morte.

* * *

Se eu realmente acreditei nisso? Que ele precisava de mim para viver? Sim. Porque era verdade. Quando ele foi transferido para a ala psiquiátrica, seu pai e seu irmão estavam de férias, esquiando em Zermatt. Dali, seu pai voou a trabalho para outra cidade e Lukas voltou para os EUA. Parece uma piada, mas a única pessoa que visitou Sebastian na ala psiquiátrica antes de eu chegar foi a secretária de Claes, Majlis. Você pode pensar que estou inventando tudo isso, mas não estou, e a pior parte não é Claes Fagerman ter enviado a secretária. A pior parte é que ele sabia exatamente como aquilo era doentio, mas fez de qualquer maneira.

Sebastian ficou deitado na cama do hospital e chorou por muito tempo. Eu me deitei ao lado dele, e, ao observá-lo, dava para ver como ele estivera perto de morrer. Dava para sentir que ele queria morrer só de olhar para ele, e pensei que, se eu ficasse ali, eu poderia fazê-lo se sentir melhor. Eu faria com que ele me olhasse daquela maneira, como se nunca tivesse visto nada

igual a mim. Eu o faria se sentir ausente, como se tivesse perdido o equilíbrio e só conseguisse se lembrar de uma coisa: que ele me queria. Então eu agiria, eu *saberia* como salvar uma pessoa. E tudo ficaria bem. Sebastian ficaria bem outra vez.

Eu pensava em Samir? Talvez. Mas ele não me queria. Eu não me encaixava em sua vida, e ele não queria se adaptar à minha. Samir não precisava de mim.

Deitada na cama do hospital com Sebastian, nós dois chorando, eu desejava iluminar o mundo para ele, mostrar a sua importância, caminhar com ele, para ele, por ele.

Vocês devem estar pensando: *Ah, que merda*. Mas isso é só porque sabem o que aconteceu depois. Naquele momento, ninguém sabia de nada. E ninguém me perguntou *Você quer? Você pode?*, ou disse *Nós vamos ajudar você, não pode fazer tudo isso sozinho*. Porque todos sabiam que essa era a única opção. Havia apenas eu.

Ninguém perguntou se eu queria salvar Sebastian, mas todos me culpam por ter falhado.

* * *

Não sei o que o médico disse quando Claes Fagerman explicou que não poderia visitar o filho na ala psiquiátrica porque estava ocupado esquiando e comemorando o Natal, mas sei que ninguém exige nada dele. Nem mesmo os médicos. Talvez na sala dos funcionários, quando Claes não pudesse ouvi-los, dissessem uns para os outros que *Alguém deveria colocar esse cara na linha*, mas eles nunca foram esse alguém, *ninguém era esse alguém*, e quando (e se) encontraram Claes Fagerman e, teoricamente, puderam dizer alguma coisa, acabaram esquecendo seja lá o que antes havia parecido tão importante. *O que há de errado com você, não é o pai dele?! E o irmão? Onde está a mãe dele?* Não havia a menor possibilidade de eles perguntarem uma coisa dessas. Estavam tão deslumbrados com o cara que nunca ousariam dizer nada que não tivessem certeza de que o agradaria. Morriam de medo da possibilidade de Claes desviar o ódio e desprezo que sentia pelo filho para eles.

Eu me deitei na cama de Sebastian e o abracei até ele parar de chorar, até ele adormecer, e fiquei ali deitada até ele acordar.

Nenhuma pessoa no mundo se impôs e gritou até se fazer ouvir: *Alguém poderia buscar a merda dos pais de Sebastian e forçar eles a amá-lo da maneira que ele merece ser amado?*

Quando Sebastian chorou tanto que não conseguia falar, eu o beijei. Ele me beijou de volta. O muco que saía do seu nariz entrava na minha boca e era desconfortável, seu curativo também atrapalhava, mas, naquele momento, no hospital, Sebastian era amor. Ele era tudo de que eu precisava, ele estava ali comigo e não indo para algum outro lugar, e eu realmente acreditava que seria capaz de mudar alguma coisa. Não o mundo — eu não era tão ingênua —, mas pensei em como seria depois que ele recebesse alta e nos deitássemos em sua cama de casal, nus e a sós, e ele traçasse caminhos em minha barriga e eu respirasse o ar que ele soltasse, e não, não precisaríamos de mais ninguém. Com certeza não precisávamos do seu pai desprezível. “Era ele quem deveria morrer, não você”, sussurrei ao ouvido de Sebastian. Eu estava falando sério? Claro que sim. Eu odiava Claes Fagerman. Eu queria sacrificar tudo por Sebastian. O único problema era que eu não tinha ideia do que “tudo” significava. Porque o amor é maior do que tudo, até outra coisa se tornar ainda maior.

Cheguei ao hospital depois de pegar um helicóptero e um carro. Era óbvio que eu tinha que ir. Voltei para Sebastian e fiquei. Porque Sebastian precisava de mim. Ele não tinha mais ninguém. Ele me amava. *Temos tanta sorte por termos um ao outro.*

* * *

O que sinto falta agora, depois de tudo, é de como as coisas eram quando eu podia viver aqueles sentimentos mornos e misturados que se assemelhavam à felicidade. Como no Natal, na casa do meu avô, quando havia neve por todo lado, eu sentia minha cabeça fresca como depois de tomar um banho de chuva e minhas emoções eram diluídas na mistura certa.

Amor? Não, não sinto falta do amor. O amor não é o maior ou o mais puro dos sentimentos, nunca é uma mistura perfeita, apenas um líquido

impuro, do tipo que você cheira antes de provar. Mas o problema é que ainda assim você pode acabar não percebendo que é venenoso.

A prisão feminina, noite

Segunda semana do julgamento: madrugada de terça-feira

32.

Mesmo no meio da noite, na hora mais escura, uma névoa tênue de quase luz penetra em minha cela. Vem da cidade, onde nunca está completamente escuro nem completamente silencioso. Quando acordo, fico deitada de costas durante algum tempo até meus olhos se ajustarem, e, então, vejo os contornos ao meu redor. O fino cobertor amarelo sobre o lençol sobe e desce no ritmo da minha respiração. Levo a mão à cabeceira da cama e sinto as marcas que minhas unhas deixaram no pinho macio. É quando me sinto mais sozinha.

Eu tinha uma cama de pinho quando era pequena. Eu queria uma cama beliche e minha mãe comprou uma na IKEA, mas nunca tive coragem suficiente para dormir no beliche de cima, então eu me enfiava debaixo da cama e ficava deitada de costas desenhando no estrado, deixando mensagens secretas para a posteridade. Às vezes, fazia Amanda ir até lá embaixo comigo. Talvez nossa amizade estivesse no auge naquela época, quando a vida era feita de picolés, tatuagens coloridas de pacotes de doces e competições do tipo “quem era capaz de desenhar a melhor cabeça de cavalo”. Mas era apertado debaixo da cama. Nunca ficávamos ali por muito tempo.

Quando consegui uma cama nova, uma de estilo Gustaviano, com um dossel de renda, parei de rabiscar. Fiquei com essa cama até Lina ter idade para dormir em uma cama de verdade. Então aquela foi para ela, eu ganhei uma nova e Amanda fez uma tatuagem de verdade, um lírio no pulso. Quase não dava para ver quando ela usava relógio.

Sebastian nunca dormiu na minha casa. Não que meus pais implicassem com isso, mas Sebastian meio que se saía melhor em seu território, e nunca estávamos sozinhos lá em casa. Ele preferia que ficássemos a sós, e isso se tornou ainda mais importante quando ele recebeu alta do hospital. *Quero silêncio. Você poderia simplesmente calar a boca?*

* * *

Em minha cela, não preciso acender a luz para usar o banheiro. A privada de aço reluz até mesmo no escuro. Eu me sento, mas já não me incomodo mais com o fato daquilo ser duro, estreito e desconfortável. Quando termino, encontro o botão da descarga sem procurar, porque já decorei sua posição. Já estou aqui há tanto tempo que essa cela faz parte de mim, está marcada em minha pele com ferro em brasa, uma tatuagem para sempre gravada com tinta incandescente. Eu não acordo mais nem mesmo que por apenas um segundinho e me pergunto onde estou, nem nunca me pergunto *por quê*.

Mas ainda sonho. E, às vezes, estou com ela, Amanda, enquanto ela ri com a boca escancarada, me toma pelo braço e me belisca, porque, afinal, eu e ela somos para sempre.

Ela e eu. E Sebastian e eu.

O simples ato de pensar nele — em como era quando Sebastian estava vivo — provoca uma reação em meu corpo. Não me importo que meu cérebro proteste. Meu corpo se lembra, até mesmo a minha pele se lembra dele.

Antes de Sebastian, eu era uma garota que dizia sim ou não. Nunca dizia outra coisa. Mas, com Sebastian, eu me tornei um dos caras. Não importava se eu tivesse certeza de que me odiaria depois. Eu dizia “ah, vamos”, eu implorava “por favor”, “mais”, “mais uma vez”, “só mais uma vez”. Há apenas uma coisa que meu corpo se lembra com mais clareza do que o quanto eu o desejava: como meu corpo se sentiu quando ele se foi.

* * *

Daqui a poucas horas, vai ser a minha vez de falar. Primeiro, Sander vai me orientar em meu depoimento, e, então, a promotora fará as suas perguntas.

Na minha mente, posso ouvir o que a promotora vai perguntar. Como você foi capaz? O que você fez? O que você sabia? Por que você não o deteve? *Responda*.

“Não cabe a você explicar por que Sebastian fez o que fez”, diz Sander. “Quanto mais rápido você perceber isso e deixar essa questão de lado,

melhor. Você deve se concentrar em seu próprio papel nesta história.”

Sander não acha que eu deva falar como amei Sebastian. Uma coisa “não tem nada a ver com a outra”. Ele não me ouve quando explico que traí Sebastian. Como era culpa minha ele não estar mentalmente estável. Ou como Sebastian precisava de mim. Quando falo com Sander sobre isso, ele sempre começa a folhear algum documento, se afasta de mim ou procura os óculos no bolso. Sander não quer saber o que eu e Sebastian tivemos. A história do nosso amor é “inconveniente”. Ele acha que nosso amor, por si só, me faz parecer culpada. Ou idiota, que é mais ou menos o mesmo.

Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você não precisa falar sobre isso. Pode guardar para si mesma. Não é juridicamente relevante.

Mas há algumas coisas que Sander não entende. Quando jovem, o rei não teve que beijar Sílvia na escadaria do palácio assim que se casaram. O rei não precisou fazer um discurso ao vivo para todo o país depois do jantar falando coisas como “Sílvia, Sílvia, eu te amo... blá blá blá...”. Não é preciso nenhum redator de discurso para satisfazer a necessidade que os plebeus têm de declarações do tipo “Nós enfrentamos o inferno juntos, não escolhemos o caminho mais fácil, mas o amor é maior do que tudo”. Para a geração de Sander, você deve guardar esse tipo de coisa para si. Para a geração de Sander, o que você faz da sua vida é assunto só seu, qualquer outra coisa seria constrangedora. Mas isso é passado. E eu sei o que é necessário. Eu sei o que eu pessoalmente teria gostado de saber: eu iria querer saber de tudo, eu exigiria todos os detalhes sobre o amor sujo, doentio e venenoso que havia entre mim e Sebastian. Para entender por que eu disse que seu pai merecia morrer e porque atirei em meu namorado e em minha melhor amiga.

Talvez não caiba a mim explicar por que Sebastian fez o que fez. Tenho certeza de que *não é juridicamente relevante*. Mas eu estava lá, ele era o meu namorado, eu o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa naquela sala de aula. Eu com certeza o conhecia melhor do que seus próprios pais. E eu o matei, e a Amanda. Se eu não explicar, quem vai?

Por quê? Eu também quero saber. E “por que” é um conceito infinito, exige total sinceridade, e total sinceridade exige que eu seja mais cautelosa com minhas palavras do que jamais fui. Porque assim que eu disser alguma coisa, isso se tornará verdade.

* * *

No dia em que, finalmente, depois de todos os atrasos, é a minha vez de falar, acordo muito antes do que deveria.

Acordar no momento mais escuro da noite é horrível. É isso que acontece hoje, e, mesmo antes de abrir os olhos, sei que não conseguirei voltar a dormir. Sinto-me enjoada. Eu me levanto e inclino a cabeça sobre a pia, deixo a água correr. A água da torneira da prisão nunca fica totalmente fria nem totalmente quente, mas lavo o rosto e molho a gola da minha camisola. Eu me dispo. Então, fico nua em minha cela e respiro: inspirar e expirar, inspirar e expirar. Estou congelando e suando.

Sander me preparou para o que vai acontecer hoje. Nós ensaiamos, ensaiamos, ensaiamos e ensaiamos, e não, não é que ele tenha inventado uma história repleta de mentiras para que eu decorasse, mas Sander sabe que se eu começar a gaguejar, corar e suar, não importa o que eu diga, quão franca eu seja, ninguém vai me ouvir.

Ré. É isso que eu sou. Eles vão permitir que eu fale. É hora de eu *prestar o meu depoimento*.

Sander me disse que tenho “direito ao silêncio”. Isso significa que tenho a opção de ficar completamente calada durante o julgamento. Ninguém pode me forçar a falar. Ninguém pode me forçar a responder perguntas. Se eu quiser permanecer em silêncio, posso permanecer em silêncio.

* * *

Sebastian falou no hospital, mas parou de falar assim que recebeu alta. Eu o deixei quieto. Não fiz mil perguntas nem pedi nenhuma resposta. Entendi que ele precisava ficar em paz. Seus amigos fizeram o melhor que puderam para fingir que não havia nada de errado. Nenhum deles insistiu em ir à ala psiquiátrica, mas assim que ele voltou para casa, ficou mais difícil fingir que a encenação era para o bem de Sebastian. Dennis era o melhor nisso. Labbe era o pior. A primeira vez que Labbe esteve com Sebastian depois do Natal, começou a chorar e a abraçá-lo, o que fez Amanda tentar imitá-lo, e foi horrível. Sebastian odiou aquilo.

Estou congelando quando volto para a cama. Há um cobertor extra no meu armário, mas estou tremendo demais para conseguir buscá-lo. Quando fecho os olhos, eles queimam. Eu me viro de lado e tento abraçar os joelhos, respirando embaixo do cobertor. A tremedeira vem e vai. Quase tenho tempo de me acostumar ao seu ritmo, como quando temos uma crise de soluços, e então ela para, tão de repente quanto começou.

Depois que eu contar a minha história, não haverá como voltar atrás. Mas aqui, à noite, há versões desta história, vidas alternativas. Não consigo parar de pensar nelas. Em uma versão, nunca beijo Samir, nunca deixo ele pegar a minha mão, nunca vou até o seu bairro, ele nunca começa a me odiar ou se sentir envergonhado pelo modo como eu o faço se sentir, ele não se sente responsável por mim e tem coisas mais importantes com que se preocupar além de Sebastian, e eu nunca tenho uma queda por Samir e não preciso terminar com Sebastian e Sebastian não tenta se matar, ele não piora do jeito que piorou depois do Natal e a última festa nunca acontece, seu pai não perde a cabeça e Sebastian nunca perde a esperança de que Claes irá amá-lo, nunca dispara o primeiro tiro nem os seguintes, e eu nunca mato Amanda, jamais mato Sebastian, apenas continuamos vivendo a nossa vida e esse é um final melhor, um começo melhor, uma vida melhor.

Porque é quando eu rompo com Sebastian e ele percebe como é fácil morrer que ele se torna um assassino. Não entendi isso até ser tarde demais.

Em outro universo paralelo, atiro em Sebastian mais cedo: na noite anterior, logo após a festa. Eu não sei por que eu teria feito isso, ou como, mas ainda assim teria sido melhor, porque todos os outros ainda estariam vivos. Em uma terceira versão, não volto para casa depois da festa e meus pais chamam a polícia no início da manhã. Eles me encontram morta perto de Barracuda. Eu me afoguei, a polícia vai direto até a casa de Sebastian para falar com ele e ele não pode fazer o que fez na casa e não pode ir à escola fazer o que fez por lá.

Em uma quarta versão, não deixo Sebastian depois da festa. Eu me recuso a ir embora. Apesar de seu pai ter-me mandado ir para casa, fico com Sebastian e o obrigo a ficar comigo. Se eu estivesse lá, ele não teria matado o pai. Então, todos vivem. Amanda vive. E todas essas versões têm uma coisa em comum. Não consigo parar de pensar nelas. Ainda não, de qualquer forma.

“É importante que você nos diga.” Permanente, a policial encarregada de me interrogar, me disse isso tantas vezes que perdi a conta. “Faça isso pela Amanda”.

As pessoas sempre pensam que sabem o que os mortos teriam desejado. *Amanda iria querer que você fosse corajosa. Amanda gostaria que você dissesse a verdade. Amanda teria entendido.*

Que monte de merda. O que Amanda teria desejado era que eu não atirasse nela. Amanda não queria morrer. É a única coisa de que podemos ter certeza.

A verdade é que tudo o que aconteceu depois de eu voltar para Sebastian ocorreu porque não fui capaz de impedir.

Será que eu deveria falar sobre todas as outras coisas que Sebastian também era? Sobre sua maldade? Claro, por que não? Não é minha responsabilidade defendê-lo. Ele está sozinho agora, tão sozinho quanto eu. Mas não tenho certeza de que isso vai me ajudar ou que será particularmente importante. Porque hoje eu vou falar.

E, depois, será a vez de Samir.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Segunda semana do julgamento: terça-feira

33.

Sim. Samir sobreviveu. Sebastian atirou nele três vezes: os tiros que atingiram a sua barriga e o seu ombro não saíram, o terceiro atravessou o seu braço. Ele precisou ser operado seis vezes e perdeu o pâncreas. Não tenho certeza do que isso significa, mas na intimação dizia que ele vai tomar remédio pelo resto da vida, que os movimentos do braço esquerdo ficarão limitados e que tem dores nas costas recorrentes.

Mas ele está bem o bastante para cursar a universidade, nada menos que Stanford, e, de acordo com Panqueca, graças ao acordo que ele fechou com o Grupo Fagerman.

Samir não é apenas o ofendido. Ele também é a principal testemunha da promotora, a única testemunha de Lena, a horrível, dentro da sala de aula. Ela construiu todo o seu caso em cima do testemunho de Samir. E é claro que eu sei o que ele disse. Li as transcrições de seus interrogatórios que constavam no relatório da investigação. Eu as li tantas vezes que sei quase tudo de cor. Samir disse que atirei em Amanda de propósito. Que peguei a minha arma calma e silenciosamente, que Sebastian não parecia nem um pouco preocupado, que chegou a implorar: “Vá em frente. É isso que eu quero” antes de eu atirar. Primeiro em Amanda. Então, em Sebastian.

* * *

A sala de audiências fica em silêncio quando entro para ocupar o meu lugar. O ar está vibrando de antecipação, como teria dito a minha avó. Até mesmo os juízes parecem diferentes. Outra vez inflados de importância, como no primeiro dia. Samir só testemunhará na segunda-feira da semana que vem; havia algo que ele tinha que fazer em Stanford e o juiz decidiu que não havia problema nisso, mas eu tenho que ir hoje. É por isso que todos estão

animados, porque eu vou falar. Mas considerando que todos sabemos o que Samir dirá, não entendo o porquê de tanta agitação. Nada que eu diga será capaz de anular a história dele.

Sander diz que o testemunho de Samir “deve ser julgado à luz da situação em que ele se encontrava”, e afirma ser capaz de “ressaltar inconsistências no que Samir observou”. Mas eu sei que uma vez que eles ouvirem o que Samir tem a dizer, eles confiarão nele. Samir é o tipo de pessoa em quem você confia.

* * *

Sander começa fazendo perguntas a meu respeito. Ele pergunta quantos anos eu tenho, embora eu não consiga imaginar ninguém vivo que não saiba essa resposta. Ele pergunta onde moro e eu não respondo “Djursholm”. Digo: “Com minha mãe, meu pai e minha irmãzinha... ela tem cinco anos e seu nome é Lina”. Então ele quer que eu fale como estou me saindo na escola, e respondo: “Bem.” “Muito bem”, corrige Sander. Quando acaba o aquecimento, é hora de começar a falar sobre o que aconteceu.

Sander me disse que ele não pretende “se concentrar” na “interpretação dos eventos” de Samir, mas que terei que falar sobre a sala de aula. Começamos, no entanto, com a tentativa de suicídio de Sebastian. Eu tenho que falar sobre como ele estava doente antes, sobre as festas, como eu não estava gostando daquilo, como comecei a me encontrar com Samir, o que Sebastian disse quando terminei com ele, o que conversamos no hospital.

— Conte-me o que aconteceu depois que Sebastian voltou do hospital para casa. Pode fazer isso?

Sebastian foi liberado uma semana depois do ano-novo, no mesmo dia em que as aulas começaram. Mas ele recebeu mais duas semanas de licença médica, que passou em casa. No começo, pensei que estava melhorando. Não estava, mas eu achava que sim. Sebastian parou de sair, parou de convidar duzentas pessoas para festas em sua casa e reservar viagens de fim de semana para Barcelona, Londres ou Nova York. Ele queria ficar comigo. De preferência o tempo todo, mesmo quando eu devia estar na escola. Ele também parou de falar sobre o que faríamos, para onde viajaríamos, as festas a que iríamos. Em vez disso, queria que passássemos todo o tempo

sozinhos. Só nós dois. Em sua casa, onde o pai só parava para trocar de mala. Achei que era um bom sinal. Ele não estava mais ficando tão bêbado nem tão chapado quanto costumava ficar. Quando eu estava lá e seus amigos telefonavam, ele filtrava as chamadas. Se tínhamos que passar algum tempo com alguém, ele queria que fosse em sua casa, e se alguém aparecesse por lá, não era incomum ele desaparecer em outra parte da propriedade. Às vezes nem mesmo eu conseguia encontrá-lo. Ele simplesmente sumia.

Era óbvio que ele estava deprimido, mas, ao mesmo tempo, Sebastian nunca fora tão apaixonado por mim quanto durante aquelas poucas semanas depois que voltou do hospital e passou a andar de pijama pela casa. Talvez tenha sido o momento em que eu também mais o amei. E por quê?

No final de *Harry Potter*, no meio da grande batalha contra Voldemort, Rony e Hermione se beijam. Eles fazem isso porque acreditam que estão prestes a morrer. Logo depois, Harry e Gina se beijam pelo mesmo motivo. Acho que Sebastian me amou mais do que nunca porque sabia que poderia ter morrido. E eu senti o mesmo, porque também acreditei que ele poderia ter morrido. Agora que sei o que aconteceu, acho que mesmo então ele sabia que não apenas *poderia* ter morrido, como *morreria* — ou ao menos descobriu que seria fácil morrer caso decidisse que era isso que queria.

Aquele intenso sentimento de amor passou.

* * *

Falamos sobre Claes. Sander me pede para falar sobre o que Claes disse, o que ele fez e o que não fez.

— Foi difícil para Sebastian?

“Sebastian estava desapontado com o pai?”

“Vocês conversaram a respeito?”

E eu conto para ele. Também falo sobre os outros. Sobre Lukas e sua mãe, Labbe, as festas, Dennis, as drogas e Samir. Eu conto tudo para ele.

— Você pode me dizer como a saúde de Sebastian mudou?

Também explico isso para ele.

Demorou até quase o feriado da Páscoa para que eu admitisse que nada havia melhorado, que na verdade estava tudo pior. Todos os outros tinham

se dado conta disso muito antes, até mesmo Amanda. Isso porque, já no final de fevereiro, Sebastian não precisou mais exigir ficar sozinho, nem se esquivar de chamadas telefônicas, nem fingir estar doente para não ter que enfrentar as coisas. Estávamos sozinhos porque ninguém mais queria ficar conosco.

Viver feliz para sempre com a pessoa que você ama só funciona nos livros. O “para sempre” só dura tempo suficiente se você for um personagem fictício. E o amor não pode conceder a vida eterna para ninguém.

Duas coisas são importantes para Sander. Uma delas é mostrar que Sebastian tinha uma relação conflituosa com o pai e que eu não fui responsável por isso. Que eu não o convenci a matar Claes, que Sebastian teria feito aquilo de qualquer maneira, não importando o que eu dissesse ou fizesse. A outra é mostrar que Sebastian e eu não elaboramos um plano de vingança juntos, que não nos deitamos na mansão de Claes planejando nosso pacto assassino. Sander quer fazer com que o tribunal compreenda que *sentia falta* dos meus amigos, que eu não os *odiava*, que Sebastian estava ficando cada vez mais doente, mais furioso e mais estranho. Sebastian, não eu.

Eu falo disso para os juízes, jornalistas e todos os demais. Falo sobre sua crescente crueldade. A primeira vez que Sebastian gritou “Cala a boca!” para mim, mesmo que eu não tivesse dito nada. “Se você não ficar quieta, vou bater em você.” Foi quando me convenci de que ele me bateria. E faria a outra coisa.

— Você estava com medo de Sebastian? — pergunta Sander, e o juiz principal se inclina um pouco para a frente, olhando para mim, esperando a resposta.

Mas eu não estava com medo dele, não naquela primeira vez. Nem na segunda. É difícil explicar. Eu não tenho uma fórmula para ajudar as pessoas a entenderem exatamente como me senti.

— Isso é verdade? — pergunta Sander. — Você não ficou com medo?

Em vez de responder, sinto lágrimas nos meus olhos. Não consigo impedi-las. Não consigo dizer mais nada, porque estou chorando muito.

— É — consigo dizer afinal. — É verdade. Eu não sentia medo por mim. Talvez eu tenha ficado com medo, mas não de que ele me machucasse.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu não podia deixá-lo.

— Você achava que ele tentaria se matar outra vez caso o deixasse?

Assinto. O pânico toma conta da minha garganta.

— Aham.

— Por que você achou isso?

— Porque ele me disse. E era verdade. Eu sabia que era verdade.

— E você não queria que isso acontecesse.

— É claro que não.

— Você falou com alguém sobre isso, Maja? Você explicou como a situação era séria?

Volto a assentir.

— Sim, falei.

Sebastian e eu

34.

Nós não sabíamos que Claes estava em casa. Mas estava. Ele estava jantando na cozinha com quatro sujeitos mais velhos. Um dos homens estava em pé junto ao fogão. Eu o reconheci. Em geral usava o cabelo em um coque ridículo (acho que ele queria parecer um jogador de futebol) em um programa de culinária qualquer. Naquele dia, seu cabelo à altura do ombro estava solto e parecia oleoso, e ele estava de pé na cozinha de Sebastian, segurando um peixe pelo pescoço com uma das mãos e uma faca com a outra. O chef de televisão estava bêbado.

Claes estava no meio de um de seus números, uma história sobre a vez em que ele estava caçando na África do Sul e um dos líderes dos caçadores mandou-o buscar mais munição. Todos deviam ter ouvido aquilo ao menos vinte vezes, mas todos gargalharam no momento certo.

— Sentem-se — indicou Claes em meio a uma frase.

Nós nos sentamos. Por quê? Porque Sebastian sempre fazia o que o pai mandava e eu sempre fazia o que Sebastian fazia.

Claes se virou para o homem mais perto de mim, um sujeito de cerca de sessenta anos, e disse:

— Você poderia pegar alguns pratos?

Também o reconheci. Ele não era o ministro das finanças, mas era algum outro ministro, talvez da indústria e do comércio. Eu já o havia encontrado antes. Parecendo confuso, ele se levantou e encarou a fileira de armários. O ministro não tinha ideia de onde estavam os pratos e também estava muito bêbado. Ele precisou tapar um olho com a mão para enxergar direito.

Então, apontou um dedo indicador gorducho para a geladeira e perguntou:

— Onde você guarda os pratos?

Eu me levantei e disse:

— Vou buscá-los.

Eu queria sair dali, apressar qualquer coisa que Claes quisesse conosco.

— O que há com você hoje, Sebastian? — perguntou Claes ao terminar a sua história. — Você parece sóbrio. Está doente?

Sebastian esboçou um leve sorriso e nos serviu uma taça de vinho. Ele esvaziou a dele, encheu-a outra vez e ergueu-a em direção ao pai em um brinde antes de engoli-la.

— Vejo que ele puxou ao pai — disse o chef de TV, parando ao meu lado. Ele se inclinou para colocar um prato de batatas temperadas com endro e uma tigela de ervilhas sobre a mesa. — E também tem bom gosto — acrescentou, apertando meu braço antes de voltar para buscar o peixe.

— Bem, infelizmente você está errado quanto a isso — disse Claes enquanto se servia de uma colherada de batatas e passava o prato. — Ele com certeza não puxou a mim. Há alguns anos eu verifiquei, e, por incrível que pareça, é mesmo meu filho, mas ele é cento e vinte por cento a Miss Jönköping. Ele chega a superar a versão original. Faz com que sua mãe pareça estável e inteligente em comparação.

Os amigos bêbados de Claes riram. Um tanto hesitantes, talvez, mas riram. Ninguém acreditava que ele estivesse falando sério. O chef voltou, puxou uma cadeira e se espremeu entre mim e Sebastian. Ele se sentou tão perto que dava para sentir o seu cheiro, uma mistura de tripas de peixe, suor e perfume carregado.

— Mas, por favor, nos conte — prosseguiu Claes. — Sebastian, a imunda ovelha negra da família. Como vai você?

— Você se importa? — murmurei, tentando puxar a cadeira na direção oposta. Não pensei que tivesse falado alto o bastante, mas Claes ergueu os olhos do prato. Será que ele começaria a rir?

— Se eu me importo?

O chef de TV passou um braço sobre os meus ombros.

— Ele está apenas brincando, garota. Relaxe. Experimente a comida. — Ele pegou o meu garfo, separou um pedaço de peixe e o trouxe em direção à minha boca. — Olha o aviõzinho... Abra a boca, dê uma mordida para o papai.

Claes explodiu em gargalhadas, e, uma fração de segundo depois, todos os outros estavam rindo outra vez. Abri a boca. Não sei por que fiz aquilo, mas o chef preparou outra garfada. Ele imitou o som de um aviõzinho e a enfiou em minha boca. Quando engoli, ele limpou os meus lábios com o guardanapo. Eu não podia mais ver Sebastian, mas eu o ouvia rindo

também, daquele modo que sempre ria quando seu pai começava. Fiquei enjoada. Sebastian estava preso naquilo: ele não conseguia se afastar dos abusos, jamais conseguiria. Será que ele percebia como aquilo era ruim? Mas é claro. Será que percebia como seu pai era doente? Sim, percebia. Como o comportamento de Claes era desagradável? Naturalmente. Então por que ele não fazia alguma coisa? Por que não conseguia compreender que não se pode tratar outras pessoas daquela maneira? Por que as regras do decoro se aplicavam a todos, menos a Claes? Claes Fagerman podia fazer o que quisesse. O resto de nós apenas abria a boca e engolia.

O que me deu força para agir talvez tenha sido o fato de o chef de TV estar preparando uma terceira garfada. Levei ambas as mãos à beira da mesa e me afastei dele e do seu maldito garfo.

— Garotinha... — tentou protestar o chef. — Você precisa comer para crescer e ficar forte.

— Abra bem aberta — cacarejou alguém.

Não consegui ver quem, talvez o ministro, e ouvi Sebastian rir outra vez. *Igual ao pai*. Fechei os olhos, rápido e com força, pontos brancos dançando no interior de minhas pálpebras.

— Vou para casa agora — falei para Sebastian.

Ele não respondeu. Acho que nem mesmo olhou para trás. Eu sempre era a perdedora quando ele tinha que escolher entre mim e o pai.

— Talvez seja uma boa ideia — disse Claes, pegando a tigela de batatas para repetir o prato. — Isso está delicioso — continuou, voltando-se para o chef.

Dei quatro passos e parei bem na frente de Claes.

— Você realmente acha... — consegui dizer.

Minha garganta ardia. Minha voz mal saía. Eu ia começar a chorar em alguns segundos e precisava sair dali antes que isso acontecesse. Mas eu tinha que falar.

— Você acha que isso está certo? Você não vai fazer nada a respeito? — Engoli em seco. Eu estava ferrada. Eu já estava chorando. — Você não dá a mínima para o fato de Sebastian estar doente, de ele não conseguir lidar com... Você não vai fazer nada a respeito?

Claes olhou para mim. Ele sorriu.

— Se não vou fazer nada a respeito? — Sua voz soava fria como gelo. — Diga-me, Maja... O que você quer que eu faça? O que você acha que eu

deveria fazer e ainda não fiz? Por favor, explique-me exatamente o que eu poderia fazer.

Tentei enfrentá-lo. Tentei manter o olhar firme, mas não consegui. Será que ele diria que precisávamos conversar em particular? Que aquele não era um tema apropriado para um jantar entre cavalheiros? Não, Claes não estava envergonhado. Por que estaria? Ele nunca ficava envergonhado. Nada poderia ameaçá-lo, e não havia nada que ele não conseguisse dizer ou fazer diante do mundo inteiro. Ele se recostou na cadeira, baixou os talheres. Todos os outros também pararam de comer. Eles olharam para mim.

— Estamos ouvindo, Maja. Diga-nos o que tem em mente. Diga-nos o que você acha que devo fazer. — Ele girou o copo de vinho. O líquido amarelo rodopiou dentro da taça. Sua outra mão permaneceu imóvel ao lado do prato, e seus dedos se abriram um pouco. Ele tinha um anel de sinete no dedo mindinho, que batia sobre a mesa.

— Nada — consegui dizer. Foi apenas um sussurro. Minha garganta ardia pelo esforço. — Você não precisa fazer nada.

Então virei e fui embora. Sebastian não me seguiu.

* * *

Meus pais estavam vendo TV na sala quando cheguei em casa. Fui direto para o meu quarto. Eu não queria que eles percebessem que eu estava chorando, mas bati a porta tão forte quanto pude ao entrar. Acho que eu só queria me certificar de que eles sabiam que eu chegara, que soubessem que eu não estava dormindo na casa de Sebastian, embora eu sempre ficasse lá aos sábados. Três minutos depois, meu pai bateu à porta. Tirei a calça jeans e me enfiei sob as cobertas. Parei de chorar.

— Está tudo bem, querida?

Virei-me para a parede.

— Claro.

— Você quer conversar?

— Quero dormir.

Ele foi até a minha cama, curvou-se e afastou o cabelo do meu rosto.

— Boa noite, querida.

* * *

Na manhã seguinte, minha mãe sentou-se à minha frente quando eu estava tomando o café da manhã.

— O que está acontecendo, Maja?

Dei de ombros.

— Vocês brigaram?

Voltei a dar de ombros. Ninguém disse nada por um instante.

— Como ele está?

— Nada bem.

— Foi o que pensamos. Você quer que façamos alguma coisa?

Sim, eu quero.

— Não.

— Você tem certeza? Prometa que vai nos contar se houver algo que possamos fazer. Sabemos que não é fácil, que Sebastian tem problemas. Nós falamos com os seus professores, eles também entendem. Eles entendem que às vezes você precisa faltar às aulas. E ainda assim você está indo muito bem, eles não estão preocupados com você.

Engoli em seco.

Eles deveriam estar preocupados comigo. Estou muito preocupada comigo.

— Você está fazendo uma grande diferença, Maja. Ele precisa de você e você está ao lado dele. Na sua idade, nem todo mundo conseguiria lidar com isso. Prometa que vai nos dizer se precisar de ajuda.

— Não tem nada que vocês possam fazer.

Minha mãe sorriu. Um sorriso um pouco rápido demais, um pouco largo demais. Ela ficou aliviada. Era quase cômico ver como ela estava incrivelmente feliz por não ter que lidar com aquilo. Ao mesmo tempo, ficou satisfeita, orgulhosa de si mesma. Aquela foi uma ótima manhã para ela. Esse era o papel de mãe que ela mais gostava de interpretar. *Ouça a sua filha. Confere. Pergunte se você pode fazer alguma coisa por ela. Confere. Mostre que você se importa. Confere.*

Fazer alguma coisa? O que, por exemplo? Diga, explique, você precisa me dizer como posso colaborar. Não é minha responsabilidade. Meu Deus! Sebastian tem os próprios pais, sabe.

* * *

Eu havia prometido levar Lina para a aula de ginástica. Ela empurrou o próprio carrinho, que levávamos para que ela pudesse vir sentada no caminho de volta para casa. Ela geralmente estava cansada quando voltávamos. Samir entrou no ônibus quando passávamos perto da nossa escola. Ele hesitou quando nos viu. Estava prestes a passar por nós e se sentar mais atrás, mas, quando Lina disse oi, ele ocupou o assento à nossa frente, virou de lado e olhou para nós.

— Como vão vocês?

— Você também vai à escola nos fins de semana?

Ele balançou a cabeça.

— Esqueci o livro de matemática no meu armário.

— Que catástrofe seria ter que passar um domingo inteiro sem o seu livro de matemática — falei.

Uma pequena covinha apareceu no rosto de Samir, e de repente eu estava chorando outra vez. Eu estava cansada de chorar. Não melhorava nada. Mas era mais fácil não chorar quando Samir não estava sorrindo. Tudo era mais fácil quando ele estava mal-humorado, agindo superestranho e me tratando como lixo. Tentei sorrir de volta, para secar as minhas lágrimas sem que ele percebesse, mas não funcionou. Olhei pela janela e me inclinei para trás em meu assento o máximo que pude. Não queria que Lina percebesse.

— Ei... — tentou Samir.

Vá para o inferno. Eu odeio você. Não me olhe assim se você não me quer.

Enxuguei as lágrimas com as costas da mão.

Você é um covarde, Samir. Se você não tivesse tanto medo, poderíamos ter ficado juntos.

— Qual é o seu nome? — perguntou Lina. Ela se erguera no assento, ajoelhando-se para poder alcançar o da frente, e eu me senti tão aliviada que dei uma risada nervosa e passei a mão pelo cabelo.

Não quero mais chorar.

Samir também riu e se inclinou para Lina, o rosto a poucos centímetros do dela.

— Samir — sussurrou ele, e Lina deu uma gargalhada.

Na partida de Monopoly que eu e Samir jogávamos, Lina poderia ser o cartão “saia da prisão”. Poderíamos deixá-la balbuciar a respeito de sua visão de mundo. Não teríamos que lidar com nossas próprias porcarias enquanto ela estivesse falando.

Estou muito cansada para ficar com raiva, Samir. Ainda mais de você.

Lina fez as suas vinte perguntas habituais sobre coisa nenhuma. Samir respondeu. De vez em quando ele olhava para mim, e eu tive tempo suficiente para conter as lágrimas. Mas, então, Lina parou de falar, afundou no banco e pegou o livro que trouxera para folhear no caminho. Ela fingiu ler e uma pequena ruga apareceu na testa de Samir.

Balancei a cabeça. Dei de ombros. Baixei os olhos. Fiz todos os movimentos que você faz quando quer que a pessoa com quem está falando perceba que está tudo uma merda, que foi tudo para o inferno, mas que você não pode dizer isso porque não é o tipo de coisa que as pessoas dizem.

Eu não quero falar sobre isso. Me obrigue.

Ele assentiu.

— Você não é responsável por ele — começou a dizer.

— É — respondi. — Eu sou, na verdade.

— Ele é louco, Maja — sussurrou Samir. — E as coisas que ele faz não são menos ilegais só porque ele as faz em casa em vez de no Stureplan. Você não tem que cuidar dele. Não é responsabilidade sua.

Não são as drogas, Samir, essa não é a pior parte. Não mais. Ele se tornou uma pessoa diferente. Algo está crescendo dentro dele. À noite, ele sofre. A coisa está na cabeça dele e ele grita, simplesmente grita. O que quer que seja que está dentro dele é veneno, às vezes ele não consegue nem lidar com a luz, nem mesmo com o menor feixe de luz. Não sei o que fazer. Me ajude.

Engoli em seco, mexi no rabo de cavalo de Lina e então me inclinei e cheirei o seu cabelo. Ela usara o xampu da mamãe.

Samir assentiu. E eu pensei que ele tinha entendido. Que ele compreendia como as coisas estavam ferradas e que foi por isso que não me perguntou se havia algo que pudesse fazer. Que a razão de ele não ter perguntado se podia me ajudar era porque ele sabia como as coisas estavam ruins.

Mas eu não disse nada. Nadinha.

Lina e eu descemos duas paradas antes de Mörby. Caminhamos o último trecho até a academia, e, enquanto eu a ajudava a trocar de roupa, recebi uma mensagem de texto.

“Vai dar tudo certo”, escreveu Samir.

Eu deveria ter respondido, mas não fiz nada. Em vez disso, excluí a mensagem. Ele não entendia. Nada daria certo.

Eu não queria manter contato com Samir, porque Samir não queria nada comigo. Ele estava com medo porque era um maldito covarde.

Eu deveria ter dito: *Não, não vai dar certo*. Ou, ao menos: *Você é um maldito idiota, Samir Said*. Mas não disse.

* * *

Talvez seja por isso que tudo deu errado. Por que é claro que Samir tentaria ajudar. E talvez ele quisesse me ajudar porque sentia um peso na consciência. Samir era o tipo de cara que achava que podia ajudar. Eu deveria ter percebido isso.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Segunda semana do julgamento: quarta a sexta-feira

35.

Quando terminei de falar, foi a vez de Lena Pärsson. Como Samir não pôde comparecer ao tribunal quando esperado, a promotora principal chamou a pessoa que fez a primeira ligação para a polícia. O telefonema foi reproduzido no tribunal.

Ouvimos a voz em pânico diante dos olhos vidrados dos juízes. A voz gritava sobre um tiroteio e uma voz calma respondeu: “De onde você está ligando? Onde você está agora? Você informou as autoridades escolares? Você começou a evacuar a escola?” Podemos ouvir os sons ao fundo: alunos correndo, gritando. Podemos também ouvir a voz calma ficando cada vez mais tensa: “Estamos a caminho. Os veículos de emergência já foram acionados. Você consegue ouvi-los? Está ouvindo as sirenes? Você consegue sair do prédio?”

Ao olhar para os juízes, vi que era óbvio que a chamada de emergência os fazia sentir como *se estivessem lá*. Os sons, sons reais, o pânico, pânico real. Os gritos. Mas a ligação me pareceu exatamente o oposto: essa situação sobre a qual estamos falando e ouvindo não tem nada a ver com o que aconteceu comigo. Não consigo me lembrar de nenhum desses sons dentro da sala de aula. Essa ligação poderia ter sido a respeito de qualquer coisa, qualquer um. Poderia ter sido inventada.

Pode-me-chamar-de-Lena fez oito perguntas (eu contei) para a mulher que fizera a ligação, uma zeladora que eu não conhecia. Ela só começou a chorar a partir da quarta pergunta, mas não forneceu nenhuma informação nova, nada que eu não tivesse ouvido antes. Sander não fez nenhuma pergunta adicional.

Então, Pode-me-chamar-de-Lena convocou os três policiais que chegaram primeiro à cena do crime. Um de cada vez, eles falaram sobre o que viram ao chegar, o que sentiram quando tomaram a decisão de entrar na sala de aula, o que presenciaram lá dentro, o que tinham e não tinham feito.

Dois deles choraram — ou um deles chorou e o outro teve que pigarrear e engolir em seco algumas vezes para não chorar, algo assim. Não reconheci aquele que falou comigo e tirou a arma da minha mão, mas ele me olhou e parecia cansado. Mais cansado do que chateado ou com raiva. Ele não chorou. Mas a juíza leiga à esquerda do presidente certamente chorou. Teve até que assoar o nariz.

Sander mostrou-lhes um esboço da sala de aula e perguntou se eles poderiam confirmar que Samir e Amanda foram encontrados nos locais demarcados. Eles confirmaram.

A promotora também interrogou duas alunas que estavam no corredor quando o tiroteio começou. Eu não as conhecia, mas uma delas começou a tremer ao olhar para mim, tremer de verdade, como se eu fosse um zumbi ou, sei lá, um Charles Manson: alguém tão terrível que até mesmo estar perto de mim provocaria nela um ataque epilético. Mas quando começou a tagarelar a respeito do que ouvira falar sobre mim e Sebastian, que “todos sabiam o que eles iam fazer”, o presidente a interrompeu.

— Acho que devemos nos ater ao assunto em pauta — disse ele, e a menina, que estava fingindo que me conhecia, mas que na verdade não fazia ideia de como eu e Sebastian éramos, corou.

Sander fez três perguntas a cada uma das alunas: “Você conheceu Sebastian pessoalmente? Você conheceu Maja pessoalmente? A porta da sala de aula estava fechada?” Elas responderam: “Não. Não. Sim.”

Labbe testemunhou por vídeo. Ele se recusou a prestar depoimento caso eu estivesse na sala, e o presidente decidiu que aquilo era aceitável. Labbe disse que “todos estavam preocupados” com Sebastian, que “todos sabiam que ele tinha problemas”, e que Sebastian e eu “paramos de sair como antes”. Não mencionou que eles estavam nos evitando — menos quando queriam se divertir —, e só começou a chorar quando falou sobre a última festa. Ele explicou que viera de seu internato “porque parecia importante” e que havia dormido na casa de Amanda depois da festa. Ao contar que ficou na cama quando ela saiu para a escola na manhã seguinte, Labbe chorou ainda mais. Mal dava para ouvir o que ele estava dizendo. Fiquei feliz que ele não estivesse no tribunal. Não tive que olhar para ele. Nunca mais quero voltar a vê-lo. Sander não fez perguntas. “Obrigado”, disse o presidente quando Labbe terminou. “Obrigada”, murmurou a promotora, mas Labbe já havia desconectado.

Depois disso, Pode-me-chamar-de-Lena interrogou os peritos que trabalharam na cena do crime. Eles tiveram que explicar qual arma tinha as minhas impressões digitais no gatilho e qual tinha as minhas impressões apenas no cano. Determinaram qual arma, de acordo com a investigação, matara Amanda e Sebastian, e explicaram no que se basearam para considerar provado que eu a disparara. As perguntas de Sander trataram de ângulos de tiro, margens de erro e minha posição quando disparei a arma. Sander apresentou o relatório da investigação que encomendara e permitiu que os peritos compartilhassem suas opiniões sobre a confiabilidade do documento. Não sei se teria entendido por que ele estava fazendo todas aquelas perguntas caso eu já não soubesse que ele estava tentando demonstrar que não era incomum para alguém que não estava acostumado a armas de fogo (eu) disparar tão fora do alvo (e atingir Amanda em vez de Sebastian).

Quando acabaram de falar sobre onde achavam que eu estava quando atirei, Sander começou a discorrer sobre a bolsa em meu armário. A promotora há havia questionado se “Podemos excluir a possibilidade de Maja ter manipulado a bolsa?”, e o técnico respondeu que não.

Agora, era a vez de Sander. Ele perguntou:

— Qual a probabilidade de Maja ter segurado a bolsa sem deixar nenhuma impressão digital do lado de fora ou de dentro?

— Não é muito provável.

Depois disso, chegou a hora dele discutir a “bomba”. No relatório da investigação, aquilo fora chamado de “material explosivo”. Na acusação da promotoria, o “material explosivo” fora mencionado como um fator indicativo de que Sebastian e eu planejávamos “uma destruição ainda mais extensa” e que “um ataque ainda maior à escola não poderia ser descartado como seu objetivo”. Os investigadores conseguiram rastrear a “bomba” até dois trabalhadores de construção civil que fizeram algumas obras na casa de Claes Fagerman. Na verdade, era apenas uma “meia bomba”, por assim dizer, porque não tinha detonador. O relatório da investigação dizia que Sebastian possivelmente havia roubado aquelas coisas quando os operários estiveram lá para destruir uma pedra que estava no caminho do que se tornaria a casa de barcos dos Fagerman. Ou talvez tenham sido deixadas para trás e Sebastian as guardara para seus próprios fins. De qualquer modo,

os caras não denunciaram o roubo nem admitiram que foram negligentes com os materiais.

A promotora argumentou que a “bomba” indicava que Sebastian e eu estávamos planejando o ataque já havia algum tempo, mas Sander tinha uma opinião diferente. O fato de Sebastian e eu nem mesmo sermos um casal quando a casa de barcos de Claes foi construída era apenas uma de suas objeções. Sander também queria que os peritos admitissem que o objeto em meu armário nunca representou uma ameaça. Não podia ser detonado, ao menos não no estado em que se encontrava na escola. Assim, aos olhos de Sander, era inconsistente discutir a “bomba” e seu propósito, já que aquilo nem sequer poderia ser definido como uma bomba.

A promotora alegou que Sebastian não sabia que o artefato era inútil. Que o fato da bomba ser ou não funcional era “imaterial para o motivo”. Ela e Sander discutiram em relação a isso durante algum tempo, até que o presidente os interrompeu e disse que “a especulação a respeito da visão de Sebastian sobre a funcionalidade do objeto em questão pode ser deixada de lado”. Ele achava que não interessava se Sebastian era idiota o bastante para pensar que a “bomba” era funcional.

Sander fez mais perguntas ao técnico. Suas respostas foram longas. Não entendi metade. Mas quando o juiz pergunta aonde Sander pretende chegar, “considerando que as acusações apenas abrangem os crimes de fato executados”, meu advogado fica impaciente.

— Dado que toda essa investigação criminal baseou-se na suposição totalmente injustificada de que minha cliente planejava arrasar a própria escola, acredito que seja de vital importância mostrar que (a) minha cliente não pode ser vinculada a nenhuma bolsa ou a seu conteúdo e (b) o conteúdo da bolsa nunca representou qualquer perigo.

Depois disso, o juiz principal permitiu que ele continuasse com sua linha de interrogatório. Mas ainda acho que aquilo foi idiotice da parte de Sander, porque o juiz pareceu irritado o tempo todo. Ele emitiu suspiros profundos e bem audíveis e chegou a olhar para o relógio, o que nunca fizera até então.

Terminado o assunto da bomba, Sander passou para “a falta de provas que liguem a bolsa, o cofre de armas e as outras armas de fogo encontradas na cena do crime à minha cliente”.

— Qual a possibilidade de Maja ter preparado a bolsa, aberto o cofre de armas e manipulado as outras armas de fogo?

— É uma possibilidade que não pode ser descartada.

Uma ruga apareceu na testa de Sander.

— Você encontrou as impressões digitais dela em qualquer outro lugar que não na alça da bolsa? No zíper? No interior? Você encontrou as impressões de Maja no cofre de armas? Nas outras armas de fogo?

Não. Não. Não, não, não.

Sander parou de fazer perguntas depois disso, mas a ruga não desapareceu. E o presidente ainda parecia irritado.

Não creio que essa parte específica do julgamento tenha sido muito boa para nós.

Os médicos-legistas falaram sobre as autópsias. Qual a idade das vítimas (Dennis devia ter entre quinze e vinte anos), onde morreram (Dennis, Amanda e Christer foram declarados mortos na sala de aula, Sebastian morreu na ambulância, a caminho do hospital) e como eles morreram (não bastava dizer que foram baleados, eles precisavam explicar exatamente quais danos as balas causaram e como eles sabiam quais feridas foram fatais e quais não foram).

À medida que os peritos testemunhavam, eu os observava. Examinei atentamente o rosto deles. Queria ver se o modo como falavam, coçavam o nariz, mordiam o lábio inferior ou afastavam o cabelo do rosto poderia me dar pistas para a resposta de um enigma insolúvel.

Não funcionou. Aquilo só me fez ter vontade de vomitar.

* * *

Pedi a Sander que me deixasse sair do tribunal enquanto a mãe de Amanda estivesse testemunhando, mas ele se recusou. A mãe de Amanda pediu que eu me sentasse na sala anexa e assistisse ao seu testemunho por vídeo, mas o presidente negou seu apelo. E Sander também protestou, mesmo que eu tenha dito a ele que achava que assim seria menos desagradável.

A mãe de Amanda teve que se sentar não muito longe de onde eu estava, meio que na diagonal, de lado para mim. Ela estava pálida e havia perdido metade do cabelo. Fora de magra a um palito. Eu quase não a reconheci. A promotora deixou-a falar sobre a filha por um longo tempo: quem ela era, o

que ela gostava de fazer, seus planos pós-formatura. O juiz não lhe pediu para se ater ao assunto em pauta.

Ela não precisou falar a respeito de quando Amanda morreu, porque, é claro, não estava presente, mas mencionou que achou estranho que Amanda e eu tivéssemos passado cada vez menos tempo juntas naquela primavera, que a filha lhe dissera que Sebastian e eu preferíamos ficar sozinhos, e que ela, a mãe de Amanda, estava preocupada: preocupada comigo e com Sebastian, mas nunca com Amanda.

Quando chegou a hora de Sander fazer as suas perguntas, achei que nada mais aconteceria. Se eu havia entendido alguma coisa sobre as suas táticas era que ele nunca fazia uma pergunta a menos que estivesse certo da resposta. Achei que era óbvio que ele desejaria que a mãe de Amanda parasse de falar o mais rápido possível.

Contudo, ao ouvir o que ele perguntou, tive vontade de puxar o seu braço e pedir que ele retirasse a pergunta. *Você não vê como ela está me olhando?*, eu queria dizer. *Você não vê como ela me odeia? Ela gostaria que eu estivesse morta em vez de Amanda.* Nunca vi alguém me odiar tanto. *Você não consegue ver isso?*

— Você acha que Maja machucaria Amanda de propósito? — perguntou Sander. Sua voz soou completamente blasé.

Algumas lágrimas escorreram pelo rosto da mãe de Amanda antes que ela pudesse responder. Então ela olhou diretamente para mim.

— Não — disse ela. — Maja jamais faria isso. Maja amava Amanda.

A prisão feminina

Segunda semana do julgamento: o fim de semana

36.

Eu me recuso. Fico em minha cela o fim de semana inteiro. Não há a menor chance de eles me fazerem sair “para espaiar”, me convencerem a vestir as roupas de ginástica e pedalar naquela bicicleta ergométrica quebrada, ou a “falar com alguém”. Tenho vontade de vomitar só de pensar em deixar uma qualquer em seu último ano de psicologia ficar sentada ali verificando as suas anotações sem fazer uma única pergunta (já que a lista que precisa preencher não inclui perguntas de verdade, apenas coisas a respeito das quais deve “ficar atenta”).

Ela está dormindo mal? Demonstra sinais de nervosismo? Ansiedade? Mudanças de humor repentinas? Está espumando pela boca?

Fico deitada em minha cama. *Demonstro sinais de mudanças de humor.* Vão ter que me colocar em uma camisa de força se quiserem me tirar daqui antes que seja hora de voltar ao tribunal. Eu me recuso.

* * *

Amanda foi sepultada em um sábado às três horas da tarde, cinco semanas depois de eu tê-la matado. O funeral foi realizado na capela de Djursholm.

Amanda e eu fomos crismadas na capela de Djursholm durante o verão entre a oitava e a nona série. Usávamos batas brancas idênticas sobre nossos vestidos igualmente brancos. O dela era Chloé, o meu era Stella McCartney. O dela era novo, minha mãe encontrou o meu em uma loja de roupas usadas em Karlaplan. Mas eram quase idênticos. Saia rodada, curtos na medida certa, de algodão brilhante. Cada uma usava uma cruz de ouro branco em uma corrente fina e extralonga. Já havíamos ganhado presentes de nossos pais naquela manhã: cada uma ganhou um relógio, da mesma marca, só modelos diferentes, e rimos daquilo, do fato de nossos pais serem tão

parecidos e fazerem as mesmas coisas patéticas ao mesmo tempo sem nem sequer precisarem combinar. Mas, principalmente, ríamos do fato de Amanda e eu sermos tão parecidas que poderíamos ter sido irmãs. Meu pai chegou a dizer isso quando fomos buscar Amanda para que nós duas pudéssemos chegar à igreja com uma hora de antecedência.

Vocês duas poderiam ser irmãs.

Não houve nenhum teste, é claro. Não estávamos nervosas. No acampamento de confirmação correu o boato de que teríamos que estudar, que talvez nos fizessem uma pergunta na igreja e, se não déssemos a resposta certa, seríamos reprovadas. Mas todos acabaram sendo crismados. Todos preparamos pequenas encenações da Bíblia, e começamos cada uma dizendo quem interpretaríamos e segurando o riso enquanto os outros se apresentavam. “Oi, meu nome é Jacob e vou interpretar uma pessoa comum.” “Oi, meu nome é Alice e vou ser Jesus.”

Algumas crianças escolheram ler um versículo da Bíblia. Amanda foi convidada a fazer um discurso “espontâneo” sobre “algo importante que ela aprendera”, e ela leu o que escrevera sobre “por que mentir é ruim”. O padre lera o texto de antemão e fizera algumas correções, sem admitir que queria controlar exatamente o que ela diria.

* * *

Aqui na prisão também há um padre. Tem cicatrizes de acne no rosto e sapatos com solas de borracha de seis centímetros de espessura. Também não tenho intenção de falar com ele. Planejo ficar na cama o fim de semana inteiro, esperar o café da manhã de sábado, depois o almoço e, finalmente, o jantar. Dormir. E repetir tudo nas vinte e quatro horas seguintes.

A semana que vem é a última. “Depois, vai ter acabado”, diz Susse quando vem me “desejar um bom fim de semana”.

Claro que vai.

* * *

É impossível lavar sangue. Certa vez, fui ao teatro com minha mãe para assistir àquele tédio atordoante chamado *Macbeth*. O sangue deixa uma

mancha, não importa a força que você use para esfregá-lo. E se você esfregar forte o bastante, acabará fazendo um buraco na sua pele e, então, sairá mais sangue. Nunca termina. A mãe de Amanda jamais vai me perdoar. Eu nunca vou me perdoar.

E quanto a você? O que pensa? Sei o que você fez e o que continua fazendo: perde tempo tentando me encaixar na imagem daquilo que pensa que eu sou. Você se recusa a reconhecer que não me encaixo em nenhum molde, positivo ou negativo. Não sou uma conselheira estudantil bem-sucedida, uma vítima de estupro corajosa, uma típica assassina em massa ou uma estilista decentemente esperta e elegante. Nunca chamo um táxi de salto alto. Não tenho tatuagens nem memória fotográfica. Eu não sou a namorada de ninguém, a melhor amiga de ninguém, a filha de ninguém. Sou apenas Maja.

Você jamais vai me perdoar.

Aposto que você é do tipo que passa por um mendigo na rua e pensa: esse cara poderia ser eu, e fica com os olhos úmidos porque é uma pessoa muito empática e muito boa. E pensa coisas como *Qualquer um pode ficar doente e É preciso muito pouco para ser pego em meio a uma crise econômica e acabar sendo demitido e Ah, esse cara poderia ser eu*. Com a calça imunda, cabeça baixa, esperando por alguns trocados, comprando café no McDonald's. Você quer demonstrar empatia. *Porque é o que as pessoas boas fazem*. Você quer ser uma pessoa boa. Mas, na verdade, só está fingindo. Não acredita que aquele mendigo poderia ser você. E, além disso, é o auge do egoísmo pensar que você deve se sentir pessoalmente afetado para experimentar empatia. A empatia é o completo oposto. Trata-se de achar que aquela criatura nojenta e desprezível, que cheira a merda e não tem nada em comum com você, não deveria precisar viver assim. Porque não importa o que ele tenha feito, ninguém merece viver em um colchão mijado. Se você fosse empático de verdade, saberia que isso também se aplica a mim.

* * *

Samir diz que eu queria que Amanda morresse, que eu atirei nela de propósito. Desde o primeiro interrogatório, ele disse que viu claramente

quando eu aponte e atirei, que achava que eu havia sido influenciada por Sebastian, que ninguém no meu mundo era mais importante do que Sebastian, que eu fazia tudo o que ele dizia, que eu sacrifiquei a minha vida por ele, que matei Amanda e Sebastian porque o meu próprio namorado me mandou fazer aquilo.

“Quem são esses ‘vocês’?”, perguntei para Samir antes que tudo acontecesse.

“Você simplesmente não entende”, respondeu ele.

Eu acho que vocês estão do lado de Samir porque gostam mais dele do que de mim. E acham que isso os torna pessoas melhores. O destino de Samir os impressionou. Ele é aquele com quem vocês se identificam. Eu sou apenas uma vagabunda rica.

* * *

Tomo um comprimido para dormir às onze da manhã e estou dormindo quando o almoço chega. Mas eles me deixam em paz; até agora eles me deixaram em paz. Claro, de vez em quando conferem como estou, mas não o suficiente para que fique claro que estou sob monitoramento intensivo.

Eles sabem que ouvir o depoimento da mãe de Amanda me deixou “perturbada”. Eles sabem que “precisam” me deixar em paz, mas ainda têm que me manter “sob vigilância” porque eu posso ser um perigo. Um perigo para mim mesma, já que estou sob “grande pressão”.

Mas a minha bandeja de almoço mais recente incluiu um conjunto completo de utensílios de plástico. Uma faca e um garfo para tentar enfiar goela abaixo caso eu tivesse energia para tanto.

Um dos guardas apareceu com os jornais da tarde, deixou-os em minha mesa e voltou a sair.

Ele não disse nada sobre os jornais, o que provavelmente significava que não há nada ali a meu respeito. Em geral eles me dizem isso logo.

“Quer ler?”, perguntam, apontando para a manchete (sempre na primeira página), e, na maioria das vezes, eu quero. Quando minha resposta é negativa, eles levam os jornais quando vão embora. Mas hoje ninguém diz nada. Eu deixo os jornais onde estão. Porque, mesmo que esse guarda não tenha dito nada, pode ser que tenha alguma coisa sobre a mãe de Amanda

ou a mãe de Sebastian ou alguma outra maldita mãe. E se há algo com que eu não consigo lidar agora é com uma merda assim.

* * *

Durante o depoimento dos médicos-legistas, Lena Pärsson exibiu na tela o relatório da autópsia de Amanda. Ela o leu em voz alta. Leu em voz alta os lugares onde minhas balas atingiram Amanda e o que fizeram no corpo dela. Usou um desenho da sala de aula para nos mostrar onde o cadáver de Amanda estava caído e onde eu estava sentada quando a polícia entrou. Ela chegou a trazer a arma para o tribunal — estava em um saco plástico fechado com fita adesiva. As balas, cinco ao todo, estavam separadas em dois pequenos sacos plásticos, um para Amanda, outro para Sebastian. Ela também as trouxe. Contei silenciosamente até cinco: um, dois, três... passa muito tempo... quatro, cinco... Como eu pude disparar tantos tiros?

Ela não trouxe o corpo de Amanda. Ele já foi cremado e enterrado.

* * *

Eu fiquei deitada na minha cela no dia do funeral de Amanda. Ninguém me interrogou. Eles me deixaram em paz durante todo o fim de semana. Não creio que tenha sido para demonstrar alguma consideração. Não creio nem que soubessem que eu sabia que era o funeral de Amanda e que seria “difícil” para mim. Provavelmente foi mera coincidência. E eu só era interrogada todos os dias no início, depois eles se acalmaram. Sabiam onde eu estava e sabiam que eu não iria a lugar algum, então não havia motivo para trabalharem nos fins de semana.

Naquele dia, achei que os guardas que entravam e saíam me lançavam olhares superestranhos. Talvez eles soubessem que era o dia de Amanda, talvez aquilo estivesse em todos os jornais, talvez fosse a primeira página de algum deles ou matéria principal nos dois maiores canais do país. Mas eu não tinha autorização para ler o jornal naquela época, e eles não me disseram nada, apenas me olharam.

Mas eu sabia que dia era. Sander me dissera, e eu não havia esquecido.

Passei o dia do funeral de Amanda sentada no chão da cela. Depois do almoço, chamei o guarda quatro vezes para saber que horas eram e, quando me disseram que eram duas e trinta, comecei a contar em silêncio. Um Mississippi, dois Mississippi... até sessenta. Trinta vezes. Quando eu tive quase certeza de que eram três horas, coloquei para tocar as músicas que eu havia preparado. Minha mãe tinha me mandado meu iPod antigo. Demorou quase duas semanas para que eu o recebesse, porque a polícia teve que se certificar de que eu não teria como acessar a internet e teve que ouvir todas as músicas para conferir — só não sei realmente o quê, embora eu suponha que estivessem procurando mensagens ocultas inseridas entre as músicas chatas no estilo “moça rouca com um espaço entre os dentes” da minha mãe e o repertório de meia-idade do meu pai, que dizia algo como “ouço isso porque queria mesmo era ter uma guitarra e um probleminha com drogas”. Ou então precisavam ter certeza de que não havia nada ali que enfim me levasse a querer me matar. Depois da inspeção, eles me entregaram o iPod e eu o escutei durante o funeral de Amanda. O funeral na capela onde fomos crismadas, vestidas como irmãs.

Além da música que eu já tinha, minha mãe conseguiu baixar minhas três listas mais ouvidas do Spotify. Dessas, a polícia retirou três músicas inocentes, mas deixou duas que provavam que, se alguém *realmente* tinha escutado todas aquelas músicas para se certificar de que nada ali me induziria ao suicídio, essa pessoa era muito burra. Mas não reclamei. As únicas músicas que eu seria capaz de tolerar eram as que mais doíam.

Quando achei que eram três horas, me deitei no chão da cela. Não havia muito espaço, de modo que tive que me deitar em diagonal, com os pés debaixo da cama. Então, imaginei a capela. Cheia de gente. Como toda a escola, todos, todos, todos eles, estavam lá. Estavam vestidos de branco, assim como eu e Amanda em nossa cerimônia de crisma, e trouxeram flores. Os pais e os dois irmãos de Amanda cumprimentavam as pessoas à porta. Eles já haviam chorado tudo o que podiam. Agora, pareciam cansados e confusos. Sobretudo Eleonora, a filha mais nova. O irmão de Amanda estava irritado. Não havia espaço suficiente para todos na capela, o que obrigou aqueles que não haviam sido especificamente convidados a ficar do lado de fora. Eles ficaram em pé com suas flores junto à entrada dos carros. Aqueles que não conheciam Amanda o suficiente para entrarem na igreja choravam. Eles choravam e se abraçavam enquanto as equipes de

TV filmavam e as portas da igreja se fechavam. Aqueles que mais choravam e se abraçavam esperavam sair na foto para poderem ver nos jornais como estavam tristes.

Minha mãe, meu pai e Lina não puderam ir ao funeral de Amanda. Também não puderam enviar flores nem um cartão. Com certeza seriam enxotados ou queimados: qualquer gesto do tipo teria sido considerado uma provocação.

Mas eu ainda podia sentir, em todo o meu corpo, Lina puxar a mão de nossa mãe e perguntar *Mamãe, posso ir? Eu quero dar uma flor para Amanda*, e minha mãe responder: *Não, querida, você não pode ir*. Mesmo que tenha acontecido apenas na minha imaginação, eu conseguia sentir aquilo. Conseguia ouvir as palavras que minha mãe jamais diria em voz alta para Lina: *Eles não querem você lá*.

É estranho como o meu corpo se lembra. Lembro-me da sensação de abraçar meu pai quando eu era pequena, de pressionar meu nariz contra o osso do seu quadril, com os braços ao redor de suas pernas. Lembro-me da sensação de quando ele se curvava e me levantava para poder me abraçar. Lembro-me da sensação de suas mãos em volta da minha cintura. Mas não consigo me lembrar exatamente quando ele fez isso. Não consigo me lembrar da primeira ou da última vez, nem de uma vez específica. Não consigo lembrar o suficiente para que pare de doer.

Será que Lina sabe que Amanda está morta? Será que ela implorou, *por favor, por favor, posso dizer adeus a Amanda?* O meu corpo dói quando penso nisso. Será que meu corpo pode sentir coisas que nunca aconteceram ou isso significa que ela realmente perguntou?

* * *

Em nossa crisma, li um versículo da Bíblia. Eu mesma o escolhi. Amanda e eu passamos uma noite inteira deitadas em um colchão desconfortável tentando encontrar um bom versículo. Lucas, João, Salmos ou Eclesiastes: essas foram as sugestões do padre. Havia um trecho nos Salmos sobre Deus “quebrando o queixo de todos os meus inimigos”, arrancando-lhes os dentes ou algo assim. Amanda e eu rimos daquilo. Rimos histericamente da maioria dos versículos. Havia algo na linguagem, na expressão do padre e

nos gestos de Amanda. Era impossível levar aquilo a sério. E só piorou quando o padre quis discutir a maneira como Jesus lavou os pés dos discípulos (“Ele está demonstrando o seu amor, isso é sobre você também!”). Eu não conseguia olhar para a expressão de nojo de Amanda sem cair na gargalhada.

Eu tenho uma Bíblia em minha cela. Durante minha segunda ou terceira semana, alguém (provavelmente Susse) perguntou se eu queria falar com o capelão da prisão. Eu disse que sim. Sempre foi mais fácil dizer sim em vez de não. Deixar o tempo correr, ser guiada pelos corredores, entrar nos cômodos que o guarda apontar, sentar-me nas cadeiras oferecidas, beber do copo ao meu alcance.

O capelão da prisão me deu uma Bíblia, que eu trouxe para a cela. Enquanto estou deitada no chão pensando no funeral de Amanda, eu a retiro da prateleira e a folheio. Amanda e eu tínhamos encontrado um trecho sobre alguém que “concebe sofrimento”. A pessoa “gera a maldade”. Aquilo incha e cresce até ela dar à luz toda aquela desilusão. Nós também rimos disso. Então lemos um bando de aleluias, cantamos louvores e glorificamos o Senhor, e Amanda levantou-se da cama com a Bíblia em uma das mãos e a outra no coração, e quase me mijeiei de tanto rir. A Bíblia tem um monte de besteiras. Eu pensava assim naquela época e tenho certeza disso agora, porque o cara com o mal interior *caiu em seu próprio buraco*, ele, e ninguém mais, sofreu por causa da maldade que trazia dentro de si. O padre que nos crismou achava que Deus era justo e bom, e leu os versículos nos quais o cara mau morreu e foi para o inferno, e eu me pergunto o que diabos o padre do funeral de Amanda disse a respeito do “Deus justo e imparcial que ama as crianças”.

O mal não ataca com justiça. Na verdade, ninguém cai no próprio buraco.

E, na segunda-feira, daqui a menos de dois dias, será a vez de Samir falar.

* * *

Nunca consegui pensar em Amanda por muito tempo. Eu não conseguia me lembrar de nossa crisma até me deitar no chão, tentando imaginar o seu

funeral. E também não fui capaz de pensar no funeral até aquele dia.

Do lado de fora de minha janela, o tempo parecia ótimo. No fim das contas, talvez eu devesse pedir para sair um pouco. Eu poderia me deitar na faixa de cimento e fumar. Nevara no fim de semana anterior, então, quando saí para o exercício, a neve estava lá, me provocando, branca e repleta de esperança. No dia seguinte, transformou-se em uma calda acinzentada, escorregadia como catarro, e o vento feria a minha pele, como cacos de vidro no rosto. Naquele momento, porém, seria mais fácil respirar lá fora. Ao menos um pouco mais fácil do que na cela.

Ainda tenho a lista de reprodução que fiz para o funeral de Amanda. As músicas que dançávamos. As músicas que cantávamos juntas, tão alto que ficávamos roucas. As músicas das quais conhecíamos todas as letras. Se alguém as tocasse, nós duas corríamos para a pista de dança, só eu e ela, e íamos à loucura. Músicas que jamais seriam tocadas em uma igreja.

Em nossa crisma, li em voz alta sobre quando Jesus correu para a igreja para “ficar com o seu pai” e seus pais ficaram preocupados porque não sabiam onde ele estava.

Quando terminei de ler, tive que dizer algo (em “minhas próprias” palavras, algo em que o padre me “ajudou”) sobre como era importante passar algum tempo sozinho quando você é adolescente. E que a igreja poderia ser o lugar ideal para isso.

Se eles me pedissem para escolher agora, eu teria lido a parte sobre a ausência de sentido. Essa é a única parte que é verdadeira. *Nada faz sentido*. Vivemos perseguindo o vento. Nós nunca conseguimos o que queremos. O padre disse que eu deveria ler algo que me fizesse sentir como se eu estivesse falando sobre mim, sobre a minha vida. Eu deveria ter lido aquela parte e ignorado a que fala sobre se regozijar na juventude. Porque isso é uma besteira.

* * *

Acabo tocando a campainha. Vou pedir para ir ao pátio. Levar o iPod, ouvir as nossas músicas e fumar até ficar enjoada.

Na noite anterior ao acontecido, quando o pai de Sebastian mandou todos — menos eu — embora, naquelas poucas horas antes dos

assassinatos, Amanda beijou a ponta dos dedos e acenou em minha direção enquanto atravessava a porta e descia a escadaria. Fingi pegar o beijo com a palma da mão e pressionei-a contra o peito. Dramática, nerd, boba, teatral, assim como Amanda.

Essa foi a penúltima vez que nos olhamos nos olhos, e tudo ao nosso redor era caos. Sebastian estava louco, Claes, Samir, Dennis e todos os outros estavam loucos, e Amanda me mandou um beijo para dizer *Tudo bem, Maja, tudo vai dar certo*, e eu entrei no jogo porque não queria revelar que ambas sabíamos que ela estava enganada, que estava redondamente enganada e que nada voltaria a ficar bem.

Amanda tentou me consolar. Eu menti para ela. Para ser legal, eu acho. Ela sempre foi legal comigo. Ela era legal com todo mundo, até mesmo com Sebastian, mesmo muito tempo depois de todos os outros terem parado de se importar.

Sempre.

Mas espere, você está pensando agora. Espere um segundo.

Você falou sobre o quanto não gostava de Amanda. Você desprezava Dennis. Você confessou odiar Claes Fagerman.

Você está sussurrando: *Além disso, você não é qualquer uma. Existe uma razão para você estar sentada nessa cela.* Porque você não quer pensar que *poderia ser você*. Quer que tenha algo de errado com a minha mente. Você quer ter certeza de que não tem nada em comum comigo. Você nunca pensaria o que eu penso, nunca faria o que eu fiz, nunca diria o que eu disse — meu Deus, é tão importante para você pensar que o que aconteceu comigo jamais aconteceria com você, porque, afinal, eu mereço isso, caí no buraco que eu mesma cavei. Eu estava obcecada por Sebastian, eu era incapaz de sentir empatia, mimada, não tinha noção da realidade e talvez fosse até viciada, podemos fingir que esse é o caso, certo?

Você não é obcecado, você não usa drogas, você teria chamado a polícia, você não sou eu.

Por que Sebastian me escolheu? Tem que haver um motivo! Por que ele veio até mim no hotel naquela noite? Por que foi atrás de mim em Nice? Por que ele ficou? Por que ele tentou se matar quando terminei com ele?

* * *

Alguém falou que a coincidência é a maneira de Deus permanecer no anonimato. Qualquer coisa significativa é resultado do acaso. Isso é verdade quer você tenha nascido rico ou pobre, mulher ou trans, se você se vira como artista ou ganhou vinte e cinco milhões na loteria. Apenas uma coincidência. Você precisa jogar para ganhar. Mas se isso é verdade, se o bem só entra pela porta dos fundos, das formas mais específicas possíveis, então isso também deve se aplicar ao mal.

Eu diria que a coincidência é a prova de que Deus não existe. Porque eventos realmente terríveis podem ser planejados ou acontecer graças à hereditariedade, mas também podem ser atribuídos a coincidências. Podem tender ao comum.

O mal não tem significado. Essa é a própria definição de mal. Mas só porque algo dói não significa que o motivo da dor é o mal.

Fiz coisas que causaram dor a muita gente, do tipo mais profundo, da pior maneira possível. Não entendo qual foi o significado das mortes de Claes, Christer, Dennis, Amanda e Sebastian. Ou o significado da minha sobrevivência. Ou como, na tentativa de salvar Sebastian, acabei ajudando-o a matar e a morrer. Eu não entendo isso. Não há nada para entender. Mas eu não sou má. Talvez também não seja boa, mas vocês se recusam a reconhecer isso, porque são incapazes de sentir empatia.

Quando o guarda chega, pego os jornais na minha mesa e peço que ele os leve embora. Não quero ler nada daquilo. Quero que ele tire daqui todas as matérias sobre melhor atendimento psiquiátrico para adolescentes, controle de armas nas escolas, câmeras de vigilância e revistas de drogas. Digo que quero sair para o período de exercício. “Vou verificar o horário”, diz ele antes de ir. Ele está irritado, mas não pode dizer não. Se fizer isso, Ferdinand jogará a Anistia em cima dele.

Então eu me deito na cama, pego o ridículo cobertor amarelo, me enrolo virada para a parede e choro. Pela milésima vez, eu choro.

Eu sei que disparei o tiro que matou Amanda, mas eu só queria viver, só queria deter Sebastian, queria que ele parasse de fazer o que estava fazendo, foi por isso que atirei nele. Eu matei Sebastian, é verdade, eu o matei e queria matá-lo, mas o que mais eu poderia fazer? Eu queria tê-lo matado no primeiro tiro, eu queria não ter atirado em Amanda. Desejo isso mais do que tudo o que já desejei na vida, mas eu nunca tinha usado um rifle como aquele. Eu já havia atirado em pombos de cerâmica algumas vezes, mas

aquelas armas são pesadas e têm um gatilho lento. Já na sala de aula foi muito fácil, quase não tive que fazer nada. Apenas peguei a arma e, quando meu dedo tocou naquela coisa, pensei que tinha que tirar a trava de segurança, ou não sei o que pensei, mas simplesmente apertei aquilo — cinco vezes, porque é isso que diz o relatório da investigação —, e não matei Sebastian no primeiro nem no segundo tiro, mas o matei, e antes disso matei Amanda, e o que importa que tipo de pessoa sou, que tipo de impressão eu causo, o que aconteceu, por que ou por que não? O que eu fiz é o que importa, essa é a única parte que tem significado. E eu matei Amanda.

* * *

Amanda nunca mais vai dançar. Nunca mais vai cantar. Nem vai ouvir músicas das quais ela não gosta de verdade, mas que sabe que “deveria” gostar.

Eu adorava que Amanda me mandasse beijos pelo ar e me fizesse pegá-los. Ela era superficial, boba, egoísta e não tinha noção da realidade, e eu a amava. Claro que sim. Ela era a minha melhor amiga. Eu nunca seria capaz de machucá-la. *Nunca, nunca, nunca*. Mas, mesmo assim, foi o que eu fiz.

Sebastian

37.

Não sei o que dizer sobre as últimas semanas. Os dias passaram. Sebastian piorou. E piorou. Fui à escola com mais frequência, porque ele não exigia mais a minha companhia o tempo todo. Mas eu apenas ficava sentada nos fundos da sala de aula e, quando saía do colégio, voltava para a casa de Sebastian, mesmo que ele não tivesse me pedido. Alguns dias ele me dava uma carona até a escola. Chegou a assistir às aulas uma ou duas vezes. Em algumas outras, ficava sentado do lado de fora do colégio, esperando eu sair. De vez em quando, um professor se aproximava e perguntava como ele estava. Ele respondia “tudo bem” e o professor dizia que ele tinha que começar a frequentar as aulas. Ele assentia e, então, os dois se despediam.

Christer tentou fazê-lo “entrar na linha”. Depois, resolveu que alguns alunos da nossa turma deveriam fazer uma apresentação teatral na assembleia do último dia de aula. Foi uma ideia de última hora, não tínhamos noção se conseguiríamos improvisar um número decente, mas, de acordo com Christer, aquilo ajudaria a resolver os “conflitos identificados” que existiam “em nosso grupo”. Ele organizava aquele tipo de coisa todos os anos e sempre foi muito “apreciado”. Amanda adorou a ideia. Dennis provavelmente enfiou na cabeça que poderia ser algo bom para seu pedido de residência. Samir faria qualquer coisa que um professor pedisse. Mas Sebastian achou que era uma piada de mau gosto. Christer foi insistente: “Ao menos venha à primeira reunião e conversamos sobre o que podemos fazer. Estou aberto a sugestões.” No fim das contas, houve apenas uma reunião.

Outros professores chamaram Claes para falar sobre o “problema” de Sebastian. Pelo menos foi o que disseram mais tarde, quando a polícia perguntou. De acordo com o relatório da investigação, o diretor chegou a procurá-lo “em alguns momentos críticos”. Não conseguia se comunicar com ele, Claes era “difícil de contatar”, mas o diretor deixou mensagens e uma carta foi enviada à casa de Sebastian. Como ele não passaria de ano de

novo, a escola era obrigada a informar os pais, mesmo que Sebastian já fosse maior de idade.

Segundo o relatório da investigação, a carta do diretor foi encontrada no escritório de Claes quando a casa foi revistada. Estava fechada.

E quanto à mãe de Sebastian?

Sander a encontrou. Assim como os jornais. Há fotos dela do lado de fora do prédio onde mora, tiradas por paparazzi, e a transcrição de seu depoimento no relatório da investigação. Eu sei que Sander pensou em convocá-la, fazê-la falar no tribunal, porque eu sei que ele achava que ela poderia esclarecer o que acontecera entre Sebastian e Claes, que poderia explicar que o relacionamento deles estava condenado desde o início (essas não são palavras de Sander), que ele poderia fazê-la contar “o que havia de errado com Claes”, explicar por que ele era um pai monstruoso (essas também não são palavras de Sander), por que ele fez o que fez e o que isso provocou em Sebastian. Ferdinand achou que era uma péssima ideia. A questão é: se Ferdinand odiasse alguém mais do que me odeia, acho que esse alguém seria a mãe de Sebastian. Ela disse que aquilo seria “demais”. Acho que o que Ferdinand quis dizer foi que, qualquer que fosse a explicação de déssemos, não havia como contornar o fato da mãe de Sebastian ser uma egoísta idiota e do pai de Sebastian ser emocionalmente perturbado. Talvez não fosse uma boa ideia pedir que a mãe dele testemunhasse “por mim”, porque não importava o que ela dissesse: ninguém desejaria estar ligado àquela megera. Seria como ter a mãe de Hitler como testemunha de caráter.

Acho que, no início, Sander pensou que ela poderia confirmar a sua teoria de que Sebastian não precisava de mim para convencê-lo a matar o pai. Mas, então, abandonou a ideia. Ele deve ter pensado que o desagrado que todos sentiriam assim que aquela babaca tentasse explicar por que abandonou os filhos seria transferido para mim. Então, a mãe de Sebastian foi autorizada a desaparecer outra vez, para longe, muito longe.

Mas eu li o depoimento dela. Em que falou, principalmente, de si mesma. Sobre como não conseguia viver com Claes (estou com ela até aí), que no início ela pensou que poderia “curá-lo” (isso parece uma frase vinda de algum terapeuta), fazê-lo amá-la — mesmo que ele não fosse “muito bom com as emoções” (provavelmente, mais palavras de terapeuta) —, mas depois foi “forçada” a deixá-lo, momento em que ele “se recusou” a

permitir que ela ficasse com os filhos para “se vingar”. “O que eu podia fazer?”, disse, uma pergunta retórica que ela mesma tinha que responder se quisesse obter a resposta que queria: “Não havia nada que eu pudesse fazer. Claes se recusou e eu não tinha como lutar contra ele.”

Lukas se recusou a cooperar, tanto com os investigadores quanto com Sander. Não aceitou falar com ninguém. Ele assumiu o Grupo Fagerman e acertou as contas com todas as vítimas e familiares. Mas não vai falar. Nem uma palavra.

Após Sander apresentar a história do Malvado Claes Fagerman, os jornais escreveram sobre a sua educação em internatos, tutores em vez de pais, empregados em vez de familiares. Psicólogos que não conheciam Claes, Sebastian ou Lukas opinaram que o patriarca nunca deve ter conseguido se relacionar com os filhos porque nunca lhe fora permitido se relacionar com os próprios pais. Também disseram que Sebastian provavelmente herdara esse mesmo comportamento do pai. Um deles chegou a mencionar a boa e velha teoria da “criança negligenciada que sofre em sua mansão”, mas Sander jamais recorreria a tal clichê — ele é mais esperto do que isso. *Temos que nos concentrar no que você fez e pelo que você pode ser responsabilizada. Os problemas de Sebastian não são juridicamente relevantes, a não ser na medida em que enfatizam a sua inocência.*

Para a imprensa, no entanto, os problemas dele são relevantes. E muito.

Fiquei curiosa a respeito da mãe de Sebastian e da razão de ela ter deixado os filhos. Se ela estava doente ou era viciada em drogas, se havia algum outro motivo. Talvez seja por isso que ela não deu nenhuma Entrevista Exclusiva Sobre a Verdade Por Trás de Tudo para o Repórter Mais Importante do Mundo. Porque ela não tem motivo nenhum. Ela não deu nem uma única entrevista. Claro, talvez ela tenha coisas a esconder, coisas das quais se envergonhe, coisas que Claes sabia e com as quais a ameaçou. Ou talvez ela esteja mentindo. Talvez ela não quisesse os filhos, talvez tenha forçado Claes a ficar com eles, não sei. Ou talvez ela morresse de medo dele e fosse oprimida e odiada, como Sebastian. Ninguém sabe. *Não é juridicamente relevante.*

Mas ainda é importante para mim. Parte de mim quer acreditar que ela amava os filhos, que era algo que ela não podia evitar. Quero que tudo seja culpa de Claes, assim ele realmente teria merecido morrer. Quero acreditar

que Lukas também é uma vítima, que ele tem tanto medo de Claes quanto todos os outros. Mas o que sei com certeza é que nem a mãe de Sebastian nem Lukas estavam presentes, nem quando Sebastian precisou deles nem nas últimas semanas. Eu era a única. E ter que lidar com isso foi demais para mim.

Às vezes eu tentava fazer algo além de estar com Sebastian. Às vezes eu queria fugir dele. Porque o Sebastian calmo e entorpecido que voltou do hospital para casa já havia sido trocado por uma pessoa diferente. Às vezes, ele estava furioso, em outras, ausente. Um dia ele podia gritar comigo e me dizer que eu era uma idiota por ter ido até a sua casa sem ligar antes e, no seguinte, desligava o telefone e depois me dava uma bronca por tê-lo deixado de lado, por não estar preocupada com ele, com o que ele estava fazendo, por ignorá-lo, por ignorar tudo. Então, de vez em quando, eu decidia ir à cidade com Amanda, ler uma história para Lina, jantar com a minha família. Mas me esquecera de como fazer aquelas coisas. Aquelas eram as minhas pessoas de sempre e passar tempo com elas deveria ser algo que não exigiria muito pensamento, tão automático quanto respirar ou dormir quando você está cansada, mas elas me pareciam estranhas. Então, eu as evitava. Parei de responder aos telefonemas de Amanda, ia me deitar quando havia outra pessoa em casa e ficava sentada sozinha na escola quando me dava ao trabalho de ir até lá.

* * *

Na Páscoa, meus pais saíram da cidade com Lina. Eu disse que iria para Antibes com Claes e Sebastian, mas Sebastian e eu ficamos em casa. Não nos aventuramos no exterior. Na maior parte do tempo, ficamos na casa da piscina, pedindo comida, fumando e ouvindo músicas escolhidas por Sebastian. Dennis aparecia de vez em quando, mas geralmente não ficava muito tempo. Quando meus pais voltaram e eu encontrei com eles, ambos me perguntaram como tinha sido o nosso feriado.

— Tudo bem.

— Você está bem? — perguntou minha mãe.

— Mais ou menos — respondi enquanto ia até o meu quarto. — Acho que estou ficando doente.

Eles não me fizeram mais perguntas. Não acharam estranho o fato de eu estar mais pálida do que alguns dias antes.

O que estava acontecendo?

A verdade é que não houve mesmo um momento decisivo naquelas últimas semanas, ninguém disse nada que fizesse uma diferença crucial, que fizesse tudo mudar. Os dias passavam e a vida não era ótima. Era horrível, mas um dia terminava e outro começava e, às vezes, Sebastian não estava chapado, não estava agindo como um louco, não ficava furioso, e, às vezes, eu achava que estava me sentindo um pouco melhor. Contudo, olhando para trás, talvez eu só achasse que as coisas estavam melhorando porque não estavam visivelmente piores.

Muitos (muitos mesmo) daqueles dias eram horríveis. Em especial os fins de semana. Fins de semana em que as únicas pessoas que eu via durante quarenta e oito horas eram Dennis e Sebastian. Mas pior ainda era quando Claes estava em casa.

Tentei fazer com que Sebastian entendesse isso, mas ele não queria entender e não fez nada a respeito. Quanto pior ele ficava, mais perverso seu pai se tornava. Claes Fagerman lançava um insulto após o outro de uma forma notavelmente blasé, o que só os tornava muito piores. Ele mantinha essa postura de quem não se importava, aí Sebastian piorava um pouco, e Claes conseguia se importar ainda menos. Às vezes, eu achava que ele queria que Sebastian se matasse, porque isso resolveria o problema. Problema que ele mencionava sempre que podia, inclusive: *O que diabos devo fazer com você?*

* * *

Depois do jantar com o chef, quando tentei repreender Claes, acabei entrando em sua Lista de Idiotas. Pelo visto, porque eu não conseguia impedir Sebastian de fazer o que estava fazendo e não conseguia fazê-lo se comprometer com qualquer coisa que ele não quisesse. Claes parou de me cumprimentar quando topávamos um com o outro, falava de mim na terceira pessoa e não me olhava nos olhos. Ele me desprezava porque eu estava com o filho dele.

Sim, acho que foi culpa de Claes. Se ele fosse uma pessoa diferente, se ele não tivesse feito o que fez e dito o que disse, aquilo jamais teria acontecido. Eu disse para Sander: eu queria que ele morresse. Todas as palavras que eu disse e repeti e escrevi em minhas mensagens foram sinceras. Eu achava que Claes Fagerman merecia morrer, porque ele era o pai de Sebastian e deveria amá-lo.

Sander diz que isso não me torna culpada do assassinato. Ele diz que a promotora deve ser capaz de demonstrar que eu “persuadi” Sebastian a matá-lo. Que ela deve demonstrar que houve uma “relação de causalidade” entre as minhas palavras e ações e o que Sebastian fez, precisa mostrar que tais coisas estão interligadas, que uma não teria acontecido sem a outra. Não basta nem mesmo o fato de eu ter *desejado* que Sebastian matasse Claes, já que Sebastian o mataria de qualquer modo, não importando o que eu pensasse.

Para Sander, é óbvio que Sebastian decidiu matar o pai *por causa da* maneira como Claes o tratava.

A última festa se encaixa no modelo dele. Ela ajuda a entender o que aconteceu. Sander acredita que as ações de Claes — ter expulsado Sebastian de casa, mandado ele se mudar, desaparecer, sumir — foram a gota d’água para Sebastian. Ele não tinha para onde ir, estava se saindo mal na escola, todos os fatores que compunham a sua identidade lhe foram tirados. E eu permito que ele diga isso no tribunal. Mas a verdade, aquela que Sander só consegue adivinhar, não pode ser explicada de forma tão pedagógica.

“Fale sobre a primeira vez que Sebastian bateu em você”, pediu Sander quando prestei depoimento. Ele queria que todos ouvissem aquilo, porque soava horrível e Sander queria que o tribunal sentisse pena de mim. Eu contei a história, mas não mencionei que não foi grande coisa, ou, ao menos, que não foi grande o bastante. Deixei-os pensar em uma situação horrível.

Estávamos na casa de Sebastian. Foi logo depois da Páscoa. Quando cheguei, Claes e Sebastian estavam sentados na cozinha, “planejando” a “festa de formatura” de Sebastian (“Não tenho certeza se estarei na Suécia nesse fim de semana, você precisará pedir a Majlis que resolva os detalhes práticos.”). Eu não disse uma palavra enquanto Claes estava por perto, mas, assim que ele saiu, não aguentei.

Nós brigamos, não porque estava claro que Sebastian não se formaria — não brigávamos por esse tipo de coisa —, mas porque eu estava furiosa por ele ter permitido que Claes continuasse fingindo que não havia nada de errado, desde que ele não tivesse que fazer um discurso em homenagem a Sebastian no jantar. Claes não se importava com o custo da festa de formatura, ele pagaria qualquer coisa. Mas não havia como ele estar presente.

— Não entendo por que deixa ele tratar você como um merda. Ele odeia você, Sebastian, sempre odiou. Você não merece ser tratado assim.

Eu disse isso mesmo sabendo que Sebastian estava chateado. Vi quanta dor aquilo lhe causara, o que Claes dissera, saber que ele jamais conseguiria deixar seu pai orgulhoso, ou mesmo satisfeito, ouvir que seu pai o odiava. Mas, mesmo assim, eu disse. Adiantou? Não. Sebastian estava sempre sendo punido, nunca cuidado. Talvez eu tenha dito aquilo porque queria deixá-lo ainda mais perturbado. Eu estava sendo cruel e sabia disso, mas disse assim mesmo.

Eu o estava incitando. Eu o estava incitando contra o próprio pai.

Então, Sebastian me deu um tapa no rosto. Ele não disse nada, não doeu tanto assim, mas corri e me fechei no banheiro, embora a porta não tivesse tranca. Não havia como trancar os banheiros da casa dos Fagerman desde que Sebastian voltara da ala psiquiátrica.

Fiquei ali sentada por um tempo antes de ele se aproximar. Quando eu o ouvi chegando, segurei a maçaneta o mais forte que pude. A porta se abria para dentro, mas Sebastian não a empurrou, não tentou forçá-la, mesmo sabendo que funcionaria, já que ele era mais forte que eu. Demorou um pouco até eu descobrir o que ele estava fazendo, talvez alguns minutos até que o calor passasse do lado dele para o meu lado da maçaneta de metal. Sebastian a estava aquecendo. Usando um maçarico da cozinha, ele estava esquentando a maçaneta até ela ficar branco incandescente. Ele não disse nada no meio-tempo, nem mesmo tocou na porta, e quando fui forçada a soltar, ele simplesmente usou o quadril para abri-la.

Ele veio até mim e ergueu o meu vestido, que ficou preso ao redor do meu pescoço. Então, soltou o meu sutiã e olhou para mim no espelho.

— Não podemos fechar a porta? — murmurei.

Eu conseguia ouvir Claes no andar de baixo. O faxineiro também estava lá, alguém estava usando o cortador de grama, e tenho certeza de que os

seguranças estavam em seus postos habituais na entrada. Sebastian não respondeu. Ele nem parecia irritado. Seu rosto estava inchado, tinha bolsas escuras sob os olhos e parecia cansado, mas não com raiva. Ele desabotoou a calça, abriu a braguilha, tirou a calça e me bateu com as costas da mão, um golpe apático, bem na minha têmpora. Seu relógio atingiu uma das minhas maçãs do rosto, quase na orelha. Deitei-me no chão, contra o azulejo frio. Deixei-o arrancar a minha calcinha, com o vestido ainda enrolado ao redor do meu pescoço. Ele chupou um dos meus mamilos e agarrou o outro seio com a mão. Apertou, puxou. Eu não queria ser estuprada e não fui estuprada, porque peguei a mão dele e levei-a até a minha vagina. Ele enfiou dois dedos dentro de mim, eu o senti contra a minha coxa e levantei o pé. Eu não queria que ele me forçasse a nada, então apoiei os pés na borda da banheira e ele me penetrou. Não demorou muito para terminar. E ele foi embora logo depois.

* * *

Quando Sander me pediu que falasse sobre a vez em que Sebastian me bateu, eu concordei. Mas não mencionei que o que senti quando aquilo aconteceu foi uma sensação de alívio. Que meu sangue borbulhou, minha cabeça trovejou, que eu de fato acreditei que estava no controle. Que ele não poderia mais fazer nada comigo caso me batesse. Se no fim das contas ele me espancasse, todos veriam, todos perceberiam o tipo de pessoa que ele era, e isso me livraria de alguma coisa, talvez até mesmo dele. Eu teria um motivo para ir embora e nunca mais voltar. Ninguém me pediria para cuidar dele, confortá-lo, segui-lo. Até mesmo eu perceberia que deveria deixá-lo. Você deve ir embora na primeira vez em que alguém lhe bater. Você nunca fica com alguém que seja fisicamente violento, não importa quantas vezes ele implora perdão. Todo mundo sabe disso.

Mas Sebastian nunca se desculpou. Meu rosto inchou um pouco, mas quase não dava para notar. Se eu não o tocasse, nem mesmo doía. Ninguém notou o que aconteceu. E, afinal: para onde eu iria?

38.

Chegou a última noite. Foi na última semana de maio. Não houve festa de formatura — o fato nunca voltou a ser mencionado depois do que aconteceu no banheiro. Sebastian não fora à festa de Labbe (nem eu), apesar de ter sido convidado, e não achei que ele iria na de Amanda.

Em uma quinta-feira qualquer, com aula no dia seguinte, Sebastian decidiu que faria uma festa. O ar estava com um cheiro especial naquela tarde. O céu estava mais azul do que o habitual, e isso me deixou feliz. De repente, lembrei-me de como o verão poderia ser e, por um breve instante, pensei em noites ao ar livre, churrascos, nadar pelada e andar descalça.

— Vem muita gente? — perguntei.

— Não muita — respondeu Sebastian.

Estava quente, mais de vinte e cinco graus. Achei que poderíamos ir até a piscina ou talvez ficar junto à água caso a temperatura permanecesse estável, bebendo sem ficar bêbados, conversando, ouvindo música. Quase parecia o verão anterior. *Quase?* Quando “não tem nada melhor para fazer” era o que bastava para Sebastian. Quando “vamos fazer uma festa” era algo divertido. Sander acreditava que Sebastian já havia se decidido, que aquela era, literalmente, a sua “última noite”. Que talvez as atitudes de seu pai o tenham feito mudar do mero suicídio para o que acabou acontecendo, mas que Sebastian já havia planejado ao menos a própria morte. Os investigadores não encontraram nenhuma prova que indicasse o que Sebastian planejara, se é que planejara alguma coisa. E Sander só pode especular. Ninguém sabe. Mas acho que ele está certo.

Dennis foi o primeiro a chegar. Trouxe dois amigos. Sebastian não me disse que Dennis viria, mas não fiquei surpresa, talvez nem mesmo desapontada. Só não consegui entender por que o garoto tivera permissão para trazer amigos. Nunca estivéramos com os amigos dele antes. A princípio, os sujeitos ficaram no terraço e à beira da piscina. Não pareciam tímidos. Apenas riam, como se não pudessem acreditar no que estavam vendo, mas não de uma maneira positiva.

Então, chegaram umas garotas que eu nunca vira antes. Elas não eram convidadas, estava claro que tinham sido contratadas. Elas custavam caro, mas não muito (o que também era óbvio), e aguardavam novas instruções enquanto seguravam copos de bebida.

Achei que fora Dennis quem as trouxera, mas foi Sebastian quem as cumprimentou, embora Dennis tivesse sido autorizado a ir primeiro.

— Primeiro vocês, rapazes — disse Sebastian.

Dennis estava de bermuda e se curvou para puxar a meia do pé esquerdo. O elástico estava frouxo, mas ele tentou puxá-la de volta ao lugar. Ele tirou o boné e colocou-o de cabeça para baixo sobre a mesa da sala de jantar. Eu não estava tão perto, mas ainda assim pude ver a marca escura deixada pelo suor em sua cabeça. Dennis e seus amigos entraram no quarto de Claes. *Mas não Sebastian, pensei, Sebastian nunca.* Ele não fazia esse tipo de coisa.

Primeiro vocês, rapazes. Então, eu afundei. Direto na areia movediça. Olhei para uma das garotas. A que estava mais perto de mim tinha um furo na meia-calça preta. Estava muito quente para usar meia-calça, e aquilo estava prestes a se transformar em um rasgo. Ela baixou o copo de bebida, a unha do polegar roída até o sabugo, e eu queria que ela me olhasse, mas não fez isso. Se ao menos ela me olhasse, se eu pudesse ver os olhos dela, ela se tornaria real, uma pessoa de verdade, alguém que importava, e eu poderia ficar furiosa, triste, louca de ciúme, *fugir dali*, mas ela me evitou e entrou no quarto com as outras duas, e eu fui afundando cada vez mais. Eu podia sentir o cheiro de seu suor e de seu perfume barato, mas não fiz nada. Não gritei. Não chorei. Eu não podia fazer nada, porque senão eu me afogaria.

Sebastian entrou depois que Dennis e os amigos saíram, acho que uns vinte minutos depois. Não perguntei por quê. Eu não disse: *Não faça isso.* Não chorei. Labbe e Amanda haviam acabado de chegar. Antes de fechar a porta, Sebastian se virou e me encarou. Seus olhos estavam escuros, já mortos.

— Você não vem?

Ele não esperou pela minha resposta e fechou a porta ao entrar.

Não bati em ninguém, não espumei de raiva. Eu não entrei no quarto atrás deles e resgatei a minha vida. Eu não conseguia me mover. Sebastian não me queria mais. Ele estava decidido.

Ele queria morrer em paz. Foi assim que ele a deixou, Maja.

Dennis riu de mim quando viu o meu rosto, ele riu alto, boca aberta e cabeça inclinada para trás. Ele tirou um pequeno saco plástico de dentro de sua bermuda horrorosa e pegou o que havia ali dentro. Não era maior do que um selo. Seria tão pouco esforço, tudo o que eu tinha a fazer era deixar rolar. Eu poderia esquecer tudo aquilo. Sebastian não me queria. *Você não vem?*, perguntou. *Saia daqui*, era o que ele queria dizer. *Não há mais nada que você possa fazer, Maja*. Eu não conseguia me mover. Se eu deixasse rolar, meu queixo afundaria na areia movediça e eu poderia deixar a escuridão vir. Um poço de escuridão.

— Abra bem a boca — disse Dennis.

Olhei para ele. *Ele entendeu*, pensei. *Ele sabe o que fazer para evitar que você se afogue*.

* * *

Mais tarde, a mansão estava cheia de gente. A música na casa da piscina estava altíssima. Sentei-me na borda com os pés dentro d'água. Alguém instalara luzes de discoteca, e flashes de luz voavam pela sala, subindo e descendo pelas paredes, depois entrando em minha cabeça, onde explodiam. Eu me deitei na borda da piscina, meu vestido molhado de um lado, e observei o seu brilho. Alguém jogara uma garrafa de champanhe na água, e aquilo oscilava fora do ritmo da música. Brilho à superfície, pequenas faíscas em minha mente, chamas turquesas altas, gigantescas. Eu precisaria tomar outra coisa em breve, porque o efeito daquilo que Dennis me dera estava prestes a terminar.

* * *

Não sei quanto tempo fiquei ali. A música se embaralhava, eu a sentia no peito, tentando forçar uma saída. Não importava o que Sebastian estava fazendo, eu não me importava, mas consegui vê-la, embaçada a princípio.

— Amanda — chamei, ou ao menos tentei.

Ela não me ouviu. Sussurrei para mim mesma. “Amanda”. Ela poderia me ajudar, me arrastar para fora dali. Me ajudar a tomar outra coisa, me ajudar a buscar Sebastian, me ajudar a ir para casa.

Ela estava de mãos dadas com Labbe e ambos olhavam em volta, procurando por alguém. Somente quando Labbe agarrou o ombro dele, fazendo com que se virasse, foi que eu o vi.

Samir. Com o telefone na mão. Então, percebi que ele estava filmando.

Sebastian estava de costas para Samir. Ele estava batendo carreiras no chão e duas das três prostitutas, nuas, estavam ajoelhadas para cheirá-las. Sebastian pegou uma das garotas pelo quadril, erguendo sua bunda, e forçou a virilha contra ela. Dennis riu.

Samir ainda estava filmando.

Eu não sei como me levantei, mas Labbe me agarrou antes de eu conseguir pegar o telefone. Acho que não gritei, mas Amanda também me segurou e ambos me arrastaram para outra sala. A música estava muito alta, e a última coisa que vi foi que era a vez de Sebastian cheirar duas carreiras. Ele pegou os restos com a língua, depois voltou-se para a outra garota e deixou que ela a lambesse.

Acho que eu estava chorando. Samir deve ter-nos seguido. Ele ainda segurava o telefone e olhava para mim.

— Precisamos dar um basta nisso.

Será que foi Amanda quem falou? Talvez. Ou então Samir.

— Precisamos fazê-lo cair em si.

Com certeza era Samir. Maldito Samir. Ele queria fazer alguma coisa, *a coisa certa*. Socorro. Ah, meu Deus. Ele não deveria estar lá. Se Sebastian não estivesse *ocupado*, Samir jamais teria entrado. Ele não podia fazer aquilo, não resolveria os problemas de Sebastian. De repente, fiquei com medo. Completamente aterrorizada. E, pela primeira vez, era por minha causa.

Chamar a polícia seria atirar merda no ventilador.

— Você não pode fazer isso. — Agora eu estava gritando. — Você não pode chamar a polícia, você não pode denunciá-lo. Eu não vou permitir. Se você chamar a polícia... — Comecei outra vez. Meu coração estava disparado, batendo rápido demais. — Se você chamar a polícia, Sebastian não será o único a se ferrar.

— Precisamos fazer alguma coisa. Ele não pode continuar assim.

Peguei o meu telefone. Foi tudo muito rápido, no automático. Como se eu quisesse que aquilo acontecesse. Como se eu tivesse planejado. Seleccionei o número de telefone e entreguei o aparelho para Samir.

— Ligue para ele. Em vez de chamar a polícia, ligue para ele!

Será que eu achei que ele ousaria ligar? Eu estava preparada para forçá-lo. Qualquer um, menos a polícia. Samir discou o número em seu telefone.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Talvez tenha sido nesse momento que me dei conta do que eu tinha feito, do que aquilo significaria. Samir parecia orgulhoso, desdenhoso. Seus olhos estavam repletos de um ar de *você nunca pensou que eu faria isso*, e tive vontade de bater nele.

— Que diabos você está fazendo?

A música estava muito alta. Tão alta que tínhamos que gritar para ouvir um ao outro. Ainda assim, ouvi o barulho: o som da mensagem de texto saindo do celular de Samir para o telefone pessoal de Claes.

Samir não escreveu nada. Apenas anexou o arquivo, o vídeo que ele acabara de filmar. *Seu maldito idiota*, consigo pensar agora. *Chame a polícia. Chame a polícia*, quero gritar da minha cela. *Peça a ele para chamar a polícia. Exija que ele chame a polícia. Se ao menos você tivesse chamado a polícia*. Levou apenas dez minutos para que o inferno se instalasse.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Terceira semana do julgamento: segunda-feira

39.

Quando Samir entra no tribunal, não parece diferente de seu antigo eu. Ou quase: ele parece mais magro, um pouco mais velho de algum modo. Não olha para mim ao se sentar. Mas eu olho para ele. Eu olho, olho e olho, e, pela primeira vez desde o início do julgamento, sinto algo que não se parece com pânico. Seu cabelo está mais comprido do que o habitual e ele passa a mão sobre sua calça jeans bege, como se estivesse suando. Ele pigarreia demais para que ninguém perceba que está muito nervoso.

Samir está vivo. Realmente está, não era conversa fiada. Ele sobreviveu, e está sentado aqui, tão perto que eu poderia me levantar e tocá-lo. Não importa que ele esteja aqui para dizer que matei Amanda de propósito — o importante é que ele está vivo.

A promotora começa. Ela permite que Samir fale sem interrupção.
— Conte-nos com suas próprias palavras...

* * *

Samir conta por que ele frequentou o ensino médio na nossa escola, como conheceu Sebastian, Amanda e Labbe, como me conhecia, *quão bem* me conhecia, como ele, Amanda e Labbe estavam preocupados com Sebastian e comigo, como decidiram “fazer alguma coisa” e o que aconteceu na festa.

* * *

Os seguranças chegaram primeiro. Quando Claes Fagerman chegou, trazia ainda mais seguranças com ele. Samir diz que um deles pegou o seu telefone. Em troca, Samir ganhou um novo, melhor, lacrado.

O antigo celular de Samir (e o de Claes) fazem parte das provas. Já tínhamos assistido ao vídeo (e a outro que Samir filmara um pouco antes, mas que não enviou para Claes), e agora a promotora volta a reproduzi-los. Dá para ver como eu estava chapada, dá para ouvir como eu fico histérica quando percebo que Samir está filmando. “Que merda você está fazendo? Você enlouqueceu?”, eu grito. O clipe termina com meu rosto suado no quadro. A promotora me deixa olhando para a plateia por um longo instante antes de desligar a imagem.

Samir fala sobre o caos. Como Claes perdeu o controle e passou de seu eu distante e gelado para o extremo de arrastar Sebastian para fora do quarto onde ele estava com as prostitutas. Sebastian estava pelado. Claes deu um soco na cara do filho na frente de todos, e quando ele caiu no chão, chutou sua barriga.

— Três vezes, eu acho — diz Samir. — Talvez apenas duas. Não estou certo.

Um dos seguranças afastou Claes de Sebastian e outro saiu do quarto de Claes com Dennis e as prostitutas. Dennis estava totalmente fora de si, segurando a bermuda com uma das mãos, seu pau de minhoca inchada escondido entre as coxas gordas, quase azuis.

Samir diz que um dos seguranças de Claes o levou para casa. Ele pediu que fosse deixado antes de chegarem ao seu prédio, para que seus pais não vissem o carro, mas o segurança insistiu. Os pais de Samir não perceberam nada.

Leva quase cinquenta minutos para Samir contar sua visão do que aconteceu na sala de aula no dia seguinte. A promotora faz todas as perguntas com uma voz um pouco mais tranquila do que a habitual. Cada vez que Samir começa a chorar (três vezes), o juiz pergunta com a mesma voz baixa se ele precisa fazer uma pausa. Ele apenas balança a cabeça e se esforça para manter a voz sob controle. Ele quer sair daqui, quer acabar com isso, e repete tudo o que disse em seu depoimento quase que literalmente, as exatas mesmas palavras. Ele está “certo” de que “sabe o que viu”, o que eu fiz.

Quando é a vez de Sander, a testa de Samir está brilhando. Ele tem pontos rosados em cada face, logo acima do local onde suas covinhas costumam aparecer. Ele parece irritado mesmo antes de Sander fazer a primeira pergunta.

A voz de Sander também é gentil, mas ele fala em seu volume habitual:

— Ao ser interrogado pela primeira vez, você disse que várias horas se passaram até a polícia chegar.

— Hum.

— Você se lembra disso?

— Pareceram várias horas.

— Na realidade, não foi nem meia hora, certo? Eu tenho o relatório aqui, e diz que a sala de aula foi aberta de quinze a dezessete minutos após o último tiro ser disparado, ou dezenove minutos depois que os primeiros tiros foram disparados.

— Isso importa?

— Você também disse que a primeira pessoa a ser baleada foi Christer.

— Sim, mas...

Sander baixa a voz.

— Você também retirou tal declaração na vez seguinte em que foi interrogado.

— Eu ainda estava muito fora do ar. Eu tinha acabado de sofrer uma cirurgia. Eles me interrogaram enquanto eu ainda estava no hospital... Eu estava...

— Eu entendo, Samir. Sei que não foi fácil para você. Mas, nas primeiras vezes em que foi interrogado, você disse muitas coisas em relação às quais depois se retratou.

— Isso não é verdade.

— Quantos dias se passaram antes de você ser interrogado?

— Quatro.

— Sua família esteve com você durante esses quatro dias?

— Sim.

— Vocês falaram sobre o que aconteceu, não é mesmo?

— Eu não falei muito.

— Porque você estava mal, eu sei. Seus registros médicos indicam que você recebeu muito remédio para dor. Sei que você não estava se sentindo bem. Mas sua mãe e seu pai... eles conversaram com você a esse respeito?

— É claro que conversamos a respeito. Não entendo por que isso seria um problema.

— Você precisa responder a pergunta, Samir.

— O que minha mãe mais fazia era chorar, ela só chorava.

— Em qual idioma você fala com os seus pais?

Ele hesita.

— Árabe.

Panqueca entrega alguns documentos para Sander. Ele os pega, vai até a última página e prossegue.

— Falamos com a equipe do hospital. Uma das enfermeiras disse que você perguntou o que aconteceu com Maja. — Sander se volta para o presidente enquanto Ferdinand lhe entrega cópias da transcrição do depoimento da enfermeira. — Ela também fala árabe.

— Hum.

— E ela nos disse o que seu pai respondeu.

— O que há de errado nisso? Por que meu pai não deveria me responder caso eu fizesse uma simples pergunta?

— Você se lembra do que ele disse?

— Que ela foi presa, creio eu.

— A enfermeira disse que seu pai respondeu que a polícia havia levado Maja sob custódia e que Maja merecia apodrecer na cadeia pelo que ela tinha feito.

— É tão estranho assim meu pai estar furioso e achar que Maja deveria ser punida pelo que fez?

— Seu pai lhe disse que a polícia encontrou uma bolsa no armário de Maja. Também disse o que havia dentro da bolsa, certo?

— Por que não diria? A polícia também disse, eles encontraram a bolsa no armário de Maja. Meu pai deveria mentir para mim?

— Seu pai lhe disse que Maja e Sebastian agiram em conjunto, que ela e Sebastian haviam realizado o tiroteio juntos.

— Eles fizeram aquilo juntos.

— Seu pai lhe disse isso dois dias antes da polícia o entrevistar pela primeira vez, certo?

— Eu não sei. Talvez sim. Mas ele estava apenas me contando os fatos, ele não inventou nada, foi...

— Eu não acho que seu pai inventou tudo isso. Acho que ele leu nos jornais e acreditou no que leu. Maja estava na prisão e seu pai não é o único a pensar que uma adolescente dificilmente seria presa caso não fosse culpada. Acho que você caiu na mesma armadilha, e que todas as suas

lembranças do interior da sala de aula, tudo o que você não entendeu enquanto acontecia, foram coloridas pelo que você ouviu mais tarde.

— Então, você acha que estou inventando? Conversa fiada. Maja foi presa porque atirou em sua...

Sander parece triste ao interromper Samir.

— Seu pai, na verdade toda a sua família, todos aqueles que o visitaram no hospital, foram avisados de que a informação sobre o caso estava sujeita a uma ordem de não divulgação. Você sabe o que isso significa?

— Sim.

— Significa que eles não estavam autorizados a discutir nada relacionado ao caso com você.

— Meu pai não discutiu nada comigo.

— E a razão pela qual seu pai não tinha permissão para falar sobre Maja, sobre o que ele havia lido nos jornais ou sobre o que acreditava saber era que a polícia queria se certificar de que você não seria influenciado por qualquer coisa que ouvisse sobre o crime ou sobre Maja. Eles queriam interrogá-lo antes que você pudesse formar uma interpretação do que ocorreu.

— Eu formei uma interpretação do que ocorreu porque eu estava lá quando ocorreu. Por que eu inventaria...

— Eu não acredito que você tenha inventado conscientemente, Samir. Mas acredito que você queira... que, acima de tudo, você queira entender a sua experiência traumática, e essa invenção parece a mais lógica.

— Meu pai nunca me disse que Maja e Sebastian estavam trabalhando juntos.

Sander o olha com ceticismo.

— Mas ele disse que ela estava presa.

— Sim.

— Ele lhe disse por quê?

— Ele não precisava dizer...

— Não, talvez não precisasse. Estou certo de que bastava dizer que Maja estava sob custódia para que você pudesse elaborar o que a polícia suspeitava que Maja fizera. Mas ele falou, Samir. Seu pai disse o que leu nos jornais e aquilo que ele estava convencido de ser a verdade. Tenho aqui comigo o depoimento da enfermeira que ouviu a sua conversa. Podemos

chamá-la, se você quiser. Ela ouviu como seu pai estava perturbado e o que ele queria fazer com Maja, porque ela “tentou matá-lo”.

— Não é tão simples assim... Meu pai queria que eu soubesse que...

— Eu entendo, Samir. Na verdade, é exatamente sobre isso que quero conversar com você. Como não é assim tão simples explicar o que aconteceu.

Sander deixa a frase pairar no ar enquanto toma um gole d'água.

— Como você percebeu que foi baleado?

— Ele... Sebastian atirou em Dennis e depois em Christer e então... — Samir pigarreja. — Ele disse... — Samir começa a chorar, pigarreja outra vez. — “Você vai morrer”, foi o que ele disse. Então atirou. Eu pensei que tinha morrido.

Ele chora por um instante.

Sander o deixa terminar e, então, continua:

— Onde Maja estava quando Sebastian atirou em você? Você se lembra?

— Junto à porta.

— Ela estava empunhando uma arma à essa altura?

— Não sei.

— Mas Maja não atirou em você?

Samir resmunga.

— Eu nunca disse que Maja atirou em mim. Mas ela...

— Quando você percebeu que ainda estava vivo?

— Quando ouvi eles dois conversando.

— Eles quem?

— Maja e... Maja e Sebastian.

— Você disse durante o interrogatório que... — Sander lê seu documento em voz alta: — “O que me salvou foi eles pensarem que eu estava morto.”

Samir ergue a voz:

— Se eles tivessem percebido que eu não estava morto...

Sander baixa a voz:

— Você se fingiu de morto para não ser baleado outra vez.

— Sim.

— Você fechou os olhos?

— Não completamente.

— Então você estava olhando?

— Eu olhei sem abrir os olhos completamente, sim. Sim, eu conseguia ver bem o bastante.

— Você não teve medo que eles percebessem que você estava olhando?

— Eu estava aterrorizado. Nunca tive tanto medo na vida.

— Você estava sentindo dor?

— Nunca senti tanta dor na minha vida.

— Deve ter sido difícil ficar imóvel e se fingir de morto.

— Não tive escolha.

— Durante o interrogatório, você disse que... — Sander pega outra folha de papel e lê: — “Eles fizeram isso juntos.” O que, exatamente, eles fizeram juntos?

— Eles...

— Quando Sebastian atirou em Christer, Dennis e você... Maja também estava atirando?

— Não. Ela...

— Ela estava segurando uma arma a essa altura?

— Não, acho que não. Eu não sei.

— Mas ela tinha uma arma quando Sebastian disse para ela... O que foi mesmo que ele disse?

— Ele disse: “Vá em frente. Você sabe que precisa fazer isso.”

— E você sabe a que ele estava se referindo?

— Matar Amanda.

— Maja afirma que, quando Sebastian disse para ela “ir em frente”, ele queria que ela o matasse, que ela deveria matá-lo para que ele não a matasse.

— Então, por que Maja matou Amanda? Por que ela teria atirado em Amanda a menos que Sebastian tivesse mandado ela atirar?

Sander não diz nada por um instante. Mas não por achar que Samir tem razão. É porque ele quer a atenção irrestrita de todos.

— Você compareceu quando a polícia fez uma reconstituição do tiroteio.

— Sim. E quando...

— Mas você não esteve na reconstituição que nós fizemos.

— Não. Não fui convidado. E o que importa? Eu estava lá quando...

— Você sabe o que o sujeito que interpretou o seu papel, ou seja lá como se chama aquilo, disse ser capaz de ver do lugar onde você estava deitado?

— Como posso saber?

— Ele disse que não conseguia ver Maja.
— Eu conseguia ver Maja.
— Ele não conseguia ver Maja. Para ver Maja, precisava virar a cabeça. Mas, se ele virasse a cabeça, não conseguia mais ver Sebastian. Ele não podia ver Maja e Sebastian ao mesmo tempo. Nem podia ver Maja e Amanda ao mesmo tempo. Você virou a cabeça para ver Maja?
— Eu não sei. Talvez.
— Você estava se fingendo de morto, certo?
— Sim.
— Você estava deitado o mais imóvel possível?
— Sim.
— Você sabe o que mais disse o sujeito na nossa reconstituição?
— Como diabos posso saber?
— O sujeito que o representou em nossa reconstituição também disse que, daquela posição, não parecia que Amanda e Sebastian estivessem de pé na mesma linha de tiro, parecia que estavam um ao lado do outro. Mas, do ponto de vista de Maja, ou seja, de uma perspectiva diferente, Sebastian estava em frente a Amanda, mais para o lado. Você acha que o que você viu poderia parecer diferente do que Maja estava vendo?
— Maja atirou em Amanda.
— Nós sabemos que Maja atirou em Amanda, Samir. Mas não sabemos por que Maja atirou nela.
— Imagino que para matá-la.
— Você está certo disso?
— Elas não tinham... não estavam... Sebastian e Maja ficaram totalmente... — Samir volta a chorar. — Amanda disse que Maja havia parado de ligar para ela, que não saíam mais, que ela estava agindo de modo estranho. Amanda estava preocupada com ela, mas Maja não queria nada com Amanda. Ela só queria ficar com Sebastian. Estava obcecada por ele. Ela não se preocupava com mais nada além de Sebastian.
— Você alguma vez ouviu Maja dizer que queria que Amanda morresse?
— Não.
— Amanda lhe disse que tinha medo de Maja?
— Não. Mas não entendi o que Maja pretendia... Não entendi até aquele dia na sala de aula.

— Quando os paramédicos chegaram à cena... a primeira a examiná-lo, enquanto você ainda estava na sala de aula, declarou que você estava inconsciente.

Samir deu de ombros.

— Você estava?

— Acho que sim.

— Você se lembra de quando foi retirado da sala de aula?

— Não.

— Porque você estava inconsciente?

— Sim. Eu nunca aleguei lembrar o que aconteceu depois que os paramédicos chegaram.

— Quanto tempo você ficou inconsciente?

— Não muito.

— Falamos com o seu médico, e ele diz não ser impossível que você tenha perdido a consciência logo após ser baleado.

— Eu não perdi a consciência.

— Você tem certeza disso?

— Eu sei o que vi.

— E o que viu?

— Eu vi Maja apontar para...

— Mas você não podia ver Maja e Sebastian de onde estava deitado. Ou Maja e Amanda. A não ser que você tivesse virado a cabeça, é claro, mas você disse que não fez isso porque não queria correr o risco de eles perceberem que você ainda estava vivo. Nem poderia ter visto se Maja estava mirando em Sebastian ou em Amanda, porque você estava no ângulo errado.

— Sebastian disse...

— Ele disse: “Você sabe que precisa fazer isso”, a própria Maja afirmou isso. Mas você sabe *por que* ele disse isso?

— Eu...

— Você precisa ser cuidadoso com o que diz, Samir. Você precisa ter certeza. Você sabe *por que* Sebastian disse isso?

— Não.

— Você sabe, com certeza absoluta, por que Maja fez o que fez?

— Como eu poderia...

— Eu só quero que você me responda honestamente, Samir. Você sabe por que Maja atirou em Amanda?

— Não.

— Você pode ter certeza de que ela fez isso de propósito? Que ela queria matar Amanda?

— Não.

— Obrigado. Não tenho mais perguntas.

Sebastian

40.

Fiquei no corredor de Sebastian por onze minutos. Não vaguei pela casa, apenas esperei por ele. Eu o ouvi chamar o segurança: “Meu pai vai trabalhar em casa hoje e não quer ser perturbado.”

O segurança não fez perguntas. Tenho certeza de que não achou aquilo particularmente estranho, não havia motivo para reagir. Considerando a noite anterior, seria natural que Claes quisesse dormir, ficar sozinho.

Eu não queria me arriscar a encontrá-lo, por isso fiquei no corredor.

Por que eu deveria me recusar quando Sebastian me pediu que o ajudasse a carregar as bolsas? Achei que ele havia pegado suas coisas porque passaria um tempo no barco. Talvez ele fosse para algum lugar no exterior. Talvez apenas desaparecesse. Ou se hospedasse em um hotel. Eu não sei no que eu estava pensando além do fato de não querer ver Claes mas também não querer deixar Sebastian ali sozinho. Eu não queria estar lá, mas não me atreveria a ir embora.

Quem adivinharia que duas bolsas pesadas poderiam conter armas (envoltas em um lençol) e explosivos (envoltos em outro lençol)? Eu ficaria menos surpresa se descobrisse que continham dez milhões de dólares em dinheiro ou as joias da coroa.

Não, não perguntei a Sebastian o que ele planejava fazer. Não, não perguntei sobre as bolsas. Eu não queria perguntar, não tinha energia para tanto.

Mas, você protesta, se aquela era a bagagem que ele levaria para o barco, por que ele a carregaria para a sala de aula? Por que ele quis deixar uma das bolsas no meu armário? Isso não parece estranho? Eu não sei. Eu não queria saber. Por que não perguntei o que era? Por que não fiz perguntas? Eu não queria perguntar nada para Sebastian. Eu estava cansada. Eu só queria que a aula, o dia e o ano letivo terminassem.

Se eu tivesse parado para pensar, talvez estranhasse o fato de Sebastian querer ir à escola. Por que, de uma hora para outra, ele resolveu participar da reunião de planejamento estúpida de Christer? Mas acho que muito antes

disso eu já parara de questionar o que Sebastian queria ou não fazer. Sempre que achei saber por que ele fazia alguma coisa, eu estava errada. Eu não entendia nada. O fato de ele querer ir à aula, mesmo que não tivesse a menor intenção de subir no palco e cantar com Samir e Dennis, estava longe de ser a parte mais incompreensível da minha vida.

Talvez eu suspeitasse que ele queria confrontar Samir e Amanda. Dar uma bronca neles? Bater em Samir? Ou talvez eu apenas tivesse achado que ele queria pedir um reforço para Dennis. O exército de seguranças de Claes havia livrado a casa de drogas. Sebastian precisava ver Dennis e, se eu tivesse pensado a respeito, provavelmente teria suposto que haviam combinado de se encontrar na escola.

O plano de Christer para a nossa apresentação no último dia de aula era típico dele. Christer achava que não existia nenhum problema adolescente tão grave que não pudesse ser resolvido forçando os adolescentes em questão a subirem em um palco e dando-lhes três microfones para compartilhar. Imagine que bela imagem para o site da escola! Diversidade, união, integração e solidariedade. “Que pena que nenhum de nós está em uma cadeira de rodas”, comentou Sebastian quando Christer nos contou o seu plano no corredor certa tarde, duas semanas antes do ocorrido. Sebastian tinha ido à escola naquele dia e, quando Christer nos viu, correu para nos alcançar, chamando Amanda e Samir, que estavam por perto, para que também ouvissem.

— Falei com Dennis — disse Christer. — Venha a uma reunião, pelo menos. Tenho certeza de que podemos encontrar algo que todos achem divertido.

Amanda estava feliz de verdade. Ela adorava cantar, cantava todo fim de ano. E Samir se deixou levar. Ele provavelmente pensava, assim como eu pensei, que aquela apresentação jamais viria a acontecer.

* * *

Mas fomos à reunião. Sebastian entrou na sala de aula na minha frente. Ele deixou a bolsa em uma das carteiras perto da porta, meio que a jogou ali — só sei que reagi ao som. Aquilo soou estranho, como se houvesse algo duro dentro da bolsa.

— Entre e feche a porta — disse-me Christer, e, enquanto eu fechava, Sebastian já estava empunhando a arma e se posicionando no centro da sala. Quando soltei a maçaneta, ele começou a atirar.

O barulho era ensurdecedor. Dennis foi baleado no rosto e no peito. Vi isso acontecer assim que me virei. Fiquei boquiaberta quando Sebastian disparou contra Christer, Samir e, então, parou de atirar. Ouvei Dennis ofegar três vezes, e, então, ficar em silêncio. Acho que Christer disse algo, meio gritando, antes de ser baleado, mas não tenho certeza.

Eu nunca tinha ouvido uma arma sendo disparada em um lugar fechado, e aquilo soava tão alto que quase não tive reação. Era muito surreal. Não sei no que estava pensando quando percebi que Sebastian tirara a arma da bolsa, não sei quantas vezes ele disparou. Eles me perguntaram isso umas mil e quinhentas vezes, mas eu não sei.

Quando tirei os olhos de Dennis, vi Amanda sentada. Eu não sei onde ela estava quando Sebastian começou a atirar ou quando ela se moveu, mas ela estava perto da parede ao lado da janela quando Sebastian parou de atirar e gritou... Não, ele não gritou, não creio que alguém estivesse gritando à essa altura. Ele falou comigo com um tom de voz normal e, atrás dele, pude ver Amanda se movendo um milímetro por vez. Ela estava chorando e seus lábios se moviam, mas eu não conseguia ouvir o que ela dizia, porque meus ouvidos estavam zumbindo e Sebastian estava falando comigo, de modo que parei de olhar para Amanda e olhei para ele.

A bolsa que ele trouxera para a sala de aula estava bem à minha frente. O zíper estava aberto até o fim. O cheiro era mais forte agora do que fora logo após os tiros, e não acho que Sebastian estivesse olhando para Amanda, só para mim. Havia outra arma na bolsa, dava para ver claramente, e, quando Sebastian voltou a falar, Amanda estava mais distante, mas ainda não muito longe, porque Christer estava ali caído e ela não queria se mover naquela direção, então, acho que ela se voltou para a parede, e, quando Sebastian começou a gritar — porque ele começou a gritar —, ela parou de se mover e eu não pude mais ver os seus olhos nem a sua boca. Não sei se ela estava dizendo alguma coisa. Acho que não, eu só ouvia Sebastian gritando comigo. Ele também gritara algumas horas antes.

* * *

— Cale essa sua boca de merda, seu babaca filho da puta — gritou Sebastian para Samir enquanto o segurança tirava Claes de cima dele.

Samir também gritou, não sei para quem, mas gritou como se estivesse louco. Ele *estava* louco. Todos haviam perdido a cabeça. Quando Claes Fagerman entrou arrastando Sebastian, Samir parecia louco, quase tão louco quanto Sebastian, mas Claes era o pior de todos. Se os seguranças não o afastassem, ele nunca teria parado de bater em Sebastian, nunca teria parado de chutá-lo.

Depois que todos se foram, Claes gritou para que Sebastian fosse embora. Ele foi e eu o segui. Nós saímos de casa, nos afastamos dali, e achei que ele estava calmo. Não falamos sobre a noite. Não falamos sobre o que Sebastian fizera. Sobre as garotas e seus olhos vazios. Eu não disse para ele que eu dera o número de seu pai para Samir, mas quem mais poderia ter dado? Sebastian deve ter pensado naquilo. Só poderia ter sido eu. E, no entanto, ele parecia calmo em nossa caminhada, mesmo que fosse culpa minha, mesmo que eu fosse a razão pela qual seu pai aparecera, tudo aquilo fora culpa minha. Sebastian não queria me tocar nem segurar a minha mão, mas não parecia aborrecido. Ele havia me deixado. Ele havia deixado tudo.

* * *

A bolsa estava aberta e eu peguei a arma. A princípio, Sebastian não gritou. Mas, então, ele gritou mais alto do que havia gritado antes. Eu não tinha ideia de quantos tiros ele disparara, mas eu sabia por que ele estava gritando, é claro que eu sabia. No começo, ele falou com a voz normal, e, então, gritou. Ele apontou a arma para mim e eu entendi por quê. Então, disparei a minha arma e disparei outra vez, e outra vez, e outra vez. O que mais eu poderia fazer?

* * *

Não acredito em coincidências. Também não acredito em Deus. O que acredito é que tudo que acontece está conectado ao que aconteceu no passado, como elos em uma corrente. É predeterminado? Não. Como poderia ser? Mas não é o mesmo que dizer que algo simplesmente

aconteceu. A lei da gravidade não é aleatória. A água aquece e se torna vapor. Isso não é aleatório, nem prova de justiça divina. Simplesmente é.

Tivemos um professor que dizia que tudo se resumia à propensão dos gases a explodir. Ele era um idiota, ainda penso assim, porque o que o Big Bang tem a ver com eu ter tirado a arma da bolsa? E Amanda? E Sebastian? Alguns minutos depois, ou talvez apenas alguns segundos, quando tudo estava quebrado, quando tudo foi atirado pelos ares e a única coisa que ainda se movia era o ponteiro do meu relógio, avançando sobre os números, imperturbável: o que isso teria a ver com as origens do universo? Por que Sebastian não atirou em mim para que Amanda pudesse ter sobrevivido? Isso é algo que aquele professorzinho incompetente dificilmente seria capaz de explicar.

Tudo, absolutamente tudo, estava imóvel, silencioso e irreal. Sebastian caíra longe de mim, ele estava morto, eu o matara, mas eu o puxei para mim mais uma vez, o mais perto possível. Amanda morrera e eu não a abracei.

Não vi Sebastian tirar a arma da bolsa. Mas olhei para ele quando ele estava empunhando, quando começou a atirar. Soou muito alto para ser real, não havia espaço para tanto barulho, aquilo explodiu na minha mente. Eu vi o que aconteceu, mas não conseguia entender o que estava vendo.

Peguei a segunda arma porque não havia mais nada que eu pudesse fazer. Percebi que ele queria morrer, que eu precisava matá-lo porque senão ele me mataria. Não vi quando atingi Amanda, mas, quando percebi que ela estava morta, soube que fora eu quem atirara. *O maior deles é o amor*, dizem. As pessoas usam essa citação o tempo todo, e algumas parecem achar que é verdade. A promotora disse que fiz o que fiz porque amava Sebastian. Que meu amor por ele era a coisa mais importante da minha vida. Que nada era mais importante. Mas não é verdade. Porque maior do que tudo é o medo, o pavor da morte. O amor não significa nada quando você acha que vai morrer.

* * *

Sei que eu deveria ter uma explicação para o que aconteceu. Que eu deveria fazer o que Sander faz, transformar aquilo em algo que se encaixe ou não na palavra da lei. Que eu deveria dizer que primeiro aconteceu x, então y,

resultando em z. *Não foi minha culpa. Eu sou inocente. Ou foi minha culpa. Eu sou culpada.* Mas não posso. Todos me odeiam pelo que aconteceu, mas eu me odeio mais ainda porque não consigo explicar. Não há explicação. Foi algo completamente sem sentido.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Terceira semana do julgamento: último dia

41.

Tento não dormir na noite anterior ao último dia do julgamento. Porque à noite não há mentiras. Acho que a culpa é do silêncio. Quando até mesmo os pássaros estão quietos e o céu noturno está negro, os sonhos vêm, e os sonhos não seguem nenhuma regra, ninguém pode governar o seu conteúdo, são implacáveis. Minhas lembranças voltam diretamente para mim, em silêncio, um bando de corvos negros, minha coragem se transforma em cascalho, areia e poeira. Tento não cair no sono, mas não consigo me mover. A exaustão me supera. Não consigo dormir para afastar a dor, dormir não é uma salvação, meus sonhos me deixam exposta à verdade.

Não, eu nunca planejei matar alguém. Não, eu não queria que Dennis e Christer morressem. Sim, eu queria que o pai de Sebastian morresse. Não, eu não queria que Sebastian o matasse. Sim, eu matei Sebastian, sim, eu fiz isso de propósito, gostaria de não ter feito. E, sim, eu matei Amanda e, sim, eu faria qualquer coisa para desfazer isso.

Fomos juntos de carro até a escola, mas eu não sabia o que Sebastian estava planejando fazer porque ele não me disse nada. Quando Samir disse que Sebastian não precisava de mim, achei que ele estivesse enganado. Eu achava que Sebastian precisava de mim para continuar vivo. Estava convencida de que eu era a pessoa mais importante da vida dele, mas a verdade é que ele não precisava de mim para nada, nem mesmo para morrer, mesmo tendo sido eu quem o matou.

Tudo o que me restava era a ideia de que Sebastian precisava de mim, mas eu não significava nada para ele.

* * *

As pessoas dizem que todo ser humano tem o mesmo valor. Você diz isso porque é educado, mas não é verdade. Todo mundo sabe que as pessoas têm valores diferentes. É por isso que, se um avião cai na Indonésia e morrem quatrocentas pessoas, a cobertura jornalística é duplicada caso haja um sueco no avião. Um turista sexual sueco patético e suado vale duas vezes mais do que quatrocentos indonésios. É por isso que a notícia chega à primeira página (com fotos) quando uma mulher saudável, jovem e bonita com uma carreira bem-sucedida morre em uma avalanche, mas quando um aposentado divorciado, sem filhos e com incontinência urinária é roubado e assassinado entre o metrô e sua casa, há apenas um parágrafo ao lado de anúncios de filmes e cirurgias de implante de silicone. É por isso que todos os artigos sobre o “Massacre de Djursholm” contêm ao menos uma foto de Amanda, enquanto as fotos de Dennis aparecem com uma frequência muito menor.

Apenas os idiotas fingem que o fato de você ser quem é e fazer o que faz não importa. Eles falam sobre o valor de uma vida humana como se isso não fosse algo completamente inventado por nós.

O valor de uma vida humana é absoluto, blá blá blá... eterno, constante, fixo, somos todos iguais, blá blá blá. A vida de Hitler vale tanto quanto a de Madre Teresa.

Mas não Sebastian. Ele sabia. Sebastian cresceu em uma casa com uma praia particular de areia branca, trazida de avião e de barco de uma ex-colônia francesa. Como ele poderia fingir ser qualquer coisa além de um deus, diferente de todos, superior a tudo? Cada dia da vida de Sebastian era uma confirmação de que ele valia mais do que todos os outros. Dinheiro é mais fácil de entender do que toda a conversa filosófica sobre o valor absoluto de uma vida humana.

O problema de Sebastian era que ele também sabia que seu valor dependia do pai. Sem o pai, ele não era ninguém. Todos os professores que o deixaram chegar atrasado, todos os pais que não proibiram os filhos de saírem com ele, todas as filas que ele furou, todos os amigos que ele teve, todas as pessoas que tiraram fotos dele, que falaram e fofocaram sobre ele — essas pessoas só fizeram isso por causa de seu pai. *O filho de Claes Fagerman*. E quando seu pai disse que não queria mais nada com ele, que ele não valia nada, quando cuspiu nele e o chutou, Sebastian sabia que Claes estava certo. Sem Claes, sua vida terminava.

Ele era bom em uma coisa. Matar. Ele era um bom caçador. Ele era capaz de usar armas para conseguir as coisas por conta própria. Ele chegou a receber elogios por isso.

Fui eu quem deu o número de telefone de Claes para Samir. Fui eu quem implorou para que Samir não ligasse para a polícia. Fui eu. Talvez quisesse me vingar de Sebastian, talvez quisesse que Claes visse o que ele fez com aquelas garotas porque sabia que o pai o puniria com mais severidade do que qualquer outra pessoa seria capaz. Ou talvez eu só estivesse com medo de ser presa, porque estava completamente chapada. Porém, quando voltei da casa de Sebastian naquela última noite, ao amanhecer, sapatos de salto alto em uma das mãos e meu telefone suado que em breve ficaria lotado de mensagens desesperadas na outra, Sebastian e eu sabíamos que eu o traíra mais uma vez. É claro que ele não me disse nada. É claro que ele também poderia ter me matado.

À noite, sou como o ar em um dia sem brisa, quando tudo está parado e nada pode fugir. Eu me lembro demais. E a verdade, até onde vocês estão interessados em saber, é que eu sou culpada.

Terceira semana do julgamento: último dia

42.

Quando Lena Pärsson liga o microfone, pigarreja e começa os seus argumentos finais, o resumo de tudo o que quer dizer, ela parece quase triste, como se não quisesse estar aqui.

— É o pior pesadelo de qualquer pai... se despedir dos filhos pela manhã e descobrir que eles não voltarão para casa no fim do dia.

Mas a tristeza passa. Depois de apenas algumas frases, ela parece sombria e irritada. Sua voz diz que não vamos sair dessa tão facilmente.

— É difícil, quase impossível, entender como jovens conseguem sentir tanto ódio, a ponto de matar. Mas não devemos deixar que isso nos impeça de reconhecer o que aconteceu. E o que o tribunal deve determinar hoje é a culpa da ré. O tribunal deve ter coragem de fazer o que é certo e declarar que a ré é culpada de induzimento, cumplicidade, tentativa de homicídio e homicídio. A responsabilidade penal da ré foi provada além de qualquer dúvida razoável.

Sua voz se torna cada vez mais firme enquanto ela prossegue. Após alguns minutos, ela soa quase triunfante.

Duas coisas são claras: ela não se deixou influenciar pelas perguntas de Sander a Samir e permanece firme em sua convicção de que eu deveria ser punida com a pena mais severa.

— Interpretações não são tão simples se você quiser que correspondam à verdade — diz ela com uma fungada. — E o... — ela hesita, sem saber que palavra escolher — ... resultado a que os especialistas da defesa chegaram é apenas uma das muitas interpretações possíveis. O que não quer dizer que seja de modo algum conclusiva.

Os especialistas da defesa. Todos sabem o que ela quer que pensemos. Que eu os paguei. Que a ré está tentando comprar o seu caminho para a liberdade.

Vagabunda rica.

— Os investigadores da polícia não são amadores. Eles sabem o que estão fazendo. Essa não é sua primeira investigação. Nem a segunda, nem a terceira. Ninguém lhes diz o que procurar, quais os resultados esperados. Eles realizam as suas investigações sem pressupostos, e não a mando do acusado. E, lembrem-se do que disse Samir desde o início, o que ele disse durante toda a investigação, o que ele manteve, mesmo que o tempo tenha passado. Samir estava lá. Ele viu com nitidez o que aconteceu na sala de aula durante aqueles minutos de pesadelo. Ele foi capaz de explicar as ações da ré. Era necessário que ele virasse a cabeça para ver? Talvez. O que isso importa? Ele viu o que viu. E Samir dificilmente foi vago quanto ao papel da acusada. O valor de um primeiro interrogatório nunca deve ser minimizado, sobretudo quando a informação obtida é confirmada pela investigação técnica, e, do lado da polícia, a investigação técnica foi realizada pelo NFC, nosso Centro Forense Nacional.

Ela enfatiza “Nacional”, como se essa palavra por si só fosse suficiente para qualquer um entender o que é certo e o que é errado. *Especialistas do Governo. Não os amadores de Sander, e não os mercenários da ré.*

A promotora está se atendo ao que alegou durante todo o processo. Mas uma coisa mudou. E demora um instante para eu entender, mas, uma vez que entendo, não consigo deixar isso de lado. Porque, enquanto conta a sua história, enquanto fala sobre como Sebastian e eu, isolados do mundo que nos cercava, planejamos nossa vingança homicida, ela não está mais se dirigindo ao juiz principal. Ela está olhando para os juízes leigos, aqueles que não têm educação formal em direito.

— Não tenho dúvidas de que esse foi um momento difícil para a ré. Maria Norberg com certeza se arrepende de suas ações. É possível que tenha se arrependido na própria sala de aula, assim que descobriu como a morte é de fato. Ela provavelmente estava com medo. Uma vez que Sebastian Fagerman estava morto, ela não queria mais morrer. Mas isso não a absolve da culpa.

Se Lena Pärsson estivesse interpretando a promotora furiosa de um programa de TV americano, neste momento ela teria se inclinado sobre a bancada, olharia os jurados nos olhos, um por um, para ver se estavam prestes a chorar. Neste instante, ela está usando um repertório completo de emoções, porque sabe que, se conseguir que os juízes leigos fiquem do seu lado, estou ferrada. Na hora de chegar a uma decisão, cada juiz leigo é tão

importante quanto o presidente. Eles têm um voto cada um: nem mais, nem menos. O presidente e seus estatutos podem ser facilmente atropelados, como uma torta.

Eu olho para os juízes leigos, tentando ler nas expressões deles o que estão pensando, suas opiniões. Mas não vejo nada, nada que eu entenda, nada que eu possa interpretar, apenas rostos.

* * *

Quando Lena Pärsson termina, o presidente agradece. Sem perguntas, nada. Então, é a vez de Sander. *Vá em frente*. Sander não começa a falar de imediato. Ele deixa Ferdinand ligar o monitor, exibindo uma primeira página de jornal:

MASSACRE NO COLÉGIO DE ENSINO MÉDIO DE DJURSHOLM – GAROTA SOB CUSTÓDIA

Então, uma imagem diferente. Outra manchete paira sobre nós:

CLAES FAGERMAN ASSASSINADO — NAMORADA DO FILHO EXIGIU: “ELE DEVE MORRER!”

E outra:

FONTES CONFIRMAM: ELA MATOU A MELHOR AMIGA

E outra. E mais outra.

Quando surge a sexta manchete, Sander pigarreia. Ele lê a primeira parte em voz alta:

TODOS TINHAM QUE MORRER, NÃO HAVIA OUTRA SAÍDA

Mas devemos ler o subtítulo por conta própria:

COMO ELA VIVE AGORA: SETE PÁGINAS SOBRE A VIDA DA GAROTA DE DJURSHOLM NA CADEIA

Então, ele continua:

— Eu queria poder lhes dizer quantas matérias já haviam sido escritas sobre Maja no momento em que este julgamento começou. Mas não posso. É impossível determinar. Nos primeiros quatorze dias após os assassinatos, minha cliente apareceu em cada primeira página dos três maiores jornais do país. Em cada um deles. Ela, ou os crimes dos quais supostamente participou, foi a matéria principal no *Rapport*, *Aktuellt* e no noticiário da TV4 durante os três dias que se seguiram aos incidentes, e figurou entre as principais matérias nos oito dias seguintes. Quando a polícia divulgou as

informações sobre a morte de Claes Fagerman, menos de vinte e quatro horas após os eventos no colégio, a atenção foi tão explosiva na mídia internacional quanto foi por aqui. E eles já estavam interessados antes disso. Meus colegas me informaram que, ao procurar “Maja Norberg” no Google na noite anterior ao início deste julgamento, encontraram mais de setecentas e cinquenta mil ocorrências, embora a maior parte da mídia sueca ainda não tivesse revelado o seu nome publicamente. O termo “massacre de Djursholm” resultou em mais de trezentas mil ocorrências, e a combinação “Sebastian Fagerman” e “Maja Norberg” resultou quase no mesmo número.

Ele suspira. Um suspiro profundo. Ele lamenta ter que falar sobre isso. Ele olha para o presidente. Ao contrário de Lena, a horrível, Sander está se dirigindo a ele. *Nós, bacharéis em direito, não nos permitimos ser influenciados por trivialidades como jornais e internet, comentaristas profissionais, programas de debate, notícias estrangeiras e todas essas coisas.* Todo o ser de Sander irradia a mensagem *Eu dependo de você*, mas também está dizendo que cabe ao presidente explicar isso aos outros, se for necessário.

— Induzimento. Minha cliente é acusada de induzir o assassinato de Claes Fagerman. Essa parte da acusação também é fundamental para a alegação de que minha cliente, junto ao falecido Sebastian Fagerman, planejou e executou os assassinatos ocorridos naquele mesmo dia no colégio onde os dois estudavam.

Minha cliente. Sander raramente me chamou de cliente durante o julgamento. Mas agora está usando sua voz “seca como um deserto”. Sua voz de advogado.

— Para que as condições de induzimento sejam preenchidas, a promotora deve demonstrar tanto que a minha cliente teve a intenção de induzir o assassinato de Claes Fagerman quanto que há uma conexão direta entre as palavras ou ações de minha cliente e o próprio assassinato. Para provar tal alegação, a promotora referiu-se a uma série de mensagens de texto que minha cliente enviou para Sebastian Fagerman durante a noite e a manhã em questão, mensagens em que minha cliente expressou o que a promotora interpreta como exortações para que ele cometesse o assassinato.

Eu não entendo por que Sander está insistindo nisso. Ele sabe que odeio ter que ouvir o que escrevi e, no entanto, insiste em trazer isso à tona. Ferdinand volta a acionar o projetor. Ela exhibe uma imagem na tela. É da

conta de Instagram mais seguida da Suécia, que pertence a uma garota de dezesseis anos que mora em uma cidadezinha qualquer, e é uma foto de um sorvete com granulados. “Prefiro *me matar* a fazer dieta paleolítica”, diz a legenda. Ouço algumas risadas breves às minhas costas. O presidente não ri, mas dois juízes leigos sorriem.

Ferdinand avança. Uma foto de uma galinha espreitando sobre a borda de uma panela. Ao lado, há outra foto do interior de uma fábrica de frangos. O texto diz: “Carnívoros = *assassinos!*”

Sander deixa os braços caírem em um gesto de resignação quando Ferdinand passa as imagens.

— Às vezes, escolhemos mal as palavras. Até mesmo os adultos se expressam de forma duvidosa. Muitas vezes, digo à minha mulher que prefiro morrer a ter que assistir a outra patética quarta de final pré-Eurovision, e ainda assim assisto a todas elas sem me suicidar durante os esquetes entre as músicas. Às vezes voto nas apresentações mais terríveis só porque meus netos dizem que devo votar. Gosto de acusá-los de estarem tentando me matar. Mas eu não acho que essa seja a verdadeira intenção deles. Ao menos, não a principal.

Eles encontraram toneladas de exemplos de adolescentes on-line querendo “matar” outros adolescentes que ouvem música das quais não gostam, exigindo que um ator famoso que fora infiel fosse “torturado em praça pública”. Ferdinand também nos mostra os comentários no blog de um dos participantes do programa *Idol* da Suécia e três ou quatro faixas de times de futebol que parecem ter saído do Snapchat.

Então Sander balança a mão, irritado. *Desligue isso*, diz a mão. *Não quero ver essa porcaria. É absurdo.* Sua voz volta a ficar mortalmente séria.

— Não quero fazer piada. A situação que devemos julgar não é motivo de riso. Maja não tinha motivos para brincar e suas mensagens para Sebastian durante aquelas últimas horas não foram algo cômico. Só estou tentando apontar o óbvio: usamos palavras e expressões que se referem à morte sem de fato querermos dizer aquilo. Em geral, os adolescentes se expressam não apenas de maneira descuidada como também de forma inadequada. Isso é crime? Isso significa que as qualificações legais para induzimento foram preenchidas? Não.

A tela escurece e Ferdinand se senta.

— Mas vamos brincar com a ideia — diz Sander. — Suponhamos que Maja quis dizer cada palavra que escreveu. Que ela se encontrava em uma situação tão desesperadora que viu a morte de Claes Fagerman como a única alternativa para salvar Sebastian. Suponhamos que ela realmente quisesse que Sebastian matasse o pai. Nesse caso, ela é culpada de induzimento? Não. Pois a promotora ainda deve provar que as ações de Maja foram decisivas e que, de outra forma, Sebastian não teria matado o próprio pai, apesar do que Maja pensasse. A promotora conseguiu provar essa relação causal? Não.

Sander lembra ao restante do tribunal que Samir não foi o único que testemunhou a respeito da festa naquela última noite. Eles interrogaram Labbe, as prostitutas, os seguranças — interrogaram a todos que não morreram no dia seguinte. E, claro, suas histórias eram inconsistentes, cada um tinha a própria versão, mas todos mencionaram a fúria de Claes Fagerman. Como ele bateu em Sebastian e chutou o filho até os seguranças o afastarem. Eles tiveram a chance de falar sobre o que viram — Sebastian sangrando, aparentemente em choque, com raiva talvez —, mas ninguém foi capaz de dizer como ele estava se sentindo. Eu disse o que eu suspeitava, mas é difícil confiar em mim.

— Em vez disso, a imagem que emergiu é a de uma relação partida, uma relação entre um garoto magoado e seu pai. Não sabemos os detalhes do que aconteceu durante as primeiras horas da manhã em que Claes Fagerman morreu, mas sabemos que pai e filho estavam sozinhos quando Sebastian o atacou, e que ambos trocaram socos violentos logo antes do ocorrido. Também sabemos que Sebastian Fagerman estava sob a influência de drogas pesadas. Que ele vinha abusando de drogas havia um longo tempo e que lidava com um transtorno mental. Parece provável que as mensagens esporádicas de Maja fossem um fator crucial para as ações de Sebastian? Ou é mais provável que a explicação possa ser encontrada na relação entre Claes e Sebastian Fagerman e no estado de saúde mental deste último? Estou convencido de que o tribunal chegará à mesma conclusão que cheguei a esse respeito.

Ele fala um pouco sobre as consequências dessa visão para o restante das acusações, que o tribunal “precisa” chegar à conclusão de que não levei Sebastian a matar o pai. Então, sua voz seca retorna. Ele nos conduz através das provas “concretas” que a promotora tem contra mim.

— Existe algum fator, declarações de testemunhas ou outras provas que indiquem que minha cliente estava envolvida no planejamento dos crimes analisados em parceria com o falecido Sebastian Fagerman? Não. Existe algum fator, declarações de testemunhas ou outras provas que indiquem que minha cliente estava ciente dos planos de Sebastian? Não.

Sander repete o que já disse durante o julgamento. Nenhuma impressão digital no interior da bolsa, no zíper, no cofre de armas, essa lenga-lenga toda. Ele também reforça (de novo) que Sebastian obteve os explosivos (que nem sequer podiam ser detonados) muito antes de namorarmos.

— Há alguma coisa na intensa troca de mensagens de texto entre Sebastian e Maja que indique que Maja estava ciente de que Sebastian pretendia matar o pai antes de realmente matá-lo? Não. Quando Maja voltou para a casa de Sebastian, Claes Fagerman estava morto havia quase duas horas. Há algum indício na investigação que sugira que Sebastian tenha informado Maja a esse respeito antes de ela chegar? Não. Há algo que indique que, enquanto estava na casa, Maja se deu conta de que Claes Fagerman estava morto? Que ela descobriu que Sebastian matara o pai? Não há nada dessa natureza no material da promotora. Em vez disso, terei que usar o meu tempo para lembrá-los daquilo que a promotora *não* conseguiu provar. A promotora não conseguiu demonstrar que Maja sabia o código de segurança do cofre de armas, onde as armas em questão eram guardadas e onde suas impressões digitais não foram encontradas, nem dentro e nem fora. No entanto, os especialistas forenses foram capazes de extrair dele as impressões digitais de Claes e Sebastian Fagerman, tanto dentro quanto fora. Assim, não há prova técnica que sugira que Maja tenha lidado com tal cofre. As impressões digitais de Maja também não foram encontradas em nenhuma das bolsas nem em seus zíperes, apenas nas alças e no fundo de uma das bolsas. Também não há nenhuma prova que vincule Maja à substância explosiva que foi encontrada em seu armário. Há impressões digitais de Maja na arma que ela usou mais tarde, mas não estão presentes no gatilho da arma que Sebastian utilizou.

Sander faz uma breve pausa, folheia alguns documentos, toma um pequeno gole d'água. Ele desfruta de seu tempo. Então, começa outra vez.

— Existe algum fator, declarações de testemunhas ou outras provas que demonstrem que minha cliente ajudou Sebastian Fagerman na execução de seu plano? Que demonstrem que ela tinha a intenção de matar? Sim! Na

verdade, existe. — Ele soa exageradamente surpreso. Sarcasticamente surpreso. — A promotora apresentou o depoimento de uma testemunha. Um depoimento colhido em circunstâncias duvidosas de um garoto com ferimentos graves que, apenas por garantia, foi informado muito antes de seu primeiro interrogatório que minha cliente fora detida sob suspeita de colaboração no crime a respeito do qual o garoto seria interrogado. Durante o interrogatório, esse garoto afirmou que observou as ações de Maja de uma forma que está em desacordo com o que ela mesma afirma ter ocorrido. Além disso, ele diz ter ouvido minha cliente se consultar com o falecido Sebastian Fagerman e que, mais tarde, viu minha cliente disparar intencionalmente em uma das vítimas.

Ele repassa os detalhes da investigação que pediu do depoimento de Samir. Detalhes que já ouvimos.

— E o que a promotora tem a dizer sobre os inequívocos resultados dessa investigação em favor de minha cliente? Por que a promotora é de opinião de que não foi realizada por pessoal suficientemente competente sobre bases suficientemente livres e imparciais?

Sander ergue os olhos dos documentos e balança a cabeça devagar. Ele pega uma folha de papel da pilha e começa a ler.

É uma descrição das pessoas que participaram da análise, suas formações acadêmicas, os métodos de controle que usaram. Está repleto de termos técnicos e chega a ser ridículo de tão entediante.

Ele continua nessa linha por mais algum tempo. Sua voz é monótona e sinto dificuldade para respirar. Desdobro o lenço amassado em minha mão e volto a amassá-lo. Eu quero me levantar, quero correr até os juízes. *Ouçam*, tenho vontade de gritar. *Vocês estão ouvindo o que ele está dizendo?* Porque agora — do nada, como um soco no estômago — percebo que a verdade é que quero acreditar em Sander. Quero acreditar que ele está certo quando diz que eu não devo ser considerada culpada, que tenho direito a um futuro.

Eu quero que ele esteja certo.

* * *

Você provavelmente nem sequer se lembrará de como este julgamento terminou, se fui considerada culpada, ou do que fui considerada culpada.

Daqui a alguns anos você falará a meu respeito em alguma festa. *Foi isso que aconteceu* ou *Ela nem mesmo foi acusada daquilo* ou *Isso é estranho. Você tem certeza? Eu acho que ela...* Minha verdade em breve não existirá em nenhum outro lugar além das pastas recheadas com o material do julgamento, arquivadas em um porão frio.

Você terá que recorrer ao Google para ter certeza, para saber o que aconteceu, como as coisas terminaram. Ou dirá que foi uma sentença justa, ou que a polícia estragou tudo, ou *Bem, foi bom ela ter sido condenada*, para mostrar que você está por dentro, que você sabe das coisas.

Não importa qual versão vai escolher, você se lembrará de mim como uma assassina. Mas eu não me importo com você nem com sua maldita opinião. Eu ainda quero sair daqui. Quero que o tribunal acredite em Sander.

* * *

O cansaço que toma conta de mim quando me permito pensar é tão debilitante que, no início, acho que vou cair da cadeira. Mas aguento firme. Eu preciso passar por isso, não quero estar aqui. Eu quero sair daqui.

Minha avó tinha uma cadeira de balanço. Ela se balançava ali, para a frente e para trás, lendo ou costurando. A cadeira ainda está na casa do meu avô e eu quero voltar a me balançar nela. Quero que meu avô sussurre ao meu ouvido: “Você tem a vida inteira pela frente.” Eu vou concordar com a cabeça só para deixá-lo feliz. *Tudo pode acontecer*. Quero fazer alguém feliz. *Tudo é possível*.

E não quero ter que pensar que, quando tudo pode acontecer, quando todas as portas estão abertas, uma corrente de ar pode vir e tudo se fechar e se trancar. Tenho dezoito anos e quero ser uma princesa da Disney. Quero gritar “Vou seguir o meu coração e ser feliz!” bem alto, e ninguém acreditará que sou a madrasta da Branca de Neve, que segue o seu coração malvado e sombrio e decide matar. Eu vou me formar, me sentar em um escritório, vinte e oito andares acima do solo, mas o chão não vai ceder, o prédio não vai ruir e eu não vou cair. Quero encontrar um lugar onde eu não tenha que imaginar as massas se acomodando em cima de mim e enterrando o meu corpo.

Juízes e jornalistas: por favor, ouçam Sander. Concordem com ele. Deixem-me em paz. Com os óculos na ponta do nariz, Sander olha para o presidente. *Agora, penso. Agora ele vai dizer as palavras que vão fazer com que todos entendam. Que vai obrigá-los a me deixarem ir embora.* Mas ele não diz.

— A promotora não se desincumbiu do ônus da prova. — É tudo o que ele fala.

Depois, não diz mais nada.

Em vez disso, quem fala é o juiz.

Então, acaba. Está tudo acabado.

Terceira semana do julgamento: último dia

43.

Temos uma nova sala de espera. A cadeira de plástico em que estou sentada tem o formato de uma tigela. Uma das minhas nádegas está dormente, mesmo que eu não esteja sentada aqui há muito tempo. Estou segurando um café lamacento. Pelo visto, eu disse *sim, por favor* tanto para o creme quanto para o açúcar, mas não me lembro de terem me perguntado.

Achei que me levariam de volta para a prisão. Todos achamos o mesmo, esse fora o combinado, o transporte estava à minha espera. Mas o juiz tinha outros planos. Em suas declarações finais, ele disse: “Blá blá a audiência deste caso está concluída” e “A corte se reunirá brevemente para deliberações. Uma decisão ou veredicto será anunciado logo depois.” Então, ele se voltou para Sander, meneou a cabeça para a promotora principal e disse:

— Vocês podem esperar aqui. Convocaremos todos quando terminarmos.

Um burburinho de *O que isso quer dizer?* atravessou o tribunal. As pessoas olhavam umas para as outras esperando uma explicação. Eu me voltei para Sander. *O que isso quer dizer?* Minha mãe se voltou para o meu pai. *O que isso quer dizer?* Mas ninguém respondeu, ninguém tinha uma pista do que estava acontecendo, talvez porque todos sabiam que apenas em casos encerrados logo depois de abertos — do tipo em que a única solução é enviar o tão terrível criminoso para o corredor da morte o mais rápido possível — os culpados recebem o veredicto tão rapidamente.

Está tudo muito rápido. Eu não quero que seja assim.

Nós nos levantamos. Todos nos levantamos e saímos.

Acabou. Estava tudo acabado.

Ali, naquele momento, senti que estava prestes a vomitar ou sufocar, mas não fiz nada disso. Apenas fiquei sentada e disse *sim, por favor*, para uma xícara de café.

Sander não está sentado. Panqueca está lá fora, se esquivando das perguntas dos jornalistas. Ferdinand está digitando freneticamente ao telefone, não sei o que, não sei para quem.

Sander não responde quando falam com ele. Ele parece nervoso. Nunca o vi tão nervoso. Ele está tentando se servir de uma xícara de café, mas a caneca de plástico escorrega, derramando o líquido sobre a mesa, e Sander xinga em voz alta. *Que merda!*

Esta é a primeira vez que eu o ouço xingar.

Esperamos por uma hora. Nada. Cinco minutos depois, Sander se senta. Ele lê algo no telefone. Ferdinand olha para mim e me oferece a sua lata de tabaco. Balanço a cabeça e ela me entrega um pacote de chicletes de nicotina. Enfio quatro na boca e começo a mascar.

Esperamos mais vinte minutos.

— Quanto tempo teremos que esperar? — pergunto. Ninguém responde. Volto a perguntar. — Quanto tempo mais?

Minha voz soa como a de uma criança manhosa. *Já chegamos?*

— Não temos como saber — diz Sander afinal, mas ele não ergue os olhos do telefone. Continua lendo, lendo. Como ele consegue ler? O que ele está lendo?

Duas horas de espera. E onze minutos.

Então, os alto-falantes estalam. Somos convocados.

Sander fica logo atrás de mim e coloca a mão na base de minhas costas, como se fosse me guiar até a mesa. Ou até a minha execução? Com um saco na cabeça. Para onde vamos? Já chegamos?

* * *

Andamos até nossos lugares. Os juízes já estão sentados. Lena Pärsson afasta a cadeira da mesa e aperta as pernas com força, os pés lado a lado. Suas mãos estão unidas sobre o colo. Quando o presidente começa a falar, meus ouvidos zumbem. Mal consigo ouvir o que está acontecendo, não sei o que isso significa e olho para Sander enquanto o juiz fala.

— A sentença por escrito será entregue mais tarde. Compreenderá uma descrição mais detalhada das conclusões desta corte.

O que isso significa? O que ele está dizendo?

Ouço meu pai ofegar, parece que está com dor, como se alguém tivesse lhe dado um soco na barriga. Por um instante, acho que ele está irritado, que está prestes a gritar, como faz quando perde a paciência, mas então vejo que ele está chorando. Ele chora sem parar e minha mãe tenta consolá-lo. A voz dela também vira choro, e é quando percebo as minhas próprias lágrimas. Os murmúrios dos jornalistas se tornam cada vez mais altos e logo eles começam a falar, interrompendo uns aos outros. Não há mais ordem no tribunal. O presidente tem um pedaço de papel à sua frente, mas ele não precisa consultar aquilo para saber o que deve dizer.

* * *

— O tribunal rejeita as acusações contra Maria Norberg. A promotoria não provou que a ré tinha a intenção de assassinar ou que as condições necessárias para induzimento a homicídio foram preenchidas. A ré está livre para ir.

44.

Meus pais estão sentados comigo, um de cada lado, no banco de trás do carro de Sander. Meu pai está me abraçando, suas costas retas como uma vara. Ele está respirando pela boca e não me largou desde que o juiz disse que eu estava livre. Continuou me segurando enquanto abraçava Sander, mantendo dois dedos na manga da minha camisa, apertou meu ombro quando cumprimentou Panqueca e ficou com a mão no meu pescoço enquanto puxava Ferdinand para perto. Teria sido um abraço grupal se Ferdinand tivesse realmente se dado conta de que seria abraçada.

O corpo inteiro da minha mãe está quente. Ela está tremendo um pouco e apertando as minhas mãos, acariciando os meus dedos, minhas unhas, os nós dos dedos, como se precisasse contá-los, como se precisasse se certificar de que tudo está onde deveria estar, que estou mesmo aqui, que isso não é fruto da sua imaginação. De vez em quando, ela se inclina na minha direção, enfia a mão sob o meu cinto de segurança e ajeita algum vinco na minha roupa. Ela dá tapinhas no meu rosto, respira no meu cabelo. Não falamos muito. Não dizemos que estamos “felizes”. Não dizemos “eu te amo”, não dizemos “graças a Deus”. Meu pai murmurou mil vezes *obrigado obrigado obrigado*. Ele diz “obrigado, obrigado” a todos que encontra e minha mãe sussurra “me desculpe” enquanto me abraça, sussurra a mesma coisa a todo instante. *Me desculpe, me desculpe, me desculpe*. Só eu consigo ouvi-la, sua voz está tão baixa que é quase um respirar, e eu também a abraço. *Me desculpe*.

Não digo nada. É impossível. Não consigo.

Minha mãe.

* * *

Sander diz que podemos ficar em sua casa de campo por alguns dias, para evitar a imprensa. Pegamos um barco no último trecho — uma balsa de passageiros —, mas somos as únicas pessoas a bordo, de modo que o barco

deve ter sido fretado, alugado apenas para nós. *Como ele teve tempo?* Não há jornalistas aqui, ninguém pergunta como estou me sentindo, se estou feliz, se haverá apelação. Quando perguntaram à promotora “Você vai apelar?”, Lena Pärsson pareceu mal-humorada. “Preciso ter a oportunidade de ler a sentença antes de poder comentar”, respondeu. Sander pareceu muito mais seguro: “Estamos satisfeitos com o resultado. O tribunal não teve dificuldade para perceber que minha cliente não era culpada, e ficarei surpreso se a sentença deixar margem para um recurso da promotoria.”

Sander soava confiante apenas porque respondia a um jornalista? Acredito que não. Ele não soa confiante sem motivo. Ele deixa esse tipo de coisa para Panqueca, com seu sorriso de “hora de afrouxar a gravata” e “meu Deus, somos bons demais”.

Saio ao convés, apoio a barriga na amurada e volto o rosto para o vento, fechando os olhos contra o ar gelado. Eles se enchem de lágrimas. O vento. Eu não sabia que sentia saudades do vento, do cheiro de oxigênio. O frio parece livre aqui no mar, não se agarra ao concreto, às grades e ao arame farpado. Eu fico ali por um instante, meu rosto queimando, e percebo que Sander está ao meu lado. Ele veste um casaco grosso que nunca vi antes, luvas de couro e um chapéu de pele com protetores de ouvido que oscilam com o vento.

Ele me lembra meu avô.

“Seu avô está esperando por você”, disse minha mãe no carro. “Ele está muito feliz, senti a sua falta.”

Sander me entrega um lenço gasto, feito de algodão fino. Cuidadosamente, enxugo os olhos e assoo o nariz. O lenço tem um leve cheiro de cachimbo e eu o dobro em minha mão.

Você fuma, advogado Peder Sander?

Há tanta coisa que não sei a seu respeito. Posso chamá-lo de Peder?

Em vez disso, pergunto:

— Agora acabou?

Ele não responde. Apenas olha para mim. Um sorriso cintila em seu rosto, mas não vinga. Ele mantém o lábio superior rígido e me dá um tapinha no ombro.

— Sim — diz ele.

Ele bate no meu ombro mais três vezes e deixa a mão repousar ali quando termina. Ele pode ser o melhor advogado da Suécia. No entanto,

fica claro que está mentindo.

— Agora acabou.

Pego a sua mão, dou meio passo em sua direção e o abraço, um longo abraço sob o vento gelado, mais forte do que eu normalmente me atreveria. Ao menos para ele, acabou. Ele salvou a minha vida e enviou a fatura para o tribunal.

Guardo o lenço no bolso.

* * *

Atracamos em um cais particular e os motores continuam ligados quando saímos. Está mais frio aqui do que na cidade. Há neve no ar, o mar está cinzento como aço e o crepúsculo está começando a cair sobre a ilha, esgueirando-se ao longo dos penhascos. Como minhas coisas ainda estão na cadeia, não tenho nenhuma mala. Começo a caminhar em direção à casa e a vejo na escada.

Ela está sentada na varanda. Está mais alta do que me recordo. Seu cabelo parece despenteado, franja encaracolada caindo em uma fina mecha sobre a testa. Começo a correr. Quando me agacho ao seu lado, vejo que ela perdeu dois dentes de cima. Mas ela não me olha nos olhos. Seu olhar vagueia, impossível de capturar, como um raio de sol cintilante.

— Agora você vai voltar para casa? — pergunta ela.

Assinto apenas com a cabeça. Não confio em minha voz. Então ela se aproxima de mim, me abraça com seus braços magros, enrosca as pernas ao redor da minha cintura, agarrando-me e chorando contra o meu pescoço. E aquela parte dentro de mim que tem se mantido firme há tanto tempo, segurando-me com suas garras afiadas, enfim derrete e flui pelo meu corpo.

— Sim. Vou voltar para casa.

Agradecimentos

Os advogados ponderam, já os escritores fantasiam. Atuei como advogada por mais que o dobro do tempo que sou escritora. Um advogado quer fazer as coisas do jeito certo, enquanto o escritor faz o que bem entende.

* * *

Sou grata ao advogado Peter Althin por ter lido o manuscrito e respondido às minhas perguntas, por ter apontado os erros, discutido táticas, sendo muito generoso com o seu tempo e a sua experiência inestimável. Nas ocasiões em que ignorei o que ocorre em um tribunal em prol da narrativa — quando optei por não seguir a linha do tempo correta (e não fixar o ano em que a ação se passa), quando coloquei o requerente sendo ouvido no dia errado e Maja chamando o juiz principal de “presidente” —, foi decisão de autora. A Malin Persson Giolito advogada teria se atido à correção.

Gostaria também de agradecer a Per Melin, Christina Österberg, Håkan Bernhardsson e a todos do sistema prisional que me ajudaram a entender — um pouco melhor — como pode ser a rotina diária de uma jovem detida. Eu assumo toda a responsabilidade pela interpretação que fiz das informações obtidas.

Maja e seus amigos frequentam um colégio de ensino médio de Djursholm cujo nome não é mencionado. Eu estudei em uma escola em Djursholm e me formei no ensino médio em Danderyd. Fui corajosa o suficiente para usar detalhes desses locais na narrativa sem pedir a autorização de ninguém.

Mari Eberstein, nós tínhamos oito anos quando começamos a criar histórias sobre animais estranhos que faziam coisas bem comuns. Desde essa época você é minha melhor amiga e minha leitora mais importante.

Åsa Larsson, os escritores costumam dizer que o ofício de criar romances é solitário. Mas, graças a você, eu raramente me senti sozinha. Nem com o meu texto, nem com os outros. Você me fez acreditar que poderia escrever este livro, mesmo eu tendo duvidado por tanto tempo. Obrigada.

Os escritores não só fantasiam, eles também sonham. A minha publisher Åsa Selling e minha editora Katarina Ehnmark Lundquist, da Wahlström & Widstrand, minhas agentes Astri von Arbin Ahlander, Christine Edhäll e Kaisa Palo, da agência Ahlander: obrigada por terem me permitido sonhar grande. Vocês são o meu *time dos sonhos*.

Mãe. Pai. Hedda. Elsa. Nora. Béatrice. E Christophe. Meu amor por vocês é maior que tudo. A palavra francesa *merci* tem a mesma origem que a palavra latina para graça — bênção, para quem preferir. É assim que me sinto em relação a vocês.

E pronto. Agora chega de sentimentalismo.

Sobre a autora



©Viktor Fremling

MALIN PERSSON GIOLITO nasceu em Estocolmo, na Suécia, em 1969, e cresceu em Djursholm. Trabalhou como advogada para o maior escritório de advocacia da região nórdica e como funcionária da Comissão Europeia em Bruxelas, na Bélgica. Persson Giolito já publicou três romances. Sua obra de maior sucesso, *Areia movediça* foi vendida para 29 países. Malin mora em Bruxelas, Bélgica, com o marido e três filhas.

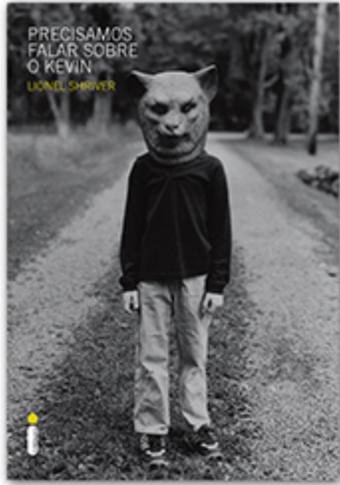
Leia também



Você nasceu para isso
Michelle Sacks



A viúva
Fiona Barton



Precisamos falar sobre o Kevin
Lionel Shriver